A VIDA DE MARPA
— O TRADUTOR —

TSANG NYON HERUKA

Tradução: Amadeu António

A VIDA DE MARPA, O TRADUTOR

VER TUDO REALIZA

Tsang Nyon Heruka

Traduzido do tibetano pelo Comité de Tradução de Nalanda

sob a direção de Chogyam Trungpa 1982

SUMÁRIO

VER, TUDO REALIZA:
A VIDA DE MARPA, O TRADUTOR
PRÓLOGO
MARPA NASCE E MAIS TARDE ENCONTRA O SAGRADO DHARMA.
CAPÍTULO II MARFA VIAJAR PARA A ÍNDIA TRÊS VEZES
E ENFRENTA DIFICULDADES POR CAUSA DO
DHARMA. RECEBENDO O SAGRADO DHARMA DE
PANDITAS E GURUS SIDDHA, ELE TRA-LOS DE VOLTA AO TIBET
Primeira viagem de Marpa à Índia
Segunda viagem de Marpa à Índia
Terceira viagem de Marpa à Índia
CAPÍTULO III A PRÁTICA DAS INSTRUÇÕES ORAIS
NASCE NO CORAÇÃO DE MARPA.
CAPÍTULO IV ATRAVÉS DA MANIFESTAÇÃO DO SEU
REALIZAÇÃO, MARPA BENEFICIA OS SERES
SENCIENTES E OS SEUS ENSINAMENTOS.
CAPÍTULO V APÓS ENSINAR A SUA VISÃO E
TRABALHAR PARA O BENEFÍCIO DOS SERES SENCIENTES
MARPA DISSOLVE-SE EM DHARMADHATU
Sumário
COLÓFONE DO AUTOR
COLÓFONE DO TRADUTOR
Guia de Pronúncia
Lista de Traduções de Marpa Lotsawa
Glossário
Índice

AGRADECIMENTOS

A Vida de Marpa, o Tradutor é a primeira tradução a aparecer na Série de Biografias da Linhagem Ngeton. *Ngeton* (*Marpa Kagyu*) significa "sentido direto, verdadeiro ou último". Na tradição tibetana, refere-se especificamente ao nível mais elevado de ensinamentos dados pelo Buda Sakyamuni durante a sua vida, nas suas

várias formas como mestre do Budismo *hinayana*, *mahayana* e *vajrayana*. Assim, entende-se que os mestres da linhagem *ngeton* são aqueles mestres tibetanos que praticaram, estudaram, realizaram e ensinaram estes ensinamentos últimos do Buda, fazendo com que o *buddhadharma* florescesse.

O grande mestre tibetano do século XI, Marpa de Lhotrak, foi precisamente um desses mestres, e personificou este ideal na sua vida de uma forma direta, prática e invulgarmente completa. Além disso, fê-lo através dos seus esforços para "traduzir" (tanto no sentido literal como figurado) o autêntico *buddhadharma* da Índia para o Tibete. Uma vez que esta série procura promover precisamente esse mesmo fim, vertendo o *buddhadharma* do tibetano para o idioma ocidental, é particularmente apropriado que *A Vida de Marpa* seja a primeira biografia da presente série.

De acordo com a longa tradição budista de tradução, este trabalho foi produzido através de um esforço colaborativo. Dentro do Comité de Tradução Nalanda, um grupo central de tradutores prepara um primeiro rascunho, que é depois cuidadosamente revisto com o Lama Ugyen Shenpen, que é natural do Tibete Oriental e conhecedor profundo da língua inglesa e de todas as facetas do Budismo Tibetano. Tendo assim preparado um segundo rascunho de trabalho, este é apresentado ao diretor, o Vajracarya, o Venerável Chogyam Trungpa, Rinpoche, e com ele repetimos a leitura meticulosa de todo o texto. A realização do Vajracarya tanto em tibetano como em inglês, aliada à sua própria realização, desperta um banquete delicioso de linguagem e significado.

O texto é então retrabalhado várias vezes pelo grupo central e por outros membros do comité — revendo, editando e polindo o inglês. A investigação sobre questões técnicas continua, e muitas partes da tradução são frequentemente escrutinadas de novo pelo Vajracarya.

Seguindo as diretivas antigas do Buda, esforçamo-nos por traduzir para um idioma moderno que seja simultaneamente preciso e útil tanto para o praticante como para o académico. Em vez de forçar fraseologias inglesas, muitas vezes inadequadas e aproximadas, para terminologias e conceitos budistas fundamentais, optamos comummente por vertê-los na antiga *lingua franca* da cultura budista, o sânscrito clássico. Embora isto exija mais, particularmente do leitor não académico, sentimos que apenas desta forma a precisão, exatidão e brilho dos ensinamentos permanecem sem compromisso.

Outros poderão criticar que o sânscrito não abrange totalmente a gama de significados do termo tibetano; isto é frequentemente verdade. No entanto, tentamos remediar esta potencial lacuna anexando um glossário de tais termos, indicando algo dos significados ricos e variados dados a estas palavras pela tradição budista viva do Tibete. Grande parte do glossário deste volume foi originalmente compilada para *The Rain of Wisdom*; este foi adaptado para estar de acordo com a terminologia encontrada nesta biografia.

Na preparação desta tradução de *A Vida de Marpa, o Tradutor: Ver Alcança Tudo* (T: *sgra-bsgyur mar-pa lo-tsa'i rnamthar mthong-ba don-yod*), foram utilizadas duas edições completas: um texto manuscrito moderno (Varanasi: E. Kalsang, 1970) e uma reprodução de uma edição de Tengyeling do final do século XIX (T: *bstan-rgyas gling*) intitulada *Bka'-brgyud-pa Hagiographies*, compilada e editada por Khams-sprul Don-brgyud nyi-ma, Vol. 1 (Tashijong, Índia: Sungrab Nyamso Gyunphel Parkhang, Tibetan Craft Community, 1972). Além disso, foram consultadas duas edições parciais: secções do *Kagyii Gurtso* (T: *bka'-brgyud mgur mtsho*; traduzido pelo Comité de Tradução Nalanda e publicado sob o título *The Rain of Wisdom* [Boulder & London: Shambhala, 1980]) e *La Vie de Marpa* (Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1937), editado e traduzido por Jacques Bacot.

Em todas estas edições, foram encontradas apenas pequenas variantes de leitura, principalmente diferenças na grafia — uma inconsistência comum — que, no entanto, levaram a algumas diferenças entre a nossa tradução e a de Bacot. A tradução francesa de Bacot tem as virtudes e os defeitos de uma obra pioneira. Ele tornou acessível a história básica da vida de Marpa, mas cometeu vários erros, a maioria devido à sua falta de familiaridade com a doutrina e prática do *vajrayana*. Além disso, traduziu apenas cerca de um terço de toda a biografia e omitiu quase todas as canções. Estas falhas motivaram os nossos próprios esforços para disponibilizar em inglês todo o exemplo de vida de Marpa, o Tradutor.

Embora outros membros do nosso comité tenham participado nesta tradução, a maior parte do trabalho foi preparada por um grupo central constituído por David Cox, Dana Dudley, John Rockwell, Jr., Ives Waldo e Gerry Wiener, em colaboração com Loppon Lodro Dorje e eu próprio. Estamos profundamente gratos ao Vajracarya, Trungpa Rinpoche, e ao Lama Ugyen Shenpen pela sua orientação próxima, cuidado e sabedoria em todos os aspetos deste projeto.

Agradecimentos especiais são devidos a Sua Santidade Dilgo Khyentse, Rinpoche, e a Sua Eminência o Venerável Shamar Rinpoche por partilharem connosco a sua vasta erudição, clarificando vários pontos técnicos; a Robin Kornman, pelo seu trabalho na emenda do nosso Glossário; a Reginald A. Ray, presidente do Departamento de Estudos Budistas do Instituto Naropa, por ler o manuscrito e fazer sugestões valiosas para a forma e o conteúdo da apresentação final; a Scott Wellenbach, pela sua leitura atenta do texto final; a Carolyn Rose Gimian, editora-chefe de Vajradhatu, e a Olive Colón, pelas suas inestimáveis contribuições editoriais para todo o manuscrito; a Barbara Bash, pelos seus elegantes desenhos de mapas; a Helen Berliner, pela preparação do Índice; e, em particular, a John Rockwell, Jr., pelo seu trabalho na Introdução, Notas e Mapas, bem como por servir de editor geral de toda a produção.

Da mesma forma, gostaríamos de agradecer o esforço dos muitos dactilógrafos voluntários que prepararam os inúmeros rascunhos e revisões do nosso trabalho.

Finalmente, gostaríamos de agradecer a toda a equipa da Prajna Press pelo seu apoio na facilitação deste livro.

A riqueza e diversidade da vida e dos ensinamentos de Marpa proporcionam um relato genuíno de libertação. Esperamos que esta tradução inspire uma maior compreensão da sabedoria *vajrayana*, e que possa beneficiar os seres e conduzi-los ao caminho do *buddhadharma*.

Larry Mermelstein Comité de Tradução Nalanda

PREFÁCIO

É para mim um grande privilégio e honra apresentar a vida de Marpa, o Tradutor. A vida de Marpa é um grande exemplo de como os tibetanos dos tempos antigos trouxeram o *buddhadharma* da Índia para o Tibete. Mostra como os tibetanos se comportaram nas suas viagens e por quantas dificuldades passaram para trazer os ensinamentos para o Tibete. Assim, Marpa não foi puramente um tradutor que traduziu do sânscrito para o tibetano, mas ele efetivamente trouxe o Budismo para o Tibete.

Marpa é um dos grandes santos na tradição budista do Tibete. Ele era um erudito e um praticante, bem como uma pessoa muito prática, sendo agricultor e pai de família. Parece que não temos qualquer equivalente a ele nos dias modernos. Hoje em dia, ou se é um erudito que traduz de uma língua para outra, ou se é um devoto de um guru que deve transmitir a essência dos ensinamentos que estudou. No Ocidente, muitos académicos concordariam que ou te tornas um praticante ou um erudito; não podes ser as duas coisas. Se fores um praticante, perdes o teu ponto de vista "objetivo", e se fores um erudito, perdes a magia sentida no coração. Desse ponto de vista, não há esperança de combinar os dois. Mas aqui, na vida de Marpa, temos uma história única que foi transmitida de geração em geração, sobre como a tradução e a prática podem ser unidas.

Os tibetanos, chineses e japoneses ao longo da história tanto traduziram como praticaram e, nestas culturas, a crença é que, se não praticares, não consegues traduzir com precisão. Portanto, a prática e a tradução andam de mãos dadas. Não há um preconceito particular para nenhum dos lados; pelo contrário, a ideia é que, se tiveres experiência pessoal da lógica básica ou *dharma* dos ensinamentos, estás numa melhor posição para traduzir com precisão e com sentimento. Poderíamos dizer que esta abordagem é como um ser humano a cantar, em oposição a um computador a fazer o mesmo som. Um computador pode ser um cantor tecnicamente bom, mas continuamos a preferir a voz humana.

Esperamos que a apresentação da vida de Marpa e do seu exemplo de vida — como ele trouxe o Budismo para o Tibete — seja útil para aqueles que estão a praticar o Budismo, bem como para aqueles que estão puramente interessados em como o Budismo passa de uma cultura para outra. Por sua vez, neste ponto, temos uma nova tradução a acontecer, na medida em que o Budismo e a literatura budista

estão a ser traduzidos para a língua inglesa. Fizemos esta tradução na esperança de que ela possa atravessar o fosso cultural e iluminar as pessoas através das mensagens profundas e poderosas que transparecem no exemplo da atividade de Marpa. Esperançosamente, este trabalho poderá agora ser traduzido para outras línguas europeias, bem como para o chinês e o japonês.

O estilo de trabalho de tradução que adotámos consiste em combinar precisão e exatidão com um certo sentido de devoção. Por causa disto, não tivemos necessidade de acrescentar nada de novo nem de omitir nada como irrelevante. Trabalhando desta forma, descobrimos também que traduzir em conjunto como um comité é extremamente agradável.

Gostaria de convidar os leitores a partilharem o que descobrimos. Estou tão satisfeito por podermos apresentar este trabalho. O que descobrimos poderia ser igualmente vosso.

Vajracarya o Venerável Chogyam Trungpa, Rinpoche

INTRODUÇÃO

A Vida de Marpa foi escrita no Tibete no início do século dezasseis, uma época em que toda uma escola de literatura biográfica estava a surgir. Esta chamada "escola" de biógrafos teve origem com o autor do nosso texto, que assina o seu nome nesta obra como "Trakthung Gyalpo [Rei dos Herukas], o *yogin* que vagueia entre campos de cremação". Ele é mais comummente conhecido como Tsang Nyon Heruka, ou simplesmente como o Louco *Yogin* de Tsang. Além da sua biografia de Marpa, as suas outras duas obras biográficas dizem respeito ao principal discípulo de Marpa, Milarepa: *A Vida de Milarepa* e *As Cem Mil Canções de Milarepa*,* ambas as quais já foram traduzidas e publicadas em inglês. Uma outra obra, *A Vida e o Ensinamento de Naropa*,† escrita por Lhatsiin Rinchen Namgyal, um dos principais discípulos de Tsang Nyon, também foi publicada numa tradução inglesa. Naropa era o guru de Marpa e, assim, com esta publicação da biografia de Marpa, temos três gerações de relação mestre-discípulo diante de nós.

Tsang Nyon teve pelo menos outros quatro discípulos que, inspirados pelo exemplo do seu mestre, compilaram cada um várias biografias, incluindo obras sobre mestres famosos como Tilopa, Naropa, Rechungpa, o seu guru Tsang Nyon Heruka, e outros. É a partir das biografias que escreveram sobre o seu mestre que tomamos conhecimento da vida do nosso autor.

-

- A Vida de Milarepa, traduzida por Lobsang P. Lhalungpa (Boulder: Prajna Press, 1982); As Cem Mil Canções de Milarepa, traduzida e anotada por Garma C. C. Chang (Boulder: Shambhala, 1977). † A Vida e o Ensinamento de Naropa, traduzida do original tibetano com comentário filosófico baseado na transmissão oral por Herbert V. Guenther (London: Oxford University Press, 1963).

TSANG NYON HERUKA:
AUTOR, MESTRE E LOUCO YOGIN*

Tsang Nyon Heruka nasceu em 1452 no Alto Nyang, em Tsang (oeste do Tibete). Aos sete anos, foi ordenado como monge noviço. Mais tarde, quando tinha dezoito anos, teve uma visão que o instou a fazer uma peregrinação à montanha sagrada de Tsari. No caminho, encontrou-se com o seu guru, Shara Rabjampa, que lhe deu ensinamentos e o enviou para um retiro para praticar.

Após este retiro e de acordo com as instruções do seu guru, Tsang Nyon entrou num mosteiro Sakya para continuar os seus estudos dos ensinamentos do Budismo tântrico. Quando já estudava há dois ou três anos, percebeu que este modo de vida monástico não o levaria à plena realização destes ensinamentos.

Por ocasião de uma visita ao mosteiro por parte do seu príncipe patrono com a sua corte, Tsang Nyon exibiu um comportamento tão selvagem e insultuoso que foi expulso do mosteiro. A partir dessa altura, viveu uma vida excêntrica, variada e produtiva. Viajou imenso, percorrendo grande parte do Tibete e visitando o Nepal várias vezes.

Passou a maior parte do seu tempo em retiro no oeste do Tibete, especialmente nos locais sagrados onde Milarepa praticou. É óbvio, pelo estilo de vida que adotou, pelos locais que frequentou e, especialmente, pela quantidade de energia que dedicou à compilação da biografia e das canções de realização de Milarepa, que Tsang Nyon se identificava muito de perto com Milarepa. Concluiu ambas as obras sobre Milarepa quando tinha trinta e sete anos (1488).†

- *of the Saint of Gtsan por Rgod-tshall-ras-pa Sna-tshogs-rall-grol; editado por Lokesh Chandra, com um prefácio de E. Gene Smith; Sata-pitaka Series, Indo-Asian Literatures, Vol. 79 (New Delhi: 1969). O prefácio de Gene Smith é especialmente útil e informativo e possui três apêndices detalhados: um sobre as edições da biografia de Milarepa (rnam-thar) e a sua coleção de canções (mgur-'bum), um sobre as obras biográficas de Tsang Nyon e da sua escola, e um listando o conteúdo de duas coleções de biografias KagyU. † Esta data baseia-se na biografia de Milarepa, que foi escrita no ano Phurba (Macaco Macho de Terra). A coleção de canções de Mila (mgur-'bum) não tem data, mas foi evidentemente terminada por volta da mesma altura, uma vez que tanto a biografia como as canções foram impressas pela primeira vez juntas como um único volume.*

Mais tarde, Tsang Nyon trabalhou durante muitos anos numa compilação de vários volumes dos ensinamentos da linhagem de audição (T: *snyan-brgyud*). Estes ensinamentos, ligados ao *Cakrasamvara-tantra*, eram instruções especiais que Marpa recebeu do seu guru, Naropa, na sua última viagem à Índia. Marpa passou-os

ao seu principal discípulo, Milarepa, que por sua vez os deu a três dos seus principais discípulos — Gampopa, Rechungpa e o mestre de Ngen Dzong. O próprio Tsang Nyon pertencia à linhagem transmitida através de Rechungpa.

Através das suas viagens, dos seus escritos, da sua realização e do seu comportamento não convencional, Tsang Nyon tornou-se famoso em todo o Tibete e Nepal. Atraiu muitos discípulos e foi apadrinhado por várias famílias reais. A dada altura, foi chamado a mediar entre fações rivais durante estes tempos políticos conturbados. Solicitar a um mestre altamente realizado que atuasse como um mediador imparcial (T: *gzu-ba*) era frequentemente feito no Tibete para resolver todo o tipo de disputas.*

Por volta de 1505, durante os seus últimos anos, Tsang Nyon ditou a biografia e as canções de Marpa. Fê-lo em Chuwar, uma das famosas grutas onde Milarepa tinha meditado. Morreu dois anos depois, aos cinquenta e quatro anos (1507), em Rechung Phuk (Gruta de Rechungpa).

A Natureza e o Intento da Biografia Tibetana

É interessante e útil examinar a questão de por que razão Tsang Nyon e os seus discípulos dedicaram tanto tempo a compilar estas biografias. Qual é a natureza destas biografias que as torna tão importantes? Por que razão deveríamos estar interessados em lê-las?

A palavra para biografia em tibetano é *namthar* (T: *rnam-thar*, abreviatura de *rnam-par thar-pa*), que significa literalmente "libertação completa". Isto mostra claramente o intento da biografia tibetana. A preocupação central é retratar o desenvolvimento espiritual e a fruição da vida da pessoa. É por isso que sonhos e visões iluminadoras são frequentemente encontrados como parte de uma biografia. Além disso, isto explica por que razão as canções são incluídas como uma parte central da biografia. Como discutiremos mais tarde, a canção espontânea era uma forma tradicional de comunicar uma experiência ou ensinamento de significado espiritual.

Sendo uma biografia espiritual, serve como um "exemplo supremo para seres sinceros".† Ver o exemplo de como Marpa ou Milarepa superaram os seus próprios obstáculos pessoais pode inspirar praticantes espirituais posteriores nos seus próprios esforços para alcançar a libertação completa. Desta forma, a história da vida de Marpa ou de Mila torna-se um ensinamento a ser estudado e contemplado, uma vez que pode despertar a própria realização. Esta qualidade libertadora que advém da leitura destas biografias está declarada no título da biografia de Marpa, *Ver Alcança Tudo* (T: *Mthong-ba don-yod*). O significado deste título conciso é que o mero ato de ver ou ler esta biografia pode realizar o propósito de alguém, que é o de despertar a iluminação. Este é o intento com que os autores tibetanos escrevem estas biografias, ou *namthars*.

No seu próprio tempo, Tsang Nyon ficou insatisfeito com o padrão restritivo que o Budismo estava a tomar, em detrimento de manter vivo o âmago dos ensinamentos. Pelos séculos quinze e dezasseis, os mosteiros no Tibete não eram apenas os repositórios da aprendizagem e prática espiritual, mas eram também os bastiões do poder secular. Tinham-se tornado ricos e poderosos e, por isso, disputas políticas entre mosteiros rivais não eram incomuns. Em tempos como estes, a prática da meditação era por vezes esquecida ou considerada secundária.

Quando Tsang Nyon assumiu o estilo de vida do *yogin* louco, o *nyonpa* (T: *smyon-pa*, "louco"), dedicou a sua vida principalmente à meditação em solidão. Parece claro que ele queria libertar-se da vida mais ocupada e regulada do académico monástico, bem como de qualquer envolvimento no poder político e na riqueza.

> • *Ver R. A. Stein, Tibetan Civilization (Stanford: Stanford University Press, 1972), pp. 146-7. † Esta citação é do colofão de Tsang Nyon para esta obra (ver p. 204).*

Ao dar este passo, não estava sozinho. Durante o século XV, houve muitos outros nyonpas, dos quais três foram tão mediáticos como Tsang Nyon. Foram eles Thangtong Gyalpo* (1385-1464 ou 1361-1485?, também conhecido como Lungtong Nyonpa, "O Louco do Vale Vazio"), Druk Nyon Künga Lekpat (1455-1529, por outro lado conhecido como Drukpa Künlek), e D Nyon Künga Zangpo (1458-?).‡ Além disso, o aparecimento do nyonpa não era uma ocorrência nova, podendo ser rastreado até à Índia, em particular à tradição dos oitenta e quatro mahasiddhas (que serão discutidos abaixo) e provavelmente muito antes. Parece que, enquanto existiram praticantes que escolheram viver dentro da estrutura monástica, também existiram aqueles que escolheram viver fora dela. Ao longo do tempo, serviram para se contrabalançarem mutuamente na preservação da prática e dos ensinamentos do Buda.

No Tibete, Milarepa foi o exemplar do iogui louco que dedicou a sua vida à meditação nas solidões das montanhas. Ele epilogou o estilo do nyonpa — não convencional, desinibido, cheio de humor terra-a-terra, habilidoso no ensino através do canto e da narração de histórias, e possuindo uma grande perceção da natureza do mundo através da sua prática intensiva.§ Nas suas biografias de Marpa e Milarepa, Tsang Nyon teceu magistralmente muitas das qualidades do nyonpa nas suas histórias. Ele utiliza um estilo de linguagem mais coloquial, tanto na prosa como nos cantos, infunde o enredo com um humor vivo e páthos humano, e deleita-se ao descrever tanto os detalhes da vida comum como a sabedoria profunda do praticante solitário. Não é de admirar que estas biografias tenham sido extremamente populares entre todos os tibetanos. Tsang Nyon não só criou obras-primas da literatura, mas também retratou o profundo e sincero desenvolvimento espiritual de dois grandes mestres e praticantes. Marpa era um agricultor e leigo; Mila era um asceta, um

renunciante. Cada um deles forjou o seu próprio caminho com base em quem era e em quais eram os seus recursos. Tsang Nyon apresentou os exemplos das suas vidas, não como estilos de vida ou formas para alguém imitar, mas como exemplos de como a vida de uma pessoa — a vida de qualquer pessoa — poderia ser dedicada de todo o coração à prática e à realização do buddhadharma.

A DISSEMINAÇÃO DO BUDISMO NO TIBETE

O Tibete, a terra do nascimento de Marpa, foi durante muito tempo um país remoto e de difícil acesso. No Sul, está separado da Índia e do Nepal pela grande cordilheira dos Himalaias. No Oeste e Norte, é limitado pelas cordilheiras de Karakorum e Kunlun. No Este, existe uma série de cordilheiras menores e extensões de terra escassamente povoadas. Mas, além das montanhas, o Tibete foi, em tempos, também uma terra rodeada por países budistas ou áreas fortemente influenciadas pelo budismo. Mais notavelmente, havia a China, a Bacia de Tarim (onde a Rota da Seda cruzava da China para a Índia), Caxemira, Nepal e Índia. Embora geograficamente remoto, o Tibete não estava, de forma alguma, culturalmente isolado. Muito antes de os tibetanos procurarem ativamente adquirir os ensinamentos do Buda, as oportunidades de contacto com ideias e formas budistas, entre outras, estavam presentes.

De acordo com relatos tradicionais,* o budismo fez a sua estreia no Tibete quando alguns textos budistas e uma pequena stupa caíram do céu no telhado do palácio real. Naquela época, ninguém sabia ler os textos, uma vez que o Tibete ainda nem sequer tinha uma forma escrita para a sua própria língua. Um alfabeto e gramática tibetanos foram formulados por volta de 632 d.C., seguindo o modelo de uma língua indiana, e, gradualmente, as ideias budistas começaram a penetrar na mente tibetana mais profundamente, começando no século VIII. Com o tempo, mestres budistas da Índia, tais como Shantarakshita e Padmasambhava, e da China e de outros lugares, foram convidados para o Tibete para ensinar, e estudantes tibetanos foram enviados para o estrangeiro para estudar. Eventualmente, o primeiro mosteiro tibetano, Samye, foi construído em 779, os primeiros sete monges tibetanos foram ordenados, e traduções de textos budistas foram iniciadas. Segundo a tradição, por volta de 792, os tibetanos tinham escolhido comprometer-se exclusivamente com a tradição indiana do budismo, em detrimento da tradição chinesa, que também tinha sido ensinada no Tibete até essa altura. O resultado final de todos estes desenvolvimentos foi que o budismo indiano foi oficialmente declarado a religião do Estado pelo Rei Trisong Detsen. Isto marcou o clímax do que foi chamado a "primeira disseminação" do budismo no Tibete.

O sucesso desta primeira disseminação teve vida curta. Em 836, Langdarma assumiu o trono e iniciou um período no qual o budismo foi suprimido. Os mosteiros foram esvaziados, e os monges e freiras foram forçados a tornar-se pessoas leigas ou foram exilados. Embora a informação seja escassa, parece que a prática e o estudo do budismo sobreviveram entre a população leiga, contudo, o

budismo deixou de existir como uma instituição organizada e visível durante este tempo. Pior ainda, após o assassinato de Langdarma em 842, o Tibete entrou numa idade das trevas de fragmentação feudal e guerra civil. No entanto, por volta de 978, as brasas do budismo começaram a ser reacendidas em diferentes partes do Tibete. Este foi o início da "segunda disseminação" do budismo no Tibete, na qual Marpa viria a desempenhar um papel proeminente.

O NASCIMENTO DE MARPA E ENTRADA NO DHARMA

Marpa nasceu em 1012 na região de Lhotrak. Esta região fica no extremo sul do Tibete, logo acima da fronteira do Butão. É uma região de florestas e terras agrícolas férteis, de agricultura e de rebanhos e manadas em pastagem. Os pais de Marpa eram proprietários de terras ricos, com campos agrícolas nas terras baixas e pastagens nas terras altas. Como Marpa era uma criança agressiva, os seus pais decidiram confiá-lo a um treino dhármico, para que não se tornasse demasiado agressivo e destrutivo. Assim, Marpa iniciou a sua educação aos doze anos, e recebeu o seu nome budista, Chökyi Lodrö (Intelecto do Dharma). Fiel ao seu nome, Marpa dominou rapidamente tanto a leitura como a escrita. Mas, como ainda não tinha dominado o seu temperamento, os seus pais acabaram por encorajá-lo a ir para longe, para o Tibete ocidental, para estudar o dharma mais aprofundadamente. Com isto, Marpa concordou prontamente.

Nesta altura, existiam várias instituições monásticas e educativas no Tibete. Alguns tibetanos, como Drogmi, o primeiro mestre de Marpa, tinham viajado para a Índia para estudar com os académicos e ioguis budistas, e tinham regressado instruídos e bem treinados. Drogmi estabeleceu o seu mosteiro no vale de Nyugu em 1043. Ele era versado no budismo vajrayana, mas a sua especialidade eram os ensinamentos do "caminho e fruto" (T: lam-'bras), que mais tarde se tornaram a base filosófica para os ensinamentos da linhagem Sakya. Drogmi era também um "lotsawa", um tradutor, e enquanto esteve no Tibete, traduziu um grande número de textos que agora se encontram no cânone budista tibetano. Marpa chegou ao vale de Nyugu para estudar com Drogmi por volta de 1054 e permaneceu três anos com ele, aprendendo Sânscrito e várias línguas coloquiais da Índia. Esta foi a base do próprio treino de Marpa como lotsawa. Ele ficou então frustrado com a sua incapacidade de receber os ensinamentos posteriores que desejava. Sendo uma pessoa prática, Marpa decidiu ir receber ensinamentos da melhor fonte — a Índia.

Aqui e noutros lugares, a biografia aponta a natureza da personalidade de Marpa. Em toda a sua atividade, Marpa é mostrado como não retendo nada. O seu estilo é retratado como desinibido, direto e teimoso. Quando via o que queria, ia atrás disso. Quando via o que precisava de ser feito, fazia-o. Assim, cedo na sua vida, viu que o dharma era verdadeiro e valioso, e procurou-o de todo o coração. Percebendo que teria de fazer a longa e perigosa viagem até à Índia para obter o dharma, não hesitou em ir. Tendo convertido a maioria dos seus bens em ouro e

superado as objeções dos seus pais, Marpa iniciou a primeira das suas três viagens à Índia.

MARPA VIAJA PARA A ÍNDIA

Fazer a viagem para a Índia não era tarefa fácil, como Marpa atestou em vários dos seus cantos. Partindo de Lhotrak, teve de viajar mais de trezentas milhas até ao extremo ocidental do Tibete, em Kungthang. Embora houvesse muitas planícies e montanhas para atravessar, Marpa recordava em particular a grande planície desolada de Palmo Palthang e a passagem alta e nevada de Khala Chela (provavelmente acima dos 15.000 pés) na região de Kungthang. Depois, seguindo o vale do rio Trisuli até Kyitrong e entrando no Nepal, Marpa desceu rapidamente para as colinas húmidas e quentes do Nepal.

Essa mudança completa de altitude e clima podia ser bastante dramática para um tibetano, e frequentemente levava à doença. Por isso, Marpa ficou três anos em Catmandu para se aclimatizar ao calor, antes de descer mais para as planícies ainda mais quentes da Índia. Foi aqui no Nepal que a ligação cármica de Marpa com o seu guru, Naropa, foi despertada através do encontro com dois dos discípulos de Naropa, Chitherpa e Paindapa. Estes dois mestres nepaleses deram a Marpa uma grande quantidade de instrução de dharma e de língua, e depois enviaram-no para encontrar Naropa na Índia.

Na fronteira do Nepal com a Índia, Marpa encontrou fome e cobradores de impostos gananciosos. E ao longo da sua viagem, enfrentou os perigos de bandidos, animais selvagens, rios caudalosos, precipícios íngremes, pontes periclitantes e afins. No total, ele certamente viajou mais de setecentas milhas e desceu mais de 10.000 pés de altitude para chegar a Phullahari, o lugar onde vivia o seu guru Naropa."

Um perigo final que Marpa encontrou na sua primeira viagem foi um companheiro de viagem difícil. A meio caminho do Tibete, Marpa encontrou Nyö de Kharak, que viajou com ele até à Índia e, mais tarde, na Índia, tornou-se o rival de Marpa no domínio do dharma. Embora Marpa tenha colhido um benefício temporário ao viajar com Nyö, o resultado final foi bastante diferente, como veremos abaixo.

O Budismo da Índia

A situação na Índia que Marpa e Nyö iriam encontrar era um grande contraste com a do Tibete. Cerca de 1.500 anos tinham passado desde o tempo em que o Buda Shakyamuni tinha girado pela primeira vez a roda do dharma, no Parque dos Cervos

em Benares. O budismo tinha crescido de uma pequena reunião de ascetas errantes para um conjunto de centros monásticos apoiados por uma comunidade leiga de base alargada. O budismo tinha-se espalhado por toda a Índia e além das suas fronteiras para outros países, incluindo Ceilão, Nepal, Caxemira, China, Coreia, Japão e outros lugares.

Na própria Índia, Marpa chegou durante um tempo em que dois desenvolvimentos eram proeminentes. O primeiro era a grande importância e prestígio das universidades monásticas, tais como Nalanda, Vikramashila, Bodhgaya e Odantapuri. Nalanda era a mais antiga destas, datando do século VI. A sua fama tinha atraído peregrinos chineses e outros durante séculos. Agora eram principalmente os tibetanos que viajavam para estudar e aprender. Além de ensinarem as escrituras budistas, estas universidades eram repositórios de muitos aspetos da aprendizagem indiana. Elas abrangiam muitas disciplinas, incluindo as belas-artes, linguística e filologia, ciência, medicina e debate.

Além disso, nestas universidades, e em particular em Vikramashila, os ensinamentos do budismo vajrayana (cuja natureza será discutida abaixo) eram ensinados. Este foi o outro grande desenvolvimento que ocorreu na Índia nesta altura. De ser um desenvolvimento esotérico na tradição budista, o vajrayana, ou tantra, tinha sido aceite e incorporado nas instituições monásticas dominantes. Portanto, muitos académicos instruídos, "panditas", estudavam e expunham os tantras, os textos fundamentais da visão e prática vajrayana, e logo surgiu uma vasta literatura de comentários e liturgias de prática. Foi para estudar o vajrayana com estes mestres nas grandes universidades que Marpa e outros tibetanos vieram para a Índia.

No entanto, devido à ligação cármica de Marpa com o seu guru Naropa, o seu caminho tomou uma direção ligeiramente diferente do que se poderia esperar. Após a sua chegada à Índia, Marpa foi diretamente estudar com Naropa, que vivia em Phullahari, a noroeste de Nalanda. Nyö, o companheiro de viagem de Marpa, comentou desdenhosamente que Naropa costumava ser um grande pandita em Nalanda, mas que agora estava a praticar meditação kusulu sob Tilopa. Tilopa era o guru de Naropa, e um kusulu era um iogui que atendia apenas às necessidades físicas mais básicas para poder passar o máximo de tempo possível em meditação. A sua atividade era frequentemente não convencional noutros aspetos também. Em vez de panditas, tanto Tilopa como Naropa eram considerados mahasiddhas, as personificações da mais alta realização dos ensinamentos vajrayana.

VAJRAYANA E A TRADIÇÃO MAHASIDDHA

Os ensinamentos vajrayana datam de cerca dos séculos VI e VII, quando os textos fundamentais do vajrayana, os tantras, surgiram na Índia. No entanto, uma vez que o vajrayana se baseia principalmente nas instruções orais secretas dadas de mestre para discípulo, é provável que o aparecimento de instruções escritas tenha

sido uma fase posterior, e que a prática real provavelmente tenha precedido isto. Diz-se que o Buda Shakyamuni manifestou-se como Vajradhara, o buda primordial, para ensinar o vajrayana a alguns estudantes avançados. Os tantras, que são registos destes ensinamentos, não tendem a apresentar um diálogo entre a iluminação e a confusão, como nos primeiros ensinamentos do Buda. Em vez disso, apresentam a visão do fruto, da iluminação completa.

Vajrayana significa literalmente "veículo indestrutível". A palavra vajra significa a atualidade indestrutível da iluminação. No vajrayana, a iluminação não é considerada como algo potencial no mundo ou em si mesmo. Pelo contrário, está completamente manifesta e é evidente em todos os aspetos da vida. O mundo, o corpo e o estado de espírito de cada um são todos semelhantes ao vajra, primordialmente puros e auto-libertados da confusão dualista. A visão que vê esta pureza primordial da experiência é chamada de visão sagrada (T: dag-snang) e é a essência da prática e realização vajrayana.

O Vajrayana é um veículo indestrutível porque utiliza a visão do fruto, a visão sagrada, como o caminho para a iluminação. Esta visão da sagralidade fundamental do mundo e da experiência é transmitida primeiro ao discípulo pelo seu guru. Com esta descoberta da pureza primordial dos fenómenos, tudo na vida de uma pessoa se torna trabalhável e pode ser incluído como um degrau no caminho da libertação.

Consequentemente, uma vasta gama de abordagens estava disponível para o praticante de vajrayana. Esta variedade pode ser vista ao observar as vidas dos famosos oitenta e quatro mahasiddhas,* os antepassados indianos da prática e realização vajrayana. Um mahasiddha era um "grande realizado ou aperfeiçoado". A qualidade especial dos siddhas era a sua capacidade de usar habilidosamente qualquer aspeto do mundo como um veículo para se libertarem a si mesmos e aos outros. Por causa disso, dizia-se que possuíam grandes poderes mágicos chamados siddhis, dos quais existem dois tipos. Os siddhis comuns envolvem um domínio fundamental sobre os fenómenos. Por exemplo, Virupa parou o sol enquanto bebia uma enorme quantidade de licor; Dombi Heruka cavalgou numa tigresa e não podia sequer ser queimado por uma grande fogueira. O siddhi supremo é a própria iluminação.

Embora houvesse certamente mais do que oitenta e quatro mahasiddhas, as histórias de vida destes oitenta e quatro eram amplamente conhecidas e, por isso, foram escritas. Entre este grupo, havia ioguis errantes que viviam nas margens da sociedade, bem como muitas pessoas que praticavam tantra enquanto se dedicavam às suas atividades quotidianas e empregos. Eram académicos, carpinteiros, monges, ferreiros, reis, mendigos, donas de casa, artesãos, e assim por diante. Eram de casta alta, casta baixa e fora da casta. As suas personalidades também cobriam uma vasta gama. Alguns eram apaixonados, outros eram agressivos, alguns eram ambiciosos e alguns eram apenas preguiçosos. No entanto, através da visão sagrada e dos meios habilidosos do vajrayana, cada um foi capaz de usar o seu temperamento e atividade

mundana como um veículo para a prática de meditação e a obtenção do siddhi supremo, a iluminação.

Tilopa: O Guru de Naropa

Tilopa está incluído entre os oitenta e quatro siddhas.* Ele iniciou o seu treino budista como monge e passou doze anos em meditação estrita em Somapuri. Depois disso, ele atualizou o seu caminho envolvendo-se completamente no mundo quotidiano. Por mais doze anos, continuou a sua prática de meditação enquanto moía sementes de sésamo durante o dia, e à noite agia como o angariador para uma prostituta. Unificando a sua prática de meditação com a sua atividade diária, alcançou assim a realização última. Ele então vagou por toda a Índia, e em particular por Bengala, geralmente ensinando com métodos miraculosos e escandalosamente diretos. Tilopa foi o antepassado da linhagem Kagyü, ou seja, os ensinamentos específicos que foram sucessivamente passados para Naropa, Marpa, Milarepa, e assim por diante. Tilopa não teve um guru raiz humano, pois diz-se que recebeu transmissão e instrução diretamente de Vajradhara, o buda primordial. Além disso, Tilopa teve quatro mestres principais de quem recebeu quatro linhagens diferentes de ensinamentos. Estas quatro transmissões especiais (T: bka' -babs bzhi)* mais algumas outras instruções orais especiais são parte do legado que ele transmitiu ao seu principal discípulo, Naropa.

Nāropa: O Guru de Marpa

A vida de Nāropa, que também foi um mahāsiddha, é semelhante em muitos aspetos. Ele primeiro treinou durante muito tempo dentro da estrutura monástica tradicional, acabando por subir ao auge da realização académica. Foi nomeado um dos quatro guardiões académicos das universidades de Nālandā e Vikramaśīla[15] e foi reconhecido como o mais douto de todos. Ainda assim, a sua grande erudição não o satisfazia e, um dia, teve a visão de uma velha feia, que questionou a sua compreensão dos ensinamentos. Ele percebeu então que não tinha dominado a experiência por trás das palavras. Abandonando a vida enclausurada da universidade monástica, Nāropa partiu em busca de um mestre que tivesse experienciado e pudesse ensinar o verdadeiro significado por trás das palavras. Encontrou este mestre em Tilopa.

Com este mestre intransigente, ele submeteu-se a doze provações maiores e doze menores. A maioria destas provações envolvia uma tremenda privação física que resultava de alguma ação ultrajante que ele era compelido pelo seu guru a realizar. Após cada provação, Tilopa retificava a privação física que Nāropa sofria e dava-lhe uma instrução específica. Finalmente, após doze anos, o orgulho e o apego ao ego de Nāropa foram totalmente destruídos e a sua realização do estado desperto da mente foi desvelada. Agora dotado do rigoroso treino intelectual de um paṇḍita e da realização destemida e meios habilidosos de um iogui realizado, Nāropa deixou

Tilopa, estabeleceu-se em Phullahari e começou a ensinar. Foi aqui que Marpa o encontrou.

MARPA ENCONTRA-SE COM NĀROPA, TORNA-SE SEU REGENTE E RECEBE ENSINAMENTOS

A vinda de Marpa à Índia e a sua dignidade como discípulo já tinham sido profetizadas a Nāropa por Tilopa. Portanto, Nāropa acolheu imediatamente Marpa para assumir o papel de seu regente, o futuro detentor da linhagem. Deu então a Marpa abhiṣekas, que são empoderamentos para praticar certos ensinamentos vajrayāna, e instruções orais.

A ideia de linhagem e devoção a um mestre é muito importante de examinar aqui, especialmente em relação aos ensinamentos e abhiṣekas que Marpa recebeu. Para que um aluno seja treinado na prática vajrayāna, ele deve primeiro estabelecer uma ligação pessoal com um mestre autêntico de uma linhagem. Pertencer a uma linhagem significa que o próprio mestre foi treinado adequadamente na prática pelo seu próprio mestre e, por isso, tem a experiência e a realização para guiar os seus alunos. Além disso, a essência mais íntima da prática é sempre comunicada pessoalmente e raramente é escrita. Portanto, apenas um mestre que possua as instruções orais da linhagem e que tenha realizado a sua verdade pode empoderar plenamente um aluno para realizar esta prática.

Abhiṣeka e Prática de Yidam

O meio pelo qual um mestre empodera o aluno é o abhiṣeka. Abhiṣeka significa literalmente "aspersão sobre" e significa unção ou empoderamento (T: dbang). É uma cerimónia ritual pela qual o mestre vajra, o guru, introduz o discípulo na maṇḍala, o mundo sagrado, do guru e do yidam. Um yidam é uma deidade que expressa a atualidade do mundo sagrado em forma visual. A aparência desta deidade ou yidam pode representar diferentes aspetos ou energias da iluminação. Podem ser pacíficos, semiraivosos ou raivosos.

Os yidams pacíficos têm semblantes gentis e sorridentes. Estão elegantemente adornados com roupas bonitas e ornamentos reais, e geralmente assumem uma postura meditativa. As suas formas comunicam a energia aberta e acolhedora da sabedoria compassiva. Por outro lado, os yidams semiraivosos e raivosos têm expressões de esgar, podem segurar armas de vários tipos, assumir uma postura de dança, e assim por diante. Eles incorporam dinamicamente a qualidade intransigente e penetrante da sabedoria compassiva.

O mestre pode empoderar um discípulo com um certo tipo de yidam para se adequar às características particulares desse aluno. No caso de Marpa, o seu yidam pessoal, Hevajra, era um yidam semiraivoso. Em qualquer caso, o yidam serve como

a manifestação iluminada do ser básico do aluno. Não é uma deidade externa que está a ser adorada para que se possa ser salvo. Pelo contrário, é uma representação vívida da própria natureza iluminada de cada um. Tendo sido empoderado pelo seu mestre, o aluno identifica o seu corpo, fala e mente completamente com os do yidam e, assim, desperta progressivamente uma confiança inabalável na sua própria natureza desperta.

Além disso, ao receber o abhiṣeka, o aluno não só é introduzido neste mundo sagrado, como se vincula a ele irrevogavelmente. Ele faz um voto, chamado samaya, de se comprometer totalmente com o seu guru e, da mesma forma, com o yidam que recebeu e que está agora empoderado para praticar. Em essência, o yidam é inseparável do guru. Como o mestre não só guia compassivamente o aluno através da sua prática, mas é também a própria personificação do fruto da prática, o aluno encara naturalmente o seu mestre com grande confiança e devoção. Sem o guru, não haveria ensinamentos nem caminho. Portanto, a devoção torna possível a transmissão da visão sagrada, a mente iluminada, do guru para o discípulo. A devoção ao próprio guru é, assim, a base, o caminho e o fruto do vajrayāna e, especialmente, na linhagem Kagyü.

MARPA VISITA OUTROS MESTRES

Jñānagarbha e Kukkurīpā

Tendo recebido o abhiṣeka de Nāropa, Marpa foi impulsionado pela sua rivalidade com o seu antigo companheiro, Nyö, a procurar duas outras tradições de prática, nomeadamente o Guhyasamāja e o Mahāmāyā. (Estes nomes são tanto o nome do yidam como do tantra, o texto que descreve a prática deste yidam.) Primeiro, Marpa recebeu o abhiṣeka e as instruções sobre o Guhyasamāja-tantra de Jñānagarbha, que era também um grande académico e tradutor. Depois, superou grandes obstáculos para receber o abhiṣeka e as instruções sobre o Mahāmāyā-tantra do iogui excêntrico Kukkurīpā.

Kukkurīpā foi outro mestre de Marpa, cuja história de vida está incluída entre as dos oitenta e quatro mahāsiddhas.[16] Anteriormente, Kukkurīpā tinha passado muitos anos a meditar numa caverna, acompanhado apenas por uma cadelinha que encontrara a passar fome e que acolhera sob os seus cuidados. A certa altura, através da sua preocupação compassiva por esta cadela, ele foi libertado da armadilha bem-aventurada de uma realização meditativa que não era a iluminação completa. A cadela transformou-se então numa ḍākinī, uma mensageira espiritual ou protetora, e deu-lhe instruções, levando-o assim à mais alta realização. A estreita associação de Kukkurīpā com cães tornou-se a sua imagem de marca, e diz-se que vivia com um grande número deles na sua ilha isolada no centro de um lago venenoso. Foi aqui que Marpa finalmente o encontrou, e o encontro deles foi animado e cheio das brincadeiras lúdicas de Kukkurīpā.

É interessante notar que, embora Nāropa pudesse dar a Marpa os ensinamentos sobre Guhyasamāja e Mahāmāyā, ele inicialmente recusou-se a fazê-lo. Em vez disso, enviou Marpa ao mestre que se tinha especializado nesse tantra específico, pois essa pessoa era a "fonte pura". Mais tarde, Marpa recebeu estes ensinamentos de Nāropa e considerou-os idênticos em essência ao que já tinha recebido. Marpa foi obrigado a trabalhar arduamente para obter estes ensinamentos e, assim, passou a apreciar o seu valor precioso e não os considerou troféus espirituais para colecionar. Nyö, o antagonista de Marpa, não possuía esta atitude; por isso, mais tarde, faltou-lhe o mérito e a ligação cármica para encontrar Kukkurīpā e receber ensinamentos dele.

Marpa Encontra Maitrīpa, o seu Outro Guru Principal

Depois de regressar de Kukkurīpā, Marpa recebeu a permissão de Nāropa para ir estudar com Maitrīpa, que se tornou o segundo guru principal de Marpa, quase tão importante como Nāropa. Quando entrou pela primeira vez no dharma, Maitrīpa fora aluno de Nāropa em Nālandā. Mais tarde, em Vikramaśīla, durante o tempo em que Atīśa era o monge disciplinar chefe, parece que Maitrīpa foi repreendido e forçado a sair por beber licor e conviver com mulheres. Ao sair, Maitrīpa colocou uma almofada de couro na superfície do rio Ganges e partiu sobre a água. Depois de passar por mais treino sob o seu guru Śavari, ele assumiu completamente o estilo de vida não convencional de um mahāsiddha e foi reconhecido por todos como um mestre iluminado dos ensinamentos de mahāmudrā.[17]

A Tradição dos Dohās e Mahāmudrā

Depois de chegar ao mosteiro da Montanha do Fogo Flamejante, Marpa recebeu de Maitrīpa instrução sobre duas tradições importantes. A primeira tradição é a prática vajrayāna de cantar canções espontâneas de experiência e realização, conhecidas como dohās. Estes dohās são geralmente cantados num gaṇacakra, uma oferenda de banquete celebrada por um grupo de praticantes tântricos em ocasiões auspiciosas ou após sessões especiais de prática intensiva. Tradicionalmente, na Índia, estas canções eram frequentemente curtas e cantadas numa linguagem de código tântrica secreta, muito parecida com a que Nāropa cantou para Marpa antes do seu segundo regresso ao Tibete.

Com Marpa, tornaram-se mais narrativas e longas, usando uma linguagem mais direta. Marpa acabou por passar esta tradição de dohās para o seu discípulo principal, Milarepa, que também deu a estas canções o seu cunho pessoal. Sendo espontâneas, estas canções revelam a natureza interior do cantor e expressam a sua perceção e devoção de uma forma desinibida e única. Por nascerem da realização que advém da prática das instruções orais do guru, são também profundas e diretas na sua capacidade de transformar e despertar a mente do ouvinte. Elas dirigem a atenção do ouvinte para a natureza da mente, nesse exato instante. Desta forma, a sua mensagem é universal, mesmo dando apenas um vislumbre da experiência completa do cantor.

A segunda tradição que Marpa recebeu de Maitrīpa são os ensinamentos de mahāmudrā, que são extremamente importantes tanto para Marpa como para a linhagem Kagyü. Geralmente, Marpa foi detentor de duas linhagens. A primeira linhagem começou com Vajradhara, o buda primordial, e foi passada a Tilopa, Nāropa e depois a Marpa. Esta é chamada a linhagem direta (T: nye-brgyud) e preocupa-se principalmente com as quatro transmissões especiais de Tilopa e os seis iogas de Nāropa (cujas práticas derivam todas da primeira). Os ensinamentos de mahāmudrā também se encontram nesta linhagem. A segunda linhagem, a linhagem indireta (T: ring-brgyud), tem como foco central a transmissão dos ensinamentos de mahāmudrā. Também teve origem com Vajradhara, mas depois foi transmitida através de Ratnamati, Saraha, Nāgārjuna e Śavaripa, que a entregou a Maitrīpa.

A VISÃO, MEDITAÇÃO, AÇÃO E FRUTO DO MAHĀMUDRÁ

Mahāmudrā significa literalmente "grande símbolo, selo ou gesto". De acordo com o Cakrasaṃvara-tantra, mu é a sabedoria da vacuidade, drā é a libertação do saṃsāra e mahā é a sua indivisibilidade. Quando a realidade é percebida como vazia e livre da confusão saṃsárica, torna-se o maior símbolo de todos, um símbolo autoexistente da natureza iluminada.

Depois de praticar os ensinamentos que recebeu de Maitrīpa, Marpa cantou a sua realização do mahāmudrā, delineando a sua visão, meditação, ação e fruto.[18] Primeiro, ele cantou:

> Esta incessante dharmatā
> É perceção desobstruída e autoluminosa.
> Dentro da perceção inata, unidade,
> A sabedoria espontânea é a visão.

Dharmatā é a base das coisas tal como são. Não é criada nem destruída; portanto, é "incessante". É a base de tudo, omnipresente como o espaço. Está para além de qualquer dualidade, como a confusão e a libertação, saṃsāra e nirvāṇa. A consciência desta base é a perceção (insight), essencialmente vazia, mas por natureza luminosa. Como tal, é a unidade de luminosidade e vacuidade. Uma vez que na vacuidade não existe essência em lugar algum, a luminosidade, a expressão da dharmatā, é completamente desobstruída e manifesta tudo. Esta perceção é inata e espontânea, como Marpa explica.

Portanto, reconhece naturalmente as fabricações dualistas da confusão e da liberdade como já autolibertadas na base da dharmatā. A sabedoria não tem de ser criada, mas é autoexistente, espontânea. Esta é a visão com a qual se pratica. Basicamente, do ponto de vista do caminho, é uma descrição tanto da base como do fruto da prática.

Quanto à meditação, Marpa cantou:

Ao longo das quatro atividades da pós-meditação,
Inseparável nos três tempos, como um rio que corre,
Este ioga é lúcido, livre de obscurecimentos.
Livre de distração é a meditação.

Ao praticar a visão, não há tentativa de criar um estado mental especial através da meditação. A meditação mahāmudrā consiste simplesmente em estar focado de forma unifocada no momento de tudo o que surge na experiência de cada um. Portanto, tudo o que ocorre faz parte do caminho, e a meditação é contínua ao longo do dia e em qualquer atividade. Há uma sensação constante de desdobramento e desvelamento do verdadeiro estado da mente e do mundo de cada um. Não se agita mais turbulência ao tentar alcançar algo.

Em vez disso, deixando as coisas serem como são e não deambulando em confusão, os obscurecimentos dispersam-se por si mesmos. Portanto, esta prática é naturalmente lúcida e desobstruída. Em última análise, até os próprios obscurecimentos são vistos como manifestações do estado desperto e não são considerados obstáculos. É claro que, na prática de meditação, faz-se um esforço para ver claramente, mas o processo global é de desgaste dos sapatos da meditação deliberada com os quais se percorre o caminho. Cada vez mais, a mente acalma-se e a visão clarifica-se por si mesma, espontaneamente.

Na ação, aplica-se a mesma visão. Marpa cantou:

Os dharmas do corpo, fala e mente, e os três tempos
São uma variedade imprevisível adornada com um único ornamento —
Incessante, sem esforço e o mesmo em essência.
Como uma ilusão é a ação.

A ação não é feita deliberadamente com algum propósito preconcebido em mente, mas surge imediatamente em resposta à necessidade de uma situação. Assim, é imprevisível, incessante e sem esforço. O iogui realizado cuida do que precisa de ser cuidado, nutre o que precisa de ser nutrido e destrói o que precisa de ser destruído. Esta atividade compassiva e incondicionada pode muitas vezes parecer ultrajante para a mente convencional. É "o mesmo em essência", para além da dualidade do bem e do mal. Porque é livre de qualquer ponto de referência fixo, é "como uma ilusão".

Finalmente, Marpa cantou:

A essência da realização é o agora,
Ocorrendo tudo de uma vez, sem nada a acrescentar ou subtrair.
Autolibertação, grande bem-aventurança inata,

Livre de esperança ou medo é o fruto.

Em última análise, do princípio ao fim, o mahāmudrā não é senão o agora no qual tudo está completo. Aqui não há nada a ganhar ou perder; portanto, não há nada a esperar ou temer. É a autolibertação no momento, que é alegria incondicionada. A mente de cada um é realizada como buda, completamente desperta.

Em resumo, poderíamos citar a própria canção de Jamgön Kongtrül Lodrö Thaye sobre o mahāmudrā:[19]

Já que na visão do mahāmudrā
A análise não se aplica,
Atira para longe o conhecimento fabricado pela mente.
Já que na meditação do mahāmudrā
Não há forma de fixar um pensamento,
Abandona a meditação deliberada.
Já que na ação do mahāmudrā
Não há ponto de referência para qualquer ação,
Sê livre da intenção de agir ou não.
Já que no fruto do mahāmudrā
Não há realização para adquirir de novo,
Atira para longe esperanças, medos e desejos.
Esta é a profundidade da mente de todos os Kagyüs.

Na união da base e do fruto do mahāmudrā, não se olha para trás para o próprio esforço e experiências como sendo particularmente significativos; em vez disso, olha-se com apreço e gratidão sinceros para o próprio guru e para os antepassados da linhagem. Isto não é mera humildade, mas é o resultado profundo e natural da prática. Cada fase do caminho não teria sido possível se este ensinamento não tivesse sido praticado, assimilado e transmitido através de muitas gerações até ao guru atual. Através das bênçãos desta linhagem, que amadurecem e libertam completamente alguém no caminho, e da generosidade avassaladora do seu guru, herda-se o direito de nascimento natural: a mente desperta. Assim, no mahāmudrā, a devoção e a realização são dois lados da mesma iluminação.

MARPA ENCONTRA NIGUMA, PRATICA, REGRESSA AO TIBETE E COMEÇA A ENSINAR

Após atingir a sua primeira realização de mahāmudrā sob Maitrīpa, Marpa regressou a Nāropa. Desta vez, Nāropa enviou Marpa para receber ensinamentos de Niguma, a Ḍākinī de Sabedoria (Jñāna) Adornada com Ornamentos de Osso. Ela foi esposa de Nāropa antes de este renunciar à vida mundana para entrar no dharma, e mais tarde tornou-se sua aluna e consorte. Finalmente, tornou-se ela própria uma grande mestra e a sua linhagem de ensinamentos foi levada para o Tibete (embora

não por Marpa) e continua até aos dias de hoje. Infelizmente, a nossa história aqui não nos diz muito sobre o encontro deles.

Quando Marpa regressou a Nāropa, solicitou mais ensinamentos e depois praticou intensivamente até que a experiência e a realização surgiram nele. Agora, após doze anos de vida e estudo na Índia, Marpa quase tinha esgotado as suas provisões. Decidiu, por isso, regressar ao Tibete para reunir mais ouro, para que pudesse rever mais aprofundadamente a sua compreensão dos ensinamentos com os seus gurus, bem como obter novos ensinamentos. Com a sua sede de dharma ainda não saciada, iniciou a caminhada de volta ao Tibete.

Foi no seu regresso ao Tibete que a assimilação dos ensinamentos por parte de Marpa foi testada. Invejoso da aprendizagem de Marpa, Nyö fez com que todos os livros de Marpa fossem atirados ao Ganges, como que por acidente. Marpa não foi enganado por este estratagema, mas sentiu-se de coração partido. Agora que os seus preciosos livros tinham desaparecido, restaria algo de todos os seus esforços e estudo? Esta perda dos seus livros funcionou como um catalisador para que a certeza interior de Marpa florescesse plenamente. Ele viu que a sua mente e o dharma se tinham misturado. Percebendo a futilidade de se agarrar às coisas como reais, Marpa cantou uma canção espontânea de instrução compassiva a Nyö, cujo egocentrismo o tinha levado a cometer este ato prejudicial. A traição de Nyö apenas serviu para dar origem a uma "visão boa, não pervertida" em Marpa. Isto foi um sinal para Marpa de que os obstáculos podiam sempre ser trazidos para o caminho e elevar a realização.

Na estrada no Nepal, Marpa recebeu mais ensinamentos de Saraha num sonho, o que aprofundou profundamente a sua experiência de mahāmudrā. Embora os sonhos surjam geralmente de padrões habituais, por vezes surgem espontaneamente de um estado de mente claro e podem transmitir ensinamentos ou mensagens proféticas. Saraha era mais um dos oitenta e quatro mahāsiddhas. A sua ocupação era a de fabricante de flechas. Ele era particularmente conhecido pelos três ciclos de dohās que cantou a um rei, à sua rainha e ao seu povo.[20] Como mencionado anteriormente, foi um mestre na linhagem de mahāmudrā (bem como dos dohās) que Marpa recebeu de Maitrīpa.

Houve muitas outras ocasiões na vida de Marpa em que os sonhos desempenharam um papel fundamental. Teve sonhos significativos do seu guru Maitrīpa, da vinda do seu discípulo Milarepa e da morte do seu filho Tarma Dode. Milarepa também teve sonhos proféticos, sendo o mais importante o que previa o futuro da linhagem Kagyü.

Depois de ter chegado de volta à sua casa em Lhotrak, Marpa partiu para ensinar e reunir ouro para a sua próxima viagem à Índia. Ao fazê-lo, conheceu os seus primeiros discípulos — Ngoktön, Marpa Golek, Tsurtön Wang-nge e Bawacen — e começou a tornar-se famoso como mestre. Depois, durante algum tempo, estabeleceu-se em Lhotrak, casou-se com Dagmema e começou a criar a sua família.

A SEGUNDA VIAGEM DE MARPA À ÍNDIA

A biografia diz relativamente pouco sobre a segunda viagem de Marpa à Índia, uma vez que, basicamente, seguiu o mesmo padrão da primeira. Ele revisitou todos os seus gurus para rever os ensinamentos que tinha recebido anteriormente e para receber novos ensinamentos. Concluindo esta tarefa em seis anos, Marpa preparou-se para regressar mais uma vez ao Tibete. Neste ponto, Nāropa plantou uma semente na mente de Marpa ao cantar uma canção críptica em linguagem de código simbólico e ao prometer dar a Marpa alguns ensinamentos especiais quando este regressasse de novo. Marpa prometeu regressar e depois partiu para o Tibete.

O Domar de Milarepa

No Tibete, Marpa estabeleceu-se na sua vida como mestre, agricultor, homem de negócios, marido e pai. Foi durante este tempo que ele submeteu o seu principal discípulo, Milarepa, à árdua provação de construir torres, a fim de o purificar das suas más ações anteriores e torná-lo um recetáculo digno para os ensinamentos. Como esta biografia de Marpa foi escrita pelo mesmo autor que escreveu a biografia de Mila, a história do treino de Mila sob Marpa é aqui muito abreviada, sendo relatada integralmente na biografia de Mila.

Tendo finalmente aceite Mila como discípulo, dado-lhe ensinamentos e enviado-o para retiro, Marpa preparou-se para fazer a sua viagem final à Índia, como prometera a Nāropa. Subitamente, numa visão, ele foi capaz de decifrar o código da canção de Nāropa e foi recordado dos ensinamentos especiais que Nāropa lhe deveria dar. No retiro, Mila teve um sonho que confirmou a visão de Marpa e que instou Marpa a partir de imediato. Apesar dos esforços persistentes da sua mulher e dos seus alunos para o impedir, Marpa, por volta dos cinquenta anos de idade e tão teimoso como sempre, partiu sozinho para a Índia.

A TERCEIRA VIAGEM DE MARPA À ÍNDIA

Marpa chegou à Índia apenas para descobrir que o seu mestre Nāropa tinha "entrado na ação" (T: spyod-pa la gshegs-pa). Entrar na ação é um estágio avançado

da prática vajrayāna. Significa que Nāropa deixou para trás qualquer morada fixa ou ponto de referência e partiu livremente para encontrar o mundo diretamente. Como tal, ele estava virtualmente inacessível ao mundo convencional. As pessoas viam vestígios ou vislumbres dele aqui e ali, mas ninguém era capaz de se aproximar e estudar com ele. Ele tornou-se um enigma vajra, inapreensível, além de qualquer definição.

Neste ponto, já tarde na sua vida, Marpa teve pela primeira vez de lutar para restabelecer a sua relação com o seu guru. Todos os pontos de referência e conquistas anteriores foram esquecidos. Embora tenha recebido muitas confirmações proféticas dos seus outros mestres de que encontraria Nāropa, tudo o que tinha para o sustentar era o seu desejo avassalador e inabalável de ver Nāropa. Em cada um dos oito meses que Marpa passou numa busca exaustiva, foi confrontado por uma visão.

Estas visões apontavam para a sua confusão, dúvidas, apego e fixação dualista — em suma, tudo o que o impedia de realmente encontrar Nāropa. Assim, ao procurar Nāropa, Marpa trabalhou os seus próprios obscurecimentos, que o impediam de ver o seu guru e o mundo claramente.[21] Além disso, ele estava a ser testado e temperado por Nāropa a fim de receber os ensinamentos especiais que lhe tinham sido prometidos.

Quando finalmente se encontrou com Nāropa, Marpa ofereceu todo o seu precioso ouro, mas Nāropa simplesmente atirou-o para a floresta. Marpa ficou chocado, pois tinha trabalhado arduamente para reunir aquele ouro e oferecê-lo aos seus mestres tinha sido sempre o gesto apropriado. No entanto, Nāropa mostrou-lhe a completa sagralidade e riqueza do mundo fenomenal, que vai além da dualidade entre o ouro precioso e o metal vil. Ele tocou a terra, que se tornou ouro, e proclamou: "Todo o mundo é ouro para mim". Esta foi uma transmissão imediata e incondicional do mundo sagrado. Como celebração adicional desta sagralidade, prepararam uma oferenda de banquete.

Embora Marpa tivesse tido sucesso em encontrar Nāropa, havia ainda outros obstáculos para ele superar antes de receber os ensinamentos especiais de Nāropa e antes de regressar ao Tibete. Ao regressar a Phullahari, Marpa foi confrontado por forças que obstruíam a sua obtenção destes ensinamentos especiais da linhagem de audição. Estas forças só foram vencidas por Nāropa suplicando ao seu próprio guru, Tilopa, em nome de Marpa.

Agora abençoado e protegido pela linhagem, Marpa recebeu os abhiṣekas e as instruções orais de Cakrasaṃvara da linhagem de audição da ḍākinī.[22] Estes ensinamentos eram a essência mais íntima, enquanto os ensinamentos que recebera antes eram apenas a casca exterior. Nāropa deu então uma profecia-comando a Marpa para dar estes ensinamentos apenas a Milarepa, que seria assim o futuro detentor da linhagem.

Como Marpa deveria ser o atual detentor da linhagem no Tibete, Nāropa testou mais tarde a realização de Marpa. Ele criou a maṇḍala de Hevajra, o yidam pessoal de Marpa, no céu e perguntou então a Marpa se ele se prostraria perante o yidam ou perante o seu guru. Marpa, deslumbrado pela exibição miraculosa da maṇḍala do yidam, esqueceu que era a sua ligação pessoal com o seu guru humano que era o mais importante e que poderia criar tal situação em primeiro lugar. Ele curvou-se perante o yidam. Este obscurecimento temporário da realização de Marpa predisse a impossibilidade de a sua linhagem de dharma continuar através do filho do seu próprio sangue e carne.

Devido ao poder deste incidente e dos ensinamentos que recebera, Marpa foi assolado pela doença, enquanto os seus obscurecimentos cármicos eram expelidos e limpos. Nāropa explicou a Marpa que esta doença era, na verdade, uma bênção adicional do seu guru e da linhagem, uma vez que era a forma de exaurir qualquer sofrimento futuro que Marpa experimentaria devido aos seus obscurecimentos cármicos. Assim, tendo enfrentado e superado todos estes obstáculos pessoais, bem como tendo recebido estes ensinamentos especiais, Marpa considerou a sua última viagem à Índia a mais profunda e desafiante, a mais dolorosa e jubilosa, e a mais reveladora e libertadora. O treino de Marpa estava concluído e, tristemente, ele deixou o seu amado guru para regressar ao Tibete.

Finalmente, após vinte e um anos de estudo na Índia, Marpa tinha recebido a transmissão completa dos ensinamentos de Nāropa. Ele e os outros tibetanos que tinham viajado para a Índia em busca do dharma foram muito persistentes e minuciosos nos seus esforços. Em poucos séculos, foram capazes de trazer o vasto corpus de ensinamentos budistas de volta para o Tibete, traduzi-los e assimilar o seu significado. Chegaram mesmo a tempo. No século XII, os muçulmanos invadiram repetidamente a Índia e, nas suas pilhagens, devastaram os centros monásticos, matando os seus monges e queimando as suas bibliotecas. Súbita e totalmente, o Budismo desapareceu da terra do seu nascimento.

O DESTINO DA FAMÍLIA E DA LINHAGEM DE DHARMA DE MARPA NO TIBETE

O resto da história de Marpa diz respeito ao fruto da sua prática de dharma e da sua linhagem de dharma, e ao fracasso da sua linhagem familiar em dar fruto. Primeiro, a biografia conta como Marpa alcançou confiança através do seu domínio da transferência de consciência, que foi um dos ensinamentos especiais que Nāropa lhe dera durante a sua última visita. Esta prática envolvia ejetar a consciência do próprio corpo e transferi-la temporariamente para um cadáver, reanimando-o assim. Marpa exibiu o seu domínio desta prática em três ocasiões, para espanto dos seus alunos, parentes e vizinhos.

Assim sendo, ele tornou-se famoso como um siddha, um mestre realizado dos ensinamentos e do mundo fenomenal. Marpa passou este ensinamento ao seu filho,

Tarma Dode, na esperança de que o seu filho fosse o detentor da sua linhagem de dharma. No entanto, como mencionado acima, de acordo com uma profecia dada por Nāropa, Tarma Dode teve uma morte acidental no auge da sua juventude. A história da morte de Tarma Dode é contada extensamente e é uma das partes mais comoventes da biografia de Marpa. Para Marpa, para a sua esposa Dagmema e para os seus discípulos, este trágico evento tornou-se uma confirmação fundamental da natureza da morte e da impermanência e da impossibilidade de se agarrar a qualquer coisa como ultimamente real.

A última parte da história conta como Marpa deu a transmissão final, presentes e conselhos aos seus quatro principais discípulos-filhos. De acordo com a profecia-comando de Nāropa e com o próprio sonho profético de Mila, Milarepa foi reconhecido como o principal detentor da linhagem dos ensinamentos Kagyü, e por isso Marpa deu as instruções orais mais especiais de todas apenas a ele. Depois de Mila partir para visitar a sua terra natal e depois para praticar nas solidões das montanhas, Marpa passou os seus anos finais numa exibição sem esforço do seu domínio sobre os fenómenos.

Apesar de toda a sua realização e domínio, diz-se que Marpa viveu de uma "maneira oculta". É verdade que, em muitos aspetos, ele era muito comum. Tradicionalmente, tem sido descrito como alto e corpulento, com o rosto queimado pelo sol, cabelo curto, bigode e uma barba rala. Ele era um pai de família, agricultor, marido e pai. Comia boa comida, bebia muita cerveja de cevada e perdia a paciência com a sua mulher e filhos. A sua abordagem a tudo era inteiramente profissional, prática e terra-a-terra.

Em casa, em Lhotrak, Marpa aparentemente não tinha muito tempo para praticar meditação. Certamente, não passava a maior parte do seu tempo em retiro intensivo, como faziam Milarepa e os discípulos posteriores. Além disso, ele nem sequer era exteriormente reconhecível como uma pessoa espiritual, uma vez que não usava as vestes de um monge ou de um iogui. Até os seus vizinhos e parentes tinham dúvidas, por vezes, sobre ele ser um mestre espiritual.

No entanto, através da sua capacidade de unificar completamente a sua prática e realização de mahāmudrā com a sua vida comum, a visão e a atividade de Marpa eram vastas e precisas, além do que se esperaria de um agricultor ou homem de negócios comum. Marpa não tentou tornar-se um tipo de pessoa especial ou diferente, mas simplesmente usou a sua condição comum como o caminho e, como tal, ela tornou-se a expressão da base e do fruto da sua realização de mahāmudrā.

Ao estabelecer a linhagem Kagyü no Tibete e ao providenciar o seu futuro, Marpa trabalhou arduamente. Viajou por todo o Tibete, ensinando e reunindo ouro para oferecer aos seus gurus indianos. Viajou à Índia três vezes, reunindo o sagrado dharma e servindo o seu guru raiz, Nāropa, durante mais de dezasseis anos. Não só traduziu os textos que recebeu, como praticou e realizou o seu significado. Depois,

treinou e ensinou os seus próprios discípulos. Assim, através do seu estudo na Índia e do seu ensino no Tibete, Marpa foi capaz de receber e realizar intuitivamente o coração dos ensinamentos, atualizar este coração na sua vida quotidiana e transmitir esta essência-coração para as mentes dos seus discípulos. É assim que a linhagem Kagyü tem continuado ininterrupta e inabalável até ao dia de hoje.

NOTAS

The Life of Milarepa, traduzido por Lobsang P. Lhalungpa (Boulder: Prajñā Press, 1982); The Hundred Thousand Songs of Milarepa, traduzido e anotado por Garma C. C. Chang (Boulder: Shambhala, 1977).

The Life and Teaching of Nāropa, traduzido do original tibetano com comentário filosófico baseado na transmissão oral por Herbert V. Guenther (Londres: Oxford University Press, 1963).

O nosso esboço da vida de Tsang Nyön baseia-se em The Life of the Saint of Gtsaṅ por Rgod-tshaṅ-ras-pa Sna-tshogs-raṅ-grol; editado por Lokesh Chandra, com um prefácio de E. Gene Smith; Sata-piṭaka Series, Indo-Asian Literatures, Vol. 79 (Nova Deli: 1969). O prefácio de Gene Smith é especialmente útil e informativo e tem três apêndices detalhados: um sobre as edições da biografia de Milarepa (rnam-thar) e a sua coleção de canções (mgur-'bum), um sobre as obras biográficas de Tsang Nyön e da sua escola, e um listando os conteúdos de duas coleções de biografias Kagyü.

Esta data baseia-se na biografia de Milarepa, que foi escrita no ano Phurba (Macaco Macho de Terra). A coleção de canções de Mila (mgur-'bum) não tem data, mas foi evidentemente terminada por volta da mesma altura, uma vez que tanto a biografia como as canções foram impressas pela primeira vez juntas como um único volume.

Ver R. A. Stein, Tibetan Civilization (Stanford: Stanford University Press, 1972), pp. 146-7.

Esta citação é do colofão de Tsang Nyön a esta obra (ver p. 204).

A vida e os ensinamentos de Thangtong Gyalpo são descritos numa tese de mestrado não publicada de Cyrus Stearns, "The Life and Teachings of the Tibetan Saint Thang-stong rgyal-po, 'King of the Empty Plain'" (University of Washington, 1980).

A melhor obra sobre Drukpa Künlek é Vie et Chants de 'Brug-pa Kun-legs Le Yogin por R. A. Stein (Paris: G.-P. Maisonneuve et Larose, 1972).

Quanto a Ü Nyön, Gene Smith no seu prefácio à biografia de Tsang Nyön (p. 3, n. 5) menciona que existe uma biografia de Ü Nyön por Bshes-gnyen rnam-rgyal de cerca de oitenta fólios. Tanto quanto sabemos, esta ainda não foi traduzida ou estudada.

Num encontro com Phadampa Sanggye, um famoso iogui indiano, Milarepa cantou uma canção deliciosa e humorística sobre a loucura de si mesmo, dos antepassados da sua linhagem e da realização deles. Ver The Hundred Thousand Songs of Milarepa, vol. 2, pp. 610-613.

Dois dos maiores historiadores tibetanos são Butön (1290-1364) e Gö Lotsāwa Shönnu Pal (1392-1481). A História do Budismo (chos-'byung) de Butön foi traduzida para Inglês pelo Dr. E. Obermiller (Heidelberg: O. Harrassowitz, 1931-2). Os Anais Azuis (The Blue Annals) de Gö Lotsāwa foram traduzidos para Inglês por George N. Roerich (Deli: Motilal Banarsidass, 1976).

Existem dois relatos principais das histórias dos oitenta e quatro mahāsiddhas. O primeiro foi escrito no final do século XI ou início do século XII pelo indiano Abhayadatta. Foi subsequentemente traduzido para tibetano pelo monge Smongrub Shes-rab e incluído no Tenjur do cânone budista tibetano. Presentemente, foi traduzido para Inglês por James B. Robinson e publicado sob o título Buddha's Lions (Berkeley: Dharma Press, 1979). O outro relato vem do grande historiador e académico Tāranātha (1575-?). Ele agrupa as suas histórias dos siddhas de acordo com a linhagem de ensinamentos a que pertencem. Assim, a sua obra chama-se As Sete Transmissões Especiais (Bka'-babs bdun-ldan). Utilizámos uma tradução em curso desta obra pelo Comité de Tradução Nālandā (da edição tibetana Five Historical Works of Tāranātha [Arunachal Pradesh, Índia: Tibetan Nyingma Monastery, pp. 361-499]). Outras obras relacionadas em Inglês são Tibetan Painted Scrolls de G. Tucci (Roma: La Libreria dello Stato, 1949) e The Eighty-five Siddhas de T. Schmid (Estocolmo: Statens Etnografiska Museum, 1958).

As histórias da vida de Tilopa, bem como dos outros mahāsiddhas, são todas bastante curtas tanto nas obras de Abhayadatta como nas de Tāranātha (ver nota acima). Portanto, para os detalhes da vida de Tilopa, baseámo-nos fortemente na nossa futura tradução do relato de Padma Karpo na sua história do buddhadharma na Índia e Tibete, Chos-'byung bstan-pa'i padma rgyas-pa'i nyin-byed (vol. 2, Ka das Obras Completas [gsun-'bum] de Kun-Mkhyen Padma-dkarpo, pp. 226:3-250:5) (Darjeeling: Kargyud Sungrab Nyamso Khang, 1973). Outra biografia semelhante e ainda mais longa, também em curso, foi escrita por Wangchuk Gyaltsen, um dos discípulos de Tsang Nyön, em 1523 em Dzari Samten Ling. Está contida num Bka'-brgyud gser-'phreng do mosteiro de Gemur em Kinnaur (Deli: 1975).

Existem vários relatos diferentes das quatro transmissões especiais de Tilopa. Todos concordam que Tilopa recebeu quatro conjuntos de práticas iogues

de vários gurus, que transmitiu ao seu principal discípulo, Nāropa. As quatro transmissões especiais tornaram-se a fonte primária para os seis iogas de Nāropa (T: Nā-ro chos drug). Frequentemente, diz-se que as quatro transmissões especiais compreendem os iogas do corpo ilusório, sonho, luminosidade e caṇḍālī. Uma das descrições mais extensas das quatro transmissões especiais é dada por Wangchuk Gyaltsen na sua biografia de Tilopa (ver nota anterior). Ele delineia dois conjuntos de quatro transmissões especiais, uma comum e outra extraordinária. As quatro transmissões especiais comuns (T: thun-mongs kyi bka'-babs bzhi), juntamente com as suas respetivas linhagens de mestres são: (1) mahāmudrā (Senhor dos Segredos [Vajrapāṇi], Saraha, Lohipa [Lūyipa], Dārika, Dingkapa [Ṭeṅgipa]), (2) tantra pai (bodhisattva Ratnamati, Nāgārjuna, Mātaṅgī), (3) tantra mãe (Sumati, Shinglopa, Thanglopa, Karnaripa), e (4) luminosidade (Birvapa [Virūpa], Ḍombīpa, Bhinasa, Lavapa, Indrabodhi [Indrabhūti]). Assim, os gurus de Tilopa para estes ensinamentos foram Dingkapa, Mātaṅgī, Karnaripa e Indrabodhi. As quatro transmissões especiais extraordinárias (T: thun-mongs ma yin-pa'i bka'-babs bzhi) estão ligadas ao facto de Tilopa receber as práticas dos seis iogas. São: (1) iogas de caṇḍālī e do sonho, de Kṛṣṇācārya, (2) ioga do corpo ilusório e tantra pai, de Nāgārjuna, (3) ioga da luminosidade e tantra não-dual, de Lavapa, e (4) iogas de ejeção e bardo e tantra mãe, de Sumati Samantabhadrī. Outras fontes de informação sobre as quatro transmissões especiais incluem a biografia de Tilopa por Padma Karpo (ver nota anterior) e o seu Jo-bo nā-ro-pa'i khyad-chos bsre-'pho'i khrid rdo-rje'i theg-par bgrod-pa'i shing-rta (fol. 2a sqq., conforme referido em The Life and Teaching of Nāropa por Herbert V. Guenther, p. 37, n. 1), bem como a própria obra de Tilopa, o Ṣaḍdharmopadeśa (Bstan-'gyur, Peking Tripiṭaka No. 4630 e Gdams-ngag mdzod, vol. 5, pp. 106-7). Quanto aos ensinamentos da linhagem de audição da ḍākinī que Tilopa também recebeu, ver notas nas pp. 90 e 176.

As nossas fontes para a história da vida de Nāropa têm sido principalmente The Life and Teaching of Nāropa. De acordo com este texto (p. 20), os quatro guardiões académicos eram: Este—Prajñākara, Sul—Kṛṣṇācārya, Oeste—Ratnākaraśānti, e Norte—Nāropa. Além disso, diz-se que estes guardiões residiam em Nālandā. Tāranātha na sua História do Budismo na Índia traduzida pelo Lama Chimpa e Alaka Chattopadhyaya (Simla: Indian Institute of Advanced Study, 1970) menciona seis guardiões em Vikramaśīla (pp. 295-303): Este—Ratnākarasānti, Sul—Prajñākaramati, Oeste—Vāgīśvaraklrti, Norte—Nāropa, bem como Ratnavajra que habita num grande pilar central e Jñānaśrīmitra que habita num segundo grande pilar central. Os Anais Azuis também mencionam estes seis guardiões, embora invertendo os guardiões do Sul e do Oeste (p. 206). Assim, embora as listas variem um pouco, todas concordam em colocar Nāropa na porta norte. Se estes guardiões estavam em Nālandā e/ou no mosteiro de Vikramaśīla ainda não é claro. Tāranātha no seu Bka'-babs bdun-ldan (p. 424:1) escreve que Nāropa era o guardião do norte tanto em Nālandā como em Vikramaśīla. Em Buddhist Monks and Monasteries in India, (p. 360) S. Dutt também menciona a possibilidade deste tipo de arranjo.

Retirámos esta história de Kukkurīpā de Buddha's Lions, as biografias dos oitenta e quatro siddhas por Abhayadatta (pp. 128-30). A história de Kukkurīpā por Tāranātha é basicamente semelhante e encontra-se na p. 451:1-6.

A nossa fonte para esta história de Maitrīpa é o Bka'-babs bdun-ldan de Taranātha (pp. 374:4-377:3). Maitrīpa não parece estar incluído entre os oitenta e quatro siddhas de Abhayadatta. No livro de T. Schmid The Eighty-Five Siddhas, Maitrīpa é equiparado ao sexagésimo segundo siddha, Avadhūtipa, que é outro nome comum para ele.

Esta canção encontra-se nas pp. 29-30. O comentário que se segue deriva em parte dos ensinamentos do Vajrācārya Chögyam Trungpa, Rinpoche.

"A Canção Inata Autossurgida ao Adquirir um Mero Vislumbre de Certeza na Visão e Meditação do Incomparável Takpo Kagyü" por Jamgön Kongtrül Lodrö Thaye está traduzida para Inglês pelo Comité de Tradução Nālandā em The Rain of Wisdom (Boulder & Londres: Shambhala, 1980), pp. 81-90. Esta secção da canção encontra-se na p. 90.

A biografia de Saraha encontra-se tanto na coleção de Abhayadatta, Buddha's Lions, pp. 41-43, como no Bka'-babs bdun-ldan de Tāranātha, pp. 362:5-365:1. Os seus "Dohās do Rei" foram traduzidos e extensamente anotados por H. V. Guenther em The Royal Song of Saraha. Os "Dohās da Rainha" permanecem até agora sem tradução, mas os "Dohās do Povo" foram traduzidos por D. L. Snellgrove em Buddhist Texts Throughout the Ages, pp. 224-239.

Depois de descrever as oito visões de Marpa, a biografia afirma que "Até este ponto, as experiências de Marpa ocorreram sob a forma destas visões" (p. 85). Literalmente, o tibetano diz que foram "experiências da mente" (T: thugs-nyams). Nāropa também experimentou um processo semelhante quando partiu pela primeira vez em busca de Tilopa. Nāropa experimentou doze visões, tais como encontrar uma mulher leprosa, um cão morto e em decomposição, um homem a cortar um cadáver, e assim por diante. Quando finalmente Nāropa encontrou Tilopa pessoalmente, Tilopa disse-lhe: "Desde que me encontraste sob a forma da mulher leprosa, nunca estivemos separados, mas fomos como um corpo e a sua sombra. As várias visões que tiveste foram as máculas das tuas más ações e, por isso, não me reconheceste" (The life and Teaching of Nāropa, p. 37).

Ver nota na p. 90.

A VIDA DE MARPA O TRADUTOR

Prólogo

NAMO GURU-DEVA-ḌĀKINĪ

As disciplinas, votos e aspirações das tuas vidas anteriores foram cumpridos no tempo próprio.

Através do desapego ao corpo e à vida, entraste no barco das boas intenções para o bem-estar de todos os seres.

Equipado com a vela das riquezas Āryan e das circunstâncias corretas, soprado pelo vento favorável do esforço, navegaste para as águas mais profundas da Terra Nobre, para Phullahari e outros lugares.

De Nāropa, rei dos nāgas, que resplandece com glória, e de outros supremos instruídos e realizados, recebeste a joia do santo dharma, que faz chover tudo o que é necessário ou desejado. Agora, e no tempo que virá, removes toda a pobreza do povo do Tibete e de Jambudvīpa, estabelecendo-os na virtude incondicionada. Respeitosamente, prostro-me aos teus pés, Marpa, o benéfico e virtuoso mestre do navio.

O teu corpo vajra desprezou completamente o cansaço.
Agradaste aos instruídos e realizados da Índia e detiveste a regência.
Nesta terra de cordilheiras nevadas, plantaste o estandarte da vitória do ensinamento de Śākyamuni:
Ao teu corpo, Marpa o Tradutor, rendo louvor e prostro-me.

O amṛta da fala de todos os vitoriosos,
As suas palavras e significado bebeste completamente, realizando a fruição.
O teu rugido de leão conquistou visões pervertidas e veículos inferiores:
À tua fala, Marpa o Tradutor, rendo louvor e prostro-me.

Conhecias a natureza e a extensão de tudo o que é cognoscível.
Cuidaste benevolentemente de todos os seres sencientes com mais carinho do que de ti mesmo.
Com a luz da sabedoria e da compaixão, limpaste a escuridão nas mentes de muitos seres:
À tua mente, Marpa o Tradutor, rendo louvor e prostro-me.

O teu corpo prospera com bem-aventurança incondicionada, beneficiando outros.
A tua fala gira a roda do dharma, a experiência do grande yāna.
A tua mente é o senhor das cinco sabedorias, completando os dois benefícios.
Grande ser, Jetsün Marpa o Tradutor:
Ao teu corpo, fala e mente, rendo respeitosamente louvor e prostro-me.
Ao filho principal dos vitoriosos, Chökyi Lodrö,
Com fé irresistível, prostro-me respeitosamente.

Dia e noite, continuamente, através das três portas e dos dois estágios,
Esforço-me na prática de beneficiar os outros.
Dominado pelos kleśas desde o tempo sem início,
Confesso com grande remorso e arrependimento as ações degradantes das minhas três portas.
Tu, o santo, submeteste-te a dificuldades e ascetismo por amor ao dharma.
Regozijo-me de todo o coração nas tuas ações supremas.
A fim de amadurecer e libertar-me a mim e a todos os seres,
Por favor, gira a roda do dharma para quem quer que possa ser domado.
Até que todos os seres sencientes sejam libertados do sofrimento,
Peço-te, protetor de refúgio, que permaneças, não passando para o nirvāṇa.
Dedico a virtude para que todos os seres possam alcançar a iluminação.
Que os desejos dos vitoriosos e dos seus filhos sejam completamente realizados.
Ó grande ser, Marpa o Tradutor,
Da tua vida de realização, vasta como o céu,
Registarei um breve resumo dos teus feitos maravilhosos
A fim de beneficiar os seres.
Gurus, yidams e ḍākinīs, solicito a vossa permissão.
Tendo gentilmente dado a vossa permissão,
Por favor, concedam as vossas bênçãos.

A fim de domar todos os seres ignorantes, os supremos vitoriosos conferenciaram e enviaram o seu filho do coração, o bodhisattva mahāsattva Samantabhadra. Nascendo na Índia, foi conhecido como Ḍombī Heruka, e realizou o bem-estar de muitos seres sencientes. Depois disso, foi enviado para nascer novamente a fim de domar seres na Terra da Neve. Surgindo para a glória de todos os seres na terra nevada do Tibete, ele foi o ser excelente que fez os ensinamentos do Buda brilharem como o sol.

CAPÍTULO I

Marpa nasce e mais tarde encontra o santo dharma.

O GRANDE ser Marpa Lotsāwa nasceu no lugar de Pesar, no vale de Trowo, no distrito de Lhotrak Chukhyer. O seu pai era Marpa Wangchuk Öser. A sua mãe era Lady Gyamo Sa Dode. Eles tinham tanto campos como quintas leiteiras nas terras altas e eram muito ricos. A sua mãe e o seu pai tiveram três filhos, dos quais Jetsün Marpa era o filho mais novo. Mesmo desde o tempo em que era muito jovem, Marpa era muito temperamental e teimoso.

O seu pai disse: “Se o meu filho não seguir o caminho errado, terá muito sucesso, quer siga o dharma quer uma vida mundana, e surgirá um grande benefício para si próprio e para os outros. Se seguir o caminho errado, trará o desastre sobre si

próprio e sobre todos os outros. Considerando os potenciais benefícios e riscos, seria bom confiá-lo ao dharma desde o início."

No início, Marpa chamava-se Tarma Wangchuk. Quando tinha doze anos, Marpa foi enviado a um mestre local,[1] que lhe deu o nome de Chökyi Lodrö, e ele entrou no dharma. Estudou então leitura e escrita e, através da grande agudeza da sua mente, dominou-as completamente. Mas como era agressivo e gostava muito de lutar, a sua família disse: "Ele poderia causar um grande dano, matando-se a si próprio ou a nós, ou poderia causar um dano menor, como danificar a nossa riqueza, campos e casa."

Como todos, dentro e fora de casa, diziam coisas más e caluniosas sobre Marpa, o seu pai decidiu que seria melhor se ele fosse estudar com um bom guru, longe dali. Escutando o seu pai, Marpa decidiu tornar-se um estudante e pediu provisões aos seus pais. Eles responderam: "Usa estas como provisões para estudar o dharma por algum tempo." E assim Marpa levou consigo duas cargas de iaque de papel, suficiente para uma Prajñāpāramitā de dezasseis volumes, um sang de ouro, uma concha de prata, um bom cavalo, uma sela de madeira de teca e um rolo de brocado de seda pesado.

Como o guru Drogmi Lotsāwa tinha acabado de regressar da Índia e se tornara muito famoso, Marpa foi para o mosteiro do vale de Nyugu, na região de Mangkhar. Quando encontrou Drogmi, Marpa ofereceu-lhe as duas cargas de iaque de papel e disse-lhe que queria estudar o dharma. Solicitou abhiṣeka e instruções orais, mas Drogmi não lhas deu. Então Marpa estudou Sânscrito literário e as línguas coloquiais da Índia durante três anos, e tornou-se completamente fluente nelas.

CAPÍTULO II

Marpa viaja à Índia três vezes e passa por dificuldades por amor ao dharma. Recebendo o santo dharma de paṇḍitas e gurus siddha, traz o mesmo para o Tibete.

A PRIMEIRA VIAGEM DE MARPA À ÍNDIA

Marpa pensa em ir à Índia e reúne os requisitos para a sua viagem. No caminho, encontra um companheiro e viajam para a Índia.

TENDO estudado com o guru Drogmi, Marpa estava completamente familiarizado com as línguas coloquiais da Índia. No entanto, não tinha ligação cármica para permanecer com o guru Drogmi por um longo período de tempo, e tinha chegado o momento de despertar a sua boa ligação cármica com o Mahāpaṇḍita Nāropa e outros gurus indianos. Portanto, Jetsünma Vajrayoginī inspirou-o para que fosse ao encontro de Nāropa.

Assim, Marpa pensou: “Mesmo que ficasse muito tempo com este guru para completar os quatro abhiṣekas de Nairātmyā, teria de dar quinze dris. Para receber a bênção-permissão da devī Ekajaṭī, teria certamente de dar pelo menos um iaque ou dri. Sem oferendas, é impossível preencher a mente completamente com o dharma. Mesmo que eu tivesse tais oferendas e recebesse completamente o dharma desta forma, não poderia dizer que recebi os ensinamentos de um grande paṇḍita. Em particular, pedi repetidamente para pedir emprestado o Ḍākinī-vajrapañjaratantra para o consultar brevemente, mas Drogmi não mo dava. Devo dar a este guru tantas oferendas quantas o agradem, e trocar o resto das minhas provisões por ouro. Depois, devo levar a minha parte da herança dos meus pais e ir para a Índia estudar o dharma.”

Marpa deu a riqueza que tinha ao guru Drogmi, para que este não ficasse descontente. Tudo o que restou foram o cavalo e a sela de teca. Pegou nestes e foi obter ouro a norte de Latö, na direção de Taktse. Lá, trocou tanto o cavalo como a sela por ouro.

No mosteiro de Shira, um estudante tinha convidado o príncipe de Lokya, de Kyerphu em Tsang, para vir ler os sūtras. O estudante fez ali boas oferendas ao príncipe de Lokya. Enquanto o príncipe de Lokya regressava a Kyerphu, encontrou Marpa e Marpa perguntou se podia acompanhá-lo. O príncipe de Lokya concedeu a Marpa total hospitalidade. Deu-lhe provisões e presentes e, por vezes, deixou Marpa descansar montando a sua mula. Quando chegaram a Kyerphu, Marpa percebeu que este mestre virtuoso era uma pessoa que mantinha os seus compromissos espirituais.

Marpa disse: “Agora vou para sul, para o Nepal, para aprender tradução. Foi bondoso para comigo durante esta visita. Se não houver obstáculos à minha vida, por favor lembre-se de mim com bondade e receba-me quando eu regressar no futuro.”

O príncipe de Lokya disse: “Sou velho e não sei se o verei no futuro. Farei com que os meus filhos o recebam. Em qualquer caso, deve regressar aqui.” Deu-lhe um sang de ouro e uma peça de pano de lã branca como presente de despedida.

Quando Marpa chegou a Lhotrak, disse aos seus pais que ia para a Índia estudar o dharma e que deveria ter a sua parte da herança em riqueza, campos e casas. Os seus pais e familiares disseram todos: “Qual é o objetivo de ir até à Índia para traduzir e estudar o dharma? Se queres praticar o dharma, podes fazê-lo no Tibete. Se não queres praticar, fica e trabalha na quinta.” Eles levantaram muitas objeções deste tipo.

Marpa disse ao seu pai: “Primeiro disse que eu deveria ser enviado para um bom guru, longe daqui. O que poderia ser mais longe do que a Índia? Definitivamente encontrarei lá um bom guru paṇḍita.” Ele não deu ouvidos às suas objeções e levou a sua parte da herança em riqueza, campos e casas. À exceção de

uma casa e de um campo, trocou tudo por ouro. Assim, obteve dezoito sang de ouro para levar consigo. Dois amigos iam juntar-se a ele, mas quando estavam prestes a partir, foram desencorajados pelos seus familiares. Então Marpa partiu sozinho para a Índia.

Enquanto viajava, Marpa desejou ter um companheiro de viagem. Num lugar chamado Tsinesar, no alto Nyang, encontrou o tradutor Nyö de Kharak, que ia para a Índia.

Nyö perguntou: "Donde vens e para onde vais?"

Marpa respondeu: "Venho de Lhotrak e vou para a Índia para estudar o dharma."

"Bem, tens muito ouro?", disse Nyö.

Mentindo, Marpa disse: "Apenas alguns sho."

Nyö disse: "Não podes ir a lado nenhum assim. Se fores para a Índia sem muito ouro, procurar o dharma será como tentar beber água de uma cabaça vazia. Eu tenho muito ouro; por isso sê o meu servo e usaremos o ouro juntos."

Marpa não pediu a Nyö quaisquer ensinamentos, não sabendo como esta relação terminaria. Esperando algum benefício temporário, acompanhou Nyö como seu servo, e juntos viajaram para o Nepal.

Tendo chegado à Índia, Marpa encontra paṇḍitas e gurus siddha e recebe as instruções essenciais do santo dharma do grande yāna.

Marpa e Nyö chegaram então ao Nepal. Um dia, nas montanhas, viram muitas pessoas aglomeradas e perguntaram: "O que está a acontecer?"

Alguém disse: "Os dois discípulos nepaleses do Senhor Nāropa, Chitherpa e Paiṇḍapa, estão aqui. As devotas estão a realizar um gaṇacakra. Se vós, tibetanos, fôsseis lá, também poderíeis conseguir algo para comer e beber."

Ao ouvir apenas o nome do Senhor Nāropa, uma ligação de uma vida anterior foi despertada em Marpa e ele sentiu um anseio imensurável. Pensando que esta situação era a oportunidade perfeita, disse a Nyö: "Temos de ir, de qualquer maneira." Os dois foram ver e participar na oferenda do banquete.

O nepalês Chitherpa estava a dar ensinamentos sobre o Guhyasamāja, e eles escutaram-no. Chitherpa disse a Paiṇḍapa: "Todos estes tibetanos podem não ter recebido abhiṣeka. Poderíamos violar os nossos votos de samaya ao proclamar segredos."

Paiṇḍapa disse: “Eles não compreenderão a nossa fala nepalesa. Os tibetanos são como bois.”

Nyö, que compreendia nepalês, ficou zangado com isto. Parou de ouvir o discurso do dharma, virou as costas e recitou mantras.

No dia seguinte, Marpa disse: “Hoje, vamos outra vez à oferenda do banquete e ouvir o dharma.”

Nyö disse: “Podes ir se quiseres. Eu não irei onde as pessoas dizem que sou como um boi. Estes nepaleses é que são os verdadeiros bois.” Então Nyö ficou, enquanto Marpa foi e ouviu o dharma.

Chitherpa perguntou: “Onde está o teu amigo que veio ontem?”

Marpa respondeu: “Ele compreende nepalês, e o comentário do guru Paiṇḍapa ontem zangou-o. Por isso, hoje não veio.”

Chitherpa disse: “Ele e eu não temos ligação cármica, mas é bom que tenhas vindo.”

Marpa recebeu as instruções orais do Śrī Catuḥpīṭha e a ejeção de consciência, e a bênção-permissão da devī Vetālī. Disse a Paiṇḍapa: “Sabendo apenas um pouco de Sânscrito, gostaria de estudar mais a tradução, mas não tenho muito ouro.” Ele agradou-lhes oferecendo a cada guru um sang de ouro.

Eles disseram: “Como não tens muito ouro, deves ir ao paṇḍita Senhor Nāropa. Ele é o único guru que te ensinará o dharma sem exigir ouro.” Falaram das virtudes e da grandeza do Senhor Nāropa e depois disseram: “Enviar-te-emos ao nosso guru, que é como um segundo Buda. Fica aqui por um pouco para te habituares ao calor.” Deram-lhe muitos conselhos gentis.

Marpa sentiu uma fé imensurável em ambos os gurus. Pensou: “Devo abandonar a esperança e o medo de viver ou morrer, e ir para Nāropa.” Conforme os dois gurus o aconselharam, Marpa ficou três anos em Svayambhūnāth para se habituar ao calor. Durante esse tempo, aprendeu todo o dharma que precisava de saber, unicamente da linhagem de Nāropa.

Quando decorreram três anos, os dois gurus irmãos de dharma deram-lhe uma carta para entregar a Prajñāsiṃha, um dos śrāmaṇeras de Nāropa, que dizia: “Deves explicar o dharma a este tibetano. Certifica-te de o levar ao Senhor Nāropa.” Depois de lhe terem dado mais conselhos, Marpa partiu com um companheiro de viagem dzoki e com Nyö. Viajaram para a Índia, passando por grandes dificuldades.

Quando chegaram ao vihāra da gloriosa Nālandā, Marpa disse a Nyö: “Aqui habita o guru de Chitherpa do Nepal, o douto mahāpaṇḍita conhecido como Nāropa. Gostarias de receber ensinamentos dele ou não?”

Nyö respondeu: “Anteriormente, Nāropa era um paṇḍita douto. Mas mais tarde foi para junto daquele Tilopa, abandonou a sua erudição e está agora a fazer meditação kusulu. Eu não irei ter com alguém como ele. Se continuares como meu assistente, usaremos o meu ouro juntos. Mas se não vieres comigo, não te darei um único grão de ouro. No Este, Oeste, Sul e Norte da Índia, existem muitos paṇḍitas doutos tão famosos como o sol e a lua, e eu vou ao encontro deles.” Como não tinha ligação cármica com Nāropa, Nyö não deu a Marpa nem um grão de ouro, e partiu para ver os gurus que desejava ver.

Marpa procurou e encontrou o śrāmaṇera Prajñāsiṃha. Entregou-lhe a carta dos dois irmãos de dharma no Nepal e contou-lhe toda a história.

O śrāmaṇera disse: “O guru Nāropa foi agora para Labar, na Índia Ocidental, e não está aqui. Regressará muito em breve. Entretanto, fica comigo. Como os irmãos de dharma do Nepal solicitaram, cuidarei das tuas necessidades.”

Marpa planeava ficar ali, mas um discípulo paṇḍita que possuía as perceções superiores veio ter com o śrāmaṇera Prajñāsiṃha e disse: “Muito em breve, hoje ou amanhã, o guru, que chegou a Phullahari, enviar-nos-á uma mensagem aqui.”

Ao amanhecer, um atsara chegou e entregou a mensagem de Nāropa: “Há um budista do Tibete hospedado convosco; deveis trazê-lo a Phullahari.” Dito isto, o mensageiro partiu.

Acompanhando Prajñāsiṃha, Marpa foi para a cidade Campos Adornados com Flores e para o mosteiro da Montanha Dourada de Phullahari. Lá, o śrāmaṇera apresentou-o a Nāropa. Ao encontrar o glorioso Mahāpaṇḍita Nāropa, Marpa ofereceu muitas prostrações completas e depois ofereceu muitas flores feitas de ouro.

O Senhor Nāropa disse:

De acordo com a profecia do guru,
O meu filho, o recetáculo digno Marpa Lodrö,
Da Terra da Neve do norte,
É bem-vindo para assumir a regência.[1]

Assim Nāropa disse e sentiu suprema alegria.

Marpa disse ao Senhor Nāropa: “Eu tinha um amigo com muito ouro. Baseando-se apenas num comentário imprudente do nepalês Paiṇḍapa, ele foi ver outros gurus.”

“Não tenho ligações dhármicas com ele”, respondeu o Senhor Nāropa.

O Senhor Nāropa deu primeiro ao guru Marpa o abhiṣeka de Śrī Hevajra e a segunda secção do Hevajra-tantra, e completou isto com o Vajrapañjara e o Sampuṭa. Marpa estudou-os durante um ano e depois tirou algum tempo e foi a uma cidade, onde encontrou Nyö.

Nyö perguntou: “O que estudaste?”

Marpa respondeu: “Estudei Hevajra.”

Nyö disse: “Hoje deveríamos comparar a nossa compreensão.”

Fizeram-no, e Marpa provou ser mais douto sobre Hevajra.

Nyö disse: “Hevajra já é bem conhecido no Tibete. Existe um tantra pai melhor do que este, chamado o Guhyasamāja. Ele permite que o prāṇa flua através das pontas dos teus dedos e permite-te segurar o buda na palma da tua mão. É disso que precisamos.”

Quando Nyö começou a usar os termos dhármicos do Guhyasamāja, Marpa não teve nada a dizer. Portanto, regressou a Nāropa e disse: “Hoje, quando fui à cidade e me encontrei com Nyö, comparámos a nossa compreensão de Hevajra, e eu prevaleci. Mas Nyö disse que o que precisamos é do Guhyasamāja. Por favor, dê-me este ensinamento.”

Nāropa disse: “No mosteiro de Lakṣetra, a Oeste, no vihāra Pürṇacandra, existe um mestre do tantra pai, um paṇḍita chamado Jñānagarbha que é um expoente do svatantramadhyamaka e que alcançou siddhi. Deves ir lá e solicitar o dharma. Não terás quaisquer obstáculos.”

Marpa viajou para Lakṣetra. Do glorioso Jñānagarbha, solicitou e recebeu o abhiṣeka e as instruções orais de Śrī Guhyasamāja, bem como as tradições rituais dos tantras kriyā e yoga e as várias aplicações iogues. A realização completa do significado do mantra secreto surgiu nele.

Então ele pensou: “Vim do Tibete para o Nepal e lá encontrei os dois senhores nepaleses. Embora tenha recebido conselhos e instruções orais deles, é apenas através das bênçãos do grande guru Nāropa que agora tenho certeza sobre estes.”

Ao amanhecer, sentiu-se muito alegre e ofereceu ao guru Jñānagarbha esta maṇḍala de canção vajra:

Senhor, vós sois o igual de todos os budas;
Prostro-me perante os gurus.
Reino puro, Mahāpaṇḍita Nāropa
E glorioso Jñānagarbha, presto homenagem aos vossos pés.
Nasci em Lhotrak no Tibete através do poder do karma.
O meu pai e a minha mãe criaram-me.
Este conhecido como Marpa Lodrö
Foi estabelecido no dharma através da bondade deles.
Ao meu pai e à minha mãe, prostro-me com devoção.
Concedei as vossas bênçãos para que a bondade deles possa ser retribuída com o dharma.
Sobre a maṇḍala da natureza não nascida
Disponho as flores dos fenómenos múltiplos.
Faço oferenda ao corpo dos gurus.
Concedei as vossas bênçãos ao meu corpo.
Sobre a maṇḍala do espaço completamente puro
Disponho as flores da coincidência incessante.
Faço oferenda à fala dos gurus.
Concedei as vossas bênçãos à minha fala.
Sobre a maṇḍala da mente de grande bem-aventurança
Disponho as flores de pensamentos abruptamente cortados.
Faço oferenda à mente dos gurus.
Concedei as vossas bênçãos à minha mente.

NOTAS

De acordo com os Anais Azuis (p. 399), este professor que ensinou Marpa a ler e a escrever era "um ācārya que costumava adorar oito nāgas". Pelo menos um outro estudioso, Sir Charles Bell, menciona este professor como tendo o nome de Oito Espíritos de Serpente. A sua fonte parece ser os Anais Azuis (The Religion of Tibet [Oxford: The University Press, 1931], p. 62). O nome do professor poderia ser Lugye (T: klu-brgyad).

[1] De acordo com a profecia do mestre de Nāropa, Tilopa. Ver nota na p. 30.

Sobre a maṇḍala do solo adornado com joias
Disponho as flores do Monte Meru e dos quatro continentes.
Faço oferenda ao corpo, fala e mente dos gurus.
Concedei as vossas bênçãos ao meu corpo, fala e mente.

Sobre o solo universal do reino puro,
Dos cinco elementos surgem

Água para beber, flores, incenso,
Luz, água perfumada, comida, música e outras substâncias de oferenda semelhantes.
Tudo o que é excelente
Eu ofereço aos senhores gurus.
Concedei as vossas bênçãos para que eu possa estar livre de obstáculos.

Tão ilimitados como o espaço,
Guarda-sóis, estandartes de vitória, música,
Docéis, tapeçarias e afins
Emanam da minha mente e eu ofereço-os.
Concedei as vossas bênçãos para que a minha realização possa aumentar.
Do buda Jñānagarbha
Escutei o grande tantra, o Guhyasamāja.
Compreendi-o como a união de upāya e prajñā.
Compreendi-o como a chave do dharma.
Compreendi-o como o oceano do tantra.

Recebi tanto presentes materiais como o dharma.
A árvore do meu coração foi feita crescer
E as folhas de palavras imaculadas do dharma floresceram.
Possuindo as cinco sabedorias,
Beneficio todos os seres.

É agradável percorrer o caminho supremo dos cinco estágios.
Luminosidade, corpo ilusório e sonho —
Todas estas preciosas instruções orais me destes.
Jñānagarbha, vós sois tão bondoso.

De agora até que o culminar
Da iluminação insuperável seja alcançado,
Por favor, adornai o topo da minha cabeça como a joia da coroa da grande bem-aventurança.
Nunca estais separado do centro do meu coração.
Livre de tristeza e medo, tomo refúgio em vós.

Segurando o gancho radiante da compaixão,
Por favor, afastai a escuridão da ignorância.
Por favor, aceitai o meu corpo, fala e mente.

Assim Marpa suplicou.

Quando Marpa terminou de aprender o tantra pai, fez oferendas para retribuir a bondade do guru e agradou-lhe praticando com o corpo, fala e mente.

Depois, Marpa partiu para Phullahari. Num templo no caminho, encontrou Nyö Lotsāwa, que disse: “Marpa, o que estudaste desde o nosso último encontro?”

“Estudei o tantra pai.”

“Bem, então, comparemos a nossa compreensão.”

Assim, compararam a sua compreensão e Marpa prevaleceu. Nyö disse: “O que precisamos é do tantra mãe chamado Mahāmāyā, que contém instruções orais sobre a quietude das nāḍīs, o movimento do prāṇa e a colocação da bodhicitta. O Guhyasamāja já é bem conhecido no Tibete.”

Quando Nyö começou a usar os termos dhármicos do Mahāmāyā, Marpa não teve nada a dizer. Portanto, Marpa regressou ao Senhor Nāropa. Prostrou-se perante Nāropa e Nāropa perguntou: “Compreendeste totalmente o Guhyasamāja?”

“Recebi o Guhyasamāja para minha satisfação. No entanto, encontrei o meu amigo no caminho de volta. Discutimos o dharma e, no Guhyasamāja, eu prevaleci, mas na discussão sobre o Mahāmāyā não tive nada a dizer. Por favor, ensine-me o Mahāmāyā.”

“Eu poderia ter-te ensinado o Guhyasamāja, mas não era o momento apropriado, por isso enviei-te a Jñānagarbha. Mais tarde, quando o momento for o correto, eu próprio te ensinarei o Guhyasamāja. Eu também conheço o Mahāmāyā, mas numa ilha num lago venenoso está um mestre do tantra mãe, chamado glorioso Śāntibhadra, também conhecido como Kukkurīpā. Meu filho, devo enviar-te a ele.”

Quando os discípulos estavam a realizar um gaṇacakra, Nāropa apontou na direção de um campo de cremação com o mudrā de ameaça. Instantaneamente, do campo de cremação de Sosadvīpa, chegaram três ioguis de campos de cremação. Nāropa disse: “Estou a enviar o meu filho Marpa para a ilha no lago venenoso no Sul. Vós três deveis conceder as vossas bênçãos para que ele não tenha obstáculos.”

Um dos ioguis disse: “Eu posso protegê-lo do perigo das serpentes venenosas.”

Outro disse: “Eu protegelo-ei do perigo de animais ferozes.”

O último disse: “Eu protegelo-ei do perigo de espíritos.”

Então Nāropa disse: “Daqui até à ilha no lago venenoso é meia de viagem. A água venenosa, ao princípio, dá pelos tornozelos; depois, por etapas, chega aos joelhos, depois às coxas e, finalmente, tens de nadar. Nada de tronco de árvore em tronco de árvore. Se houver dois juntos, passa por entre eles. Quando chegares a algum terreno limpo, acampa ali. Kukkurīpā tem o corpo coberto de pelos. O seu rosto é como o de um macaco. A sua cor é desagradável e ele pode transformar-se

em qualquer coisa. Diz-lhe sem hesitação que foste enviado por Nāropa e solicita-lhe que te dê o Mahāmāyā e outros ensinamentos."

Tendo dado a Marpa profecias e presentes, Nāropa enviou-o. O guru Marpa levou provisões para meio mês e viajou em direção à ilha montanhosa no lago venenoso fervente no sul da Índia. Como a estrada era difícil de percorrer, seguiu as instruções do seu guru. Exceto por um dia em que duas aves voavam à sua frente, não viu outros animais ao longo do caminho. Quando Marpa chegou à ilha montanhosa no lago venenoso, os espíritos locais encheram magicamente o céu com nuvens espessas. Relâmpagos brilharam, o trovão ressoou ferozmente e muitos raios atingiram o solo.

Houve uma grande tempestade com chuva e neve. Embora fosse meio-dia, ficou tudo escuro como o breu. Marpa experimentou tal angústia que se perguntou se estava morto ou vivo. Lembrando-se dos compromissos que os três ioguis tinham feito perante Nāropa, chamou o Mahāpaṇḍita Nāropa pelo nome e suplicou-lhe. O céu ficou então limpo.

Marpa perguntou-se: "Onde está o guru Kukkurīpā?" e começou a procurá-lo. Debaixo de uma árvore estava uma figura humana coberta com as penas de uma ave. O seu rosto estava escondido na dobra do braço. Marpa hesitou, pensando: "Será ele ou não?" Perguntou: "Viste Kukkurīpā?"

A figura deu um solavanco para cima, com os olhos fulminantes, e disse: "Bem, bem, vós, tibetanos de nariz achatado! Nem uma rota tão difícil como esta vos mantém afastados. Donde vindes? Para onde ides? O que quereis de Kukkurīpā? Embora eu viva aqui, nunca vi nenhum tipo de Kukkurīpā, nem nunca ouvi falar de um." E escondeu a cabeça sob o braço novamente.

Marpa procurou noutros locais por Kukkurīpā sem o encontrar. Então lembrou-se das palavras do seu guru e teve a certeza de que o homem que encontrara antes era Kukkurīpā. Indo perante ele novamente, Marpa prostrou-se e disse: "O Mahāpaṇḍita Nāropa enviou-me. Vim solicitar o Mahāmāyā. Por favor, ensine-mo." Marpa ofereceu-lhe então presentes.

O homem levantou a cabeça da dobra do braço e disse: "O que disseste? Esse tal Nāropa não tem grande erudição. Um mahāpaṇḍita que não tem experiência de meditação é risível. Ele conhece o Mahāmāyā e poderia ensiná-lo ele próprio, mas não deixa uma pessoa em paz." Embora falasse de forma zombeteira, Kukkurīpā estava satisfeito. "Oh, bem, estou apenas a brincar. Ele é um paṇḍita de erudição e realização inconcebíveis, e as minhas intenções são puras. Nós os dois trocámos os nossos ensinamentos. Embora ele conheça o Mahāmāyā, eu também detenho a transmissão. Através da sua visão sagrada, ele enviou-te para me implorares. Ensinar-te-ei completamente. Mais tarde, podes solicitá-lo a Nāropa e ver se há alguma diferença. Quando vinhas para aqui, viste dois homens ao longo da estrada?"

"Não os vi."

"Viste duas aves?"

"Sim, vi."

"Então viste os dois homens como aves."

Primeiro, Kukkurīpā realizou o abhiṣeka. Depois deu a Marpa a transmissão dos três iogas[2] por meio da mudez maior, da mudez menor e do ornamento. Pelo ioga inferior da forma, a pessoa é levada ao caminho do subtil, vívido e concentrado. Por meio do ioga profundo do mantra, a pessoa é levada ao ioga das três perceções. Por meio do ioga supremo do dharma, a pessoa é vinculada pelas cinco técnicas essenciais. Kukkurīpā também explicou detalhadamente os significados dos vinte e quatro principais sampannakramas e outros.

Marpa completou os seus estudos sem quaisquer obstáculos. Organizou então um banquete para agradecer ao guru Kukkurīpā por ter recebido estes ensinamentos completamente. Durante o gaṇacakra, Marpa sentiu grande alegria e solicitou permissão ao guru e aos irmãos e irmãs de dharma para oferecer esta canção:

Senhor, filho do coração de todos os budas,
Vajradhara para todos os seres,
Detentor do tesouro dos tantras secretos,
Glorioso Śāntibhadra, presto homenagem aos vossos pés.

Ver o vosso corpo desmorona a minha montanha de orgulho.
Ouvir a vossa fala liberta o meu ser da mente mesquinha.
Lembrar a vossa mente dissipa a escuridão exterior e interior.
Nestes dias sou afortunado.

Vim para a terra da Índia vindo do Tibete.
Sou um homem que viajou um longo caminho.
Solicitei o santo dharma a paṇḍitas.
Recebi o santo dharma da linhagem direta.
Toquei os pés do senhor que possui siddhi.

Tendo pacificado obstáculos de humanos e espíritos,
Recebi os tantras pai e mãe do mantra secreto.
Sou um mestre que recebeu as grandes instruções orais.
O glorioso Śāntibhadra aceitou-me.
Sou o filho único do bom guru.

Sem obstáculos viajei para sul, para o Nepal.

Sou um budista de karma afortunado.
O rei dos tantras, Cakrasaṃvara, parece ser fácil,
Pois este santo dharma foi alcançado em pouco tempo.

Tendo ouvido uma profecia auspiciosa,
Compreendo o valor de obter um nascimento humano.
O meu cordão umbilical foi cortado em Lhotrak, no Tibete.
O meu karma afortunado foi despertado na Índia.

Encontrando siddhas e paṇḍitas,
Recebendo abhiṣekas, exposições de tantra e instruções orais,
O meu corpo, fala e mente foram abençoados.
Aos pés do senhor das ḍākinīs,
Aprendi o significado dos três iogas
E encontrei a mãe Grande Milagre.

Servindo o pai, Todo-Bom,
Afiei a minha experiência de samādhi no caminho da paixão.
Iluminando a lâmpada dos três tipos de prajñā,
Dissipando a escuridão das três desilusões,
Queimando o combustível dos três obscurecimentos,
Esvaziando as sepulturas dos três reinos inferiores,
Oh, quão bondoso é o senhor guru!
Oh, quão feliz é Chökyi Lodrö!
Oh, quão alegre é estar com todos os irmãos e irmãs de dharma aqui!

Como Marpa cantou esta canção em tibetano e não estavam presentes outros tibetanos, nem ninguém que compreendesse tibetano, Dharaśrī e alguns outros amigos de dharma perguntaram: “Este tibetano está louco?”

Marpa disse: “Tenho uma fortuna e uma família particularmente boas mas, através do poder de alguns padrões habituais densos nesta vida, esta canção saiu em tibetano.” Ele traduziu a canção para a língua deles e eles acharam-na maravilhosa.

Mais tarde, Marpa pensou: “Devo regressar rapidamente para Nāropa.” Em geral, Marpa tinha uma fé indestrutível no famoso Mestre Maitrīpa e, por isso, pensava continuamente: “Tenho de receber ensinamentos dele de qualquer maneira.” Em particular, na noite anterior a um gaṇacakra de despedida a ser realizado pelo guru Kukkurīpā, Marpa lembrou-se vividamente do guru Maitrīpa repetidas vezes, e nasceu nele uma fé suprema. Mentalmente, ofereceu uma maṇḍala e realizou o serviço de sete partes; depois suplicou a Maitrīpa.

Num sonho nessa noite, apareceu uma bela donzela segurando um vaso na mão, que disse ser uma mensageira de Maitrīpa. Ela colocou o vaso no topo da cabeça de Marpa. Quando Marpa acordou, experimentou uma alegria imensurável.

No dia seguinte, enquanto o Jetsün Marpa se preparava para partir, o glorioso Śāntibhadra realizou um gaṇacakra de despedida para ele e deu-lhe escrituras dos ensinamentos que lhe tinha outorgado. Colocou a mão no topo da cabeça de Marpa e disse: "O caminho para este lugar é difícil de percorrer. Ao vires aqui recebeste um grande benefício. Porque ele sabia que eras uma pessoa digna, Nāropa enviou-te a mim. Agora serás também enviado a Maitrīpa. O próprio Nāropa aceitou-te através da sua bondade. Depois de ele te ter dado as instruções orais que desejares, ele empoderar-te-á como seu regente para domar discípulos na Terra da Neve. Eu sabia de antemão que vinhas e enviei dois protetores transformados em homens para te escoltarem. Tu não os viste como homens, mas como aves. Agora, tendo-te dado instruções orais e escrituras, outorgo-te o empoderamento auspicioso. Deleita-te nisto." Assim, Kukkurīpā ficou muito satisfeito.

Tudo isto estava de acordo com o sonho e a profecia do Senhor Marpa. Ele experimentou uma fé irreversível no guru Kukkurīpā e uma alegria imensurável e grande. Como presente de despedida, Marpa ofereceu esta canção de realização ao guru e aos irmãos e irmãs de dharma:

Jetsüns que aqui residis,
Amigos do coração, irmãos e irmãs, por favor escutem.
Eu, o teimoso Marpa o Tradutor,
Fui para sul, para o Nepal, quando o meu elo cármico foi despertado.

Dos nepaleses que possuem siddhi,
E de Jñānagarbha e Śāntibhadra,
Recebi o Catuḥpīṭha, o Guhyasamāja e o Cakrasaṃvara.
O tesouro dos tantras e das instruções orais foi aberto.

Agora, na presença do mestre,
Solicitei e foram-me dadas instruções orais
E recebi profecias auspiciosas ao mesmo tempo.

Na outra noite,
Mentalmente dispus uma maṇḍala,
Supliquei a Maitrīpa e depois adormeci.
Nos confusos padrões habituais do sonho,
Uma mensageira do Mestre Maitrīpa,
Uma donzela de beleza radiante,
Chegou segurando um vaso na mão.
Sonhei que ela o tocava na minha cabeça.

Pensei: "Isto deve ser uma bênção da bondade de Maitrīpa.
É o resultado de uma aspiração anterior e de um elo cármico."
Portanto, com anseio e fé intensos,

Irei para a presença do venerável pai.

A vós, o jetsün que aqui reside,
Surge uma devoção incessante.
Tomo refúgio para que sejamos inseparáveis.
Concedei as vossas bênçãos para que os reinos inferiores deixem de existir.

Todos vós, irmãos e irmãs vajra,
Amigos a quem estou unido nesta vida e na próxima,
Lançai para trás de vós as seduções enganosas do saṃsāra.
Praticai as santas instruções orais.
Mantende o samaya livre de hipocrisia.
Meditai sempre no guru no topo da vossa cabeça.
Desfrutai das dez virtudes.
Abandonai as dez não-virtudes como veneno.
Praticai continuamente sem interrupção.

Assim Marpa ofereceu esta canção.

O guru Śāntibhadra colocou a mão no topo da cabeça de Marpa, concedendo uma bênção para que Marpa estivesse livre de obstáculos.

Agora o guru Marpa conhecia os aspetos do Mahāmāyā. Em três dias, chegou de volta a Phullahari. O grande Senhor Nāropa estava em processo de dar instrução oral privada ao śrāmaṇera Prajñāsiṃha. Fez um sinal a Marpa para não se aproximar. Marpa esperou e prostrou-se continuamente até terem terminado. Quando a sessão de ensinamento acabou, ele apresentou-se e solicitou as bênçãos de Nāropa. Nāropa perguntou: "Recebeste os ensinamentos?"

"Sim, recebi-os."

"E ele não me ridicularizou?"

"Houve algumas brincadeiras."

"O que é que ele disse?"

Marpa repetiu o que fora dito e Nāropa disse: "É ele, de facto. Como ele é desprovido de virtude, vive numa ilha despovoada no lago venenoso. Como tem o rosto de um macaco num corpo humano, não conseguiu encontrar uma consorte humana, por isso tem de recorrer a cadelas. Quem senão Kukkurīpā faria tal coisa?" Nāropa riu e continuou: "Estou apenas a brincar. É isso que o torna grande. Não há ninguém como ele. Ele recebeu o Hevajra de mim e, porque alcançou o siddhi de Mahāmāyā, eu recebi o Mahāmāyā dele." Nāropa deu então a Marpa o Mahāmāyā

numa única sessão. O significado não era diferente do de Kukkurīpā, embora as palavras de Nāropa fossem um pouco mais extensas.

Marpa perguntou-lhe: "Por que é que o guru, conhecendo ele próprio tão bem este ensinamento, me fez passar por tal dificuldade ao ir para a ilha no lago venenoso?"

"Porque Kukkurīpā é o mestre do tantra mãe e alcançou certeza nas instruções orais. Enviei-te porque ele é a fonte pura de Mahāmāyā."

Mais tarde, o guru Marpa foi para leste ver o templo em Bengala onde a estátua de Khasarpana tinha aparecido miraculosamente. Nessa altura, pensou em ter uma discussão com Nyö sobre o Mahāmāyā e foi para Nālandā, onde Nyö estava a receber o ensinamento do guru Balimtapa. No mercado, Marpa comprou uma boa quantidade de comida e licor e depois encontrou-se com Nyö. Durante a refeição, compararam a sua compreensão do Mahāmāyā e o Senhor Marpa foi o vencedor. Nyö disse-lhe: "Que mestre te ensinou o tantra mãe?"

Marpa, mantendo o guru em segredo, respondeu:

O meu guru possui os três iogas.
A sua forma é inferior, mas o seu mantra é profundo.
Ele é um iogui do dharma supremo,
Conhecido como Aquele Que Mostra o Caminho para a Libertação.
Neste momento, ele está na cidade de Kapilavastu.

Nyö foi para Kapilavastu e procurou por ele, perguntando: "Onde está o guru conhecido como Aquele Que Mostra o Caminho para a Libertação?" Disseram-lhe: "Todos os gurus mostram o caminho para a libertação. Qual deles queres?" Ele percebeu que isso era verdade e que o guru lhe tinha sido mantido secreto. Ainda assim, Nyö procurou Kukkurīpā, mas não o conseguiu encontrar ao princípio. Mais tarde, localizou-o mas, diz-se, Nyö foi incapaz de atravessar o lago venenoso e não conheceu o glorioso Kukkurīpā.

O Senhor Marpa regressou ao glorioso Nāropa e disse: "Encontrei o meu amigo. Comparámos a nossa compreensão do tantra mãe e eu fui o vencedor. Ele perguntou-me que mestre me ensinou o tantra mãe, mas eu não lho disse."

Nāropa disse: "Não precisavas de manter o nome do guru em segredo. Ele pode ter muito ouro, mas isso não é suficiente. O que é preciso é mérito e um elo cármico."

Depois, Marpa suplicou a Nāropa que lhe permitisse ir ao encontro de Maitrīpa. Nāropa concedeu-lhe a permissão alegremente. Marpa deu oferendas para agradar ao guru Nāropa e ofereceu torma de banquete aos ḍākas, ḍākinīs e irmãos e

irmãs vajra. Suplicou para estar livre de obstáculos e surgiram muitos sinais maravilhosos. Depois Marpa partiu.

No caminho, perguntou a outros viajantes onde Maitrīpa vivia. Eles responderam: "Ele reside no mosteiro da Montanha do Fogo Flamejante. Esse caminho é difícil de percorrer; é melhor não ires." Marpa pensou: "Não estou à procura de riqueza nesta vida. Quer eu morra quer não, devo procurar o dharma." Continuou sem hesitação e, em meio dia, chegou ao local onde Maitrīpa residia. Encontrou Maitrīpa sentado à sombra de uma árvore nyagrodha. Sentiu uma grande alegria, tal como a do bodhisattva Sadāprarudita quando encontrou o bodhisattva Dharmodgata. Ofereceu prostrações completas sete vezes, um presente de ouro e outras coisas, e cantou esta canção louvando o corpo, fala e mente do guru:

NOTAS

Os três iogas do Mahāmāyā referem-se às três fases da prática neste tantra. *Ver nota na p. 116.*

Para beneficiar os seres em
Jambudvīpa,
Nasceste numa família real.
Conheces a variedade das sādhanas
exteriores e interiores.
Prostro-me diante de ti, Maitrīpa.
Ārya Tārā deu-te profecias
E bênçãos desobstruídas.
Tocaste o pó dos pés do
Senhor Śavari.
Louvo-te, Avadhūti.
O teu corpo é uma montanha de
ouro precioso.
A tua sabedoria, aspiração e
afins são puras.
Tu aplacas a doença das
kleśas.
Louvo-te, sol do dharma.
O vajra de śūnyatā da tua mente
Desmorona as grandes cordilheiras
da crença num eu.
Vês a igualdade de todos os
dharmas.
Louvo-te, senhor guru inigualável.
Nirmāṇakāya, ornamento de toda
Jambudvīpa,

Essência de Vajrasattva,
Refúgio dos seres, possuidor do
tesouro da bondade,
Louvo-te, ornamento da crista.
Entre as hordas de humanos,
espíritos e demónios,
Todos os viciosos sem exceção
Obedecem ao teu comando através do
poder da tua disciplina
yóguica.
Louvo-te, detentor do vajra.
Kind sugata gurus,
Abandonaste os teus súbditos para agir
pelo dharma sagrado.
De Mahāpaṇḍita Nāropa e outros
gurus
Recebi instruções
E terminei este estudo dos
tantras.
Na ilha montanhosa no
lago de veneno fervente no
Sul,
Enquanto permanecia aos pés do
glorioso Śāntibhadra,
Tu, sagrado, aceitaste-me bondosamente.
Sem me preocupar com a vida, vim
ver-te.
No mosteiro da Montanha do
Fogo Flamejante,
À sombra fresca de uma
árvore nyagrodha,
Mestre, Príncipe Maitrīpa,
Pai Buda, agora encontro-te.
A fé surge como o sol
E sinto-me tão movido pela fé que
até ouso morrer.
Suplico sem hipocrisia.
Por favor, abençoa-me continuamente.
Tu deténs a tradição do
Grande Brâmane
E permaneceste com a emanação,
Senhor Śavari.
Por favor, dá-me o dharma sagrado,
bem ensinado por eles,
O significado essencial do

ápice de todos os yānas,
O mahāmudrā livre de extremos,
Que é como o espaço.

Assim suplicou Marpa. O Mestre aceitou-o e deu-lhe abhiṣekas completos e o nome secreto Vajracitta. Nessa altura, Marpa fez oferendas para agradar ao guru e organizou feast tormas para agradar às ḍākinīs. Assim, surgiram muitos sinais admiráveis. O guru deu-lhe as instruções orais e a transmissão de mahāmudrā, o Āryamañjuśrī-nāma-saṅgīti juntamente com o seu comentário, e os dohās juntamente com a sua explicação. As dúvidas de Marpa foram completamente dissipadas. Quando praticou estes ensinamentos, excelentes experiências e realizações surgiram na sua mente, e por isso ele ficou muito satisfeito. Num gaṇacakra que ofereceu como ação de graças ao guru, Marpa ofereceu em canção a sua realização e experiência:

No palácio do grande êxtase no topo da minha cabeça
Sobre um lótus imaculado, sol e lua
Habita o mestre Guru, o protetor amoroso.
Por favor, abençoa a minha mente.
Todos os budas dos três tempos
E as inúmeras hostes de yidams e devas
São inseparáveis de ti, glorioso Avadhūti.
Por favor, permanece no lótus do meu coração.
Concede-me o domínio sobre a fala.
No reino puro da Índia
Habitam Mahāpaṇḍita Nāropa e outros.
O pó dos pés desses siddhas
Toquei no topo da minha cabeça.
Ouvindo muitas palavras dos tantras
Não fiquei satisfeito sequer com estas.
Portanto, vim ao jetsün Mestre
E devidamente solicitei a bênção do dharma sagrado.
Em particular, solicitei o mahāmudrā.
As dúvidas sobre os ensinamentos que eu conhecia foram cortadas.
Ensinamentos que eu não conhecia, estudei.
Bênçãos e realização
Na tradição do Senhor Saraha ocorreram de imediato.
Canto uma canção oferecendo a minha realização ao senhor.
Todas as várias escolas exteriores e interiores
São realizadas e unificadas no mahāmudrā.
Todas as ilimitadas aparências enganosas
Surgem como manifestação da unidade da igualdade.
Esta dharmatā incessante
É uma visão de insight auto-luminosa, desobstruída.
Dentro do insight inato, unidade,

A sabedoria espontânea é a visão.
Ao longo das quatro atividades da pós-meditação,
Inseparáveis nos três tempos, como um rio que flui,
Este yoga é lúcido, livre de obscurecimentos.
Livre de distração é a meditação.
Os dharmas do corpo, fala e mente, e os três tempos
São uma variedade imprevisível adornada com um único ornamento
Incessante, sem esforço e o mesmo em essência.
Como uma ilusão é a ação.
A essência da realização é o agora,
Ocorrendo subitamente, com nada a adicionar ou subtrair.
Auto-libertação, grande êxtase inato,
Livre de esperança ou medo é a fruição.
Independentemente de quantas palavras se ouça,
Finalmente a base da mente é compreendida como dharmakāya.
Finalmente as minhas dúvidas estão exaustas.
Finalmente a base e a raiz da confusão estão destruídas.
Não espero pela iluminação através da sofística.
Assim, na presença do grande senhor Mestre,
Através da fruição de praticar a essência
E através das bênçãos das linhagens,
Ofereço esta compreensão, experiência e realização.
Que o jetsün guru e os amigos do dharma
Aqui reunidos se regozijem!

Assim Marpa ofereceu esta canção. O Mestre Maitrīpa cantou então esta canção vajra de doze instruções para Marpa:

Ó filho, se a raiz da fé não for firme,
A raiz da não-dualidade não será firme.
Se não desenvolveres compaixão imparcial,
Os dois rūpakāyas não serão alcançados.
Se as três prajñās não forem praticadas,
A realização não surgirá.
Se não servires o jetsün guru,
Os dois siddhis não serão alcançados.
Se não cortaste a raiz da mente,
Não abandones a consciência negligentemente.
Se não consegues golpear os fenómenos com mudrā,
Não te deves retirar para o grande êxtase.
Se surgirem pensamentos de desejo,
Deves agir como um elefante alegre.
Se ocasionalmente as kleśas surgirem,
Olha para a mente e medita sem distração.
Se a mente for prejudicada por condições desfavoráveis,

Pratica os quatro abhiṣekas continuamente.
Se as kleśas surgirem no teu ser,
Lembra-te das instruções do guru.
Se não suplicares de forma unidirecionada,
Como podes cumprir as intenções dos sagrados?
Se não meditares na união de utpatti e sampannakrama,
Como podes realizar a inseparabilidade de saṃsāra e nirvāṇa?
Esta é uma canção vajra de doze instruções.
Lembrar estas perfaz treze.
Se estes yogas forem praticados,
Permanecerás no décimo terceiro bhūmi.

Assim cantou Maitrīpa. Marpa ficou encantado com estas instruções e assimilou-as. Com fé inabalável em Maitrīpa, partiu e regressou a Nāropa em Phullahari. Nāropa disse: "Nas margens do lago de veneno no Sul, no campo de cremação de Sosadvīpa, está Jñānaḍākinī Adornada com Ornamentos de Osso. Quem quer que a encontre é libertado. Vai perante ela e solicita o Catuḥpīṭha. Podes também solicitar aos kusulus que lá estão quaisquer ensinamentos que desejares."

Tendo chegado ao campo de cremação em Sosadvīpa, Marpa encontrou esta yoginī, que vivia numa cúpula de erva tecida. Oferecendo-lhe um maṇḍala de ouro, ele suplicou-lhe. Ela deu-lhe alegremente o abhiṣeka completo e as instruções orais do Catuḥpīṭha. Além disso, Marpa recebeu abhiṣekas e instruções orais sobre utpatti e sampannakrama de alguns autênticos yogins kusulu — o glorioso Simhadvīpa e outros que habitavam no campo de cremação ou sob árvores. De tempos a tempos, ele também solicitava instruções orais para vários usos práticos. Assim, tornou-se um tesouro de instruções orais.

Finalmente, Marpa regressou a Nāropa. Tendo-se prostrado, ele inquiriu sobre a saúde de Nāropa. Nāropa perguntou: "Que certeza o abhiṣeka e as instruções orais despertaram em ti?" Marpa contou-lhe o que tinha acontecido e Nāropa ficou muito satisfeito. O Senhor Marpa suplicou ao glorioso Nāropa, dizendo: "Quero o abhiṣeka de Cakrasaṃvara e instruções sobre o comentário ao tantra." Nāropa deu-lhe o abhiṣeka completo, bem como a transmissão de leitura e instruções sobre o comentário ao tantra, e disse: "Praticá-los é de grande importância."

Tendo recebido as renomadas instruções orais das quatro transmissões especiais, os seis yogas de Nāropa e a transmissão de mahāmudrā que mostra a mente como sabedoria inata coemergente, Marpa meditou. Em geral, muitas experiências especiais e realizações do insuperável mantra secreto nasceram na sua mente. Em particular, enquanto praticava caṇḍālī, ele atualizou a unidade de êxtase, luminosidade e não-pensamento. Durante sete dias, foi incapaz de mover as portas do corpo, fala e mente, e estabeleceu confiança nisto. Os dez sinais surgiram e, num estado de espírito alegre, os dias e as noites passaram.

Mais tarde, Marpa pensou para si mesmo: "Passei cerca de doze anos no Nepal e na Índia. Não só recebi abhiṣekas e instruções orais, como também estudei e praticei tanto as suas palavras como o seu significado. Portanto, não tenho arrependimentos e não tenho de emular a explicação e meditação de outrem. Agora que o meu ouro está quase gasto, regressarei ao Tibete por um curto período e obterei tanto ouro quanto puder. Depois regressarei à Índia e agradarei aos meus gurus oferecendo-lho.

Revisarei minuciosamente com eles os ensinamentos obtidos anteriormente e obterei tudo o que não recebi antes. Agora, em geral, devo por todos os meios difundir os ensinamentos do Buda no Tibete e, em particular, os ensinamentos da Linhagem de Prática." Ele então reuniu as provisões necessárias, usando o remanescente do seu ouro, e guardou apenas o suficiente para as despesas da viagem.

Tendo convocado o brâmane Sukhamati e a yoginī Sukhadhari e outros, Marpa ofereceu um gaṇacakra de ação de graças e celebração ao Mahāpaṇḍita Nāropa. No banquete, pensou para si mesmo: "Cumprindo o meu propósito ao vir do Tibete para a Índia, conheci muitos gurus que são eruditos e que alcançaram siddhi. Recebi e estudei muitos tantras juntamente com os seus comentários. Tornei-me o modelo de um tradutor erudito que conhece as línguas. Experiências e realizações não deturpadas surgiram no meu ser. Agora que estou a regressar ao Tibete sem obstáculos, não há dia mais feliz do que o de hoje." Marpa cantou então a primeira de oito grandes canções ao glorioso Nāropa, uma canção longa numa voz com o zumbido de uma tamboura. Esta é a canção em que ofereceu a sua realização:

Senhor, guru precioso e autêntico!
Devido ao mérito acumulado pela tua prática anterior,
Encontraste o nirmāṇakāya Tilopa em pessoa.
O sofrimento da existência, que é difícil de abandonar,
Desprezaste ao longo das tuas doze provações.
Através da tua prática de austeridades,
Viste a verdade num instante.
Prostro-me aos teus pés, Śrī Jñānasiddhi.
Eu, o tradutor, um novato do Tibete,
Através do elo cármico da prática anterior
Encontrei-te, Mahāpaṇḍita Nāropa.
Estudei o Hevajra-tantra, famoso pela sua profundidade.
Deste-me a essência, Mahāmāyā.
Recebi a essência interior, Cakrasaṃvara.
Em geral, extraí a essência interior das quatro ordens de tantra.
Conforme concedido pela mãe Subhaginī,
Cujo rio de bênçãos é contínuo,
Transmitiste-me os quatro abhiṣekas.
Dei à luz o samādhi imaculado

E estabeleci confiança nele em sete dias.
O sol e a lua, a força vital e a descida,
Foram trancados na morada do espaço imóvel.
A experiência da coemergência auto-existente —
êxtase, luminosidade e não-pensamento — raiou no meu coração.
A confusão do sono habitual
Foi realizada como a natureza do caminho da luminosidade.
Os movimentos da mente, tanto a apreensão como a fixação,
Dissolveram-se na simplicidade do dharmakāya.
A aparência exterior, este artifício ilusório,
Foi realizada como mahāmudrā não nascido.
A fixação interior, esta consciência mental,
Como encontrar um velho amigo,
Realizou a sua própria natureza.
Como um sonho sonhado por um mudo,
Surgiu uma experiência inexprimível.
Como o êxtase sentido por uma donzela,
Um significado indescritível foi realizado.
Senhor Nāropa, és muito bondoso.
Anteriormente, deste-me bênçãos e abhiṣekas;
Por favor, continua a aceitar-me com a tua bondade.

Assim Marpa ofereceu a sua realização. Mahāpaṇḍita Nāropa colocou a sua mão no topo da cabeça de Marpa e cantou esta canção de instruções orais:

Tu, Marpa, o Tradutor do Tibete!
Não faças dos oito dharmas mundanos o objetivo da tua vida.
Não cries o preconceito de eu e outro, apreensão e fixação.
Não calunies amigos ou inimigos.
Não distorças os caminhos dos outros.
Aprender e contemplar são a tocha que ilumina a escuridão.
Não sejas emboscado no caminho supremo da libertação.
Anteriormente, fomos guru e discípulo;
Mantém isto contigo no futuro; não desistas disto.
Esta jóia preciosa da tua mente,
Não a atires ao rio como um idiota.
Guarda-a cuidadosamente com atenção sem distração,
E realizarás todas as necessidades, desejos e intenções.

Nāropa disse muitas coisas gentis, com as quais Marpa se regozijou grandemente. Marpa fez o voto de que regressaria para ver Nāropa e depois partiu para o Tibete.

Tendo recebido abhiṣekas e instruções orais, Marpa regressa ao Tibete. As provisões de Marpa tinham-se esgotado, assim como as de Nyö. Eles encontraram-

se num momento previamente combinado e viajaram juntos na rota de regresso. Nyö começou a pensar: "Embora eu tivesse mais ouro, ele parece ser o mais erudito", e pensamentos malignos e invejosos surgiram nele. Nyö levava consigo dois amigos paṇḍitas, um atsara e alguns outros que carregavam os seus livros e a sua bagagem. Marpa carregava os seus próprios livros num fardo. Nyö disse-lhe: "Não está certo que nós, os grandes lotsāwas, carreguemos bagagem. Deixa que este atsara carregue o teu fardo." Mais tarde, Nyö subornou secretamente este atsara, dizendo: "Atira os livros de Marpa à água, como se fosse por acidente."

Quando o barco chegou ao meio do Ganges, o atsara atirou os livros de Marpa à água. Marpa soube que isto era obra de Nyö. Pensou: "No Tibete, procurar ouro é um trabalho árduo. Na Índia, procurar gurus é um trabalho árduo. Nada era mais precioso do que estes ensinamentos e instruções orais, e agora perderam-se. Devo atirar-me à água?" Ele considerou isto seriamente, mas lembrando as instruções orais do seu guru, acalmou um pouco a mente. Embora não tivesse intenção de procurar vingança, disse a Nyö: "Isto foi obra tua." "Eu não fiz isso", respondeu Nyö. Assim que o barco atracou, Marpa agarrou o atsara e disse: "Vou falar com o rei sobre isto." O atsara contou integralmente tudo o que Nyö lhe tinha mandado fazer. Então Marpa cantou espontaneamente a Nyö esta canção de vergonha:

Ouve-me, companheiro encontrado através do poder do karma.
Tu és o homem com quem concordei viajar.
Em geral, entraste pela porta do dharma.
Em particular, és conhecido como um lotsāwa, paṇḍita e guru.
Com intenções pervertidas entraste no barco.
Mesmo que não possas beneficiar alguém,
Em geral, não deves causar dano a outrem.
Em particular, ao prejudicares os ensinamentos do Buda,
Feriste-me a mim e a todos os seres sencientes.
Como pudeste possivelmente causar tal dano?
Pelo pensamento e pela ação das cinco kleśas venenosas,
Juntamente com os meus livros
Atiraste a fama que cultivaste,
O teu ouro e o dharma sagrado à água.
Não é no valor material que estou a pensar,
Mas estes ensinamentos especiais eram preciosos para os outros.
Sinto-me triste por os outros não serem beneficiados.
No entanto, pela minha aplicação diligente e questionamento,
O dharma e a minha mente misturaram-se.
Recordo claramente as suas palavras e significado.
Regressando à Índia novamente,
Basta-me pedi-los
A Mahāpaṇḍita Nāropa e outros gurus siddha.
Hoje, deves abandonar
O nome de guru, mestre de dharma e lotsāwa.

Com remorso e arrependimento, regressa ao teu país.
Confessa as tuas más ações e faz penitência rigorosa.
Pensando e agindo como fizeste
E vangloriando-te de que és um guru,
Embora possas enganar alguns tolos,
Como podes amadurecer e libertar aqueles que são dignos?
Com o teu precioso corpo humano tão difícil de obter,
Por favor, não cultives os três reinos inferiores.

Assim cantou Marpa. Nyö disse: "Não te preocupes com isso. Eu emprestar-te-ei os meus textos originais e poderás copiá-los." Marpa disse: "Não sei se me emprestarás os originais ou não, mas mesmo que o fizesses, os nossos gurus e instruções orais são diferentes, por isso não teria utilidade. Prefiro o que tenho na minha mente aos teus livros." Embora Marpa pensasse em regressar rapidamente à Índia, ele disse então: "Empresta-me os teus originais mais tarde, como sugeriste."

Quando chegaram ao Nepal, Marpa pensou: "Acompanhando Nyö, apenas acumularei más ações", e disse a Nyö que tencionava não prosseguir caminho com ele. Quando se separaram, Nyö disse: "Não espalhes a história de como os teus livros se perderam na água. Vem a minha casa e pede os meus livros", e Marpa prometeu que o faria. Nyö foi primeiro do Nepal para a fronteira nepalês-tibetana. Lá enviou um mensageiro instruindo que assistentes o fossem encontrar. Quando chegaram, foi com eles para Kharak.

Marpa encontrou o guru Chitherpa e os amigos do dharma encabeçados pelo seu amigo White Hadu, que deram a Marpa uma excelente receção. Eles disseram: "Foi maravilhoso ouvir que cantaste uma canção a Nyö sem estares zangado, embora ele tenha atirado os teus livros à água por inveja. A tua prática de meditação está a surtir efeito; é o sinal de que deste à luz uma visão boa e não deturpada. Não confiando nas palavras dos textos, mas surgindo da tua própria mente, por favor, canta-nos uma canção da visão última."

Em resposta, Marpa cantou esta canção:

Ó mestre sagrado que és o guia,
E vós, que sois liderados por *White Hadu*
E que completastes o vosso estudo dos *sūtras* e *tantras*,
Escutai por um momento a canção de um tibetano.
A visão última é muito especial,
Indivisível e não-permanente.
É a mente dos vitoriosos dos três tempos.
Aqueles que querem separar *upāya* e *prajñā*
Devem ser impedidos de cair em extremos.
Falar a eruditos como vós é difícil.
Não cantei esta canção antes, por isso pode não correr bem.

Contudo, escutai e cantar-vos-ei uma canção dos *śāstras*.
Impedir o apego às coisas como reais
Diz-se ser a única forma de conquistar as hordas de Māra.
Compreendei que o apego desta forma causa obscurecimento.
Quanto à glória dos servos e virtudes pessoais,
Abandonai tentativas especiais de a obter.
Os ignorantes acreditam que a "vacuidade" é niilismo.
O extremo do niilismo mina a acumulação de virtude.
Aqueles que desejam flores no céu
Destroem a colheita da virtude
Com o granizo das visões deturpadas.
Deve-se conhecer as características do espaço.
Todos aqueles que não conhecem a vacuidade
Afirmam que a não-existência é existência.
O pervertido considera uma miragem como água.
A ignorância sobre a verdade é a causa do *saṃsāra*.
Os *Cittamātrins* e heréticos como os *Sāṅkhyas* e os restantes
Sustentam que *upāya* e *prajñā* são separados.
Cada um tem a sua própria teoria.
Isto é o mesmo que sustentar que uma árvore morta tem flores.
Livre de todas as suposições
É a verdade não-permanente.
Conhecer isto plenamente é *prajñāpāramitā*.
Não habitando nos extremos do *saṃsāra* e *nirvāṇa*,
A compaixão possui a essência da vacuidade
E unifica *upāya* e *prajñā*.
Isto é a coemergência auto-existente.
Da mesma forma, eu compreendo
Êxtase-vacuidade e insight-vacuidade
Como não sendo diferentes.
A compaixão não-conceptual
E a natureza primordial da vacuidade
São inseparáveis na natureza da simplicidade.
Deveríeis compreender todos os dharmas desta forma.
Quanto à visão que é meramente mostrada por palavras,
Vede-a como um objeto de apego.
De acordo com a visão comum,
Tende confiança na causa e no resultado do karma.
Este não se desgasta em cem *kalpas*,
Tal como o supremo sábio disse.
Pessoas sem compaixão
São como sementes de sésamo queimadas pelo fogo.
Como poderiam surgir mais sementes daí?
Se não há solo, como poderia haver quaisquer características?
Portanto, estas pessoas não podem entrar no *mahāyāna*.

Assim disse o supremamente sábio Nāgārjuna.
Se não houver uma visão adequada dos objetos da mente,
É inútil dar o dharma sagrado.
É como palha sem grão.
Assim diz Marpa Lotsāwa.
Vós, cujas mentes são vastas com a verdade da sabedoria,
Se eu tiver o significado errado, por favor perdoai-me.

Assim cantou Marpa. O guru nepalês, o seu amigo *White Hadu* e os outros ficaram muito felizes.

O Sonho de Marpa com Saraha

No seu caminho para o Tibete, Marpa chegou a uma aldeia na fronteira entre o Nepal e o Tibete chamada Liśokara, onde o povo cobrava muitos impostos alfandegários. O Senhor Marpa foi forçado a ficar lá vários dias. Na sua última noite ali, teve um sonho no qual *ḍākinīs* o ergueram num palanquim e o levaram para Śrī Parvata no Sul. Ali Marpa encontrou o Grande Brâmane Saraha, que abençoou o seu corpo, fala e mente. Saraha deu-lhe os sinais e os significados do dharma da verdade essencial, mahāmudrā. Um êxtase imaculado raiou no seu corpo, e uma realização não deturpada raiou na sua mente, de modo que o sonho de Marpa foi preenchido com um deleite incomensurável. Mesmo depois de acordar, ele não esqueceu o que Saraha tinha dito. Num estado de deleite, Marpa foi para a província de Mang, onde ficou em Langpokhar cerca de dois meses e ensinou o dharma.

Em Tsang, em Kyerphu, o príncipe de Lokya falecera, deixando o seu filho mais velho como príncipe. Ouvindo que Marpa estava por perto, o príncipe enviou um mensageiro a Kyitrong para convidar Marpa a Kyerphu. Marpa aceitou, marcou uma hora para o encontro e enviou o mensageiro de volta. O povo de Palkhü escoltou-o desde o lago de Lhatso Sintso, e ele foi recebido calorosamente quando chegou a Kyerphu. Durante um mês, Marpa deu um bom curso sobre o dharma.

No décimo dia da lua crescente, o festival dos *ḍākas*, realizou-se um *gaṇacakra*. Durante o banquete, o príncipe disse ao guru Marpa: "Guru, o meu pai e eu recebemo-lo calorosamente antes. Agora sou eu quem o faz sozinho e, hoje, solicito-lhe neste *gaṇacakra* que, por favor, cante uma canção nunca antes cantada, uma canção que unifique palavras e significado."

Marpa respondeu: "Na primavera passada, viajei do Nepal central para um local à distância de uma refeição de viagem dali. Naquela cidade fronteiriça incivilizada chamada Liśokara, o povo cobra muitos impostos alfandegários. Fiquei lá alguns dias. Uma noite, num sonho, mulheres de ser autêntico vestidas com as roupas da filha de um brâmane vieram ter comigo e disseram: 'Vamos para Śrī Parvata no Sul', e levaram-me para lá. Pareceu-me no sonho que conheci o Grande

Brâmane em pessoa. Nessa altura, ouvi a verdade essencial que não é fabricada pela mente, cantada pelo Grande Brâmane."

Marpa cantou então, na melodia das asas estendidas de um *garuḍa* em voo, esta grande canção, um *vajra dohā* que perfura o âmago da mente:

Neste dia glorioso e auspicioso da lua crescente,
O feriado do décimo dia,
No banquete *gaṇacakra* dos *ḍākas*,
Um filho que é inabalável no *samaya*,
Tu, o príncipe de Lokya, solicitaste: "Canta uma canção nunca antes ouvida."
Viajei um longo caminho pela estrada,
E o meu corpo está vencido pelo cansaço.
Portanto, esta canção não será melodiosa nem arrebatadora para a tua mente,
E eu nem sequer sou habilidoso na composição de canções.
Mas porque não há ninguém mais importante do que tu, meu amigo,
E como não posso recusar a um homem importante,
Cantarei uma canção maravilhosa que nunca foi ouvida antes,
Uma canção dos ditos e pensamentos do Senhor Brâmane.
Vós, os muitos monges e tântricos que preencheis estes assentos,
Escutai atentamente e considerai isto nos vossos corações.
No terceiro mês da primavera passada,
Subi da terra do Nepal central.
Depois de estar na estrada o tempo de uma refeição,
Cheguei à estação de impostos alfandegários nepalesa
Numa cidade de pessoas de casta baixa.
Os cobradores de impostos exploram qualquer homem que encontrem,
E detêm tibetanos indefesos que viajam.
Eu, também, tive de ficar vários dias contra a minha vontade.
Uma noite, enquanto sonhava num sono leve,
Duas belas raparigas brâmanes de ser autêntico,
Usando o fio bramânico,
Sorrindo timidamente e olhando de soslaio,
Vieram perante mim e disseram:
"Deves ir para Śrī Parvata no Sul!"
Eu disse: "Nunca fui lá antes;
Nem sequer conheço o caminho."
As duas raparigas responderam:
"Irmão, não tens de fazer nada difícil;
Nós carregar-te-emos aos ombros."
Puseram-me no assento de um palanquim de pano
E ergueram-no no céu como um guarda-sol.
Como um clarão de relâmpago, num mero instante de tempo,
Sonhei que chegava a Śrī Parvata no Sul.
À sombra fresca de um bosque de árvores *plakṣa*,

Num assento de cadáver *tira*
Estava sentado o Senhor Saraha, o Grande Brâmane.
Nunca antes vira tal brilho majestoso.
Ele estava flanqueado por duas rainhas.
O seu corpo estava adornado com ornamentos de campo de cremação.
O seu rosto alegre estava radiante.
"Bem-vindo, meu filho!", disse ele.
Ao ver o senhor, fui inundado de alegria.
Os pelos do meu corpo arrepiaram-se e fui movido às lágrimas.
Circunambulei-o sete vezes e ofereci uma prostração completa.
Recebi as solas dos seus pés no topo da minha cabeça.
"Pai, aceita-me com bondade", supliquei.
Ele abençoou o meu corpo com o seu.
No momento em que tocou com a mão no topo da minha cabeça,
O meu corpo ficou inebriado com um êxtase imaculado.
Como um elefante bêbedo com licor,
Raiou uma experiência de imobilidade.
Ele abençoou a minha fala com a sua.
Com o rugido de leão da vacuidade,
Ele proferiu "aquilo sem letra".
Como um sonho sonhado por um mudo,
Raiou uma experiência além das palavras.
Ele abençoou a minha mente com a sua.
Realizei o *dharmakāya* coemergente,
Aquele que nem vem nem vai.
Como um cadáver humano deixado num campo de cremação,
Raiou uma experiência de não-pensamento.
Então surgiu a fala pura do grande êxtase
Do vaso da sua preciosa garganta.
Com a fala de sinais na melodia de Brahmā,
Ele cantou esta canção vajra que aponta as coisas como elas são,
O significado de um céu vazio livre de nuvens.
Assim ouvi este auto-enunciado não nascido:
"NAMO A compaixão e a vacuidade são inseparáveis.
Esta mente inata de fluxo ininterrupto
É a talidade, primordialmente pura.
O espaço é visto em união com o espaço.
Porque a raiz reside em casa,
A consciência mental está aprisionada.
Meditando nisto, os pensamentos subsequentes
Não são remendados na mente.
Sabendo que o mundo fenomenal é a natureza da mente,
A meditação não requer mais antídoto.
A natureza da mente não pode ser pensada.
Descansa neste estado natural.

Quando vires esta verdade, serás libertado.
Tal como uma criança faria, observa o comportamento dos bárbaros.
Sê despreocupado; come carne; sê um louco.
"Tal como um leão destemido,
Deixa a tua mente de elefante vaguear livremente.
Vê as abelhas a pairar entre as flores.
Não vendo o *saṃsāra* como errado,
Não existe tal coisa como alcançar o *nirvāṇa*.
Este é o caminho da mente comum.
Descansa na frescura natural.
Não penses em atividades.
Não te apegues a um lado ou a uma direção.
Olha para o meio do espaço da simplicidade."
Ir além do esgotar da *dharmatā* é a verdade essencial,
O cume das visões, mahāmudrā.
Este significado de sinal, que perfura o âmago da mente,
Ouvi da boca do Grande Brâmane.
Nesse instante, acordei.
Fui apanhado pelo gancho de ferro desta memória inesquecível.
Dentro da masmorra do sono ignorante,
A visão da sabedoria-insight abriu-se
E o sol raiou num céu sem nuvens,
Limpando a escuridão da confusão.
Pensei: "Mesmo que encontrasse os budas dos três tempos,
De agora em diante, não teria nada a perguntar-lhes."
Esta foi uma experiência decisiva.
Os pensamentos discursivos esgotaram-se, que maravilha!
E ma! As profecias de *yidams* e *ḍākinīs*
E a verdade profunda proferida pelo guru,
Embora me tenham dito para não falar destas coisas,
Esta noite não posso deixar de as dizer.
Exceto nesta mesma ocasião,
Nunca disse isto antes.
Escutai com os vossos ouvidos e repeti-o mais tarde.
Sou um homem que viajou um longo caminho
Sem amigos íntimos e parentes.
Agora, quando o meu corpo fica cansado e faminto,
Filho, o que fizeste estará na minha mente.
Não esquecerei isto; está gravado profundamente na minha mente.
Meu amigo do coração, a tua bondade está retribuída.
Os senhores que habitam acima, os gurus,
Os divinos *yidams* que concedem *siddhis*,
E os *dharmapālas* que limpam obstáculos,
Que todos estes, por favor, não me repreendam.
Por favor, perdoai-me se houver alguma confusão no que eu disse.

Assim, esta canção foi cantada, e o guru Marpa foi visto como o buda em pessoa pelo príncipe de Lokya.

No caminho para Lhotrak, o Senhor Marpa foi a casa de Nyö, em Kharak, para ver se Nyö lhe emprestava os livros para fazer cópias. "Preciso das cópias dos textos", disse ele. Nyö ofereceu ao Senhor Marpa um *sang* de ouro e um *maṇḍala* e disse: "És muito conhecedor sobre o Mahāmāyā. Não tens necessidade destes textos. Tu expões o Mahāmāyā e outros ensinamentos do tantra mãe. Eu exporei o Guhyasamāja e outros ensinamentos do tantra pai." Falando desta forma, Nyö recusou-se a deixá-lo copiar os textos.

Sentindo um desejo intenso de regressar cedo à Índia, Marpa viajou para Lhotrak. O seu pai e a sua mãe tinham ambos falecido. O seu mestre e o seu irmão mais velho deram-lhe uma boa receção. Como Marpa tinha sido um antigo aluno, o mestre não lhe solicitou ensinamentos, mas respeitava a erudição de Marpa no dharma. Além disso, nenhum dos seus parentes, servos ou qualquer pessoa da localidade lhe solicitou ensinamentos ou se prostrou perante ele. No entanto, todos o tinham em alta estima e confiavam nele. Algumas pessoas vieram de longe a Lhotrak para solicitar ensinamentos e abhiṣeka. Houve muitos que lhe ofereceram prostrações e algumas oferendas simbólicas.

Aqui termina a primeira secção, *A Primeira Viagem de Marpa à Índia*.

A SEGUNDA VIAGEM DE MARPA À ÍNDIA

“Marpa vai à procura de ouro e encontra-se com discípulos.”

Pensando que deveria trazer consigo alguns assistentes na sua busca por ouro, Marpa deu instruções sobre as palavras e o significado de várias *sādhanas*, bem como sobre as suas tradições rituais, a alguns estudantes em Lhotrak que lhe tinham solicitado ensinamentos. Ele trouxe estes estudantes como assistentes e trouxe também alguns belos implementos de abhiṣeka e objetos de santuário. Montado num cavalo, foi para o Tibete Central, a sul do rio Tsangpo. Tinha parado na margem de um rio para uma refeição quando passaram dois sacerdotes tântricos que pareciam mestres. O principal disse: "Reverendos, de onde vêm e para onde vão?"

Um dos estudantes, que era eloquente, respondeu: "Vossas reverências podem ter ouvido falar deste senhor; ele é o discípulo próximo do *siddha*, *Mahāpaṇḍita Nāropa* da Índia. Este guru é conhecido como o tradutor Marpa Lotsāwa. Nós, mestre e discípulos, estamos aqui para amadurecer e libertar aqueles que são dignos, que têm karma afortunado, e para estabelecer uma ligação cármica virtuosa com aqueles que são menos afortunados. A fim de beneficiar os ensinamentos e os seres sencientes, o Senhor Marpa está a recolher oferendas de ouro e provisões para

regressar novamente à Índia." Continuando desta forma, o estudante deu um relato completo e detalhado. O sacerdote disse: "Sim, já ouvi falar da fama deste guru antes e pensei em conhecê-lo. Por favor, venham ficar em minha casa esta noite."

Desta forma, convidou-os para o mosteiro da Montanha Gamela Altaneira, na região de Shung. Este sacerdote foi o primeiro dos principais discípulos de Marpa; era conhecido como Ngoktön Chödor de Shung. Ngok recebeu Marpa em Shung e serviu-o bem. Solicitou ensinamentos e Marpa deu-lhe o abhiṣeka e a sādhana do bhagavat Hevajra de acordo com o mestre Padmavajra. Ngok fez muitas oferendas de vestuário de qualidade e outras coisas. Além disso, instou os seus próprios discípulos e muitos patronos a solicitarem ensinamentos. Eles suplicaram ao guru e receberam o abhiṣeka. Marpa ensinou o dharma durante dois meses. Recebeu muitas dádivas e a sua fama espalhou-se.

Depois, Marpa ficou em Sesamar, na região de Phen. Curou nove mulheres da condição de "morte infantil" por meio do Kīla, e recebeu onze sho de ouro por cada cura. Realizou a bênção-permissão da devī Remati, bem como várias aplicações yóguicas. Ensinou vários cursos de dharma e todos os presentes tornaram-se muito devotos.

Um dia, Marpa deu o abhiṣeka de Hevajra a muitas pessoas em Sesamar. Nessa altura, vindo de Nyingtmng, no distrito de Damshö, no Norte, o mercador Marpa Golek chegou ao Tibete Central em negócios. Perguntou quem eram as muitas pessoas que se movimentavam na encosta e o que estavam a fazer. Disseram-lhe: "O discípulo do jetsün Nāropa, Marpa Lotsāwa, conduziu um abhiṣeka e está agora a realizar um gaṇacakra." Marpa Golek pensou: "Ele poderá ser meu parente e também um bom guru. Devo receber ensinamentos dele." Assim, ofereceu a Marpa quatro flancos de carne de iaque e um saco de sal-gema.

Enquanto conversavam, a fé surgiu em Marpa Golek e ele pensou: "Devo convidar este guru para minha casa." Disse a Marpa: "Se procura ouro para oferecer aos gurus da Índia, não o encontrará na região de Phen. Segundo o provérbio: 'Na região seca de Phen contam-se as porções de aves de capoeira. Nos oito distritos do Norte contam-se os quartos de um iaque selvagem.' As pessoas da região de Phen não são honestas. Têm pouca fé e são rudes e cabeçudas. Se vier comigo para o Norte, andará a cavalo, vestirá um belo manto e sentar-se-á em belas almofadas. Terá carne, manteiga e queijo em abundância."

"Pois bem, então irei convosco", disse Marpa. "Quando receber o nosso convite, por favor venha", disse Marpa Golek.

Marpa Golek terminou os seus negócios e partiu novamente para o Norte. De lá, enviou uma comitiva de boas-vindas para encontrar Marpa, com um cavalo para o guru montar e com dzos carregados de belas roupas e provisões. Quando soube que Marpa estava perto, o próprio Golek montou o seu cavalo e foi recebê-lo.

Encontrou o guru na fronteira perto de Tsül, em Dam. Notou que Marpa usava as suas roupas velhas e tinha guardado as roupas novas que Golek lhe enviara. "Para nós, montanheses do Norte", disse Golek, "a aparência física é muito importante. Gostaria de lhe pedir que pusesse de lado as suas roupas velhas e vestisse as novas."

Marpa respondeu: "Em geral, diz-se que os demónios não prejudicam o que realmente possuímos. Em particular, o grande e glorioso Nāropa abençoou estas minhas roupas. Seria uma grande perda se as deitasse fora, por isso guardá-las-ei para levar de volta para Lhotrak." Arrumou-as então na sua bagagem. "Vou satisfazer-vos", disse ele, e vestiu as roupas novas oferecidas por Ngok e também por Golek.

Golek ofereceu-lhe o seu próprio cavalo selado. Enquanto seguiam pelo caminho, Golek pensou: "Além de todas as roupas que lhe ofereci, ele tem outras novas que não vestiu. Parece ser avarento. Geralmente, as ações de uma pessoa sagrada não podem, em última análise, ser sondadas; no entanto, se isto for ganância por riqueza material, é uma grande falha. Portanto, devo testar este guru."

Golek perguntou: "Além das roupas novas que lhe ofereci, tem outras. Por que não as vestiu desde o início?"

"Seria muito inconveniente levar todas estas roupas para a Índia e, quando envelhecerem, não podem ser trocadas por ouro. Trocando estas roupas novas por ouro, planeio oferecer o ouro ao glorioso Nāropa. Agora, para vos agradar, vesti-as. Se eu não tiver ouro na Índia, não poderei obter ensinamentos", respondeu Marpa.

Marpa Golek pensou: "Tal desejo por riqueza material não é uma falha, mas uma virtude", e a sua ligação cármica despertou ainda mais. Desfez-se em lágrimas, os seus pelos estremeceram e uma fé extraordinária nasceu nele. Na presença do guru, fez o voto de praticar de todo o coração e de o servir constantemente.

Chegaram então a Nyingtrung, no distrito de Damshö. Por insistência de Golek, que era o chefe desta província de montanheses, a sua família e servos deram a Marpa uma boa receção. De acordo com o seu voto, Marpa Golek entrou pela porta do dharma e solicitou o abhiṣeka e instruções orais. Instou também os seus servos, parentes e amigos a receberem ensinamentos. Marpa curou a condição de "morte infantil" muitas vezes e recebeu muito ouro. Cerca de noventa pessoas receberam ensinamentos e ofereceram-lhe ouro e muita riqueza. Todas as dádivas que não eram ouro foram trocadas por ouro.

Depois, Marpa foi para a rocha de ouro de Mera, no Norte, e recebeu muito ouro. Em particular, o próprio Golek deu dezoito sang de ouro, muitos dzos, cavalos, gado, ovelhas, armaduras e o seu próprio cavalo, chamado Dragão de Turquesa de Cabeça Branca. Quando Marpa ficou contente com as dádivas de ouro e outras coisas, pensou: "Agora devo ir para a Índia."

Com Golek e alguns outros praticantes do dharma a segui-lo como assistentes, o guru Marpa partiu para Lhotrak. Quando estavam a norte do rio Tsangpo, Tsurtön Wang-nge de Töl convidou-os para sua casa. Assim, o mestre e os discípulos foram para Töl e foram bem recebidos. Tsurtön suplicou pelo abhiṣeka e instruções orais de Guhyasamāja. Marpa deu-lhe o abhiṣeka e disse: "Dar-te-ei as instruções orais mais tarde; agora estou com pressa." Depois de Tsurtön ter feito muitas oferendas, seguiu o guru como assistente para receber as instruções orais.

Ngokpa convidou Marpa novamente para Shung e deu-lhe muitas dádivas de ouro e outras coisas. Depois, partiu também com Marpa, como seu assistente. Assim que o mestre e os discípulos chegaram ao vale de Trowo, Bawachen de Parang convidou-os para Layak do Sul. Ele recebeu o abhiṣeka de Mahāmāyā e ofereceu muitas dádivas. Marpa aceitou as dádivas, e aqueles que tinham recebido ensinamentos acompanharam-no.

No vale de Trowo, o guru deu o abhiṣeka de Hevajra para recompensar os discípulos pelo seu serviço e devoção. Marpa deu o Hevajra especialmente a Ngokpa. A Tsurtön e a Marpa Golek, deu o Guhyasamāja de acordo com o texto raiz e as instruções diretas das cinco fases. A Bawachen de Parang, deu as explicações sobre o Mahāmāyā. Para o banquete de despedida, Marpa convidou o seu irmão mais velho e organizou um excelente gaṇacakra. No banquete, os estudantes perguntaram: "Precioso guru, quantos gurus teve na Índia? Entre eles, quem possuía a marca admirável de siddhi? Que abhiṣekas e instruções orais recebeu deles? Com que tipo de companheiros viajou?"

Em resposta, o Senhor Marpa deu-lhes um relato extenso. Depois, sendo mais conciso, cantou esta canção em verso:

Senhor Vajradhara desta era de conflito,
Ser supremo que realizou a disciplina ascética,
Levado por todos como uma coroa na cabeça,
Glorioso Nāropa, presto homenagem respeitosamente aos teus pés.
Este Marpa Lotsāwa de Lhotrak
Encontrou o dharma aos doze anos de idade.
Isto certamente despertou as predisposições de treinos anteriores.
Primeiro aprendi as letras do alfabeto.
Depois aprendi a tradução de palavras.
Finalmente fui para o sul, para o Nepal e para a Índia.
Fiquei três anos no Nepal central.
De abençoados gurus nepaleses
Ouvi o Catuḥpīṭha, renomado como um tantra poderoso.
Recebi a devī Vetālī como protetora.
Não satisfeito apenas com isto,
Fui para a Índia para mais ensinamentos.

Cruzei rios venenosos e mortais.
A minha pele desprendeu-se como a de uma serpente.
Ousando abandonar a minha vida por amor ao dharma,
Cheguei àquele lugar maravilhoso profetizado pelas ḍākinīs,
Phullahari no Norte.
Neste mosteiro imbuído de siddhi,
Do guardião Mahāpaṇḍita Nāropa
Recebi o tantra de Hevajra, renomado pela sua profundidade,
E as instruções orais da união de misturar e ejetar.
Solicitei especialmente a karmamudrā de caṇḍālī
E recebi a transmissão da linhagem de audição.
No mosteiro de Lakṣetra no Oeste
Toquei os pés do glorioso Jñānagarbha.
Escutei o tantra pai, o Guhyasamāja,
Recebi as instruções do corpo ilusório e da luminosidade,
E aprendi o significado do caminho das cinco fases.
Fui à ilha no lago de veneno fervente no Sul.
A meio do dia, ficava tão escuro como a meia-noite.
Por vezes o caminho era claro e outras vezes desaparecia.
Abandonando o meu medo da morte, procurei o jetsün.
Encontrei o glorioso Śāntibhadra em pessoa.
Ele deu-me o tantra mãe, o Mahāmāyā.
Aprendi o significado dos três yogas, forma e assim por diante,
E recebi as instruções do tantra das três ilusões.
No Este cruzei o Ganges, o rio dos siddhis.
No mosteiro da montanha que treme
Toquei os pés do senhor,
Mestre Maitrīpa,
E recebi o profundo tantra, o Mañjuśrī-nāma-saṅgīti.
Vivendo na realização do dharma de mahāmudrā,
A natureza e o funcionamento da mente real foram resolvidos.
Vi a essência do significado da dharmatā base.
Renomados em toda a Jambudvīpa,
Estes são os gurus da linhagem das quatro direções.
Também de yogins errantes em campos de cremação
E kusulus que habitam sob árvores,
Alguns dos quais são completamente desconhecidos,
Recebi muitas instruções curtas em sampannakrama,
Sādhanas admiráveis,
E inúmeras instruções orais de aplicações yóguicas.
No regresso ao Tibete, Nyö de Kharak acompanhou-me.
Quando chegámos ao Nepal central
Eu, Marpa Lotsāwa de Lhotrak,
E Nyö Lotsāwa de Kharak
Discutimos qual o lotsāwa mais erudito e com maiores

instruções orais.
Ao atravessar a fronteira do Nepal para o Tibete,
Nyö era mais rico em riqueza e bens materiais.
Quando cheguei às quatro partes de Latö,
Tinha alcançado igual renome como tradutor.
Quando cheguei ao centro de Ü e Tsang no Tibete,
Era famoso pelas instruções orais.
Uma vez que encontrei gurus siddha,
Não há dúvida quanto à grandeza destas instruções
orais.
Como não espero pela iluminação através da sofística,
Aqueles que expõem textos podem fazer o que quiserem.

Assim cantou Marpa. Até o seu irmão mais velho sentiu grande devoção e ofereceu a Marpa qualquer propriedade ou vale que ele desejasse. Assim, a dignidade, riqueza, propriedade e renome de Marpa aumentaram grandemente. Quando reuniu muitos discípulos e muita riqueza, casou-se com Dagmema e tomou outras consortes autênticas que possuíam boas qualidades, e Tarma Dode e outros filhos nasceram.

Marpa vai à Índia uma segunda vez, encontra os seus gurus e recebe ensinamentos

Marpa preparou um excelente banquete de ação de graças para os gurus, yidams, dharmapālas e protetores pelo seu favor passado. Suplicando-lhes e confiando-lhes o seu sucesso futuro, organizou oferendas elaboradas e tormas para o banquete e realizou um bom gaṇacakra. Levando cerca de cinquenta sang de ouro, preparou-se para partir para a Índia.

Embora alguns estudantes pedissem para ir como assistentes, Marpa não deu a sua permissão e disse que iria sozinho. Assim partiu e chegou ao Nepal, onde encontrou Chitherpa e Paiṇḍapa. Ofereceu-lhes ouro e eles ficaram satisfeitos. Os irmãos de dharma nepaleses arranjaram alguns companheiros de confiança para o acompanhar, e assim Marpa foi com eles para a Índia, onde chegou sem percalços.

Marpa oferece ouro aos seus gurus, encabeçados por Nāropa, para retribuir a sua bondade, agradando-lhes assim, e recebe novamente ensinamentos. Na presença do glorioso Nāropa, Marpa solicitou o abhiṣeka de Hevajra nas versões extensa, intermédia e abreviada, a segunda secção do Hevajramūlatantra, a explicação extraordinária do Dākinī-vajrapanjara-tantra e a explicação ordinária do Sampuṭa-tantra, todos estes juntamente com o seu comentário e instruções orais.

Então Nāropa disse: "Vai encontrar-te também com os teus outros antigos gurus. Revisa minuciosamente os ensinamentos que recebeste anteriormente. Mais tarde, quando não tiveres dúvidas sobre estes, solicita outros ensinamentos que ainda não recebeste e discute-os. A quem gostarias de ir primeiro?"

Marpa respondeu: "Primeiro irei a Maitrīpa." Marpa foi ficar com Maitrīpa, agradou-lhe com uma oferenda de ouro e revisou cuidadosamente os ensinamentos que recebera anteriormente. Depois solicitou o abhiṣeka e o comentário do Guhyasamāja e o tantra do Mahāmudrā-tilaka, e copiou os seus textos.

Após um breve regresso a Nāropa em Phullahari, foi para Nālandā, onde encontrou o paṇḍita caxemira Śrī Bhadra. Num gaṇacakra de boas-vindas, Śrī Bhadra perguntou: "Ouviste o Mestre Maitrīpa expor as instruções essenciais. Qual achas que é mais profunda, a intenção da linhagem do Senhor Śavari, o discípulo do senhor Grande Brâmane, ou a intenção do nosso próprio guru Nāropa, o discípulo de Tilopa?"

Marpa pensou: "Um gaṇacakra envolve sempre música e dança; portanto, não há mal em revelar alguns aspetos da intenção de Maitrīpa numa canção." Então cantou esta canção:

Escuta, amigo do coração Śrī Bhadra!
Sou um budista chamado Marpa.
Como perguntaste qual é a mais profunda,
A intenção de Nāropa ou de Maitrīpa,
Esta canção é a minha resposta.
Nāropa, semelhante a um leão,
É o mais precioso de todos.
A sua grande intenção
É satisfazer todas as necessidades e desejos.
Senhor Dharmadhara, por favor aceita-nos com bondade.
Os pés de lótus deste mahāpaṇḍita
Nestes dias são o meu ornamento de crista.
A sua intenção é a seguinte.
Por favor, presta atenção e escuta cuidadosamente.
O céu do dharmakāya está carregado de nuvens de chuva de sabedoria.
A chuva contínua de emanações espalha-se sobre todos os seres.
Ao guru de nascimento supremo da linhagem ininterrupta
Prostro-me respeitosamente com corpo, fala e mente.
O dharmakāya como o céu
É o buda, o grande Vajradhara.
As densas nuvens de chuva de sabedoria
São os dois bodhisattvas.
A queda de chuva amṛta da atividade do buda
É o jetsün, o Brâmane Saraha.
A emanação que trabalha para o benefício dos seres
É o Senhor dos Eremitas, Śavari.
O detentor desta linhagem ininterrupta
É o Mestre, Príncipe Maitrīpa.

Recebi bondade deste ser sagrado.
Eis como compreender a sua intenção.
O insight auto-luminoso e imutável
É descrito como o dharmakāya não nascido.
A sabedoria auto-nascida incessante
É descrita como a multiplicidade do nirmāṇakāya.
Estes dois unificados na coemergência
São descritos como o sambhogakāya.
Estes três livres de origem
São descritos como o svabhāvikakāya.
Todos estes, além das condições,
São descritos como o mahāsukhakāya.
Estes são os cinco kāyas últimos.
Alegra isto as vossas mentes, amigos do coração?

Assim cantou Marpa e descreveu como os cinco kāyas funcionam. Śrī Bhadra disse: "Agora, por favor, descreve a visão, a meditação, a ação e a fruição." Então Marpa cantou esta canção:

Por favor, escutai sem que as vossas mentes divaguem.
Embora eu não seja habilidoso na composição de canções,
Esta é a forma de compreender as verdadeiras instruções orais.
Mantende isto em mente e ponderai-o.
Os três mundos são primordialmente puros.
Em última análise, não há nada mais a compreender.
Não negação, continuidade incessante,
Imutável — tal é a visão.
A essência inata é naturalmente luminosa.
Incondicionada, a meditação é incessante.
Não negação, além de perder e ganhar,
Sem desejo ou apego — tal é a meditação.
Surgindo da ocorrência natural de várias coincidências,
O jogo da ilusão é desobstruído.
Não negação,
As coisas são imprevisíveis, abruptas — tal é a ação.
A mente brilha como bodhicitta.
Não há alcance dos três kāyas do buda.
Não negação, além de esperança e medo,
Sem base ou raiz — tal é a fruição.

Assim cantou Marpa. Novamente Śrī Bhadra perguntou: "Maitrīpa deu aos praticantes as instruções orais de uma só vez ou instruiu-os gradualmente por meio de técnicas?" Em resposta, Marpa cantou esta canção:

Ó vós, amigos superiores do dharma!

O meu Jetsün Maitrīpa
Tocou os pés de Śavari,
O filho do coração de Nāgārjuna, protetor dos seres,
Que foi vaticinado por Avalokiteśvara.
Śavari deu-lhe os ensinamentos completos dos três yānas.
Ele recebeu o nome secreto Advayavajra.
Ele detém as chaves de todas as ordens de tantra.
Ele realizou as técnicas do mantra secreto.
Estandarte de vitória do dharma, tesouro do dharma,
Leão do dharma, rei do dharma —
Ele é amplamente erudito em filologia, madhyamaka e lógica.
Ele alcançou a mestria de um paṇḍita.
Ele conhece sem falha a realidade das coisas como elas são.
Abandonou o seu domínio real como se fossem ervas daninhas
E alcançou o estado supremo numa só vida.
Jetsün Ḍākinī revelou-se a ele
E por isso ele recebeu todos os siddhis ordinários.
Desta forma, alcançou virtudes incomensuráveis.
Ora, estas são as intenções do pai:
Aos simples que são recetivos ao caminho gradual,
Ele dá a instrução oral de caṇḍālī para a força vital,
A instrução oral do corpo ilusório para o desapego,
A transmissão da luminosidade para afastar a escuridão,
A transmissão da existência como sambhogakāya,
A transmissão do nascimento como nirmāṇakāya, e assim por diante.
Assim, ele guia-os através dos meios supremos de base, caminho e fruição.
Àqueles que são recetivos ao caminho súbito,
Ele transmite o mahāmudrā nu.
Ver este pai preenche o corpo, a fala e a mente de fé.
Ouvi-lo purifica os obscurecimentos cármicos.
Encontrá-lo liberta dos terrores dos reinos inferiores.
Se solicitado, ele coloca o buda na palma da mão.
Detendo a linhagem do glorioso Senhor dos Eremitas,
Filho do coração do Mahāpaṇḍita Nāropa,
O precioso segundo Buda, o Senhor Maitrīpa possui estas virtues.
Hoje em dia as pessoas são extremamente invejosas.
Se isto for repetido a alguém que não vós, amigos,
A virtude não florescerá e a mácula aumentará.
Portanto, guardai este segredo das pessoas comuns.
Estas são as ações do guru.
Não é isto bom, afortunados amigos vajra?

Assim cantou Marpa. O paṇḍita Śrī Bhadra, o líder, e os restantes ficaram muito satisfeitos e disseram: "Tradutor, fizeste bem em realizar os teus propósitos."

Depois disto, o Senhor Marpa regressou ao glorioso Nāropa. Conforme Nāropa sugerira, ele foi ter com os seus gurus com oferendas de ouro. Primeiro foi à ilha no lago de veneno, onde encontrou Kukkurīpā e a Yoginī Adornada com Ornamentos de Osso. Depois foi a Lakṣetra, no Oeste, onde encontrou o glorioso Jñānagarbha e Siṃhadvīpa. Ofereceu ouro a todos os gurus, o que os agradou muito. Mais uma vez, a fim de clarificar a sua compreensão, solicitou os abhiṣekas, transmissões de leitura e instruções orais já recebidos, bem como aqueles ainda não recebidos. Traduziu todos os ensinamentos que recebeu, editou-os cuidadosamente e regressou com eles para Phullahari.

Do glorioso Nāropa, recebeu rolos do texto e instruções orais sobre o Cakrasaṃvara da linhagem do Rei Indrabhūti e sobre o Buddhakapāla-tantra de acordo com a tradição do Grande Brâmane Saraha. Então Marpa começou a traduzir e a escrever todos os ensinamentos que tinha recebido anteriormente.

Um dia, enquanto Marpa tomava uma refeição com Nāropa, chegou um erudito paṇḍita de Labar, na Caxemira, um bhikṣu pacífico e gentil chamado Ākarasiddhi. Até Nāropa o saudou como um igual. Ākarasiddhi suplicou a Nāropa, dizendo: "Por favor, concede-me o abhiṣeka, a transmissão de leitura, o comentário e as instruções orais do Guhyasamāja." O Senhor Marpa também suplicou por estes. Nāropa disse: "Agora, porque chegou o momento, fá-lo-ei sem falta."

Juntamente com Ākarasiddhi, Marpa recebeu o abhiṣeka dos maṇḍalas elaborado e simplificado do Guhyasamāja, bem como o grande comentário tântrico chamado Advayasamatāvijaya em 3500 ślokas e o Pradīpoddyotana-nāmaṭīka. Quando o ensinamento terminou, Ākarasiddhi preparou-se para partir. Marpa acompanhou-o na despedida e perguntou: "Para onde vais agora?" Ele respondeu: "Vou através do Tibete em peregrinação a Wu-t'ai Shan, na China."

Marpa pensou: "Depois de este erudito paṇḍita passar pelo Tibete, poderá acontecer que menos pessoas me solicitem o Guhyasamāja e outros ensinamentos." Através da sua percepção superior, o paṇḍita soube instantaneamente o que Marpa estava a pensar. Partiu então para o Tibete.

Quando Ākarasiddhi chegou a Khap Kungthang, encontrou Naktso Lotsāwa, que estava a ensinar o Pradīpoddyotana num terraço. O lotsāwa disse: "Quem és tu, dzoki? Para onde vais?"

— "Sou um paṇḍita. Vou para Wu-t'ai Shan, na China."

Naktso disse desdenhosamente: "Esses chamados paṇḍitas indianos vagueiam com os seus pés descalços e sujos à procura de ouro. Fazem-me rir. Já agora, conheces o paṇḍita Ākarasiddhi?"

— "Sou eu."

— "Nesse caso, certamente não estás à procura de ouro. És maravilhoso."

Naktso convidou-o a entrar e ofereceu-lhe toda a hospitalidade. Em geral, Naktso solicitou os ensinamentos profundos e vastos dos sūtras e tantras e, em particular, o Guhyasamāja.

Enquanto os dava, o paṇḍita percebeu através da sua percepção superior: "Embora tenha chegado ao Tibete e ensinado o dharma, ninguém aqui está ligado cármicamente a mim como discípulo, exceto este lotsāwa. Todos os que estão atualmente no Tibete e têm fé no mantrayāna serão discípulos de Marpa Lotsāwa, uma emanação de Ḍombī Heruka. Só ele os domará. Se eu for para a China, a minha vida correrá perigo. É o meu destino realizar atividade búdica para discípulos em Uḍḍiyāna." Portanto, decidiu regressar à Índia.

Depois de ter recebido os ensinamentos, Naktso ofereceu uma quantidade considerável de ouro, bem como bens necessários para viajar no Tibete, e disse: "Uma vez que pensas ir para a China, terás primeiro de passar pelo Tibete. Enviarei quantos guias e servos precisares até Lhasa."

Devido à sua grande renúncia e porque tinha em mente o que Naktso dissera anteriormente sobre os paṇḍitas descalços à procura de ouro, Ākarasiddhi disse: "Agora vou regressar à Índia. Não preciso de ouro nem de companheiros", e nada quis aceitar.

Naktso perguntou: "Qual é o seu motivo?"

Ākarasiddhi contou-lhe o que tinha percebido através da sua percepção superior. Naktso disse: "Se vais regressar à Índia, deves aceitar algum ouro para que eu possa aperfeiçoar as acumulações." Com lágrimas a correr-lhe dos olhos, insistiu que Ākarasiddhi aceitasse.

— "Bem, para que possas aperfeiçoar as acumulações, aceitarei um pouco." Ākarasiddhi aceitou um sang de ouro e partiu.

Devido à sua conversa com Ākarasiddhi, Naktso Lotsāwa experienciou uma visão sagrada e percebeu que o Jetsün Marpa era certamente um grande bodhisattva habitando nos bhūmis. Quando o paṇḍita chegou à Índia, disse ao Senhor Marpa: "Meu amigo, não fiz o que temias. Como desejas, a atividade búdica de domar os discípulos no Tibete será tua."

Marpa pensou: "Este bom paṇḍita conheceu os meus triviais pensamentos negativos através da sua percepção superior.

Fundamentalmente, não houve quebra de confiança da minha parte. Não tenho de me sentir envergonhado. Geralmente, devo estar consciente da minha própria mente. Não devo dar lugar a maus pensamentos." Marpa relatou os seus pensamentos ao paṇḍita. O paṇḍita disse: "Ah, bem, estou apenas a brincar. Devido às tuas boas intenções em vidas anteriores, agora o guru aceita-te no seu coração. No

futuro, serás a glória dos ensinamentos e dos seres sencientes." Então Ākarasiddhi partiu para Uḍḍiyāṇa.

Depois disto, o Senhor Marpa traduziu todos os textos dos abhiṣekas, transmissões de leitura e instruções orais que tinha recebido dos seus gurus. Com empenho, terminou estas composições rapidamente.

Marpa regressa ao Tibete

Marpa realizou as atividades destinadas a beneficiar os ensinamentos e os seres sencientes. Satisfeito, preparou-se para regressar ao Tibete. Durante um gaṇacakra de ação de graças que Marpa ofereceu a Nāropa, o mahāpaṇḍita colocou a mão no topo da cabeça do Jetsün Marpa e cantou esta canção:

Uma flor florescendo no céu,
O filho de uma mulher estéril monta um cavalo
Empunhando um chicote de pêlo de tartaruga.
Com a adaga de um corno de lebre
Ele mata o seu inimigo no espaço da dharmatā.
O mudo fala, o cego vê.
O surdo ouve, o coxo corre.
O sol e a lua dançam, tocando trombetas.
A criança pequena gira a roda.

Então Nāropa disse: "Além disso, tenho a transferência de consciência, algumas instruções orais profundas da linhagem de audição e outros ensinamentos. Deves definitivamente voltar mais uma vez." Assim, Nāropa instou Marpa fortemente, mas não disse mais nada, e Marpa não perguntou sobre o significado da canção. Mantendo as palavras de Nāropa claramente em mente, Marpa jurou que se encontrariam definitivamente mais uma vez. Fazendo esta prece, partiu.

Ao chegar ao Nepal, Marpa ficou apenas brevemente e depois foi para o Tibete. Quando chegou a Tsang, o grande Metön Tsönpo de Tsangrong solicitou o abhiṣeka e as instruções orais de Cakrasaṃvara. Enquanto Marpa ali permanecia e realizava o abhiṣeka, os seus discípulos no vale de Trowo ouviram as boas notícias da chegada do guru ao Tibete e de que ele gozava de boa saúde. Marpa Golek e alguns outros discípulos foram recebê-lo. Nas montanhas do alto Nyang, encontraram o guru, que vinha de Tsangrong. Todos regressaram e ficaram em Lhotrak.

Ali, o Jetsün Mila e muitos outros discípulos dignos logo se reuniram. O esplendor, a fama e a atividade búdica de Marpa ao domar discípulos expandiram-se grandemente. Durante este tempo, a domesticação do Jetsün Mila e a construção da torre chamada Sekhar foram concluídas.

Tarma Dode Atinge a Maioridade

Um dia, durante a cerimónia de maioridade e consagração do seu filho, o Senhor Marpa e o seu filho Tarma Dode tiveram um debate, que o filho venceu. O filho disse: "Como se costuma dizer: 'A colher de mexer fez o trabalho duro, mas a concha é que leva o caldo.' O pai realizou o trabalho duro, mas eu tenho as práticas. O pai devia sentar-se calmamente e comer a sua papa." Ao dizer isto, Tarma Dode estava bastante divertido e riu-se.

O pai disse: "Filho, como se costuma dizer: 'A água da virtude não pode ficar numa bola de arrogância.' O filho é erudito e grande devido à bondade do pai. Ainda te desejo bem, mas não sejas orgulhoso. Ouve esta canção."

Então Marpa cantou esta canção de comando urgente para o seu filho:

Ouve, nobre filho, Dodebum.
Embora digas que és erudito e grande,
Tudo isso é bondade do nobre pai.
Reunindo vastas acumulações através de vidas passadas,
Criei riqueza de ouro amarelo.
Assim, agradei ao guru.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Nāropa, Maitrīpa e o Caminho da Libertação
São os três sagrados gurus raiz.
Assim, as instruções orais são profundas.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Porque nunca irritei os gurus,
As ḍākinīs ficaram satisfeitas e cuidaram de mim como de uma criança.
Assim, estive livre de obstáculos e más circunstâncias.
Treinei a minha mente no dharma sagrado do mahāyāna.
Despertando a bodhicitta, abarquei todos os seres.
Assim, espalhei o dharma sagrado no Tibete.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Visto que saí para saudar o guru à sua chegada e
o escoltei à sua partida,
As solas dos meus pés ficaram marcadas com dharmacakras.
Assim, viajei pela Índia.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Quanto aos tantras, comentários e instruções orais,
Aprendi as suas palavras e significados minuciosamente, sem erro.
Assim, espalhei os ensinamentos.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Metön, Ngoktön, Tsurtön e Golek
São os quatro filhos do coração.
Assim, ensinei os tantras e os comentários.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Aquele que realizou tudo o que o guru disse

É Mila Dorje Gyaltsen.
Assim, concedi-lhe as instruções orais.
Ouve, nobre filho, Dodebum.
Eu, o senhor pai, estou a ficar velho.
Cheguei ao esgotamento da dharmatā.
Dode, o teu tempo chegou.
Pela tua grande erudição, propaga os ensinamentos.
Cumpre o desejo deste velho.

Assim cantou Marpa. Todos os presentes sentiram uma fé inabalável no Senhor Marpa. Então, quando realizou a consagração e a invocação de auspiciosidade, o Jetsün Marpa cantou esta canção de bênção de auspiciosidade:

Suplico aos gurus bondosos.
Esta minha preciosa linhagem
É auspiciosa, livre de degradação.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
O caminho direto das instruções orais profundas
É auspicioso, livre de corrupção ou confusão.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Eu, Marpa Lotsāwa,
Tenho o âmago profundo auspicioso.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Gurus, yidams e ḍākinīs
Têm bênçãos e siddhis auspiciosos.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Grandes filhos e assembleias de discípulos
Têm fé e samaya auspiciosos.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Benfeitores de países próximos e distantes
Têm a ocasião harmoniosa auspiciosa para reunir mérito.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Todos os feitos e atividades
São auspiciosos, iluminados e beneficiam os seres.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
Deuses e demónios do mundo fenomenal
Estão auspiciosamente sob comando poderoso.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.
As multidões de deuses e homens aqui reunidas
Aspiram auspiciosamente ao êxtase e à felicidade.
Que a bondade desta auspiciosidade esteja presente.

Assim cantou Marpa. Depois, o guru Ngokpa e outros discípulos e benfeitores ofereceram dádivas. Marpa aceitou-as e dedicou a virtude para a iluminação de todos.

Essa foi a segunda viagem à Índia.

A TERCEIRA VIAGEM DE MARPA À ÍNDIA

Marpa vai reunir ouro e outros objetos de valor.

Tendo aceitado o Jetsün Milarepa, Marpa deu-lhe abhiṣekas e instruções orais e enviou-o para retiro em Taknya, em Lhotrak. De acordo com o voto que fizera na presença do glorioso Nāropa, o Jetsün Marpa tencionava regressar mais uma vez à Índia. Juntamente com Marpa Golek e muitos outros discípulos, Marpa foi novamente para o norte de Üru para reunir oferendas de ouro. Devido à fama de Marpa, muitas pessoas solicitavam ensinamentos e, por isso, ele recebia muitas dádivas de ouro.

Depois, Marpa realizou um abhiṣeka na residência de Marpa Golek. Quando completou o abhiṣeka propriamente dito e estava prestes a entoar a liturgia final, o Senhor Marpa passou a um estado onde o sono e a luminosidade se misturam, e teve esta visão:

Três belas donzelas vestidas com sedas e usando ornamentos de osso caminharam em sua direção, lado a lado. A fim de decifrar os versos codificados do Mahāpaṇḍita Nāropa, que Marpa não tinha compreendido anteriormente, as donzelas à direita e à esquerda acompanharam a líder nesta canção:

A ḍākinī é a flor florescendo no céu.
O filho de uma mulher estéril montando um cavalo é a linhagem de audição.
O chicote de pêlo de tartaruga é o inexprimível.
A adaga de um corno de lebre é o não nascido.
Isto mata Tilopa no espaço da dharmatā.
Tilopa é o mudo, além da palavra, do pensamento e da expressão.
Nāropa é o cego, libertado ao ver a verdade de nada para ver.
Nāropa é o surdo, a montanha dharmakāya da dharmatā.
Lodrö é o coxo, que corre na montanha com o passo da luminosidade, livre de vir e ir.
A lua e o sol são Hevajra e a consorte.
São dois dançarinos, mas um só sabor.
As trombetas proclamando a fama nas dez direções
Soam para recipientes dignos.
A roda é Cakrasaṃvara.
O seu girar é a própria roda da linhagem de audição.
Ó criança, gira-a sem apego.

Nesse momento, Marpa acordou. Juntou as palmas das mãos e lágrimas correram-lhe dos olhos.

— "O que se passa?", perguntaram os seus discípulos.

— "Tenho de ir depressa ter com o glorioso Nāropa; irei amanhã", respondeu Marpa.

Então ele realizou a liturgia final. Depois disso, Marpa Golek suplicou a Marpa: "Por favor, diga-nos os seus motivos em detalhe", e Marpa contou-lhos extensamente. Marpa Golek disse: "Bem, então eu e os outros discípulos dar-lhe-emos ouro e faremos outras oferendas que possam ser trocadas por ouro." Como Marpa Golek dissera, as outras dádivas foram trocadas por ouro. Então Marpa, juntamente com Marpa Golek, viajou para Lhotrak. Marpa permaneceu aqui por alguns dias, pensando que devia ir para a Índia.

Ao mesmo tempo, o Jetsün Mila estava em retiro estrito em Taknya, em Lhotrak. Uma noite, Mila sonhou que aparecia uma senhora, de cor azul-celeste, bela com roupas de seda e ornamentos de osso, e tendo sobrancelhas e bigode de amarelo brilhante. Ela disse: "Tens o mahāmudrā e os seis yogas de Nāropa, que trazem o estado de buda através de uma prática prolongada; mas não tens os ensinamentos especiais da ejeção e transferência de consciência, que trazem o estado de buda com pouco esforço."

Quando acordou, Mila não sabia se aquilo era uma revelação ou um obstáculo. Pensou: "Se isto é uma revelação, então o meu guru, que é o buda dos três tempos, deve ter estes ensinamentos." Assim, saiu do retiro, contou a história a Marpa e solicitou os ensinamentos.

Marpa disse: "Esta é uma mensagem das ḍākinīs. Quando eu estava prestes a regressar da Índia, o Mahāpaṇḍita Nāropa falou da transferência de consciência e da linhagem de audição. Não creio que tenha recebido estas instruções, mas podemos procurar nos meus textos." Tanto o mestre como o discípulo procuraram nos textos indianos. Havia muitos textos sobre ejeção, mas não encontraram quaisquer textos sobre transferência.

"Os versos codificados decifrados no norte de Üru também me instaram a solicitar este ensinamento. Além disso, nem sequer sei que tipo de instruções orais existem da linhagem de audição. Irei depressa para a Índia", disse Marpa.

A sua esposa, Dagmema, e os discípulos opuseram-se-lhe insistentemente, citando a sua idade avançada e muitos outros motivos como objeções.

— "DDigam o que disserem, jurei encontrar o glorioso Nāropa mais uma vez. O próprio Nāropa me aconselhou a vir. Portanto, sejam quais forem as consequências, vou para a Índia." Ao dizer isto, Marpa recusou-se a ouvir. Como não havia mais nada a fazer, esconderam o ouro e as provisões necessárias para a viagem à Índia.

Marpa disse: "Se eu não tiver forças para fazer isto, não poderá ser feito. Preferia morrer a quebrar o meu voto de ir ter com o guru." Ficando zangado, foi

para a cama. Na manhã seguinte, o seu quarto estava desordenado e vazio. Os discípulos correram em todas as direções à sua procura, e o Jetsün Mila encontrou-o. Alguns outros chegaram àquele local e ofereceram súplicas. Marpa disse: "Agora, mesmo sem dádivas, não quebrarei o meu voto; mesmo sem ouro, irei para a Índia."

— "Bem, está bem, mas tem de vir a casa, ao vale de Trowo, por uns tempos. Depois pode ir para a Índia." Eles solicitaram isto urgentemente e Marpa regressou.

Quando Marpa estava prestes a partir para a Índia, uma vez mais todos os seus discípulos e servos se prostraram e disseram: "Estás a ficar mais velho agora. Na estrada para a Índia, existe uma grande planície chamada Palmo Palthang, onde até um cavalo sucumbe de fadiga. O passo de neve chamado Khala Chela é tão terrivelmente frio que está gelado mesmo no tempo do verão. Os trópicos do Nepal são muito quentes e o grande rio Ganges é muito temível. Nos pequenos distritos ao longo da estrada através das terras fronteiriças primitivas da Índia, abundam grandes fomes e bandidos selvagens. Tudo isto foi dito pelo próprio guru e deve ser certamente verdade. Agora, se apesar destes perigos fosses para a Índia e perdesses a vida, nós, que somos estudantes e discípulos, não teríamos ninguém para quem olhar com esperança. O que faríamos?"

"Se alguém for capaz de praticar o dharma, o que já foi trazido para o Tibete é suficiente para as suas necessidades. Meditando no guru que habita inseparavelmente no centro do teu coração, e suplicando-lhe, as suas bênçãos compassivas estão além de perto e longe; por isso, deves ficar aqui."

"Em qualquer caso, se tens de trazer mais ensinamentos de dharma para o Tibete, dá as direções e instruções ao teu filho Tarma Dode e aos seus assistentes. Envia-o para pedir o dharma. Guru, desta vez, tem consideração pelos teus discípulos no Tibete e, por todos os meios, fica. Por favor, aceita-nos com a tua bondade." Assim suplicaram eles.

O guru respondeu: "Embora a compaixão do guru esteja além de perto e longe, prometi ir encontrá-lo novamente. Devido à minha afeição pelos meus discípulos tibetanos e porque existem instruções orais especiais que ainda não recebi, agora que resolvi o código das ḍākinīs e segui a sua insistência etapa por etapa, alcancei a certeza. Portanto, devo ir."

"Suponhamos que eu enviava o Tarma Dode. Geralmente, ele é tão jovem que ninguém poderia deixar de se preocupar. Em particular, disse ao meu guru que viria eu próprio, e nunca disse que enviaria o meu filho. Como se diz nos provérbios: 'Embora o corpo de um velho mercador seja débil, ele conhece bem o caminho.' Embora o meu corpo esteja um pouco velho agora, não estou tão velho que não possa viajar para a Índia, e possuo o maior conhecimento dos costumes da Índia."

"De agora em diante, sejam quais forem as consequências, vou receber o dharma. Existem perigos na estrada para a Índia, mas tenho estas confianças indomáveis. Agora, mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia."

Marpa cantou então esta canção sobre ir para a Índia:

Presto homenagem aos pés do glorioso Nāropa e Maitrīpa.
O voto que fiz na presença de Nāropa
Torna supremamente necessário que eu vá.
Visto que fui encorajado a ir ao resolver o código das ḍākinīs,
Fui inundado pela memória do meu guru.
Sejam quais forem as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.
Embora a grande planície Palmo Palthang seja vasta,
Tenho as instruções orais de como a consciência monta o prāṇa.
Nenhuma montada comum se lhe compara.
Sejam quais forem as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.
Embora o passo de neve Khala Chela seja muito frio,
Tenho as instruções orais do fogo flamejante de caṇḍālī.
A roupa de lã comum não se lhe compara.
Sejam quais forem as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.
Embora o Nepal seja muito quente,
Tenho as instruções orais para equilibrar os elementos.
As seis substâncias preciosas comuns não se lhes comparam.
Sejam quais forem as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.

Embora o rio Ganges seja largo e profundo,
Eu tenho as instruções orais da consciência que voa no espaço.
Nenhum barco comum se lhe compara.
Quaisquer que sejam as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.

Embora as fronteiras primitivas da Índia sofram de grande fome,
Eu tenho as instruções orais sobre como viver da água do ascetismo.
A comida e a bebida comuns não se lhes comparam.
Quaisquer que sejam as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.

Embora haja grandes perigos na estrada e nos pequenos distritos periféricos,
Eu tenho as instruções orais nos mamos que paralisam os bandidos.
As escoltas comuns não se lhes comparam.
Quaisquer que sejam as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.

Os gurus Nāropa e Maitrīpa vivem na Índia.
Śrī Śāntibhadra vive na Índia,
E o santuário de Mahābodhi é na Índia.
Quaisquer que sejam as consequências, vou para a Índia.
Mesmo à custa da minha vida, vou para a Índia.

Assim cantou Marpa quando tomou a decisão de partir. Com o ouro que tinha acumulado de oferendas anteriores e o ouro que recebera em troca das oferendas dos seus estudantes, encheu uma grande taça de porcelana. Rejeitou a oferta de outros para o acompanharem como assistentes e partiu sozinho para a Índia.

O Encontro com Atīsha e a Chegada à Índia

O Senhor Marpa chegou a Langpona em Sheng, no alto Nyang, onde encontrou o Senhor Atīśa, que tinha chegado ao Tibete. Atīśa fora o encarregado da disciplina em Nālandā durante o tempo de Nāropa lá. Ele era um paṇḍita pacífico e gentil da casta kṣatriya e recebera muitos ensinamentos de Nāropa; por isso, Marpa sabia quem ele era. Atīśa não tinha tolerado o facto de o Mestre Maitrīpa participar na substância do samaya e tinha-o criticado um pouco. Embora tivesse criticado Maitrīpa, Atīśa fê-lo para manter a disciplina monástica da saṅgha e não por razões egoístas. Ele era muito pacífico e gentil e, porque ia para o Tibete para propagar os ensinamentos de Buda, Marpa ficou muito contente e experienciou a visão sagrada. Uma vez que Atīśa estava a dar o Vajramālā abhiṣeka, Marpa suplicou-lhe e recebeu-o.

Marpa pediu-lhe notícias do paradeiro de Nāropa e Atīśa disse: "Nāropa entrou na ação. Ele preside ao gaṇacakra de seres espirituais e não recebe humanos. Não sei se o encontrarás. Em vez de ires para a Índia, seria de maior benefício para os seres se viesses comigo como tradutor."

Embora Marpa pensasse "Não é possível que eu não encontre Nāropa", disse: "Mesmo que não o encontre, devo, por todos os meios, ir à Índia mais uma vez." Então Marpa partiu.

Quando chegou ao Nepal, Marpa soube através dos gurus Paiṇḍapa e Chitherpa que Nāropa tinha entrado na ação, tal como Atīśa dissera. Esta notícia foi tão dolorosa que Marpa sentiu como se o seu coração estivesse a ser arrancado. Ele perguntou: "Não o encontrarei agora?"

Eles disseram: "Uma vez que és um discípulo que mantém o samaya e o jetsün possui o olho do dharma, certamente o encontrarás. Portanto, deves oferecer gaṇacakras e suplicar."

"Devo fazer como eles dizem", pensou Marpa, e partiu para a Índia.

Na Índia, Marpa encontrou o śrāmaṇera Prajñāsiṃha, que disse: "Vieste demasiado tarde; no ano passado, na lua cheia do Ano Novo, Nāropa entrou na ação. Porque demoraste tanto tempo no Tibete?"

"Estava a viajar no Tibete a reunir ouro quando as ḍākinīs me instaram a solicitar a linhagem de audição", disse Marpa, e contou a sua história detalhadamente. "Encorajado por estes sinais, vim rapidamente. Agora parece que o meu mérito não proporcionou um encontro com o guru. Uma vez que o jetsün não está aqui, tens os ensinamentos da linhagem de audição? Houve alguma mensagem ou conselho para mim?" Clamando pelo nome de Nāropa, Marpa derramou muitas lágrimas.

O śrāmaṇera disse: "Nunca ouvi falar de tal coisa como a linhagem de audição. Nāropa disse que tu virias e falou de ti repetidamente com grande afeto. Ao partir, ele disse: 'Marpa virá certamente. Dá-lhe isto.' Nāropa deixou o seu próprio vajra e ghaṇtā e uma imagem de um yidam. O vajra e a ghaṇtā foram roubados. Eu guardei esta imagem comigo em todos os momentos."

O śrāmaṇera deu a Marpa a pintura de Hevajra. Marpa ansiou pelo guru com um desejo profundo e, sobrecarregado, derramou muitas lágrimas. O śrāmaṇera disse: "Como o teu anseio intenso e dedicado pelo guru e a compaixão do jetsün, que possui o olho do dharma, estão em harmonia, certamente o encontrarás. Portanto, deves fazer uma oferenda festiva usando utensílios de ouro e suplicar-lhe. Primeiro, vai ao Mestre Maitrīpa, que também foi teu guru anteriormente e que é discípulo do jetsün, e suplica com ele."

As Profecias dos Mestres

Marpa foi ter com Maitrīpa. Lá, fez oferendas festivas durante um mês e recebeu esta profecia de que encontraria Nāropa. Maitrīpa disse:

> Sonhei que a bandeira da vitória com um remate de joia ondulava,
> Uma dançarina olhava para um espelho pelo canto do olho,
> Uma bandeira da vitória ondulava acima de uma ave que voava alto,
> E um capitão navegava um navio.
> Encontrarás definitivamente o glorioso Nāropa.

Então Maitrīpa aconselhou Marpa: "Vai ao teu professor, Jetsün Śāntibhadra, que é simultaneamente mestre e discípulo de Nāropa, e suplica com ele durante um mês."

Marpa partiu e chegou à ilha no lago de veneno, onde encontrou Śāntibhadra debaixo de uma árvore de tamarindo.10 Marpa suplicou durante um mês e recebeu esta profecia. Śāntibhadra disse:

> Sonhei que o jetsün, o glorioso Nāropa,
> Olhando como um elefante,

Com os seus olhos sendo o sol e a lua,
Enviava raios de luz para o Tibete.
Encontrarás Nāropa.

Então Śāntibhadra aconselhou Marpa: "Vai à discípula de Nāropa, a Yoginī Adornada com Ornamentos de Osso, que vive num campo de cremação, e suplica com ela durante um mês."

Marpa foi para lá, suplicou e recebeu esta profecia. A yoginī disse:

Sonhei que trombetas soavam de três picos de montanha
E te guiavam a partir da confluência de três vales.
Uma lâmpada a arder dentro de um vaso
Encheu Jambudvīpa com luz.
Encontrarás Nāropa.

Depois, o śrāmaṇera Prajñāsiṃha disse: "Eu não fui sem importância para o jetsün. Suplica comigo durante um mês."
Marpa suplicou e recebeu esta profecia. Prajñāsiṃha disse:

Sonhei que na grande planície da miséria
Eu guiava um cego e entregava-o a outra pessoa,
Que abria os seus olhos ignorantes.
Ele olhava para si mesmo no espelho da sua mente.
Encontrarás Nāropa.

Então Prajñāsiṃha aconselhou Marpa: "Vai aos irmãos de vajra de Nāropa, Riripa e Kasoripa, e suplica com eles." Marpa foi ter com Riripa, suplicou com ele durante um mês e recebeu esta profecia. Riripa disse:

Tal como anteriormente o Kulika Dharmarāja
Suplicou ao Brâmane Bhadrika,
Testemunhado por Kalyāna e Bhadra,
Assim alcançarás a fruição de encontrar Nāropa.

Então Riripa explicou o significado disto. "Através da poderosa combinação da bondade do guru Nāropa e do teu forte anseio como discípulo devoto, esta manhã lembrei-me e compreendi um incidente de uma vida anterior minha. Nāropa era o Brâmane Bhadrika. Tu, o tradutor, eras Kulika Dharmarāja da direção norte. Eu era o Ṛṣi Kalyāna e Kasoripa era o Brâmane Bhadra. Nós fomos as duas testemunhas. Tu suplicaste a Bhadrika que te encontrasse novamente e ele prometeu fazê-lo."

Depois Marpa suplicou com Kasoripa durante um mês e recebeu esta profecia. Kasoripa disse:

Na imutável Phullahari,
A pura maṇḍala da lua,
Nāropa mostrar-te-á
O espelho dharmakāya da mente.

Assim, todos profetizaram que ele encontraria Nāropa, e Marpa sentiu-se alegre e confiante.

A Busca Solitária e as Visões de Marpa

Ansiando com um desejo profundo pelo jetsün, Marpa era incapaz de ali permanecer. Por vezes procurava com amigos e outras vezes procurava sozinho, errando pelas encostas das montanhas e através de selvas e cidades. Certa vez, perdeu-se e chegou a uma cidade de bandidos no Oriente, governada por um rei perverso. Como o rei desejava o ouro de Marpa, pediu a Marpa que fosse um dos seus sacerdotes, mas manteve-o prisioneiro.

Marpa disse: "Vou procurar o meu guru, Nāropa. Não tenho tempo para ficar aqui", e preparou-se para partir.

O rei disse: "És muito engraçado; leva estas provisões e vai." Deu a Marpa um grande peixe de barriga branca e seis dre de arroz, e disse: "Deves seguir diretamente para leste a partir daqui." Marpa foi conforme aconselhado e procurou durante oito meses.

No primeiro mês, Marpa viu o Senhor Nāropa num sonho, montado num leão flanqueado por duas consortes chamadas Jñānamati e Gunasiddhi. Todos cantavam e dançavam sobre o sol e a lua. Marpa suplicou e as duas yoginīs disseram:

Nāropa é unidade não dual.
Flanqueado por duas consortes,
Ele cavalga um leão
E canta e dança sobre o sol e a lua.
Não estarás enganado pela confusão do sonho?

No segundo mês, o guru Paiṇḍapa chegou à Índia e Marpa levou-o consigo na sua busca. Por vezes também levava consigo um rapaz brâmane, Suvarṇamāla. Procuraram, mas não conseguiram encontrar Nāropa. Quando estavam exaustos e lentos, uma voz do céu disse:

Se o cavalo da devoção contínua
Não for instigado pelo chicote do esforço,
Como o cervo do agarrar e da fixação
Não estarás preso na armadilha da realidade, errando no saṃsāra?

No terceiro mês, Marpa deixou os seus companheiros e procurou sozinho. Questionou um homem que parecia um pastor e que disse ter visto Nāropa. Marpa

recompensou-o e continuou a busca. Viu a pegada de Nāropa e tocou com o pó dela na sua cabeça. Enquanto procurava mais longe, uma voz disse:

A pegada é como a marca de um pássaro no céu.
Se não reconheceres isto como livre de ponto de referência,
Como um cão perseguindo a sombra de um pássaro que voa
Não te desviarás para o abismo da futilidade?

No quarto mês, Marpa procurou mais longe. Viu um yogin vestido com um manto amarelo, caminhando na encosta de uma montanha. Marpa parou e pensou: "Será ele ou não?" Nāropa disse:

Se não soltares o nó de serpente da dúvida
No dharmakāya, a dharmatā da mente
Na qual tudo é não nascido,
Não realizarás o teu propósito com uma agulha de duas pontas.

Então Nāropa desapareceu.

No quinto mês, Marpa procurou, viu um vislumbre do rosto de Nāropa e surgiu nele o apego. Nāropa disse:

Como um arco-íris, o corpo é livre de apego.
Se não reconheceres isto como livre de ponto de referência,
Como um cego a passear
Como podes compreender a verdade?

Então Nāropa desapareceu.

No sexto mês, Marpa procurou e teve uma visão de Nāropa sentado num lugar arenoso e estéril. Marpa suplicou-lhe, ofereceu uma maṇḍala de ouro e pediu ensinamento. Nāropa disse:

Já que a existência aparente é primordialmente pura,
Se não ofereceres a maṇḍala da dharmatā
Mas sim esta maṇḍala de metal precioso a que estás apegado,
Não estarás acorrentado pelos oito dharmas mundanos?

Então Nāropa desapareceu.

No sétimo mês, Marpa procurou e teve uma visão de Nāropa numa caverna de terra. Nāropa estava a eviscerar o corpo de um cadáver humano e abria o crânio. Estava a retirar cérebros, intestinos, costelas e o resto, e a comê-los. Marpa suplicou-lhe e pediu instruções orais. Nāropa deu-lhe um punhado de costelas. Marpa sentiu náuseas e não as conseguiu comer. Nāropa disse:

No grande vaso do grande êxtase,
O grande êxtase e o prazer são puros em sabor igual.
Se não desfrutares disto como grande êxtase,
O prazer do grande êxtase não surgirá.

Então Nāropa desapareceu abruptamente. Marpa olhou em volta, mas o cadáver já lá não estava, exceto um pouco que estava manchado na lateral da parede. Marpa lambeu isto; o sabor era maravilhoso e um bom samādhi surgiu nele.

No oitavo mês, Marpa procurou mais longe. Teve uma visão de Jetsün Nāropa e correu atrás dele, mas não conseguiu alcançá-lo. Quando Marpa estava exausto, o jetsün sentou-se. Marpa suplicou-lhe e pediu instruções orais. Nāropa disse:

Se o cavalo da não-ação, dharmatā e luminosidade
Não galopar livre de ir e vir,
Como um cervo perseguindo uma miragem
Não estarás tu a errar na planície da futilidade?

Então, na sua visão, Marpa conversou mais com Nāropa. Até este ponto, as experiências de Marpa ocorreram sob a forma destas visões.

O Reencontro em Phullahari

Passado o oitavo mês, Marpa estava muito deprimido. Enquanto olhava tristemente para os seus livros, subitamente lembrou-se de Mahāpaṇḍita Nāropa. Sobrecarregado, parou imediatamente de ler e foi procurar Nāropa na Montanha da Floresta Escura. Questionou um pastor que disse querer primeiro uma recompensa. Marpa deu-lhe algum ouro e perguntou-lhe novamente. O pastor mostrou-lhe a pegada de Nāropa num rochedo de cristal. Marpa sentiu uma alegria incomensurável, como se tivesse encontrado o jetsün. Suplicou com um anseio intenso11 e viu claramente uma manifestação da mente de Nāropa. No topo de uma árvore de sândalo luxuriante de folhagem estava uma esfera de densa luz de arco-íris, quase tocando os ramos.

Dentro dela viu a maṇḍala do bhagavat Hevajra de nove devīs de emanação, com todas as suas cores, cetros, ornamentos e outros atributos vividamente claros. Percebendo que esta era uma manifestação do guru, Marpa prostrou-se, fez oferendas e suplicou. Do centro do coração da consorte Nairātmyā, da roda de astamantra, desenhada como se fosse com a ponta de um único cabelo, a luz jorrou, dissolvendo-se no centro do coração de Marpa. Através disto, ele recebeu a bênção do corpo e o empoderamento da fala, e percebeu que esta era a bondade de Mahāpaṇḍita Nāropa. Ele alegrou-se, mas ainda cheio de um anseio intenso pelo guru, chorou e clamou numa súplica lamentosa. Subitamente, Mahāpaṇḍita Nāropa apareceu, adornado com os ornamentos do campo de cremação e manifestando a graciosidade e o resto dos nove estados de espírito de um heruka.

Nāropa disse: "Agora o pai chegou à frente do filho", e revelou-se em pessoa. Ao vê-lo, Marpa sentiu uma alegria inconcebível, como se alcançasse o primeiro bhümi. Palavras de profundo sentimento e muitas lágrimas brotaram dele. Colocou os pés de Nāropa no topo da sua cabeça. Não contente com isso, abraçou Nāropa. Desmaiou e, quando recuperou a consciência, sem hesitação, organizou uma abundante maṇḍala de ouro e ofereceu-a.

Nāropa disse: "Eu não quero ouro", e não o aceitou.

Marpa disse: "Senhor, embora não precise dele, deve aceitar este ouro para bem do aperfeiçoamento da acumulação de mim próprio, daqueles que ajudaram a reunir estas oferendas e de todos os seres sencientes."

Como Marpa insistiu repetidamente, Nāropa disse: "Nesse caso, que isto seja uma oferenda ao guru e às três joias", e atirou todo o ouro para a floresta. Embora alegre por encontrar o guru, Marpa recordou com que dificuldade tinha reunido o ouro no Tibete e sentiu uma grande perda.

Nāropa acenou com as mãos, juntou as palmas e depois abriu-as e devolveu o ouro — completo e intacto — dizendo: "Se sentes uma perda, aqui está ele de novo. Eu não preciso de ouro. Se precisasse, toda esta terra é ouro." Ele bateu com o pé na terra e o chão transformou-se em ouro.

Então Nāropa disse: "Vou organizar um banquete de boas-vindas para a chegada do meu filho, Chökyi Lodrö." Olhou para o céu com um olhar ióguico e um peixe grande, fresco e bonito aterrou à frente deles. Nāropa disse: "Deves abrir este peixe."

Marpa fê-lo e de dentro do peixe surgiram as cinco carnes, os cinco amṛtas e inúmeras outras substâncias de gaṇacakra exóticas e excelentes. Muitas devīs de oferenda apareceram e ofereceram estas substâncias aos gurus, yidams, ḍākinīs e dharmapālas, agradando-lhes assim. O mestre e o discípulo também participaram com grande deleite.

Depois Marpa suplicou por ensinamento. Nāropa disse: "Foste atraído para aqui através da bondade de Tilopa. Como Tilopa deu uma profecia-comando, eu dar-te-ei instruções orais em Phullahari."

Marpa disse: "Por favor, diga-me esta profecia-comando."

Nāropa disse:

Com o sol da sabedoria autolibertada,
No mosteiro de Phullahari
Dissipa a escuridão da ignorância de Mati.

Que a luz da sabedoria permeie todos os lugares.

Obstáculos e Proteção

Enquanto o mestre e o discípulo estavam a caminho de Phullahari, ḍākinīs possessivas do dharma criaram enormes ataques mágicos de espíritos obstrutores. Quer Marpa fosse à frente ou atrás do guru, sentia grande medo. Particularmente, quando chegaram a Phullahari, o seu medo tornou-se maior. Marpa circundou e suplicou a Nāropa, dizendo: "Jetsün, por favor, proteja-me", mas as ḍākinīs e os espíritos obstrutores mostraram audazmente as suas formas terríveis e vieram para agarrar Marpa. Marpa atravessou uma montanha de rocha como se passasse por uma nuvem enquanto seguia Nāropa, mas os espíritos obstrutores perseguiram-nos sem impedimento. Embora pudesse ter protegido Marpa, Nāropa suplicou a Tilopa, dizendo:

Este filho profetizado pelo guru
É o recipiente digno, Marpa Lodrö.
Por favor, abençoe-o removendo os obstáculos
Causados por estas she-māras, as chamadas ḍākinīs.

Manifestações de Tilopa, hordas incomensuráveis de divindades iradas empunhando várias armas, surgiram instantaneamente e os espíritos obstrutores não puderam seguir Marpa. Incapazes de suportar o resplendor das divindades iradas, fugiram em todas as direções. As divindades iradas perseguiram-nos através de fendas nas rochas. Naquela altura, Marpa também viu parte da forma de Tilopa entre pilhas de nuvens e luz. Ao vê-lo, Marpa dançou de alegria. Entre as fendas das rochas, as pegadas do Senhor Marpa e as pegadas dos espíritos obstrutores em fuga ainda podem ser vistas hoje em dia em Phullahari.

Quando as divindades iradas subjugaram os espíritos obstrutores, as ḍākinīs aterrorizadas juntaram as palmas das mãos e disseram:

Este corpo terrível com fala terrível
Está bem armado com armas terríveis.
Neste grande corpo terrível, refugiamo-nos.
Não faremos mal nenhum.
Vós sois tão brilhantes como duas luas.
Conduzir-vos-emos numa grande carruagem.
Jetsün, glorioso Nāropa,
De acordo com a profecia, receber-vos-emos no reino celestial autolibertado.

Dizendo isto, desapareceram.
Os Ensinamentos Finais e Milarepa

Em geral, o Senhor Marpa solicitou ao Senhor Nāropa a linhagem de audição e, em particular, a ejeção e transferência da consciência. Nāropa perguntou: "Lembraste-te de solicitar a transferência da consciência por ti próprio ou recebeste uma revelação?"

Marpa respondeu: "Nem recebi uma revelação, nem pensei nisso por mim próprio. Tenho um estudante chamado Thöpaga que recebeu uma revelação de uma ḍākinī."

Nāropa disse: "Que maravilhoso! No país sombrio do Tibete há um ser como o sol a nascer sobre a neve." Nāropa colocou as palmas das mãos juntas no topo da sua cabeça dizendo:

Na terra negra como o breu do Norte
Está um como o sol a nascer sobre a neve.
A este ser conhecido como Thöpaga
Eu prostro-me.

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça três vezes. Todas as montanhas, árvores e vegetação na Índia inclinaram-se três vezes. Mesmo agora as montanhas e árvores de Phullahari inclinam-se em direção ao Tibete.

Nāropa disse: "Vou conceder-te ensinamentos especiais conhecidos apenas por alguns anteriormente — o Cakrasaṃvara da linhagem de audição das ḍākinīs." Por meio de maṇḍdalas de areia, Nāropa realizou os abhiṣekas de Cakrasaṃvara com sessenta e duas divindades, treze divindades, cinco divindades, bem como o pai coemergente sozinho. Por meio de maṇḍdalas de sindūra, realizou os abhiṣekas da consorte Vajravārāhī com quinze devīs, sete devīs, cinco devīs e a mãe coemergente sozinha. Depois, por meio da maṇḍala do corpo, fala e mente do guru, Nāropa deu a Marpa o sinal abhiṣeka, bem como as instruções orais para tudo.

"Se atenderes às instruções orais destes ensinamentos especiais, as instruções orais que te foram dadas anteriormente serão como a casca exterior. Estas instruções orais supremas são a essência mais profunda. Deve ser um ensinamento restrito a um único detentor da linhagem por treze gerações.12 Dá-o ao teu estudante chamado Thöpaga e a atividade búdica espalhar-se-á e florescerá. São estas instruções orais diferentes das anteriores?", perguntou Nāropa.

Marpa pensou: "Basicamente, são o mesmo, mas há diferenças na profundidade dos métodos para provocar a atualização, e diferenças na velocidade para provocar a confiança, a experiência real e a atualização sem demasiado esforço. Especialmente, tanto os três ensinamentos sobre a mistura e ejeção da consciência como o ensinamento da mistura e do sabor igual13 são ensinamentos especiais que mais ninguém possui. Conhecer uma só coisa liberta tudo. Portanto, uma vez que este rei dos ensinamentos por si só é suficiente, teria bastado dar-mo logo no início."

Marpa disse a Nāropa o que tinha pensado, e Nāropa disse: "Quando me visitaste nas duas ocasiões anteriores, ainda não era o momento apropriado para te dar este ensinamento. Em particular, se não tivesses feito sacrifícios pelo dharma, não terias percebido a raridade e o grande valor destes ensinamentos e não serias capaz de os praticar adequadamente. Mesmo que tivesses tentado praticá-los, as suas virtudes não teriam surgido em ti. Como te disse antes, sob a orientação de Tilopa, submeti-me a doze grandes provações e doze provações menores do corpo e da vida para receber e praticar este ensinamento. Agora, como alcancei poder sobre os fenómenos, vou aos vinte e quatro lugares sagrados e aos campos de buda e sou bem recebido nas reuniões de gaṇacakra de dākas e ḍākinīs. Por vezes, sou até o mestre da reunião."

"Ao passares por grandes dificuldades para recolher ouro e ao não prestares atenção aos perigos da viagem, suportaste privações em prol do dharma. Tilopa viu que serias um recipiente digno para estes ensinamentos e deu-me uma profecia. Devido ao meu amor irresistível por ti, pensei que devia dar-te este ensinamento. Quando vieste desta vez, numerosos sinais auspiciosos coincidiram. Porque solicitei e instei as ḍākinīs e os dharmapālas, chegaste aqui. Para receberes as bênçãos da linhagem, foste retardado e obrigado a passar por privações."

O Incidente da Maṇḍala e a Profecia da Linhagem

Embora nessa altura Nāropa tivesse dado a Marpa o abhiṣeka e as instruções orais de Cakrasaṃvara, o yidam pessoal de Marpa era Hevajra. Portanto, o glorioso Nāropa pensou: "Como Marpa Lotsāwa do Tibete me é muito leal, visitou-me repetidamente, trazendo ouro. Porque ele é tão bom, devo ver que coincidências auspiciosas surgem em relação à sua capacidade de manter a linhagem e, de acordo com estas, devo fazer uma profecia." Então, o glorioso Nāropa ofereceu um gaṇacakra ao Senhor Marpa.

Nessa noite dormiram perto um do outro e, ao amanhecer, Mahāpaṇḍita Nāropa manifestou no céu a maṇḍala de Hevajra com as nove divindades, brilhante e vívida. Ele disse: "Filho, mestre Marpa Chökyi Lodrö, não durmas, levanta-te! O teu yidam pessoal Hevajra com as nove devīs de emanação chegou ao céu diante de ti. Prostrar-te-ás perante mim ou perante o yidam?"

Marpa prostrou-se perante a brilhante e vívida maṇḍala do yidam. Nāropa disse: "Como se costuma dizer:

Antes de qualquer guru existir,
Nem o nome de Buda era ouvido.
Todos os budas de mil kalpas
Só surgem por causa do guru.

Esta maṇḍala é a minha emanação." Então o yidam dissolveu-se no centro do coração do guru.

"O ponto principal deste incidente é que a linhagem não durará muito tempo na tua família. Este é o destino dos seres sencientes. No entanto, a tua linhagem do dharma durará enquanto os ensinamentos do Buda permanecerem. Portanto, alegra-te."

Marpa pensou: "Anteriormente, estudei e contemplei que ver e ouvir o guru é maior do que testemunhar o yidam. Ao meditar, visualiza-se sempre o guru acima da cabeça do yidam. No outro dia, ao procurar o guru, vi o yidam Hevajra no topo de uma árvore de sândalo, mas não fiquei satisfeito e continuei a procurar o guru. O facto de ter cometido este erro deve ser o resultado do meu karma anterior." Após este incidente, Marpa sentiu-se muito perturbado. Começou a ter pesadelos e, ao mesmo tempo, adoeceu com febre e esteve perto da morte treze vezes. Também entrou em coma três vezes.

O glorioso Nāropa disse: "Uma vez que estes ensinamentos da linhagem de audição são muito poderosos e sensíveis, estão a ocorrer vários obstáculos de Māra. Como tu e eu prezamos os ensinamentos do Buda, suplicarei às três joias. Elas proteger-te-ão do mal dos māras; asseguro-te de que a tua vida não correrá perigo. Sendo este o caminho para esgotar o sofrimento devido ao mau karma, deves compreender que esta doença é a bênção das três joias. Continua a ser diligente na prática da bondade e da compaixão pelos seres sencientes." Com estas palavras amorosas, Nāropa estendeu a sua bondade.

Marpa respondeu: "Quer viva quer morra, não pensarei em nada mais senão na bondade das três joias. Tal como estendeu a sua bondade a mim, por favor estenda-a a todos os seres sencientes." Quando Marpa disse isto, Nāropa ficou satisfeito.

A Recuperação e a Canção Vajra dos Seis Yogas

Enquanto Marpa estava doente, alguns irmãos e irmãs de vajra próximos dele praticaram a sua sādhana e estabeleceram um limite de proteção à sua volta. Vinham repetidamente, discutindo que tratamento médico, ritos de auxílio e súplicas às três joias seriam mais eficazes.

Marpa disse: "Todos os meus pertences são dedicados ao guru. Não tenho posses pessoais. Não seria apropriado usar as posses do guru para um rito de auxílio em meu benefício. Portanto, tal não deve ser feito. Quanto ao tratamento médico, se o mérito dos seres sencientes do Tibete não for suficiente, morrerei de qualquer modo. Se for suficiente, recuperar-me-ei da minha doença mesmo sem tratamento médico. Portanto, não há necessidade disso.

Não há maior proteção do que a súplica às três joias e a bondade do glorioso Nāropa. Por isso, suplicarei continuamente ao guru. Tudo depende de os dharmapālas protegerem os ensinamentos ou não." Assim, sem tratamentos médicos nem ritos de auxílio, Marpa recuperou completamente da sua doença através do poder do seu guru e dos seus irmãos e irmãs de dharma.

Embora Marpa tivesse recuperado da sua doença, a sua tristeza não se dissipou. Os irmãos e irmãs de vajra consolaram-no com um banquete de agradecimento pela sua recuperação. O glorioso Nāropa também ofereceu um banquete de agradecimento. Nessa altura, para o consolar através de instruções orais para a prática, Nāropa cantou esta canção vajra resumindo os seis yogas:14

Curvo-me aos pés do bondoso senhor.
Tu, Marpa Lotsāwa do Tibete,
Com um corpo livre e bem favorecido
E uma mente triste este verão, ouve estas palavras.

O método para repousar a mente é a confiança na visão.
O método para repousar o corpo é o cerne da meditação.
Por fora é apenas a forma ilusória dos devas.
Por dentro estão apenas as três nāḍīs e quatro cakras.
Abaixo está o traço A, caṇḍālī.
Acima está a forma da letra HAṂ.
Acima e abaixo estão as rodas de prāṇa.15
Pratica a retenção da força vital de forma semelhante a um vaso.
No intervalo entre as letras, experiencia o êxtase, a vacuidade e a luminosidade.
A isto chamamos as instruções orais de caṇḍālī.
Lotsāwa, capturaste o prāṇa com precisão?

A aparência exterior é apenas ilusão.
A experiência interior é inexprimível.
Dia e noite, as experiências são simplesmente nirmāṇakāya.
A isto chamamos as instruções orais do corpo ilusório.
Lotsāwa, experienciaste aversão pelo apego?

Quando experienciares a confusão dos sonhos,
Visualiza na garganta a sílaba OṂ irradiando luz.
Através da criação de pensamentos habituais:
Se sonhares com um homem, diz-se ser um fantasma masculino;
Se sonhares com uma mulher, ela é um fantasma feminino;
Se sonhares com animais, são considerados nāgas;
Se o teu sonho for feliz, sentes-te exaltado;
Se o teu sonho for infeliz, sentes-te infeliz.

Se não perceberes que os fantasmas surgem da raiz da mente,
Não esgotarás os fantasmas do pensamento discursivo.
A autolibertação do bem e do mal é o significado deste ensinamento.
A isto chamamos as instruções orais dos sonhos.
Lotsāwa, percebeste a sua natureza?

No período entre o adormecer e o sonhar,
Nesse estado de ilusão, que é a essência do dharmakāya,
Experienciam-se o êxtase e a luminosidade inexprimíveis.
Depois, sela isso com luminosidade
E ocorre o sono profundo da luminosidade.
A isto chamamos as instruções orais da luminosidade.
Lotsāwa, percebeste a mente como não nascida?

As oito portas são as aberturas do saṃsāra.
A porta única é o caminho do mahāmudrā.
Quando as oito portas se fecham e a porta única se abre,
Com o arco de prāṇa, a seta da mente
É impulsionada pela corda do arco HIK
E assim a consciência é disparada através da abertura de Brahmā.
A isto chamamos as instruções orais da ejeção da consciência.
Lotsāwa, consegues deter o teu prāṇa no momento certo?

Quando chega o momento de deixar o corpo,
Encontra-se outro corpo como um objeto sagrado autêntico.
Então a sílaba semente cavalga o cavalo de prāṇa.
Por meio das rodas de prāṇa,
Abandona-se o corpo como uma casa vazia
E entra-se no outro corpo, que é a essência de nirmāṇakāya.
A isto chamamos as instruções orais da transferência de consciência.
Lotsāwa, o teu prāṇa é maleável?

A mente no momento do sonho
Deve ser misturada com a mente do bardo.
A sua essência é saṃbhogakāya.
Tanto os aspetos puros como os impuros dos dois kāyas de forma
São alcançados quando chega o momento do bardo.
O cerne do bardo do sonho é a mistura e ejeção da consciência.
A isto chamamos as instruções orais do bardo.
Lotsāwa, estás treinado no bardo?

É necessário estudar os ensinamentos exteriores e interiores.
Compreendê-los permitir-te-á superar os dois extremos.
Quando a incerteza quanto à existência e não existência é cortada,
Esse é o caminho único do qual não se desvia.

Nesse caminho, como poderia haver tristeza?

Assim cantou Nāropa. A mente de Marpa tranquilizou-se e a sua depressão dissipou-se. Mais tarde, sempre que se sentia comovido, falava do guru e destas outras experiências.

O Ioga do Banho e a Nomeação como Regente

Quando a doença do Senhor Marpa cessou e a sua mente foi aliviada da depressão, Nāropa disse: "De entre os sete yogas16, devemos fazer o ioga do banho", e Marpa foi com ele como assistente. Enquanto se banhavam numa piscina possuidora das oito qualidades, Marpa tirou o seu poderoso yantra de proteção e pousou-o. Um corvo agarrou-o e levou-o. Nāropa pensou: "Isto é um obstáculo criado por espíritos." Com o olhar ióguico ameaçador e um mudrā, paralisou a ave e esta caiu do céu. Ele apanhou o yantra de proteção e devolveu-o a Marpa, dizendo: "De agora em diante, és vitorioso sobre os obstáculos de Māra."

O grande e glorioso Nāropa disse: "Estabeleço este Marpa Chökyi Lodrö como meu regente." Enquanto celebravam o gaṇacakra de despedida, Nāropa deu esta profecia-comando: "Tu, o tradutor! Anteriormente, dei-te a transmissão dos cinco skandhas como as cinco famílias de budas, e dos cinco kleśas existindo primordialmente como as cinco sabedorias. Uma vez que, em essência, eles são livres de aceitação e rejeição, todos os dharmas do mundo fenomenal são a essência das cinco famílias de budas. Reconhecendo-os como a manifestação que desponta como dharmatā desobstruída, não existe um único dharma para além desta unidade."

"Portanto, pratica no espaço da dharmatā, sem obstruções, como um pássaro que voa no céu. Isto é girar o dharmacakra daquilo que foi realizado, como um rei cakravartin. Tu giras naturalmente o dharmacakra daquilo que foi dito, tal como um monarca universal possui os sete tesouros reais. Em geral, tu deténs os ensinamentos do Buda, tanto os sūtras como os tantras, através do que foi dito e realizado. Em particular, tu fazes brilhar como o sol o que foi dito e o que foi realizado dos ensinamentos do mantrayāna."

"Embora nesta vida a tua linhagem familiar seja interrompida, a tua linhagem do dharma fluirá como um rio largo enquanto os ensinamentos do Buda permanecerem. Na visão de alguns homens comuns impuros, parecerá que te gratificas nesta vida com prazeres sensoriais. Os teus desejos parecerão imutáveis, como uma escultura na rocha, tão sólidos e tão grandes. Por outro lado, como tu próprio viste a dharmatā, o saṃsāra será autolibertado, como uma serpente que se desenrola. Todos os futuros discípulos da linhagem serão como os filhos de leões e garuḍas, e cada geração será melhor do que a anterior."

A Despedida e o Destino de Marpa

"Devido ao nosso amor, anseio e intimidade nesta vida, estamos para além do encontro e da separação no reino da luminosidade. Na próxima vida, receber-te-ei no reino celestial puro, e então seremos companheiros inseparáveis. Portanto, alegra-te!"

Depois de Nāropa dizer isto, Marpa solicitou: "Por favor, tenha a bondade de profetizar para mim a forma como a nossa linhagem do dharma se expandirá e florescerá. Uma vez que, em última análise, não há diferença entre os sūtras e os tantras na sua visão e realização, pode-se deter os ensinamentos — o que foi dito e o que foi realizado — de ambos. É necessário que na aparência externa se adotem os mantos de um śrāvaka e se pratique o prātimokṣa? Não é, pois não? Tenho sete filhos do meu próprio sangue, encabeçados por Tarma Dode. Se a minha linhagem familiar for cortada, por favor profetize os meios pelos quais ela poderia não ser cortada."

Mahāpaṇḍita Nāropa respondeu: "No futuro da tua linhagem do dharma, haverá muitos que assumirão a aparência externa de um śrāvaka. Interiormente, realizarão o significado do mahāyāna, habitarão nos bhūmis e estarão rodeados por bodhisattvas. Alguns outros de aparência variada farão com que os ensinamentos da Linhagem de Prática floresçam e se expandam. Não apenas se tiveres sete filhos, mesmo que tivesses milhares de filhos, a tua linhagem familiar não irá mais longe. No entanto, sem arrependimento, pai e filhos devem praticar as sādhanas dos yidams divinos em retiros rigorosos, esforçando-se por fazer oferendas de banquetes de torma às ḍākinīs e dharmapālas."

"Porque tens o fluxo cármico de boa prática em vidas anteriores, és um mahāsattva que habita nos bhūmis e beneficiarás muitos seres sencientes. Portanto, para domares os estudantes da terra das neves do Tibete, eu capacito-te como meu regente." Colocando a sua mão direita no topo da cabeça de Marpa, Nāropa cantou esta canção profetizando o futuro:

Possuindo o karma de treino adequado em vidas anteriores,
És um yogin que realizou a verdade inata.
Tu, Marpa o Tradutor do Tibete,
És um pássaro das cinco famílias voando no espaço da dharmatā.
Deterás os tesouros reais de um monarca universal.

A flor do céu da tua linhagem familiar desaparecerá,
Mas a tua linhagem do dharma fluirá como um rio largo.
Embora os teus desejos pareçam vívidos, como uma escultura na rocha,
As ondulações das águas do saṃsāra desaparecerão por si mesmas.
Os teus filhos serão como os filhos de leões e garuḍas.
Os discípulos posteriores serão ainda melhores do que os anteriores.
Tendo realizado o significado do mahāyāna,
Aqueles de bom karma amadurecerão e serão libertados.

Tu és o rei desses estudantes dignos.

Agora parte para Ü no Tibete.
Na nortenha Terra das Neves,
Um lugar abundante em variedade de árvores perfumadas,
Na encosta de uma montanha onde florescem várias ervas,
Está um discípulo afortunado que é um recipiente digno.
Filho, vai para lá e realiza benefício para os outros.
Certamente realizarás esse benefício.

Devido ao nosso amor, anseio e intimidade nesta vida,
No reino da luminosidade transcendemos o encontro e a separação.
Na próxima vida, no reino celestial completamente puro,
Receber-te-ei.
Não há dúvida de que seremos companheiros inseparáveis.
Filho, repousa a tua mente nisto.

Assim cantou Nāropa. Então Nāropa disse: "Agora vai ter com Maitrīpa daqui e solicita persistentemente os ensinamentos que desejas. A tua compreensão será ainda mais profunda do que antes."17

Marpa preparava-se para regressar ao Tibete. Tendo dormido sob uma árvore num pomar de mangas a oeste de Phullahari, ao amanhecer pensou: "Nesta vida, vim três vezes da Índia para o Tibete — a primeira vez por doze anos, a segunda por seis anos e desta vez por três anos. Passaram vinte e um anos, e estive dezasseis anos e sete meses perante o glorioso Nāropa. Pratiquei o dharma e encontrei-me com gurus siddhas. Percebo que completei a minha educação em linguagem e aprendizagem." Pensando isto, Marpa alegrou-se.

Quanto a partir para o Tibete e deixar o seu guru e irmãos e irmãs de dharma, sentiu-se triste. Quanto aos perigos dos rios, penhascos íngremes e bandidos na estrada, sentiu-se apreensivo. Tendo obtido as instruções orais especiais após completar a sua educação, sentiu-se muito orgulhoso ao partir para o Tibete. Como gesto de despedida, ofereceu um gaṇacakra a Mahāpaṇḍita Nāropa. Nessa reunião, enquanto Nāropa e ele conversavam e recordavam, Marpa cantou, na melodia de uma abelha zumbindo à distância, esta "Longa Canção da Viagem", uma canção grandiosa e afamada que ofereceu ao seu guru e irmãos e irmãs de dharma:

Senhor, bondoso líder dos seres,
Gurus da linhagem siddha,
Por favor, permaneçam como ornamentos no topo da minha cabeça.
Permanecendo ali, por favor abençoem-me.

Tanto o Mahāpaṇḍita Nāropa da Índia
Como Marpa o Tradutor do Tibete

Encontraram-se devido à prática anterior e à mesma aspiração.
Servi-vos durante dezasseis anos e sete meses.
Acompanhei-vos; não estivemos separados por um instante.
Portanto, é impossível eu não estar na vossa mente.

Neste glorioso mosteiro de Flores Belas e Arrebatadoras,
Capacitastes-me completamente pelo rio dos quatro abhiṣekas.
Destes-me as instruções orais supremas da linhagem de audição.

Na verdade não dual do veículo supremo e insuperável,
Meditei unidirecionalmente
E captei a mente-śūnyatā.
Para a nortenha Terra das Neves,
Estabelecestes-me como regente e profetizastes.
Portanto eu, um noviço, vou agora para o Tibete.

Quanto a mim, um noviço, indo para o Tibete:
Há três coisas de que sinto falta ao partir.
Há três coisas que me deixam triste.
Há três coisas que temo na estrada.
Há três coisas de que receio no caminho.
Há três coisas adiante que me deixam orgulhoso.
Há três grandes maravilhas.

Se eu não interpretar esta canção,
As palavras e o seu significado não coincidirão.

Quanto às três coisas de que sinto falta ao partir:
Liderados pelo Senhor Nāropa e por Maitrīpa,
Há cem gurus siddhas.
Ao deixá-los para trás, sinto mais a falta deles do que da minha mãe.
Liderados por Śrī Abhayakīrti,
Há cem irmãos e irmãs de dharma.
Ao deixá-los para trás, sinto mais a falta deles do que da minha mãe.
Liderados pelo lugar de Phullahari,
Há cem lugares sagrados de siddhas.
Ao deixá-los para trás, sinto mais a falta deles do que da minha mãe.

Quanto às três coisas que me deixam triste:
O divino Dharmabodhi Aśoka e outros
Foram os meus bondosos anfitriões e anfitriãs.
Não ousando separar-me deles, sinto-me triste.
O jovem brâmane Suvarṇamāla,
Morto ou vivo, será sempre meu amigo.
Não ousando separar-me dele, sinto-me triste.

A filha de pele escura do mercador
Esteve comigo constantemente como uma consorte autêntica.
Não ousando separar-me dela, sinto-me triste.

Quanto às três coisas que temo na estrada:
A principal é o lago de veneno a ferver,
Mas logo terei de atravessar o rio Ganges no Oriente.
Mesmo antes de o ver, tenho medo.
Na selva da montanha Uśiri,
Bandidos e ladrões esperam na estrada.
Mesmo antes de os ver, tenho medo.
Numa cidade em Tirahuti,
Impostos alfandegários sem vergonha caem como chuva.
Mesmo antes de os ver, tenho medo.

Quanto às três coisas de que receio no caminho:
Não há apenas o perigoso desfiladeiro de Palahati,
Há oitenta e uma pontes e passagens perigosas.
Kye ma! Estremeço como mercúrio.
Não há apenas a passagem de neve de Khala Chela,
Há oitenta e uma pequenas e grandes passagens.
Kye ma! Estremeço como mercúrio.
Não há apenas a grande planície de Palmo Palthang,
Há oitenta e uma pequenas e grandes planícies.
Kye ma! Estremeço como mercúrio.

Quanto às três coisas adiante que me deixam orgulhoso:
Liderado pelas gramáticas de Kalāpa e Candra,
Conheço cento e oito línguas diferentes.
Na companhia de colegas tradutores, sentir-me-ei orgulhoso.
Liderado pelo Catuḥpīṭha e pelo Hevajra,
Conheço cento e oito comentários sobre os tantras.
Na companhia de colegas grandes mestres, sentir-me-ei orgulhoso.
Liderado pelas instruções orais das quatro transmissões especiais,
Conheço cento e oito ensinamentos da linhagem de audição.
Na companhia de colegas meditadores, sentir-me-ei orgulhoso.

Quanto às três grandes maravilhas:
Além da mistura da mente e do prāṇa, e da ejeção da consciência,
Conheço cento e oito dharmas especiais.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!
Além da devī Vetālī,
Conheço cento e oito protetores dos ensinamentos.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!
Além da orientação oral nos cinco estágios,

Conheço cento e oito sampannakramas.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Tudo isto é a bondade do senhor guru.
Mesmo que eu não possa retribuir a sua bondade,
Ainda assim o senhor habita inseparavelmente como um ornamento no topo da minha cabeça.
Finalmente, eu, um noviço, indo para o Tibete,
Peço aos meus irmãos e irmãs de dharma
Bons votos para que a minha viagem seja livre de obstáculos.
Esta é a última vez que nos encontraremos.
Encontremo-nos definitivamente na próxima vida
No reino celestial da gloriosa Uḍḍiyāṇa.

Assim o guru tradutor cantou esta canção. Os seus amigos mais velhos, o brâmane Sumatikīrti e a yoginī Sukhadhari, oito ao todo, desfizeram-se em lágrimas. O Senhor Marpa recebeu os quatro abhiṣekas da maṇḍala do corpo do guru, rezou e depois partiu. Os seus irmãos e irmãs de dharma escoltaram-no, carregando todos os seus pertences e equipamentos. O próprio Senhor Marpa, caminhando de costas e prostrando-se até chegar ao fundo dos degraus de pedra de Phullahari, prostrou-se perante o guru em cada degrau. No fundo dos degraus de pedra, prostrou-se muitas vezes com um anseio intenso. Nesse lugar, o Senhor Marpa deixou uma pegada na pedra, que ainda lá está hoje.

As ḍākinīs convidaram o glorioso Nāropa para o reino celestial ainda naquela vida. O guru e os irmãos e irmãs de vajra abençoaram o Senhor Marpa para que ele ficasse livre de obstáculos no seu regresso a Lhotrak, no Tibete, e beneficiasse grandemente os ensinamentos e os seres sencientes até ao fim da sua vida.

Encontros no Nepal

Naquela altura, de acordo com o comando do guru, Marpa foi ficar com o Mestre Maitrīpa. Enquanto recebia uma vez mais o abhiṣeka de Hevajra, uma chuva de flores divinas caiu do céu e aromas de sândalo, madeira de aloés e outros permearam o ar. Como sinal de que fora aceite pelas ḍākinīs, uma tocha de cedro do tamanho de um dedo estremeceu e permaneceu a arder durante uma semana, e ouviram-se vários sons arrebatadores de música divina. Enquanto Marpa recebia o abhiṣeka de Cakrasaṃvara, os dākas e as ḍākinīs dos três níveis, embora invisíveis, proclamaram mantras. Ofereceu-se torma às ḍākinīs kṣetrapāla e Marpa testemunhou sete chacais vermelhos, emanações das ḍākinīs kṣetrapāla, a receberem realmente a torma. O Senhor Marpa pensou: "Cheguei a algum outro mundo, como Akaniṣṭha", e sentiu alegria e deleite imensuráveis. Maitrīpa ordenou-lhe que mantivesse estes sinais em segredo enquanto estivesse na Índia. Surgiu em Marpa a convicção de que tanto Nāropa como Maitrīpa eram ainda maiores do que o Buda.

Marpa regressa ao Tibete. Tendo oferecido prostrações de despedida a Maitrīpa, Śrī Śāntibhadra, Jñānagarbha e aos seus outros bondosos gurus, Marpa pensou que descansaria e ficaria no Nepal durante o inverno. Partiu em direção ao Tibete e foi para Phamthing, no Nepal.

Nessa altura, Chitherpa, que possuía o olho do dharma, tinha morrido ali, e os muitos irmãos e irmãs de dharma liderados por Paiṇḍapa realizaram um gaṇacakra para acolher Marpa. Durante o gaṇacakra, Paiṇḍapa disse: "Tu, o tradutor! Desde o início, a compaixão do mestre e a devoção do estudante estiveram em harmonia. Portanto, eu disse-te que certamente encontrarias Nāropa e, mais tarde, ouvi a notícia maravilhosa de que o encontraste. Além de onde procurámos anteriormente o guru juntos, onde mais procuraste? E onde encontraste o guru? Que sinais maravilhosos e grandes virtudes dele viste? Além de Nāropa e Maitrīpa, a quantos gurus serviste? Oferecemos este pequeno gaṇacakra como celebração da tua chegada aqui sem obstáculos. Em troca, por favor canta uma canção em resposta a estas perguntas."

Em resposta, Marpa cantou na melodia da canção de assobio dos dharmapālas, que remove a tristeza do anseio fervente. Ofereceu esta grandiosa canção dos oito sinais maravilhosos do encontro com o seu guru ao guru Paiṇḍapa e aos seus irmãos e irmãs de dharma:

Líder, glorioso Kanakaśrī,
Irmãos e irmãs sentados aqui, ouçam-me!
Se perguntarem quem eu sou,
Sou o afamado Marpa, o Tradutor.
O meu cordão umbilical foi cortado em Ü, na terra do Tibete.
Fui educado no sul do Nepal e na Índia.
Viajei para a Índia três vezes.
Desta última vez, fiz verdadeiramente um pedido persistente.

Tocando os seus pés de lótus na minha cabeça,
Os meus gurus concederam-me o amṛta da fala verdadeira.
Geralmente, tenho muitos gurus com quem tenho uma ligação dármica.
Liderados pelo glorioso Siṃhadvīpa,
Eles dominaram completamente o insight e as perceções superiores,
E treze deles podem transformar a perceção que se tem do mundo.
Entre todos eles, o mais digno de oferenda
É o inigualável Senhor Nāropa,
Que é o grande Vajradhara em forma humana.
Não há forma de retribuir a bondade deste senhor.

Embora sentindo uma falta profunda do pai nirmāṇakāya,
Não o conseguia encontrar em lugar nenhum.
Qualquer rosto que visse, não era o dele.

Finalmente, no sopé da montanha da Floresta Escura,
Vi num rochedo de cristal maravilhoso,
Como um símbolo esculpido em relevo,
Pegadas deixadas pelo pai jetsün.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Acima de uma árvore medicinal de sândalo,
Através de uma exibição milagrosa da compaixão de Nāropa,
As nove devīs de emanação da maṇḍala de Hevajra apareceram.
No centro do coração da consorte coemergente,
A roda de aṣṭamantra
Apareceu como se desenhada com a ponta de um cabelo,
Com uma variedade de raios de luz a jorrar.
Assim, Nāropa concedeu-me a bênção-permissão.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Impotente, desfiz-me em lágrimas.
Cheio de anseio, senti vontade de chorar para sempre.
Completamente sobrecarregado, clamei em voz alta.
Supliquei-lhe com a mente unidirecional.
Ele olhou para mim com compaixão e veio perante mim.
A alegria surgiu em mim, como no caminho da visão.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Ofereci ouro em pó raro e precioso.
Ele disse: "Eu não quero nada disso."
Repetidamente, pedi-lhe que aceitasse.
Ele disse: "Oferece-o aos gurus pais e às três joias",
E atirou-o casualmente para a floresta.
Fiquei atordoado com a perda.
Dizendo: "Se o queres, aqui está ele de novo",
Ele abriu as palmas das mãos juntas.
Não perdido, intacto, estava lá tal como antes.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Batendo com o seu polegar do pé no chão,
Rochas e seixos tornaram-se ouro.
Ele disse: "Tudo é uma terra de ouro."
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Ele olhou para o céu,
E do estômago de um peixe de barriga branca,
Dispôs as oferendas de um gaṇacakra
Com comida de cem sabores.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Enquanto me banhava numa piscina de oito qualidades,
Um corvo arrebatou o meu yantra de proteção.
Nāropa fez o olhar ióguico ameaçador e o mudrā.
Naquele preciso momento, o corvo ficou paralisado e caiu por terra.
Nāropa disse: "És vitorioso sobre os obstáculos de Māra!"
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

"Não deves ficar aqui, mas ir para o Tibete.
Naquela nortenha Terra das Neves
Está um discípulo que é um recipiente digno."
Assim, ele deu-me esta profecia.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Estas são as oito maravilhas que vi
Do nirmāṇakāya, Mahāpaṇḍita Nāropa.
Além de vós, irmãos e irmãs de vajra,
Se eu repetisse isto a qualquer pessoa, não acreditariam.
Nesta era obscura do ensinamento,
Pessoas com visões pervertidas e grande inveja
Caluniar-vos-ão se falardem de virtude.
Portanto, por favor guardem isto em segredo
E não discutam estas palavras com outros além de vós mesmos.
Apresento esta canção de oferenda ao senhor guru.
Que ela alegre as vossas mentes, meus amigos do coração.

Assim ele cantou e alegrou os corações de todos. Naquela noite, na cerimónia em memória de Chitherpa, que coincidiu com o gaṇacakra do décimo dia, reuniram-se cerca de vinte yogins e yoginīs liderados pelo bhikṣu Abhayakīrti. O bhikṣu Abhayakīrti disse então a Marpa: "Em geral, és um tibetano habilidoso no canto. Em particular, tu, o tradutor, ficaste na Índia por muito tempo e realizaste completamente os teus estudos sem obstáculos à tua vida. Portanto, gostaríamos que cantasses uma canção auspiciosa. Diz-se que o teu guru Maitrīpa enfatiza a visão no seu ensinamento. Por favor, diz-nos qual é a abordagem dele."

Em resposta, Marpa cantou esta canção da sua realização da abordagem e exposições de Maitrīpa:

Abençoado pelo glorioso e venerável Eremita
Que dominou completamente a sabedoria suprema, a verdade essencial,
As instruções fundamentais do dharma de mahāmudrā,
Grande senhor Mestre, presto-vos homenagem.

Irmãos e irmãs de vajra, meus amigos do coração,
Não podemos ser separados por meio algum.

Irmãos e irmãs, embora os nossos corpos estejam separados, as nossas mentes são uma.
Não sois vós o glorioso Abhayakīrti?

Eu, que vim da terra da Índia,
E vós, que habitais no Nepal central,
Como as condições para as nossas longas vidas não diminuíram em força,
Agora, neste dia sagrado,
Neste gaṇacakra das ḍākinīs,
Encontramo-nos juntos novamente.
Deve ser que não há hipocrisia no nosso samaya.
Sinto-me completamente alegre.
Vós, que estais sentados aqui, também sentis alegria?

Embora eu seja um noviço estúpido do Tibete,
Chamais-me o famoso tradutor.
Dissestes: "Tradutor, canta uma canção tibetana."
Embora a minha voz não seja boa,
Não posso recusar o vosso pedido, honrados senhores.

Aqui está uma canção recordando a bondade
Tanto do Senhor Nāropa como de Maitrīpa.
Há várias formas de ver as suas maravilhas.
Ouçam com atenção, irmãos e irmãs!

O realizado Senhor Maitrīpa
É afamado por toda a parte
Como um nirmāṇakāya que vive na Índia.
Numa cidade no vale de Vaiśālī,
O rei, o protetor da terra, serviu o senhor, tocando com a sua coroa
As anteras dos pés de lótus do senhor.
Entre os mahāpaṇḍitas das cinco ciências,
Maitrīpa é conhecido como o Mestre, a joia da crista.
O estandarte da sua fama é reconhecido nas dez direções.
No mês dos milagres do ano do Pássaro,
Através do seu domínio em fazer oferendas ao Sugata,
O seu nome tornou-se universalmente afamado como o Mestre.

Este senhor buda deu a transmissão
Da perfeição dos yānas, as instruções fundamentais,
O dharma de mahāmudrā:
"O agarrar exterior, a aparência dos objetos dos sentidos,
Flui continuamente como grande êxtase.
Realiza-o como dharmakāya não nascido.
"A fixação interior, a mente-consciência

É discursiva, não podendo ser agarrada como real.
Portanto, vê-a como insight nu sem fundamento.
"Geralmente, todos os dharmas da existência aparente
São primordialmente inexistentes e não nascidos.
Realiza-os como a essência da simplicidade.
"Não desejes abandonar o saṃsāra
E não há nirvāṇa a alcançar.
Saṃsāra e nirvāṇa são o estado inato autolibertado.
Realiza esta unidade como grande êxtase.

Mesmo que esvaziasses as mentes dos budas dos três tempos,
Não há nada mais supremo do que isto", cantou Maitrīpa.
Cortei todas as dúvidas com isto.
Esta é a abordagem do grande Senhor Maitrīpa.
Se expressares a visão, fá-lo desta forma.
Apresento esta canção de oferenda às três joias.
Que ela alegre os corações de vós que estais aqui sentados.

Assim cantou ele. Todos os presentes ficaram ainda mais maravilhados com o Senhor Marpa.

Em Mejadvīpa, havia um guru chamado Atulyavajra que era um dos irmãos de dharma reunidos em torno do Mestre Maitrīpa. Ele também era um ācārya que outrora dera ensinamentos em kriyā yoga ao próprio Senhor Marpa. Um dia, Marpa foi prestar os seus respeitos a Atulyavajra. Atulyavajra e outros estavam a consagrar uma maṇḍala de Śrī Guhyasamāja feita por um amigo, um artista de Caxemira. Quando Marpa chegou a este gaṇacakra, disseram: "Tu, o tradutor, foste à Índia e ficaste lá muito tempo. O teu guru Nāropa é extremamente famoso. Quanto tempo ficaste com ele? Que ensinamentos ouviste e quanta confiança ganhaste na tua compreensão dos mesmos? Por favor, canta uma canção como um presente da Índia."

Em resposta, Marpa cantou esta canção de como conheceu Nāropa:

Prostro-me perante os senhores siddhas.
Concedei as vossas bênçãos a mim, um afortunado.
Guiai-me, vosso filho ansioso, no caminho.
Embora não tenha habilidade no canto,
Não posso recusar o vosso pedido, meus honrados irmãos e irmãs de dharma.
Agora cantarei esta canção de orgulho intocado mesmo pela morte.
Vós que estais aqui reunidos, levai isto a peito
E praticai o dharma adequadamente.

Eu, Marpa o Tradutor do Tibete,

E o Mahāpaṇḍita Nāropa da Índia
Encontrámo-nos numa cidade num vale florido,
No mosteiro da montanha da Terra Dourada.
Isto pareceu ser o resultado de pura aspiração em vidas anteriores.
Neste lugar famoso e abençoado,
Servi o renomado jetsün
Durante dezasseis anos e sete meses.
Recebi os quatro abiṣekas completos sete vezes.
Ele concedeu-me a bênção de Śrī Cakrasaṃvara.
Ensinou-me o profundo tantra de Hevajra.
Deu-me o yidam, a consorte coemergente.
Repetidamente, pedi instruções orais.
Agarrei o caminho das nāḍīs e do prāṇa,
E o buda estava na palma da minha mão.

Um dia, quando a chamada morte for revelada,
Serei libertado da armadilha do meu corpo herdado,
Terei a confiança dos ensinamentos profundos sobre o momento da morte,
Unirei as técnicas de mistura e ejeção,
E serei recebido por dākas e ḍākinīs.
Acompanhado por estandartes de vitória e uma sinfonia de música,
Irei para o reino celestial de grande êxtase.
Ali tenho a certeza de encontrar o glorioso Nāropa.
Agora, mesmo que eu morra, sinto-me orgulhoso.

Todos vós, senhores e tântricos aqui sentados,
Se não receberdes a transmissão da linhagem de audição,
Não espereis alcançar a iluminação numa única vida
Através da sofística da linhagem escolástica.
No entanto, se pretenderdes praticar o sagrado dharma de todo o coração,
Tomai posse da linhagem de Nāropa e Maitrīpa.
Os discípulos posteriores serão ainda melhores do que os anteriores.
Eles vão de êxtase em êxtase.

A minha canção agradou-vos, a vós que estais aqui sentados?
Por favor, perdoai-me se o significado estiver confuso.

Assim cantou Marpa. Então perguntaram a Marpa: "Tu, o tradutor! No geral, quantos gurus tiveste para além do Nepal? Quem consideras ser o teu guru principal? Quando estiveste aos pés do Mestre, que virtudes da sua grandeza viste? Que instruções orais principais solicitaste?"

Em resposta, o senhor tradutor cantou esta canção:

Sucessor do Grande Brâmane,

Ele realizou a verdade inata livre de extremos,
E é, portanto, o yogin do espaço, para além da analogia.
O seu nome é afamado como Maitrīpa.
Sou um seguidor da tradição deste pai jetsün.
Ele é um yogin para quem a meditação é inseparável do caminho.

Este Marpa, o Tradutor,
Nasceu num lugar inferior, mas o lugar que visitou é supremo.
Fui à Índia três vezes.
Sem consideração pela vida e pelos membros, procurei o sagrado dharma.
Encontrei os senhores budas nirmāṇakāya
Que me aceitaram com abhiṣekas juntamente com as suas instruções orais.
Agora retribuirei a sua bondade.

Perguntaste-me: "Quantos gurus tens?"
Estou ligado a treze gurus por aspiração dármica.
Em particular, há cinco siddhas.
Entre eles, há dois senhores inigualáveis por ninguém,
Principalmente, o Mahāpaṇḍita Nāropa
E, depois dele, o Príncipe Maitrīpa.
A bondade de Maitrīpa é ainda maior do que a de uma mãe.
Sentindo a sua falta cada vez mais,
Fui ao rio Ganges, no Oriente.
No mosteiro da Montanha do Fogo Ardente,
Na sombra fresca de uma árvore nyagrodha,
Vi o grande senhor Mestre ali sentado.
Surgiu uma alegria como a do primeiro bhūmi.

Apresentei uma oferenda para agradar às ḍākinīs.
Como uma maṇḍala para agradar ao guru,
Expus flores de ouro puro.
Juntei as palmas das mãos e ofereci uma prostração completa.
Ansiando com a mente unidirecional, suplicou-lhe.
Solicitei o profundo tantra Mañjuśrī-nāma-saṅgīti,
E o yidam Hevajra.
Ele deu-me o mahāmudrā supremo.
Ele é Śrī Advaya Avadhūti.
Assim, o pai jetsün aceitou-me bondosamente.
Capacitou-me com os quatro profundos abhiṣekas de sinais internos.18
Abençoou-me, purificando completamente o meu ser.

O germe da motivação brotou nas profundezas.
Interiormente, o carácter da mente-insight
É luminosidade, livre de surgimento e cessação.
Assim, ele mostrou-me a essência inata e não fabricada.

Pensamentos momentâneos dissolveram-se no espaço
E um êxtase imaculado surgiu no interior.
O fluxo de ālaya, primordialmente puro,
Foi resolvido como a base do trikāya.
Encontrei a mente como mãe dharmatā, face a face.

Naquela altura, houve sinais maravilhosos:
Uma tocha de cedro do tamanho de um dedo
Ardeu durante sete dias.
Uma árvore, embora inanimada,
Tornou-se insuportavelmente agitada e moveu-se.
Emanaram sete chacais vermelhos
Que eu vi realmente receberem a torma.
Ḍākinīs habitando nos três níveis,
Embora invisíveis, proclamaram os sons de mantras.
Kṣetrapālas encheram o céu,
E ouvi os sons de vários instrumentos musicais.
"Após três nascimentos,
Alcançarás o siddhi supremo",
Assim ouvi do grande senhor Mestre.
Mesmo que eu seja indigno, o meu guru é bom.

Assim, resolvi o ponto final da visão do dharma
E não tenho medo de cair em visões inferiores.
Esta é a abordagem do grande Senhor Maitrīpa.
Alegrai os vossos corações e praticai desta forma.

Esta canção foi dada como um presente de chegada aos irmãos e irmãs de dharma liderados pelo guru Atulyavajra.

O Inverno no Nepal e a Profecia da Ḍākinī

Naquele inverno, o Senhor Marpa descansou no Nepal, como planeara. No campo de cremação de Ramadoli, o guru de Yerang estava a realizar um abhiṣeka e um gaṇacakra. Convidou Marpa para participar na assembleia. Marpa veio e o guru de Yerang perguntou-lhe: "Tu, o tradutor, encontraste o guru Nāropa muitas vezes. É uma grande maravilha que tenhas recebido tantas tradições rituais e ensinamentos. Ao praticar estes, que tipos de experiências e realizações surgiram em ti? Que tipo de virtudes maravilhosas viste em Nāropa? Por favor, faz um breve relato de como encontraste o dharma pela primeira vez e assim por diante."

Em resposta a este pedido, o Senhor Marpa cantou esta canção:

Abençoado pelos senhores antepassados,
Sou um tradutor do Tibete.
Nascido na fronteira de Mön e do Tibete,

A minha ligação cármica foi despertada no lugar de Mangkhar.
Do tradutor Drogmi
Aprendi as línguas coloquiais e literárias e as gramáticas.
Procurei o sagrado dharma na terra da Índia.
Com um passo como uma roda de vento
Viajei da terra do Tibete.

O buda, Mahāpaṇḍita Nāropa,
E eu, Marpa o Tradutor do Tibete,
Encontrámo-nos como buda e ser senciente.
Recebi o abhiṣeka completo sete vezes.
No total, tenho treze gurus.
Nāropa e Maitrīpa são como o sol e a lua;
Mahāpaṇḍita Nāropa é o principal.

Vi grandes maravilhas como estas:
Acima de uma árvore medicinal de sândalo
Vi as nove devīs de emanação de Hevajra.
No centro do coração da consorte coemergente
Vi a roda de aṣṭamantra.
Do estômago de um peixe de barriga branca
Recebi comida de cem sabores.
Assim vi o saṃbhogakāya auto-nascido.

Vi a mente interior como dharmakāya.
Vi as aparências exteriores como nirmāṇakāya.
Vi emanações do buda Nāropa a encherem todo o espaço.
Num rochedo natural de cristal
Vi a pegada deixada por Nāropa.
Não há maior maravilha do que esta.

Quando o Mestre, Príncipe Maitrīpa,
Deu um abhiṣeka na floresta,
Vi chacais a vagar no cemitério
A receberem realmente a torma.
Vi as ḍākinīs dos três níveis
A realizarem realmente as suas atividades.
Este artifício ilusório da aparência exterior
Foi trancado na casa do espaço imóvel.
A aparência, este sonho de padrões habituais,
Dissolveu-se e desapareceu na luminosidade.

Uma tocha de cedro do tamanho de um dedo
Ardeu durante sete dias.
Toquei os pés do grande Maitrīpa,

O yogin para quem a meditação é inseparável do caminho.
Detenho a linhagem do Grande Brâmane.
Vi grandes maravilhas como estas.

Se eu explicar toda a minha realização,
Alguns de vós não seriam capazes de a conter na vossa mente.
Se eu explicar apenas um canto dela, é assim:
Ter confiança na luminosidade
É de facto a visão livre de viés ou parcialidade.
A meditação é contínua, como o fluir de um rio largo.
Ao não considerar a meditação como limitada aos quatro períodos
E ao abandonar pensamentos hipócritas,
Não há distinção entre a meditação e a pós-meditação.
Ao obter o poder tanto do prāṇa como da mente,
O medo do saṃsāra desapareceu há muito tempo.
Estas são as minhas realizações.

Assim cantou Marpa. Toda a assembleia viu o Senhor Marpa como um guru. No campo de cremação, os chacais uivaram e outros ruídos ressoaram. Todos os ali reunidos ficaram com muito medo e disseram: "Devemos certificar-nos de terminar o nosso gaṇacakra até à noite. Este campo de cremação é muito sensível e há o perigo de surgirem obstáculos de espíritos."

O Senhor Marpa pensou: "Se fossem os meus gurus Nāropa e Maitrīpa, eles prefeririam sentar-se realmente sobre um cadáver e adquirir carne humana no campo de cremação. Se não as pudessem adquirir, visualizá-las-iam através do samādhi, e assim desfrutariam delas. Mesmo quando fileiras de ḍākinīs kṣetrapāla se perfilassem em pessoa para receber a torma, eles não teriam medo. Mas esta noite estas pessoas têm medo dos uivos dos chacais neste vale vazio e dos sons naturais dos elementos."

Subitamente, recordou as virtudes de Nāropa e Maitrīpa. Arrependeu-se de ter voltado da Índia e decidiu que voltaria novamente. Depois sentou-se e chorou e chorou.

Nas primeiras horas antes do amanhecer, Marpa sonhou que uma bela mulher vestida com roupas feitas de folhas vinha e punha a mão no topo da sua cabeça. "Agora, em vez de ires para a Índia, se regressares ao Tibete será de maior benefício para os seres. Terás muitos discípulos dignos. No teu regresso ao Tibete não haverá obstáculos." Assim ela profetizou. Marpa acordou e decidiu que a ḍākinī kṣetrapāla fora enviada através da bondade de Nāropa e Maitrīpa. Sentiu-se muito feliz e decidiu seguir para o Tibete.

O Sonho de Maitrīpa e a Resposta de Paiṇḍapa

Mais tarde, o Senhor Marpa ficou no vihāra Rinchen Tsül, no Nepal. Ali recebeu do guru Paiṇḍapa algumas instruções selecionadas sobre o abhisamaya de Ekajaṭī, sobre o Amṛtaprabhasādhana e sobre o sampannakrama.

Uma noite, Marpa sonhou com o senhor Mestre Maitrīpa a viajar pelo céu montado num leão. Marpa chorou e lamentou-se, dizendo: "Pai jetsün, aceitai-me bondosamente!" Maitrīpa chegou ao céu diante dele e mostrou-lhe um ensinamento por sinais. Proferiu o dharma para além da analogia e Marpa alcançou a realização livre de extremos. Assim, neste sonho, Marpa teve uma experiência de meditação que nunca tivera antes. Então, ao acordar do seu sonho ao romper do dia, lembrou-se do guru e derramou muitas lágrimas.

Na noite seguinte, Marpa organizou um excelente gaṇacakra para agradecer ao guru Paiṇḍapa pelo ensinamento que recebera e para suplicar a Maitrīpa. Durante o gaṇacakra, Paiṇḍapa disse: "Esta noite, neste gaṇacakra, desejamos ouvir qualquer canção que surja do teu coração."

Assim, o Senhor Marpa cantou esta grandiosa canção proclamando a profecia do sonho:

Senhor que realizou a verdade essencial, o dharmakāya,
O vosso nome é afamado como Maitrīpa.
Quando penso em vós e na vossa bondade,
Sinto imenso a vossa falta.
Anseio continuamente de forma unidirecional por vós.
Pai nirmāṇakāya, concedei as vossas bênçãos.
Vós, bondoso guru, sois o guia.

Liderados por Śrī Paiṇḍapa,
Vós, yogins e yoginīs aqui sentados,
Ouvi por um momento esta canção.
Esta canção possui as bênçãos das ḍākinīs.

Eu, o mestre Marpa Chökyi Lodrö,
Passei um terço da minha vida na Índia.
Durante quarenta anos, aprendi e estudei.
O ano passado, o perigoso ano da Serpente,
No mês do Falcão dos milagres,
Eu estava na estrada.
Atravessei o aterrador rio Ganges.
Dois bandidos de casta baixa, felizes por morrer,
Mergulharam na água como peixes,
E correram em minha direção como cavalos através de uma planície.
Pensando em vidas passadas e futuras, entrei em pânico.
Meditei no pai jetsün no topo da minha cabeça.

Eles olharam para mim repetidamente, pararam e voltaram-se.
Como quem resgata um homem que se afoga, a sua bondade salvou a minha vida.
Pai, é impossível retribuir a vossa bondade.

Na primeira parte do mês passado,
No décimo dia do quarto crescente da lua,
No campo de cremação de Ramadoli,
Apresentei oferendas para agradar aos gurus.
Conduzi um gaṇacakra para agradar às ḍākinīs.
Quando vi os yogins ali reunidos,
Subitamente recordei o Senhor Nāropa e Maitrīpa.
Inseparável da sua bondade amorosa, estou protegido.
Portanto, trouxe à mente as ações do pai.
Sobrecarregado de anseio, desfiz-me em lágrimas.
Então pensei: "Deveria regressar à Índia novamente?"

Num sonho ao romper do dia,
Uma mulher vestida com roupas feitas de folhas
Estendeu a sua mão direita
E tocou a minha cabeça com os seus dedos,
Dizendo: "Não deves regressar à Índia,
Mas ir para Ü na terra do Tibete.
Chegarás à Terra das Neves
Sem que surjam quaisquer obstáculos externos ou internos.
Há estudantes lá que são recipientes dignos."
Ela deu-me esta bênção e profecia.
Certamente, era uma ḍākinī kṣetrapāla.

Depois, através da bondade do jetsün,
Ontem à noite, após os meus sonhos nascidos de padrões habituais,
Vi o senhor Mestre, Príncipe Maitrīpa,
A viajar pelo céu montado num leão.
Ele chegou à minha frente
E mostrou três sinais revelando o não nascido.
Proferiu o dharma sem letra.
Realizei uma verdade inexprimível.
Uma experiência sem precedentes despontou.

Ao romper do dia, assim que acordei,
Lembrei-me do Senhor Maitrīpa repetidamente.
Não o conseguia separar da minha mente.
Lamentei-me e chorei, cobrindo o meu rosto com lágrimas.
Não conseguia respirar; os meus pulmões estavam bloqueados.
Pai, no meu coração anseio por vós, como um homem sedento por água.

Sabeis do meu anseio?
Pai nirmāṇakāya, guiai-me no caminho.

Embora geralmente os sonhos nasçam de padrões habituais,
O pai jetsün apareceu; ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!
A maior alegria e a mais profunda tristeza surgiram.
Vós que estais aqui sentados, isto é o que vos digo.

Então o guru Paiṇḍapa inspirou o Senhor Marpa a sentir-se orgulhoso cantando esta canção para mostrar como, do seu ponto de vista, a essência única do guru no sonho de Marpa manifestava várias virtudes:

Tu, o tradutor, és um amigo do coração.
Tenho uma fé profunda em ti, meu filho,
Tenho grande respeito pelo teu alcance do domínio fundamental,
E tenho por ti o maior amor e compaixão.
Detemos os votos que purificam o nosso ser.
És o nobre filho de uma família excelente.
Nas tuas vidas anteriores, não desprezaste o guru.
Portanto, encontraste agora verdadeiros siddhas.
Isto foi através da minha bondade, o teu amigo.
Como és grato por isto,
Também me vês como uma joia da crista.
Filho, que grande maravilha saberes o que eu fiz!

Tu tens o samaya superior,
O caminho supremo, o imperial mantrayāna,
Que é o fundamento de todas as jornadas.
Os ensinamentos concedidos pelos devas e ḍākinīs
E as instruções orais do guru entraram no teu coração.
É certo que obterás o êxtase nesta vida.
De todos os budas dos três tempos,
O senhor guru é a raiz de todos os siddhis.
Quanto a este nirmāṇakāya supremo, o jetsün:

Se o reconheceres como o espaço,
Realizarás a verdade não nascida.
Se o reconheceres como o sol,
Surgirá a grande compaixão que tudo permeia.
Se o reconheceres como a lua,
Dissiparás a angústia dos kleśas.
Se o reconheceres como o oceano,
Adquirirás o samādhi supremo e inabalável.
Se o reconheceres como uma joia,
Necessidades, desejos e esperanças são espontaneamente realizados.

Se o reconheceres como o capitão de um navio,
Ele conduzir-te-á à ilha de joias da libertação.
Se o reconheceres como um general,
Ele anulará o ataque dos inimigos, as visões pervertidas.
Se o reconheceres como uma espada,
Cortarás os laços da fixação.
Se o reconheceres como uma roda,
Realizarás a verdade de não habitar nos extremos.
Se o reconheceres como um leão,
Dominarás os animais selvagens do agarrar e da fixação.
Se o reconheceres como um elefante,
Serás libertado dos terríveis māras.
Se o reconheceres como um corcel,
Ele carregar-te-á para o reino do nirvāṇa.
Se o reconheceres como um rei,
Todos te honrarão e farão oferendas.

Ó tu de nobre família, como quer que o vejas,
Reconheces nele o pai bondoso.
Portanto, o reino do dharma é contínuo.
Meu filho, após os teus sonhos nascidos de padrões habituais,
O grande senhor Mestre apareceu.
Mostrou um sinal revelando o não nascido
E proferiu o dharma sem letra.
Tendo realizado a verdade para além dos extremos,
Despontou uma experiência nunca antes surgida.
Seria bom se falasses sobre estas verdades.

A Explicação dos Sinais de Maitrīpa

Então o Senhor Marpa ofereceu a sua realização do que vira nos seus sonhos e do que experienciara na sua mente aos irmãos e irmãs de dharma liderados pelo guru Paiṇḍapa:

Senhor Paiṇḍapa, vós que praticais a disciplina ióguica!
O vosso nome foi profetizado pelos devas; ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!
Sob a mão do glorioso Advayalalita
Estão os irmãos e irmãs de vajra, cujas mentes não diferem.
Liderados por Śrī Guṇamati,
Dākas que estais sentados na fileira da direita, ouçam-me!
Depois deles, as yoginīs secretas,
Lideradas pela consorte Sukhavajrī,
Ḍākinīs que estais sentadas na fileira da esquerda, ouçam-me!

Geralmente, todos os dharmas são ilusão.
Os sonhos são exaltados como ilusão especial.
No início da noite, surgem sonhos nascidos de padrões habituais.
Não há nada de todo em que confiar ali.
À meia-noite, aparecem os enganos de Māra.
Não se deve confiar nestes.
Ao amanhecer, há profecias dos devas.
Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Ao romper da aurora desta manhã,
O grande senhor Mestre apareceu
E ensinou o dharma que revelou o supremo.
Esta é a memória inesquecível do que Maitrīpa disse:
"Geralmente, todos os dharmas são mente.
O guru surge da própria mente.
Não há nada mais para além da mente.
Tudo o que aparece é a natureza da mente,
Que é primordialmente inexistente.
O estado natural, não nascido e inato,
Não pode ser abandonado pelo esforço do pensamento.
Portanto repousa à vontade, naturalmente, sem restrição.

Isto pode ser mostrado por sinais:
Um cadáver humano, um pária, um cão, um porco,
Uma criança, um louco, um elefante,
Uma joia preciosa, um lótus azul,
Mercúrio, um cervo, um leão,
Um brâmane e um antílope negro; viste-os?"
Maitrīpa perguntou.
A realização da verdade foi demonstrada por estes sinais:
Não fixado nem no saṃsāra nem no nirvāṇa,
Não mantendo aceitação ou rejeição no próprio ser,
Não esperando pela fruição vinda de outros,
Mente livre de ocupação e complexidade,
Não caindo nos quatro extremos,
Não-meditação e não-vaguear,
Livre de pensamento e fala,
Para além de qualquer analogia.

Através da bondade do guru, realizei isto.
Desde que a experiência destas realizações despontou,
A mente e os eventos mentais cessaram,
E o espaço e o insight são inseparáveis.
Falhas e virtudes nem aumentam nem diminuem.
Êxtase, vacuidade e luminosidade são incessantes.

Portanto, a luminosidade desponta para além do ir ou vir.
Esta transmissão do inato, o cerne da visão,
Através dos significados dos sinais que revelam o não nascido,
Ouvi do grande senhor Mestre.

A razão pela qual canto estas palavras
É o pedido insistente do honrado senhor.
Não pude recusar aos irmãos e irmãs de dharma.
Ḍākinīs, não sejais invejosas!

Assim, esta canção foi cantada para os irmãos e irmãs de dharma liderados por Paiṇḍapa, no vihāra Rinchen Tsül no Nepal, para mostrar o significado dos sinais de mahāmudrā revelados pela aparição de Maitrīpa num sonho. O Senhor Marpa não deu esta canção a ninguém no Tibete, exceto ao Jetsün Mila e a Marpa Golek. Estes dois irmãos senhores deram-na a Changchup Gyalpo, o mestre de Ngen Dzong. Para benefício de todos os seres sencientes, esta canção foi então proclamada a todos.

O Senhor Marpa ofereceu prostrações de despedida aos seus gurus nepaleses e regressou ao Tibete.

O Reencontro em Lhotrak

Nessa altura, os discípulos em Lhotrak esperavam com grande anseio que o guru regressasse em breve. Perguntavam-se se poderiam encontrá-lo no Nepal; mas, mesmo que não o pudessem fazer, esperavam ouvir notícias dele e sentiam-se muito impacientes. Assim, Marpa Golek decidiu ir ao Nepal e partiu. O mestre e o discípulo encontraram-se quando o guru chegou ao mosteiro conhecido como Masangmam, em Kyitrong. Marpa Golek serviu como assistente de Marpa e partiram juntos.

Em Langpokhar, em Mangyül, alguns discípulos ofereceram hospitalidade a Marpa e pediram ensinamentos. Enquanto ele ficou a descansar durante vários dias, os discípulos ofereceram muitas dádivas de turquesa e outras coisas. Depois, Marpa e Marpa Golek foram para Tsang e chegaram a um mosteiro de Metön Tsönpo em Taktsal, no alto Nyang. Quando foi organizada uma boa oferenda de banquete de boas-vindas, Metön solicitou: "Ó guru, como chegaste a este gaṇacakra esta noite após uma longa jornada, deves estar cansado. No entanto, como tens grande conhecimento dos caminhos do mantra secreto, por favor realiza um ritual de banquete e uma sādhana completa para que as gerações futuras possam beneficiar deste exemplo."

Assim, o Senhor Marpa realizou o ritual completo de uma sādhana. Embora já fosse devoto, a visão de Metön foi transformada durante a reunião do banquete. Depois, ele disse: "Ó guru, embora tenhas realizado muitos gaṇacakras anteriormente, esta noite a minha mente foi poderosamente transformada. Precioso senhor, como viste e realizaste muitos gaṇacakras na Índia, por favor canta sobre os

momentos em que um gaṇacakra é necessário e sobre as grandes e maravilhosas visões que tiveste." Assim ele suplicou.

Em resposta, o Senhor Marpa cantou esta canção sobre os momentos em que as oferendas de banquete são necessárias e sobre o que tinha visto:

Quanto àquilo que se chama um gaṇacakra:
Quando se realizam os quatro abhiṣekas, o caminho que amadurece,
Um gaṇacakra é necessário.
Quando se realiza uma consagração,
Um gaṇacakra é necessário.
Quando se solicitam as bênçãos das ḍākinīs,
Um gaṇacakra é necessário.
Quando há o ensino e a audição dos tantras,
Um gaṇacakra é necessário.
Quando se solicitam instruções orais profundas,
Um gaṇacakra é necessário.

Este Marpa, o Tradutor,
Foi à Índia três vezes.
Em geral, os gaṇacakras são inconcebíveis.
Em particular, vi grandes maravilhas como estas:
Ao Mahāpaṇḍita Jetsün Nāropa,
Um governante soberano real
E Kuṇḍālī, a filha de uma dona de taberna,
Fizeram uma oferenda de moedas kārṣāpaṇa
Dispostas numa maṇḍala de metal de sino precioso.
Eles tinham suplicado com um ano de antecedência
E o grande Senhor Nāropa tinha aceitado.

Depois, num campo de cremação numa floresta de teca,
Nāropa realizou um gaṇacakra três vezes.
Com riqueza e prazeres incomensuráveis,
Oferendas de banquete elaboradas e torma foram organizadas.
Pela bênção do glorioso Nāropa,
A assembleia divina de Śrī Cakrasaṃvara,
Um número igual de yogins e yoginīs do mantra secreto —
Ao todo sessenta e dois homens e mulheres —
Conversaram em linguagem de código profunda.
Emanando do centro do coração do grande Senhor Nāropa,
A assembleia divina de Cakrasaṃvara
Residia esplendidamente no centro da maṇḍala.

Realizando a sādhana completa,
O grande Jetsün Nāropa
Segurava o vajra e a ghaṇṭā nas suas mãos
E usava os seis ornamentos de osso.
No espaço, um côvado acima do solo,
Ele estava na postura de dança com a sua perna direita estendida.
Os outros yogins e yoginīs
Soavam ḍamarus com as suas mãos direitas
E seguravam címbalos na esquerda.
Assim os vi desfrutar e realizar as danças.

Eu, Marpa o Tradutor,
Vi o dharmakāya coemergente,
A essência do profundo quarto abhiṣeka.
Encontrei um senhor como este.
Vi um gaṇacakra como este.
Isto não é para os comuns, nem o caminho dos comuns.
Não é isto uma grande maravilha, mestre de Tsang?

O Louvor aos Gurus

Mais fé surgiu em Metön, e ele disse: "Ó guru, agora testemunhei a fruição da tua jornada. Desta vez certamente recebeste abhiṣekas e instruções especiais que não tinhas recebido anteriormente. Por favor, aceita-me com bondade." Assim Metön solicitou.

Como havia um selo de comando de segredo sobre a linhagem de audição das ḍākinīs, Marpa não deu estes ensinamentos a Metön. Mas ele ficou e deu a Metön muitos ensinamentos que anteriormente não tinha dado a outros.

Na altura da partida de Marpa, como este tinha regressado da Índia pela terceira vez, Metön fez a primeira de três grandes oferendas, uma grande e agradável oferenda de riqueza. Ele solicitou: "Esta dádiva, dada na tua presença, tu retribuíste-a agora dando ensinamentos. Precioso senhor, embora tenhas envelhecido, regressaste da Índia em segurança e os desejos dos teus discípulos foram cumpridos. Por favor, aceita esta celebração e dádiva de agradecimento e canta uma canção de louvor aos gurus antepassados."

Em resposta a esta súplica, o Senhor Marpa cantou esta canção em louvor dos gurus:

Senhor Akṣobhya, mahāsukhakāya,
Unido a Vajraḍakinī,
Chefe dos dākas,
Śrī Heruka, louvo-vos e prostro-me.

Colecionador de todos os comandos e mantras secretos,
Possuidor do Segredo,
Propagador do sagrado dharma no mundo dos homens,
Senhor Nāgārjuna, pai e filho, louvo-vos.
Vós que fazeis descer o avassalador relâmpago vajra,
O bondoso que protege do medo,
Tilopa, senhor dos três níveis,
Que alcançastes o siddhi supremo, louvo-vos.
Atravessando doze provações servindo o guru,
Todos os piṭakas e tantras
Realizastes num instante;
Senhor buda em forma humana, louvo-vos.
Forma indestrutível de mahāmudrā,
Possuindo a essência primordial não fabricada,
Realizando a verdade do êxtase da simplicidade,
Senhor Príncipe Maitrīpa, louvo-vos.
Expondo a doutrina da linhagem de comando,
Alcançando o siddhi do profundo Guhyasamāja,
Estais dotado de compaixão e sabedoria;
Venerável Jñānagarbha, louvo-vos.
Habitante de campos de cremação, de solidões e debaixo de árvores,
Um kusulu saboreando a potência,
Possuindo o milagre de viajar no espaço,
Kukkurīpā, louvo-vos.
Tendo realizado a verdade da abundância,
Possuindo a potência dos raios de luar,
Satisfazeis e trazeis êxtase àqueles que vos veem;
Yoginī, louvo-vos.
Descansando na sombra do excelente guarda-sol
Adornado com fitas douradas,
Sentados no céu, alcançando o domínio sobre o sol e a lua,
Jetsüns do Nepal, louvo-vos.
Superando o apego mundano do agarrar e da fixação,
Possuindo o benefício de servir o guru,
Mantendo-vos principalmente na prática da iluminação,
Preservando a aprendizagem do mahāyāna,
Afastando as obstruções bem como os obstáculos causados por agentes de perversão,
O amigo que nos apresenta ao bom guru,
Mestres guias, louvo-vos.

O mérito de louvar o guru
É igual ao de oferecer aos budas dos três tempos.
Por este mérito de louvar os mestres,
Que todos os seres sirvam os amigos espirituais.

O Encontro com Marpa Golek

Enquanto o Senhor Marpa dava ensinamentos a Metön, Marpa Golek seguiu à frente para Lhotrak para levar as boas notícias. Chegando a Lhotrak, Golek fez então preparativos de boas-vindas, usando a sua própria riqueza. Muitos outros discípulos escoltaram Marpa desde o alto Nyang. Quando Marpa chegou em segurança a Lhotrak, Marpa Golek tinha organizado uma boa oferenda de banquete de agradecimento.

Anteriormente, enquanto tinham viajado juntos, Marpa tinha feito um relato completo e detalhado das suas experiências a Marpa Golek. No entanto, em prol da compreensão da reunião geral, Marpa Golek disse ao Senhor Marpa: "Ó guru, encontraste o Jetsün Nāropa e regressaste aqui em segurança. Não há maior maravilha do que esta. Por favor, aceita-nos ainda mais com a tua bondade incomensurável. Após encontrares o guru, qual é a diferença entre as instruções orais anteriores e as de agora? Que tipo de grandes maravilhas viste? Para trazer alegria aos que aqui estamos reunidos, por favor canta para nós."

Em resposta a este pedido, o Senhor Marpa cantou sobre como se encontrou com o glorioso e grande Nāropa, como lhe foram dadas as instruções orais sem exceção, e como as dominou. Numa melodia que domina os fenómenos e transforma as visões dos dākas, Marpa cantou esta grandiosa canção de ações maravilhosas, milagres e virtudes:

Senhor nirmāṇakāya que habita na terra da Índia,
No vale de Vaiśālī em Magadha,
Derrotastes os ataques dos heréticos
E fostes nomeado o grande guardião da porta.
Sois afamado como Senhor Nāropa.
Pai nirmāṇakāya, presto homenagem aos vossos pés.
No palácio de uma cidade de párias no Oriente,
Enquanto eu consultava o profundo Hevajra-tantra,
A minha mente estava desconfortável e agitada.
Embora a puxasse como um arco, ela voava como uma seta.
Subitamente, recordei o Mahāpaṇḍita Nāropa
E um anseio avassalador encheu a minha mente.

Procurava Nāropa numa floresta perto da fronteira
Quando, sem saber, fui preso numa cidade de bárbaros.
Através da sua tirania, o rei manteve-me na prisão.
Num palácio repleto de flores gloriosas,
Atuei como o sacerdote oficiante do rei durante três dias.
No lar das oferendas de fogo ardente,
Vi surgir milagrosamente qualquer comida e bebida que desejasse.

Pensei: "Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!"

Parti para procurar novamente.
Carregava três dre de arroz branco para sustento
E por carne um peixe de barriga branca.
O Senhor Paiṇḍapa, que pratica a disciplina ióguica,
Conhecia a terra e por isso acompanhou-me como guia.
Durante meio mês vagueei nas quatro direções.
Errando por florestas e campos de cremação,
Não conseguia encontrar o jetsün em lugar algum.
Embora não encontrasse o Mahāpaṇḍita Nāropa,
Vi sinais de grande maravilha:
Acima de uma árvore medicinal de sândalo,
As nove devīs de emanação de Hevajra,
Quase tocando os ramos,
Apareceram na esfera de um arco-íris.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!

No centro do coração da consorte coemergente,
A roda de aṣṭamantra,
Como um reflexo num espelho,
Apareceu claramente, sem ser obscurecida pela sua forma exterior.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!
Num rochedo de cristal branco,
Uma rocha vajra muito dura e sólida,
Vi a pegada do grande Senhor Nāropa,
Completa em detalhes com até a marca dos seus cabelos.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!

Pensei: "Não demorará muito agora",
E suplicou durante uma semana.
Como o pai conhece claramente a mente dos outros,
O jetsün chegou perante mim em pessoa.
Chorei e solucei com grande alegria.
Baixando-me, coloquei as solas dos seus pés no topo da minha cabeça.
Lamentando-me, disse: "Fostes tão pouco bondoso."
As minhas lágrimas de anseio fluíram como sangue.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!

Abrecei o seu corpo como uma consorte.
Toquei com a minha cabeça no seu coração.
Naquela altura ele concedeu o abhiṣeka completo à minha mente,
Vertendo a essência da mente em mim, completando assim os ensinamentos.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!

Geralmente, tanto o Mahāpaṇḍita Nāropa da Índia
Como eu, o mestre Lodrö, Marpa do Tibete,
Encontrámo-nos como buda e ser senciente.
Não há dúvida de que me tornarei um siddha.
Um sinal maravilhoso, quão grande na verdade!
Tu que manténs o samaya és como o meu filho do coração.
Basicamente, quando fui para a Índia,
Sempre que me sentia pobre em riqueza e posses,
Enchia uma taça com ouro precioso.
Tal história é digna de fama; ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!

Como não és mesquinho com a tua riqueza,
Recolheste o último dos teus sapatos e roupas,
E enviaste-me com tudo o que eu precisava.
Isto foi enterrar tesouro, provisões para a tua próxima vida.
Novamente pensei: "Ó, quão maravilhoso, quão grande na verdade!"
A mente do filho é mais tenra que a do pai.
Não és tu este, Marpa Golek?
Que necessidade há de falar da tua generosidade com riqueza ilusória?
O teu caminho é não te preocupares com esta vida.
Uma maravilha maior do que esta é impossível.
Como poderia eu esquecer esta longa jornada?
Na floresta de Lhokha, na fronteira do Tibete e Nepal,
Mesmo no inverno, no Ano Novo, uma crista floresce.
Naquela terra onde se semeia arroz salu branco,
Naquele país de Mön onde a língua é diferente,
O calor torna difícil sobreviver a qualquer doença,
Mas arrisquei a minha vida sem medo da morte.
Filho, para manteres o difícil samaya,
Guarda isto em mente; eu, o pai, também não esquecerei isto.
Neste momento, é certo que nunca seremos separados.
É impossível que não nos encontremos na próxima vida.
Na presença de yidams e ḍākinīs,
Aspiremos juntos, pai e filho.
Para expressar a minha gratidão pelo que fizeste,
Cantei esta canção para teu benefício.
Por favor, não proclames isto a outros; guarda-o em segredo.
Agora dei-te estes ensinamentos para retribuir a tua bondade.
Mantém isto confidencial; falaremos disso em privado.
Encontrámo-nos antes e somos os melhores amigos.
De agora até morrermos, fiquemos juntos.

Conclusão das Provações de Marpa

Esta canção sobre a aparência maravilhosa das visões das cinco qualidades de corpo, fala e mente foi cantada para retribuir a bondade de Marpa Golek, um principal discípulo-filho. Marpa deu a Marpa Golek a mālā de prática do grande Senhor Nāropa, com cento e oito rubis, bem como um par de anéis vajra do Mestre Maitrīpa. Ele disse: "Filho, fizeste grandes feitos por mim. Deves ficar comigo até eu morrer. Aspirámos juntos; por isso é impossível que não nos encontremos na próxima vida. Porque fomos unidos pela essência do samaya, nós, pai e filho, nasceremos e viveremos no mesmo lugar." Nunca o deixando nem por um único dia, Marpa Golek serviu como seu assistente até o guru morrer.

Esta canção dos sinais maravilhosos de como Marpa encontrou Nāropa foi cantada três vezes em palavras diferentes, mas com um único significado. Deve-se saber que esta canção tem um significado, mas foi cantada em resposta aos pedidos de três pessoas diferentes.19

Então o guru Ngokpa, Tsurtön e muitos discípulos-filhos reuniram-se. Ofereceram um banquete de agradecimento ao guru, que tinha regressado em segurança e com grande fama. Vieram pedir ensinamentos e, durante o banquete, dois deles fizeram oferendas e este pedido: "Ó guru, agora que o senhor chegou aqui em segurança, os muitos desejos dos discípulos e assistentes foram cumpridos e o sol da felicidade nasceu. Precioso senhor, ouvimos dizer que suportaste muitas privações e doenças e muita fadiga e sentimo-nos ansiosos. Hoje, por favor canta-nos uma canção explicando como suportaste as tuas privações e doenças."

Marpa disse: "Agora ouçam e cantarei uma canção sobre as privações que suportei à procura do Senhor Nāropa, e contarei a história desde quando entrei no dharma pela primeira vez até agora." Na melodia que reúne pensamentos selvagens, dispersos e discursivos na meditação, o gancho de ferro do insight, o lamento das ḍākinīs, Marpa cantou esta grandiosa canção das privações que suportou em prol do dharma:

Senhor Vajradhara cuja essência é Akṣobhya,
Por favor habita como o ornamento da crista na coroa da minha cabeça.
Uma vez que relate os exemplos dos meus labores difíceis,
Vós, senhores, grandes mestres aqui presentes,
Deveis praticar o dharma adequadamente, não o considerando fácil.

Este Marpa, o Tradutor,
Nasceu no centro de Lhotrak.
A minha ligação cármica com o dharma branco foi despertada.
No glorioso mosteiro no vale de Nyugu,
Sob o tradutor Drogmi Lotsāwa,
Aprendi as línguas coloquiais e literárias e as gramáticas.

A sua bondade é certamente grande, não pequena.
Procurei o sagrado dharma na terra da Índia.
Ao percorrer o caminho no Nepal,
Atravessei precipícios e rios sem fim,
Atravessei florestas densas sem fim,
E percorri uma estrada longa e interminável.
Estava sozinho, como uma árvore solitária ou um cadáver humano.
Suportando todo o sofrimento neste caminho,
Até as asas de um pássaro que voa alto tremeriam.
No entanto, valeu o preço de tal fadiga.
Vi o Nepal, o céu descido à terra.
Vendo tais prazeres sensoriais, nunca se teria o suficiente.
Pensei: "Esta é uma terra de semideuses no reino do desejo.
Esta deve ser a era de ouro."
Embora o caminho fosse difícil de percorrer, era melhor continuar a seguir.

Ao ir de lá para a Índia,
Nas regiões bárbaras encontrei bandidos, felizes por morrer.
Não parecia haver esperança de que a minha vida fosse salva.

Quando ouvi os rugidos das feras de rapina,
Mal pensava eu que este corpo alcançaria um lugar confortável.
Quando vi o hálito de uma serpente gigante,
Embora a minha mente estivesse firme, os meus passos vacilaram.
Todas estas coisas perigosas, vi-as pelo caminho.
Mesmo recordando-as agora, o meu coração e os meus pulmões tremem.
Finalmente, atravessei o famoso rio Ganges.
Todavia, valeu a pena o preço de tal provação.
Vi as magníficas vistas de Magadha.
Começando pela gloriosa Vajrāsana,
Fiz oferendas a santuários admiráveis.
Pensei: "Cheguei demasiado tarde".
Ansiosamente, busquei o dharma com todo o meu coração.
Como um rio, vaguei por este e oeste através da terra da Índia.
Numa planície tão vasta que era difícil de atravessar,
Pensei: "Cheguei a uma planície de fogo".
Embora pensasse no dharma, o meu coração inchou de depressão.
Fui vencido pelo calor e por uma febre, que tornou difícil a sobrevivência.
Aproximei-me da morte treze vezes.
Não havia ninguém a quem deixar um testamento de três palavras.
Três vezes entrei em coma.
Vendo todo o sofrimento daquele tempo,
Até inimigos odiosos derramariam lágrimas.
Todavia, valeu a pena o preço de arriscar a minha vida.
Encabeçados pelo senhor, Mahāpaṇḍita Nāropa,

Houve cinco gurus siddha que conheci.
Em geral, estudei as quatro ordens de tantra.
Em particular, aprendi o tantra mãe completo,
Bem como o Guhyasamāja do tantra pai.
Fui para a margem do rio Ganges, no Oriente.
Pelas bênçãos do Senhor Maitrīpa,
Alcancei a realização da base, a dharmatā não nascida,
Agarrei a mente-śūnyatā,
Vi a essência inata, a verdade da simplicidade,
Encontrei a mãe trikāya em pessoa,
E resolvi a minha própria complexidade nessa altura.
Quando regressei novamente a Ü, na terra do Tibete,
Pensei: "Tenho as maiores instruções orais".
Pensei: "Alguns discípulos tornar-se-ão siddhas".
Pensei: "Muitos benefícios para os seres foram realizados".
Estas são as minhas profundas confianças.
Esta é a forma como suportei a provação.
Pensem em quão difícil é obter o dharma;
Por favor, não sejam preguiçosos, mas pratiquem!
Assim cantou Marpa. Muitos derramaram lágrimas nesta festa liderada pelos grandes filhos.

Essa foi a última vez que Marpa foi à Índia.

Esta profecia de Tilopa, o guru de Nāropa, é apresentada na íntegra na p. 88. Encontra-se também na biografia de Nāropa, p. 95.

Segundo Tāranātha no seu Sgyu-'phrul chen-mo'i khrid-yig rgyal-ba'i lam-bzang, pode-se fazer esta prática baseada na sādhana expandida, intermédia ou abreviada escrita por Kukkurīpā. Tāranātha prossegue apresentando uma sinopse breve mas detalhada dos três yogas. O yoga inferior da forma (dman-pa dbyibs kyi rnal-'byor) envolve visualizar-se como Mahāmāyā, que aparece como aparência e vacuidade inseparáveis, como um arco-íris. O yoga profundo do mantra (zab-pa sngags kyi rnal-'byor) utiliza as práticas complexas do corpo ilusório de nāḍī, prāṇa e bindu. O yoga último do dharma (mthar-thug chos kyi rnal-'byor) diz respeito ao levar ordinário e extraordinário de tudo o que ocorre para o caminho. Ver o Bka'-brgyud sngags-mdzod, vol. 3, n.º 11, pp. 281-293.

Compreensão, experiência e realização (T: go, nyams-myong, rtogs) são três estágios na prática do mahāmudrā. São também chamados "os três estágios do nascimento" (T: skye-lugs gsum). No Nges-don phyag-rgya-chen-po'i sgom-rim gsal-bar byed-pa'i legs-bshad zia-ba'i 'od-zer (fol. 329A), Trashi Namgyal escreve:

Segundo o Senhor [Tsangpa] Gyare,
"A compreensão surge da investigação analítica;

as experiências são o êxtase e a luminosidade fortes e fracos;
a realização é reconhecer as coisas como elas são."
Ver também The Royal Song of Saraha de Guenther, pp. 116-7, n. 42.

Selar os fenómenos com mudrā (T: snang-ba rgya-yis-thebs): isto refere-se a uma consciência que abruptamente traz alguém de volta à perspetiva sagrada, a visão do mahāmudrā. Os fenómenos não são considerados como algo separado do mahāmudrā, portanto não há permanência em qualquer experiência de grande êxtase.

Força vital (T: srog-rtsol) e descida (T: 'pho-ba) referem-se a diferentes aspetos da prática de caṇḍālī. A força vital refere-se ao calor interno que é gerado e que flameja, fazendo com que a bodhicitta desça como grande êxtase.

Segundo o comentário de Tāranātha sobre o Mahāmāyā, as três ilusões são: (1) ilusão das aparências fenomenais (T: snang-ba sgyu-ma), (2) ilusão do sonho (T: rmi-lam sgyu-ma) e (3) ilusão do pardo (T: bar-do sgyuma). Ver Bka'-brgyud sngags-mdzod, vol. 3, n.º 11, Sgyu-'phrul, pp. 291:3-292:5.

Esta linha refere-se às duras provações pelas quais Marpa fez Milarepa passar, a fim de o purificar das suas más ações anteriores e torná-lo um recetáculo digno para os ensinamentos. Marpa prometeu dar ensinamentos a Mila depois de este ter construído um pequeno castelo, ou torre, para o seu filho, Tarma Dode. (O nome Sekhar significa literalmente "o castelo do filho".) No entanto, Marpa mudou de ideias duas vezes e, em cada vez, fez com que Mila derrubasse a sua construção, que estava parcialmente concluída, e começasse de novo. Ao construir estas torres e ao antecipar continuamente o recebimento dos ensinamentos apenas para ser desapontado, Mila foi levado aos limites da exaustão física e mental.

Quando, por fim, o Sekhar foi concluído, Marpa organizou uma grande cerimónia na qual a maioridade do seu filho foi celebrada e o Sekhar foi consagrado. (De facto, a canção nas pp. 69-70 está incluída na biografia de Mila). Foi no dia seguinte a esta celebração que Mila finalmente desistiu da esperança de vir a receber ensinamentos e estava pronto para se suicidar. Neste ponto, Marpa aceitou abertamente Mila como seu discípulo. Ver The Life of Milarepa, pp. 47-74.

Caminho da Libertação refere-se a Kukkurīpā. Ver p. 25.

Isto contradiz a sequência de eventos conforme descrita por Tsang Nyön em Life of Milarepa. Na biografia de Mila, Mila não tinha recebido quaisquer instruções orais de Marpa até ao dia seguinte à realização deste serviço de consagração.

Esta identificação não é certa. O tibetano shing ting-ting 'khun-pa significa literalmente "uma árvore ofegante". No entanto, uma árvore de tamarindo é chamada

tintiḍīka em sânscrito e ting-tu-ka em tibetano, por isso esta pareceu ser a possibilidade mais próxima.

Segundo a canção na p. 138, Marpa suplicou a Nāropa durante uma semana após ver esta pegada e antes de se encontrar com Nāropa.

Em geral, os ensinamentos da linhagem de escuta das ḍākinī foram primeiro recebidos por Tilopa quando este foi a Uḍḍiyāṇa e recebeu ensinamentos de Vajrayoginī. É por isso que são referidos como a linhagem de escuta "ḍākinī"—sendo Vajrayoginī a principal ḍākinī e consorte de Cakrasaṃvara. Tilopa recebeu esta transmissão diretamente desta ḍākinī, em vez de um guru humano. Nāropa recebeu estes ensinamentos de Tilopa e depois transmitiu as supremas instruções orais sobre a essência mais íntima de Cakrasaṃvara e Vajravārāhī (Vajrayoginī) a Marpa e restringiu este ensinamento a um único detentor da linhagem (T: gcig-brgyud) por treze gerações.

Um texto que parece resumir estes ensinamentos que Marpa recebeu é o Karṇatantra-vajrapada, de autoria de Nāropa. Milarepa recebeu estes ensinamentos de Marpa e deu-os a Gampopa, que os deu a Tüsum Khyenpa. Isto continuou até Trungmase (Rma-se rtogs-ldan blo-gros rin-chen), que foi discípulo do quinto Karmapa, Teshin Shekpa. Trungmase pertencia à décima terceira geração e assim tornou-se o primeiro guru a transmitir esta linhagem específica de ensinamentos de mahāmudrā a mais de um único sucessor do dharma. De facto, ele ensinou-a amplamente.

O primeiro Trungpa, Künga Gyaltsen, foi um dos discípulos de Trungmase que recebeu este ensinamento e, por conseguinte, este ensinamento tem sido passado através da linhagem Trungpa até aos dias de hoje. Chögyam Trungpa, o Décimo Primeiro tülku Trungpa, recebeu esta transmissão de Rölpe Dorje, o abade regente do mosteiro de Surmang e um dos seus principais tutores.

Comentários detalhados sobre os ensinamentos e práticas de mistura e sabor igual encontram-se em The Life and Teaching of Nāropa, pp. 47–49. (O Professor Guenther traduz estes termos como "sintonização e valor único"), e bem assim em Jo-bo nā-ro-pa'i khyad-chos bsre-'pho'i khrid rdo-rje'i theg-par bgrod-pa'i shing-rta de Padma Karpo e Jo-bo nā-ro-pa'i khyad-chos bsre-'pho'i gzhung-'grel rdo-rje-'chang gi dgongs-pa gsal-bar byed-pa.

Há na verdade sete práticas sobre as quais Nāropa canta aqui. Tradicionalmente, a prática de transferência (T: grong-'jug) tem sido considerada parte da prática de ejeção (T: 'pho-ba) e não tem sido contada separadamente. No entanto, é interessante notar que Nāropa, no seu Karṇatantra-vajrapada, lista os seis yogas, incluindo a transferência (T: grong-'jug) como um dos yogas e coloca a prática do pardo (T: bar-do) fora dos seis yogas como um tópico separado. Guenther nota esta discrepância em The Life and Teaching of Nāropa (p. 201). No entanto,

qualquer que tenha sido a intenção de Nāropa ao listar o pardo como separado dos seis yogas, Tilopa claramente inclui-o como um dos seis yogas na sua própria obra, o Ṣaḍdharmopadeśa (Bstan-'gyur, Pequim Tripitaka N.º 4630; Gdams-ngag mdzod, vol. 5, pp. 106-107).

Aqui, a transferência (T: grong-'jug) é mencionada como parte da prática de ejeção (T: 'pho-ba). S. E. Dingo Khyentse, Rinpoche, explicou que "Deve-se considerar que a transferência é parte da prática de ejeção nos seis yogas. A prática de transferência é bastante especial. Se alguém for muito velho e não for viver muito mais tempo, mas ainda assim desejar continuar a sua prática de dharma e ajudar outros, então pode entrar num cadáver fresco que seja jovem, forte e saudável. Se não conseguir encontrar isto, deve então aplicar a prática de ejeção."

"Acima e abaixo" refere-se aqui a acima da letra A (que está abaixo do cakra do umbigo de cada um, no centro secreto) e abaixo da letra HAṂ (que está no topo da cabeça).

No Karṇatantra-vajrapada escrito por Nāropa, os sete yogas são explicados assim: "Realizam-se estas excelentes atividades de uma forma harmoniosa — (1) comer comida, (2) vestir roupas, (3) dormir, (4) caminhar, (5) falar, (6) banhar-se e (7) oferecer torma (Gdams-ngag mdzod, vol. 5, p. 90:4). Ver também The Life and Teaching of Nāropa, p. 46.

Segundo o Rdo-rje rnal-'byor-ma lhan-cig-skyes-ma'i bskyed-rim gyi lha-khrid rnam-bshad zab-mo rnam-'byed kyi snying-po bsdus-pa de Dpa'-bo gtsug-lag rgya-mtsho (terceira encarnação Pawo, 1567-1633), Nāropa deu a Marpa os ensinamentos sobre Vajrayoginī (o utpattikrama da consorte coemergente e o sampannakrama do prāṇa e mente não-duais) e depois disse-lhe: "Daqui a sete dias, no solstício de inverno, no décimo dia da lua minguante, vai ao cemitério de Sosadvīpa. Serás aceito pela consorte coemergente."

Marpa foi para lá e encontrou a consorte coemergente que se manifestou como uma jovem mulher. Ela deu-lhe a bênção do utpatti e sampannakrama. Com uma faca de gancho de cristal, abriu o seu centro do coração e revelou o círculo do mantra. Depois disse-lhe: "Vai para a Vajrāsana (Bodhgayā) e vê o dente do mestre (Buda). Depois vai para o Tibete e aceita discípulos dignos."

Segundo Padma Karpo, os abhiṣekas dos quatro sinais (T: brda-bzhi) fazem parte dos ensinamentos da ḍākinī sem forma. Os quatro sinais são: (1) taça de crânio (T: thod-pa), (2) mālā ou rosário (T: 'phreng-ba), (3) viśvavajra (dois vajras cruzados (T: sna-tshogs rdo-rje), e (4) ornamento de cabeça (T: dbu-rgyan). Ver Padma dkar-po 'i gsung-'bum, vol 7, Snyan-rgyud las zab-mo brda'i dbang gi cho-ga.

A sequência de eventos sobre os quais Marpa cantou mais tarde em três ocasiões diferentes é originalmente descrita nas pp. 81-87. Marpa canta a primeira canção relatando estes eventos ao guru Paiṇḍapa, onde descreve os oito sinais maravilhosos que viu antes e ao encontrar-se com Nāropa. Esta canção concorda muito bem com a descrição narrativa anterior. No entanto, na segunda canção de Marpa, que ocorre nas pp. 119-121, ele apresenta uma versão muito abreviada dos eventos e não os mantém em ordem estritamente cronológica (isto é, menciona ter visto a pegada de Nāropa após a visão de Hevajra e o gaṇacakra de cem sabores).

Contudo, aqui ele está a relacionar estes eventos com a perspetiva dos três kāyas, pelo que a ordem cronológica não parece ser enfatizada. A terceira e última canção relativa a como Marpa se encontrou com Nāropa encontra-se nas pp. 137-140. Esta canção tem várias diferenças em relação à narrativa em prosa. Se removêssemos a linha na p. 137, "No palácio na cidade dos fora-da-lei no Oriente," e movêssemos o resto deste verso para depois do verso que termina em "Conhecia a terra e por isso acompanhou-me como guia," teríamos então a mesma sequência exposta na narrativa em prosa. Além disso, na p. 138, as duas estrofes (isto é, começando com "Acima de uma sândalo medicinal...." e terminando com "Apareceu claramente, não obscurecida pela sua forma exterior. / Um sinal maravilhoso, quão grande de facto!") deveriam ser colocadas após as linhas "Pensei: 'Não tardará muito agora,' / E supliquei durante uma semana."

De acordo com a narrativa em prosa, a visão de Hevajra por Marpa acontece depois de ele suplicar a Nāropa e imediatamente antes de se encontrar com Nāropa pessoalmente. Parece claro, pelo comentário de Tsang Nyön aqui, que ele estava ciente das contradições nas canções de Marpa. O facto de Marpa ter cantado estas canções em resposta aos pedidos de três pessoas diferentes pode explicar parcialmente as suas diferenças. Mas como estas canções eram espontâneas, Marpa cantou sobre estes eventos à medida que surgiam na sua mente. Portanto, ele nem sempre relataria todos os eventos nem se manteria numa ordem estritamente cronológica.

CAPÍTULO III
A PRÁTICA DAS INSTRUÇÕES ORAIS NASCE NO CORAÇÃO DE MARPA.

Em geral, Marpa praticava de acordo com as instruções orais que recebia, e excelentes experiências e realizações nasceram no seu coração. Cantou então várias canções de realização. Em particular, Marpa alcançou confiança através da prática da transferência de consciência.

CERTA VEZ, alguns discípulos, encabeçados por Gyang-ro Shangtön, e muitos benfeitores estavam a oferecer um excelente gaṇacakra de ação de graças. Nessa altura, um pombo jovem de um ninho perto da casa voava atrás da sua mãe

perseguido por um falcão. Embora o pombo jovem tenha escapado para o seu ninho, morreu por estar sem fôlego.

Vendo este cadáver, Marpa disse: "Deverei mostrar-vos hoje uma demonstração da transferência de consciência?"

Todos ofereceram prostrações e suplicaram por isso. Marpa amarrou um fio à pata do pombo e depois transferiu a sua consciência. O pombo levantou-se, cambaleou e, quando estava prestes a voar, reuniu-se afetuosamente com a sua mãe.

Gyang-ro Shangtön olhou para o corpo do guru. Tinha a aparência de um cadáver e ele ficou aterrorizado. Chorando perante o corpo, pediu: "Precioso guru, por favor não faça isto." Como isto não surtiu efeito, ficou ainda mais assustado. Depois foi para diante do pombo jovem e suplicou.

O pombo jovem caiu; imediatamente o guru levantou-se e disse:

Tendo abandonado o meu corpo como uma casa vazia,
Entrei noutro corpo, um pombo jovem.
Estendendo as suas asas e prestes a voar no céu,
Os pássaros mãe e filho encontraram-se afetuosamente.

Todos testemunharam isto; que grande maravilha! Assim disse Marpa e riu-se. Todos os que ali estavam reunidos adquiriram grande confiança na transferência de consciência e ficaram maravilhados.

Quando o irmão mais velho de Marpa, Chowo, ouviu a história desta transferência de consciência, disse: "Será isto apenas um rumor ou é verdade? Se for verdade, não há maior maravilha do que esta." Pensou repetidamente: "Devo ver por mim mesmo se a transferência de consciência é verdadeira ou falsa."

Um dia, enquanto a tecedeira de Chowo estava a trabalhar, um cordeiro branco morreu por ter sido alimentado com leite em excesso. Chowo disse ao Senhor Marpa: "Realiza aqui a transferência de consciência como fizeste com o pombo."

Marpa respondeu: "Da Índia recebi o rasāyana da consorte Vajravārāhī, as instruções orais que são um remédio para a morte, o único composto medicinal de sabedoria; portanto, realizarei a transferência." O Senhor Marpa disse a Chowo, aos filhos-discípulos e aos muitos benfeitores ali reunidos: "Ficarei aqui e transferirei a minha consciência para o cordeiro. Vejam o que o cordeiro fará."

Assim sendo, Chowo e todos os outros começaram a caminhar em direção ao cadáver do cordeiro. Quando o guru entrou em samādhi, o cordeiro levantou-se subitamente e saltou de um lado para o outro.

A tecedeira ficou atónita e tremeu, dizendo: “Vejam isto! Estava completamente morto; mas agora levanta-se e salta de um lado para o outro.” Estava prestes a bater no cordeiro com uma vassoura quando as testemunhas finalmente chegaram lá e disseram: “Não lhe batas! Este é o guru Marpa que está a realizar a transferência de consciência.”

A tecedeira disse: “Já ouvi falar disto antes, mas hoje vejo isto com os meus próprios olhos. Que maravilha!” Afrouxou a tensão no seu tear e depois prostrou-se perante o cordeiro e na direção do Senhor Marpa.

Chowo disse aos seus empregados: “Tragam o cordeiro reanimado para o lugar onde o guru está.” O próprio Chowo foi para junto do guru, que parecia estar morto.

Os discípulos suplicaram ao cordeiro: “Por favor, vai para onde está o teu corpo.” O cordeiro caminhou até ao corpo do guru, saltou novamente de um lado para o outro e depois caiu.

Marpa levantou-se e disse:

A sabedoria imortal,
O rasāyana da mãe dos budas dos três tempos,
O composto medicinal do amṛta da transferência de consciência,
Reanima o cordeiro morto e assim ele dança.

Uma fé transbordante surgiu em Chowo. Ele pediu ensinamentos e abhiṣeka e tornou-se discípulo e assistente de Marpa.

Nessa altura, Marpa Cha-se, um parente do Senhor Marpa que realmente não gostava dele e até o odiava, disse: “Chowo é muito ingénuo. Marpa falou muito sobre as suas viagens à Índia. Aprendeu alguns truques mágicos e enganou Chowo com um deles. Por outro lado, se a chamada transferência ou o que quer que seja for genuína, Marpa afirmará que chegou ao estado de buda esplendidamente sem quebrar ou danificar sequer um canto das suas kleśas, mas mantendo-as intactas. O seu hálito tem um odor podre. A sua virilha fede. Ele vive de devorar presentes dos seus devotos. Agora que alcançou o estado de buda, nunca veremos qualquer dharma vindo dele.” Assim caluniou ele Marpa.

Quando o Senhor Marpa soube disto, disse: “A transferência de consciência é genuína. Portanto, eu fi-la de facto. Se não abandonarem os prazeres sensoriais ou não os levarem para o caminho, o vasto e profundo estado de buda alcançado através dos muitos métodos e de menos provações do mantra secreto não acontecerá. De acordo com o conhecimento profundo do mantra secreto, se não levarem os prazeres sensoriais para o caminho, mas em vez disso os abandonarem, é um desserviço a si próprio.”

Depois Marpa cantou esta canção da grandeza do caminho do mantra secreto:

Eu, Marpa Lotsāwa,
Conheço o rei dos tantras, o Hevajra.
Tenho as instruções orais de Mahāpaṇḍita Nāropa.
Se não permanecer em solidão, é um desserviço a mim próprio.

Conheço o rei dos tantras, o Catuḥpīṭha.
Tenho as instruções orais da ejeção e transferência de consciência.
Se eu morrer da forma comum, é um desserviço a mim próprio.

Sei como misturar dhyāna e sono.
Tenho as instruções orais da luminosidade dos sonhos.
Se eu dormir da forma comum, é um desserviço a mim próprio.

Conheço a caṇḍālī, a forma régia de segurar a mente.
Tenho as instruções orais que perfuram o cerne da mente.
Se eu não praticar o seu significado, é um desserviço a mim próprio.

Conheço as setenta qualidades do prāṇa.
Tenho as instruções orais de utilizar a doença.
Se eu chamar um médico, é um desserviço a mim próprio.

Sei que o meu corpo é o maṇḍala dos vitoriosos.
Se eu não expandir nāḍī, prāṇa e bindu
Através do desfrute de carne e licor, é um desserviço a mim próprio.

Para trazer outra pessoa para o caminho,
Tenho as instruções orais de karmamudrā.
Se eu não desfrutar da mudrā, é um desserviço a mim próprio.

Assim cantou Marpa. Todos os filhos-discípulos alcançaram convicção na sabedoria das profundas ordens de tantra e sentiram grande devoção.

Marpa Cha-se disse: “Ele tem de trazer palavras dhármicas para justificar as suas ações.” Ouvindo isto, outros acreditaram no que Marpa Cha-se disse. Alguns discípulos ficaram descontentes.

O Guru Ngokpa e muitos outros filhos-discípulos estavam reunidos numa oferenda de festa quando um discípulo contou ao guru Marpa o que Marpa Cha-se tinha dito. O guru respondeu: “Ngokpa e outros que compreendem o dharma não devem ter medo disto. Seres com pensamentos pervertidos cometeram inúmeras ações que acumulam o mal. Entre eles, aqueles que são extremamente parciais à sua própria opinião e seres que profanam a perspetiva sagrada são extremamente caluniosos, mesmo para com o próprio Buda. Muitos destes chegam a amaldiçoar a

sua própria sombra. Não seguindo as suas conceptualizações, deixem ir naturalmente no estado de compaixão e ilusão. Quando chegarem à autopureza, não acumularão o mal. É assim que as coisas são." Então Marpa cantou esta canção:

Bhagavat, grande Vajradhara,
Nesta era sombria de cinco mil anos,
Quando amadureces e libertas aqueles de bom karma,
Apareces na forma do grande Senhor Nāropa.
Este desprovido de recursos, Marpa, o Tradutor —
Ouves, vês, ou pensas nele?
Ó pai nirmāṇakāya, por favor aceita-me com bondade.
Na avadhūti, o caminho principal da iluminação,
Prāṇa e mente, êxtase e calor estão unidos,
Tornando-se um grande êxtase incondicionado.
A sabedoria da visão desobstruída desponta.
"Isto é insuperável", disse o guru.
A escuridão da ignorância é purificada no espaço.
Está-se livre das duas obscurações do agarrar e da fixação.
Portanto, o êxtase e a luminosidade despontam na simplicidade.
Esta aparência de coincidência coletiva
É um reflexo sem natureza própria.
Todas as aparências são realizadas dessa forma,
E tal como as aparências num sonho,
Todos os dharmas surgem como ilusões.
Deuses, asuras, humanos,
Seres dos infernos, pretas, animais —
Estas várias formas de fixação na aparência
São realizadas como inexistentes, como uma ilusão.
Quando as conceções do mundo e dos seus habitantes,
E o portal através do qual estas surgem, são controlados pela técnica do prāṇa,
Aparece tudo o que for desejado.
Portanto, a mistura e a ejeção da consciência surgem livres de mancha.
Quando os pensamentos surgirem, repousa naturalmente.
Ao sonhar, sê consciente sem o corromper.
Quando estiveres no pardo, não controles, mas sê consciente.
Quando houver fruição, deixa-a surgir sem obscuração.
Vós, seguidores de Nāropa,
Praticai as profundas instruções orais.
À medida que tiverdes visão, a certeza surgirá.
Pessoas de mente estreita com realização pervertida
Calamniam até o Buda.
Amaldiçoando até a sua própria sombra,
Perseguem o engano
E não conseguem distinguir a verdade da falsidade.
Quando o tolo corre e grita,

O sábio não o segue.
O dharma é vazio de sofisma.
Este corpo é um maṇḍala de deidades.
Esta fala é a natureza do dharma.
Esta mente é a essência da sabedoria.
Filhos, praticai livres de tédio.
Indubitavelmente, alcançareis a iluminação.

Assim cantou Marpa e todos ganharam certeza. Noutra ocasião, Marpa e os seus assistentes foram dar um passeio ao longo da margem do rio. Alguns cães de caçadores apareceram a perseguir um veado, e o veado correu para o rio e afogou-se.

Marpa disse: "Realizarei a transferência de consciência. Alguns de vós ide atrás do veado e protegei-o dos cães. Alguns de vós ficai aqui junto ao meu corpo."

Marpa então transferiu a sua consciência para o veado e trouxe o cadáver do veado até ao pátio exterior da sua casa, deixando um rasto de pegadas molhadas. Depois, o guru levantou-se e foi para lá.

Enquanto o guru, alguns discípulos, parentes e muitos outros olhavam para o cadáver do veado, os caçadores chegaram e prepararam-se para o esquartejar. O guru disse brincando: "Encontrei o cadáver deste veado no rio. Não quero que o levem." Os discípulos e muitas pessoas contaram a história de como o guru realizou a transferência de consciência.

Alguns dos caçadores disseram: "Bem, então pedimos-lhe que realize a transferência de consciência onde possamos vê-la e então oferecer-lhe-emos o corpo do veado." Outros disseram: "Se fizer isto e nós virmos, ofereceremos outras coisas além do veado."

Assim, o Senhor Marpa transferiu a sua consciência para o veado e trouxe-o através do portão para o pátio. Depois o guru levantou-se e disse:

Através da transferência de consciência gentilmente dada pelo guru,
Um requisito para a festa, uma substância samaya
Que satisfaz todas as necessidades e desejos,
É encontrada nesta joia que realiza desejos, o veado.

E ele disse: "Enquanto a minha consciência habitava o corpo de um animal, a minha mente parecia estar embotada."

Depois de Marpa ter feito isto, todos os presentes ficaram cheios de admiração e espanto. Os caçadores alegraram-se e ofereceram o cadáver do veado, bem como outros presentes. Muitos outros entraram no portal do dharma. Em particular, Marpa Cha-se estava lá presente e a fé nasceu nele. Arrependeu-se das suas anteriores

visões e ações pervertidas e fez confissão. Solicitou: “Disse que, se alguém não desfruta de carne, licor e mulheres, é um desserviço a si próprio. Parece-nos que isto não é diferente do que nós fazemos. Agora, uma vez que parece possuir alguma confiança, por favor diga-nos como é isto.”

Marpa respondeu: “Vós não compreendeis. Portanto, mesmo que vísseis deidades em união, diríeis que isto é o mesmo que vós fazeis. Embora eu desfrute dos prazeres sensoriais, tenho estas confianças de que não sou acorrentado por eles.”

Então Marpa cantou esta canção de sondar a realização e da confiança que dominou totalmente o dharma:

Prostro-me perante os pais gurus.
Pela bondade dos senhores antepassados,
Quando em solidão e lazer, medito em nāḍī e prāṇa.
Exercitando o corpo e a mente repetidamente, eu medito.
Mesmo quando os meus elementos estão em tumulto, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em saber que isto elevará a minha prática.

Enquanto durmo, medito na luminosidade.
Focando as aparências repetidamente, eu medito.
Mesmo quando experiencio a ilusão, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em saber isto como unidade.

No momento do sonho, medito no corpo ilusório.
Expandindo as aparências repetidamente, eu medito.
Mesmo quando os sonhos se tornam discursivos, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em sabê-los como ilusórios.

Enquanto desfruto dos prazeres sensoriais, medito na deidade.
Experienciando o seu sabor repetidamente, eu medito.
Mesmo ao ver comida e bebida comuns, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em sabê-las como uma oferenda de festa.

Na ocasião de upāyamarga, medito no corpo de outrem.
Despertando o êxtase repetidamente, eu medito.
Mesmo quando parece ser mundano, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em saber isto como coemergente.

No momento da morte, medito na ejeção da consciência.
Praticando a ejeção da consciência repetidamente, eu medito.
Mesmo quando os sinais da morte aparecem, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em sabê-los como sampannakrama.

No momento da morte, entro no pardo.

O pardo é como uma nuvem ou névoa.
Mesmo quando a paixão e a agressão surgem, não tenho ansiedade.
Tenho confiança em sabê-las como autolibertadas.

Assim cantou Marpa.

Uma fé inabalável nasceu em Marpa Cha-se e ele solicitou ensinamentos e abhiṣeka. Mais tarde, tornou-se um patrono que prestou um serviço perfeito.

Noutra altura, um ique tinha morrido perto do local de uma festa onde muitas pessoas se tinham reunido. Quando os trabalhadores se preparavam para levar o cadáver, Marpa disse: "A minha parte do trabalho será levar o cadáver do ique." Ele então transferiu a sua consciência para o ique e trouxe o cadáver do ique para o pátio. Depois Marpa levantou-se e disse:

A essência do corpo, fala e mente da ḍākinī
É o cavalo de nāḍī, prāṇa e bodhicitta.
Incitado pelo chicote do sabor igual,
O velho ique atravessa a passagem perigosa.

Porque alcançou certeza na transferência de consciência, Marpa tornou-se completamente afamado como um siddha, indiscutido por ninguém. Da mesma forma, ele deu a linhagem de transmissão única suprema das profundas instruções sobre a transferência de consciência ao seu filho Tarma Dode.1

A transferência de consciência (T: grong-'jug) é uma prática especial ligada à prática de ejeção (T: 'pho-ba; ver nota p. 94). Devido à morte prematura de Tarma Dode, diz-se que a linhagem deste ensinamento e prática foi quebrada e não continuou. No entanto, embora isto seja verdade e a transferência não seja praticada, segundo S. E. Dingo Khyentse, Rinpoche, a transmissão de leitura desta prática continuou até aos dias de hoje.

CAPÍTULO IV
ATRAVÉS DA MANIFESTAÇÃO DA SUA REALIZAÇÃO, MARPA BENEFICIA OS SERES SENCIENTES E OS ENSINAMENTOS.

Em geral, o guru Ngokpa e os outros discípulos dignos ali reunidos são amadurecidos e libertados através de abhiṣekas e instruções orais. Em particular, por meio da tristeza e da renúncia face à morte do seu filho, Marpa fortalece a prática de todos.

TENDO oferecido festas de ação de graças após o regresso do guru da Índia, a maioria dos discípulos e assistentes partiu para as suas próprias casas. O guru, o pai e todos os seus filhos, habitaram em retiro estrito de acordo com a profecia-comando de Nāropa. O guru habitava na parte superior do castelo. Abaixo dele habitava o seu filho Tarma Dode. Abaixo dele habitavam alguns dos grandes filhos-discípulos. Os

outros filhos-discípulos também praticavam sādhana em retiro estrito. A esposa de Marpa, Marpa Golek e Bawachen de Parang serviam-nos.

O pai deu as instruções orais da ejeção e transferência de consciência ao seu filho Tarma Dode. Tarma Dode dominou totalmente estas instruções orais e alcançou confiança.

Um dia, enquanto um cão ladrava, alguém bateu à porta do castelo. Da sua janela, o filho viu um homem alto vestido de branco carregando um arco e algumas setas. A mãe de Tarma Dode saiu ao seu encontro e o homem disse: "A feira anual de Ngamo-chushül é depois de amanhã. O seu irmão mais velho é o patrocinador. Anteriormente, foi oferecida a Marpa a fama e a honra de presidir tanto à feira como à festa. Vim convidar o guru, o pai ou o filho, quem quer que esteja livre para vir. Um deles deve vir, não importa o quê." Assim falou ele insistentemente.

Dagmema deu-lhe boa comida e chang, e enquanto ele comia, ela disse: "É maravilhoso que vós estejais a dar tanto uma feira como uma festa. Mas, como lhe disse antes, o nosso guru Marpa diz que deve cumprir a profecia-comando do Senhor Nāropa. Por isso, o pai e os filhos devem todos viver em retiro estrito por três anos. Como apenas um ano passou, é muito improvável que o pai ou o filho vão. Poderíamos enviar um dos grandes filhos-discípulos que estão abaixo deles, um importante." A mãe também falou com insistência.

O homem disse embriagado: "Deve ser o pai ou o filho. Mais ninguém presidirá. Se o guru fosse, eu iria como seu assistente. No entanto, como ele não vai, eu partirei, mas entreguei a mensagem de qualquer forma. Não digam que não a entreguei!" Ele sacudiu abruptamente a parte inferior da sua chuba e partiu.

O filho pensou: "Agora, do ponto de vista da sociedade, tenho os pais mais proeminentes. Devido à minha família, parentes e assistentes, não tenho tristeza nem fardos e sou instruído no dharma. Portanto, sou bem adequado para ir à feira deste ano. Mas se eu pedir ao meu pai e à minha mãe, eles não darão a sua permissão. Terei de sair às escondidas."

Dois dias depois, todos do vale superior passaram a caminho da feira, vestindo roupas elegantes e joias. Pensando: "Devo sair de tal forma que o meu pai e a minha mãe não ouçam", o filho saiu da cama e preparou-se para partir. Depois pensou: "Diz-se: 'Quanto mais alta a montanha, mais profundo o abismo. Quanto maior o ganho, maior o risco. Quanto mais profundo o dharma, mais profundo o māra.' O meu pai castigar-me-á. Quando os obstáculos de Māra surgem, há grande perigo." Assim, ele ficou na sua cama.

Nesse momento, vieram três velhas mulheres, com as bocas desdentadas e as cabeças tão brancas como búzios. Elas disseram: "Vimos a grande feira de Ngamo-chushül de Lhotrak repetidamente e ainda não é suficiente. A hora da morte chega

sem aviso, por isso não sabemos se a veremos novamente." Tarma Dode observou-as passar balançando os seus cajados, com os joelhos a tremer. Não percebendo que as três velhas eram uma criação mágica de Māra, o filho pensou: "Se até velhas senhoras como estas vão, por que não haveria eu de ir, já que sou jovem e o filho favorito, amado pelo meu pai e pela minha mãe?"

Atirando um manto branco sobre os ombros, ele deixou subitamente o seu retiro. A sua mãe estava por acaso a trazer-lhe algum refresco quente e encontrou-o. Ela disse: "Filho, não tens permissão para deixar o teu retiro tão subitamente. Onde pensas que vais? Volta para cima e mantém a tua prática."

O filho teve medo que a sua mãe o agarrasse, por isso correu escadas abaixo. Como a sua mãe tinha comida nas mãos, não o pôde agarrar ou parar, e o filho passou a correr. O filho pensou: "Bem, se a minha mãe me der conselhos, devo ouvir. Mas se ela me disser para ficar, eu devo ir." No limiar do portão, ele montou um cavalo e virou-se.

A mãe pensou: "Se o meu filho me obedecer e parar, devo mantê-lo aqui. Se ele não obedecer e não parar, devo dar-lhe alguns conselhos." Então ela disse: "Ó filho, ouve a tua mãe e volta para cima."

O filho respondeu: "Ó mãe, como se diz: 'Quando a lua está brilhante, está na sua primeira fase. Quando os pais estão vivos, o filho está na sua primeira fase.' Eu também não tenho doença nem sofrimento. Portanto, sou bem adequado para ir à feira. Por favor, deixa-me ir lá apenas desta vez."

A mãe disse: "Perguntaste ao teu pai?"

"Não perguntei, mas como te perguntei a ti, minha mãe, isso bastará."

Quando ele estava prestes a partir, a mãe disse: "Filho, já que vais sem me ouvir de todo, façamos, mãe e filho, um voto. Mantém estes no centro do teu coração. Hoje não te sentes à cabeceira da fila. Não aceites oferendas como convidado de honra. Não faças o discurso de dedicação. Não dês um discurso sobre o dharma. Não bebas chang. Não montes cavalos. Volta não mais tarde do que ao meio-dia. Estes são os sete votos entre nós dois, mãe e filho. Deves mantê-los em mente."

O filho disse apressadamente: "Assim se fará", e partiu a cavalo.

Então Dagmema enviou um grupo de quatro estudantes de confiança, liderados por Jetsün Mila e Marpa Golek, para acompanhar Tarma Dode, e insistiu que eles garantissem que os sete votos fossem cumpridos. Quando a mãe ficou sozinha, o seu coração estava perturbado como nunca antes e ela derramou muitas lágrimas. Pensou: "Antes, mesmo que o meu filho se ausentasse por um mês para benefício de

outros, eu não ficava perturbada assim. Se estou tão perturbada agora, quando ele se ausenta apenas por um dia, não estará algum acidente terrível prestes a acontecer?"

Quando o jovem mestre e os seus assistentes chegaram a Ngamo-chushül, as pessoas estavam reunidas em muitas filas. O mestre e os assistentes tomaram lugar no fim dos professores espirituais, mas à cabeça dos leigos. Os sábios velhos lamas que estavam à frente das filas ficaram perplexos e disseram: "Não é aquele o filho, Tarma Dode?" Enviaram alguém para verificar se era o filho. Quando souberam que era o filho, convidaram-no a ocupar o lugar de honra, mas Tarma Dode não quis ir.

Os lamas à frente das filas disseram: "Não é correto, não importa como se olhe para isso, que nos sentemos à frente do filho do Jetsün Marpa." Os lamas à frente das filas carregaram as suas almofadas e foram para baixo do assento do filho, mudando os seus lugares como o voo de um bando de pássaros. Assim aconteceu que o filho ficou à frente das filas.

Portanto, Tarma Dode teve de assumir a posição de convidado de honra, aceitar as ofertas e fazer o discurso de dedicação. Teve também de dar um discurso sobre o dharma em resposta às perguntas dos professores espirituais, e tornou-se óbvio que ele era instruído. Depois, um a um, os nobres ofereceram-lhe chang de forma muito insistente, de modo que ele teve de beber um pouco de cada vez.

Por essa altura, já passava do meio-dia e Jetsün Mila disse: "Precioso guru, diz-se: 'A festa e a feira devem terminar antes que se tornem boas demais, caso contrário a reunião concluir-se-á numa luta.' A maioria dos comandos da sua mãe foi violada. Agora que passa do meio-dia, devemos definitivamente ir."

O filho respondeu: "Irmão mais velho, Grande Mágico, tens toda a razão!"

Quando Tarma Dode se preparava para partir, o seu tio, que era o homem mais rico de Lhotrak, mas não tinha filhos, aproximou-se conduzindo um cavalo chamado Corvo-de-Ombros-Brancos. Este cavalo era o mais veloz de Lhotrak e tinha arreios esplêndidos. O seu tio disse: "Sobrinho, levanta-te! No discurso de dedicação e no resto, excedeste-te no teu conhecimento do dharma. Agora excede-te na equitação! Monta este cavalo." E colocou as rédeas na mão de Tarma Dode.

O filho disse: "Mais tarde farei o que dizes de qualquer forma que puder, mas não me peças para montar este cavalo agora. Enquanto vinha para aqui, a minha mãe deu várias instruções e eu já violei a maioria delas. Se montar agora, terei violado todas elas."

O seu tio respondeu: "A tua mãe Dagmema é muito poderosa, mas é minha irmã. Por mais insignificante que eu possa ser, continuo a ser o seu irmão mais velho. Já que obedeces à tua mãe, por que não a mim? O provérbio diz: 'Se o rio levar o teu tio, não o agarres pelo cabelo.'1 Isso é muito verdade, por isso deves de

todo montar este cavalo. Depois de montares, dar-to-ei, juntamente com os arreios." O seu tio puxou-o pela mão e forçou-o a montar o cavalo. Assim, Tarma Dode não conseguiu evitar montar. Enquanto galopava o cavalo, a compostura de Tarma Dode era magnífica e a sua habilidade era grande. Assim, ele era o melhor tanto em capacidade espiritual como temporal, e muitas oferendas foram repetidamente pressionadas sobre ele. Por um momento, sentiu-se satisfeito consigo próprio.

Depois, Jetsün Mila solicitou fervorosamente ao filho: "Senhor, violou agora todos os votos que fez à sua mãe esta manhã. Diz-se: 'Antes de conquistares a multidão, refreia o teu cavalo.' Devemos definitivamente ir antes que a multidão parta."

Assim, o mestre e os discípulos partiram, com Tarma Dode montando o cavalo que o seu tio lhe dera e Jetsün Mila segurando o cabresto. Tarma Dode disse: "Não sou velho, decrépito, doente, nem incapaz de controlar este cavalo. Não tens de segurar o cabresto. Vai à frente."

Os discípulos tinham ido uma boa distância à frente quando desceram para o vale de Shen. De um lado do caminho havia rápidos, tornando-o uma passagem perigosa. Do outro lado, entre as rochas e pedregulhos, havia uma abundância de arbustos. Entre os arbustos estava um ninho de perdiz. Quando Tarma Dode passava, o som dos cascos do cavalo assustou a mãe perdiz e seis filhotes, que levantaram voo. Ao som das suas asas e do seu guincho, o cavalo assustou-se e saltou. O filho caiu do cavalo e um dos seus pés ficou preso num estribo. O cavalo arrastou o filho entre as rochas a distância de um voo de seta, e o seu crânio quebrou-se. Da sua cabeça rebentaram miolos e uma grande quantidade de sangue.

Quando o cavalo disparou, Jetsün Mila olhou para trás e viu o cavalo sem cavaleiro a correr ao longe. Pensou: "O filho foi atirado do cavalo." Segurando o seu prāṇa, Mila correu e apanhou o cavalo, amarrando-o a uma árvore. Libertou o pé de Tarma Dode do estribo. Vendo que Tarma Dode estava inconsciente, Mila colocou a cabeça dele no seu colo e examinou-a. Estava partida em oito fragmentos e havia uma grande quantidade de miolos e sangue. Como não havia nada a fazer, Mila sentou-se ali, chorando.

Depois chegaram os outros grandes filhos-discípulos. Segurando as mãos e os pés de Tarma Dode, chamaram o seu nome e choraram muito. Finalmente, conferenciaram, decidiram que Tarma Dode não conseguia montar a cavalo e, por isso, planearam carregá-lo numa maca. Pegaram numa peça de seda que fora oferecida a Tarma Dode e ataram-na em volta da sua cabeça.

Enquanto os discípulos faziam uma maca, uma brisa fresca soprava e o filho recuperou a consciência. Os seus olhos abriram-se e, vendo Jetsün Mila, disse: "Irmão, Grande Mágico, ainda bem que vieste. Fui atirado do cavalo e parece que magoei a cabeça. O que estão todos a fazer?"

Eles responderam: “O guru não consegue montar o cavalo e não consegue caminhar, por isso estamos a preparar uma maca.”

Tarma Dode disse: “Como se diz: ‘Mesmo que um cavalheiro tenha fome, deve manter os chifres do seu garuḍa.’2 Tentarei montar o cavalo. Tira esta faixa e rasga-a ao meio.” Eles tiraram-na e rasgaram-na como ele disse. Com metade ligaram-lhe a cabeça e com a outra metade voltaram a apertar a sua chuba. “Agora coloquem-me no cavalo”, disse ele. Depois de o colocarem no cavalo, ele disse: “Tio Golek, tu és o mais velho, por isso guia o meu cavalo. Vós, os outros dois, apoiem-me à esquerda e à direita. Irmão mais velho, Grande Mágico, vai à frente e conta ao meu pai e à minha mãe a história de como fiquei um pouco ferido.” Fizeram como ele disse e depois o mestre e os estudantes seguiram em frente lentamente.

Jetsün Mila foi à frente e chegou perante o guru no último andar do castelo. Depois de se prostrar, disse: “Precioso guru, tenho algo a contar que não me atrevo a dizer nem em três palavras.”

O guru disse: “Sempre que chegavas antes, eu sentia-me alegre. Desta vez o meu coração está infeliz. O que aconteceu? Diz-me!” Jetsün Mila foi incapaz de falar e chorou. Passado um bocado, Mila contou ao guru toda a história.

“O meu filho foi à feira esta manhã?”, perguntou Marpa.
“Sim senhor, ele foi.”
“Onde é que ele partiu a cabeça?”
“Foi partida no vale de Shen.”3
“Este vale chamado Shen fez jus ao seu nome. Ele ainda não morreu, pois não?”, perguntou Marpa.
“Ele não morreu e está a vir.”
“Como é que o ligaste?”
“Rasgámos a faixa dele em dois longitudinalmente. Ligámos a cabeça com metade e voltámos a apertar a chuba com a outra metade”, respondeu Mila.

“Então este é um sinal de que o pai e o filho devem ser separados. Ontem à noite sonhei que um homem negro vinha ter comigo e dizia: ‘Nāropa ordena-te que arranques o teu coração e mo dês para eu lho levar.’ Pensei: ‘Devo obedecer a este comando do guru.’ Arrancando o meu coração, dei-lho. Ele ficou encantado e colocou-o numa taça de crânio. Cobrindo-o com uma faca de gancho, partiu. Além disso, sonhei que um buraco se desenvolvia no centro de um maṇḍala, que o sol e a lua decaíam simultaneamente no meio do céu, e que um lago de rakta secava.”

“Mesmo que eu vá ao encontro dele, não terá efeito. No entanto, ainda existe o laço samaya entre pai e filho. Portanto, devo ir por compaixão”, disse Marpa. Ele saiu então e encontrou o seu filho quando este chegava ao pátio.

O filho disse: “Fui à feira esta manhã. Magoei a minha cabeça. Por favor, vê se é sério ou não.” Tarma Dode colocou a cabeça no colo do pai. O pai afrouxou a faixa que ligava a cabeça e examinou-a. Marpa viu que o crânio estava partido em oito fragmentos, que a membrana craniana estava rasgada e os miolos estavam a sair. Pensou: “O meu filho não viverá por muito tempo.”

Novamente o filho ficou inconsciente e entrou em coma. O pai deitou a cabeça do filho no seu colo e, virando-o sobre o seu lado direito, cantou ao seu ouvido esta canção que clarifica a ejeção da consciência:

Ouve, filho, Príncipe Dodebum.
Eu, Marpa, o Tradutor,
Fui à terra da Índia três vezes.
Servi com devoção os gurus autênticos,
Senhores Nāropa e Maitrīpa,
E recebi muitos tantras, comentários e instruções orais.
Eles concederam transmissões do âmago dos quatro abhiṣekas.
Em particular, recebi a ejeção e transferência de consciência.
Não mantendo nada secreto, ensinei-te isto plenamente, meu filho.
Lembras-te destes tantras, comentários e instruções orais, Dodebum?

Em geral, as coisas compostas
São impermanentes e perecíveis.
Filho, este corpo ilusório não dura para sempre.
Subitamente, os obstáculos de Māra surgiram.
O búzio branco do teu crânio está partido.
A cortina de seda branca da tua membrana craniana está rasgada.
O teu cérebro, a assembleia divina dos budas, derramou-se.
Filho, é bem verdade que o teu corpo ilusório é perecível.
O teu venerável pai é um maṇḍala de deidades.
Extrai a tua consciência através da abertura de Brahmā.
Agora ejeta a tua consciência para o centro do coração do teu venerável pai.

Assim cantou Marpa. A mãe de Tarma Dode ouviu tudo isto do lado de dentro e pensou: “O guru estava a praticar no último andar do castelo, mas agora, no pátio, está a cantar uma canção que clarifica a ejeção da consciência. Terá algum obstáculo atingido o meu filho?” Ela correu para o pátio e viu o seu filho, com a cabeça ensanguentada apoiada no colo do pai. Ela desmaiou e esteve inconsciente por um tempo. Recuperando a consciência, disse ao pai: “Tu és instruído no caminho óctuplo da prática médica. O nosso filho viverá ou morrerá?”

O guru respondeu: “Embora eu seja perito no caminho óctuplo da prática médica, não há forma de curar um corpo sem cabeça. Como se diz: ‘Quando o karma dos seres sencientes nos três reinos se cumpre, os budas dos três tempos são

impotentes.' Não tenho meios de o curar. Se tu souberes como, cura-o tu." Ele apoiou a cabeça do filho no colo da mãe e disse: "Derramaste na parede a única gota preciosa de óleo no caldeirão de água.4

Quem mais senão tu o teria enviado à feira enquanto ele estava a meio do seu retiro? Em geral, como se diz: 'Uma mulher liderando uma reunião, uma cabra liderando o caminho, um cão da pradaria agindo como sentinela, um monte de cinzas como um marco, ou um pedaço de manteiga ao sol quente — não há nada de alegre em nenhuma destas analogias.'" Cobrindo a cabeça, Marpa permaneceu ali sentado.

A mãe pensou: "Eu não sou a culpada, mas agora não é altura de discutir porque isso pode ser prejudicial para a prática do meu filho. Tarma Dode não ejetou a sua consciência para o seu pai, o venerável Marpa, que é também o seu guru que lhe deu a transmissão da mente. No entanto, porque sou a sua mãe que deu à luz o seu corpo e mente, ele pode, por amor, ejetar a sua consciência para mim." Aproximando a boca do ouvido do seu filho e chorando, Dagmema cantou esta canção que clarifica a ejeção da consciência:

Precioso, supremo e autêntico nirmāṇakāya
De todos os senhores budas dos três tempos,
Marpa, o Tradutor,
Eu prostro-me respeitosamente aos teus pés.

Ouve, filho, Príncipe Dodebum.
Porque vais para além deste mundo,
Podes estar um pouco preocupado
Com a destruição deste corpo composto.
O venerável pai, Marpa, o Tradutor,
Fui à terra da Índia três vezes.
Sem consideração pela sua vida, ele buscou o dharma
E serviu muitos gurus autênticos.
Em particular, do Mahāpaṇḍita Nāropa,
Ele aprendeu todas as instruções orais da linhagem de escuta sem exceção.
Não mantendo nada secreto, o venerável pai ensinou-as a ti, filho.
Estão elas claras na tua mente agora ou não?
Nas instruções orais do Mahāpaṇḍita Nāropa,
Tens confiança agora ou não?
Nas instruções orais dos ensinamentos especiais de misturar e ejetar a consciência,
Alcançaste certeza agora ou não?
No mahāmudrā não nascido,
É a tua meditação estável agora ou não?
Nas instruções orais da ejeção e transferência de consciência,
Tens confiança agora ou não?

Este corpo composto de carne e sangue
É impermanente, como um arco-íris no céu.
Este corpo ilusório nunca é eterno.
Eu sou a tua mãe, Nairātmyā Devī,
A mãe que deu à luz os budas dos três tempos.
No lótus de oito pétalas do meu coração, num trono de leão,
Está um assento de disco de sol e lua.
Ali está sentado o mais excelente dos seres, Marpa, o Tradutor.
Ele é Hevajra com nove devīs de emanação.
Filho, extrai a tua consciência através da abertura de Brahmā.
Agora ejeta a tua consciência para o centro do coração da tua mãe.

Assim a sua mãe cantou esta canção. Como a consciência dele ainda estava debilitada, ela pensou que ele não ouviu nem uma palavra e derramou lágrimas do tamanho de ervilhas. Como estas lágrimas caíram no ouvido do filho, e também devido à relação próxima entre mãe e filho, Tarma Dode recuperou a consciência e abriu os olhos. Ele tinha compreendido a canção, cantada pela sua mãe, que clarifica a ejeção da consciência.

O filho disse: "Irmão mais velho, Grande Mágico, ajuda-me a levantar." Ele levantou-se e ligou a própria cabeça, que fora partida em oito fragmentos, e disse: "Irmão mais velho, Grande Mágico, o meu rosto não se sente bem. Limpa-o." Enquanto o jetsün limpava o rosto do filho com o seu pano, o filho disse: "Pensei que nesta vida seria capaz de retribuir a bondade dos meus pais. Mas agora, não só não retribuí a bondade deles, como deixei os meus pais perturbados. Uma vez que isto aconteceu, quero oferecer algumas palavras significativas pedindo aos meus pais que não fiquem perturbados. Acompanha-me enquanto eu canto."

O jetsün disse: "Por favor, não fales assim. Isso pode trazer obstáculos à tua vida."

"Irmão mais velho, Grande Mágico, que obstáculos à vida queres dizer? Não é isto um obstáculo? Agora chegou a hora de seguir pelo grande caminho universal dos seres sencientes conhecido como o pardo do devir, a longa e perigosa passagem, que é como um túnel estreito. A maioria dos seres deve passar por sofrimentos terríveis ali. Mas, pela bondade do meu pai, o Senhor Marpa, tenho o poder de ir diretamente para o meu próximo lugar de nascimento e, por isso, não tenho de passar pelos sofrimentos do pardo do devir."

"Em geral, embora obtenham um nascimento humano, as pessoas não praticam o dharma. Sinto compaixão por todas elas, mas não há nada que eu possa fazer. Portanto, meus pais, por favor não fiquem perturbados. Irmão mais velho, acompanha-me enquanto eu canto."

Então Tarma Dode ofereceu esta canção de súplica:

Precioso senhor guru, dotado das três qualidades,
Inseparável do glorioso Vajradhara,
Pai Hevajra com as suas nove devīs de emanação
E mãe Nairātmyā que deu à luz os budas,
Eu prostro-me respeitosamente a ambos, pai e mãe.
Pai e mãe, concedam as vossas bênçãos e abhiṣeka.
Quando eu for para além deste mundo,
Não tenho medo nem ansiedade.
Morrendo sem retribuir a vossa bondade,
Estou um pouco triste,
Mas esta morte não pode ser evitada.
Pai e mãe, por favor não fiquem perturbados.
Os tantras e comentários ensinados pelo meu senhor pai
Estão agora claros na minha mente.
No caminho de upāya, os seis yogas de Nāropa,
Tenho agora confiança.
Nas instruções orais dos ensinamentos especiais de misturar e ejetar a consciência,
Alcancei agora certeza.
No mahāmudrā não nascido,
A minha meditação é agora estável.
Nos ensinamentos especiais da ejeção e transferência de consciência,
Tenho agora confiança.
Pai e mãe, por favor não chorem.
Na simplicidade não nascida, mahāmudrā,
Os skandhas, dhātus e āyatanas
São vistos claramente como a natureza de devas e devīs.
Em geral, o que é ejetado e aquele que ejeta são livres de qualquer base.
Portanto, ejetarei a minha consciência para o dharmadhātu não nascido.
Não direcionarei a minha consciência para os centros do coração do meu pai e da minha mãe.
Não direcionarei a minha consciência para cima.
Por favor, deem os tantras e comentários dos gurus Nāropa e Maitrīpa
A Ngoktön, ao Grande Mágico,
E aos outros grandes filhos-discípulos.
Por favor, propaguem os ensinamentos do Buda.
Mesmo que eu vivesse, não poderia fazer mais do que isto.
Mesmo ao morrer, não tenho outro pedido senão este.
Não creio que nós — pai, mãe e filho —
Nos encontraremos novamente nesta vida.
Em Uḍḍiyāṇa ou no reino celestial,
Por favor, deixem-nos definitivamente encontrar-nos de novo.

Assim Tarma Dode cantou a sua resposta.

O pai disse: “Meu filho, se tivesses permanecido aqui, em todas as direções haveria sempre colheitas e animais excelentes. A chuva cairia na estação certa. As doenças epidémicas de humanos e animais cessariam. Em particular, as instruções orais da ejeção e transferência de consciência que trazem a iluminação sem esforço na meditação teriam florescido no Tibete. Os seres sencientes teriam beneficiado ao alcançar abundante êxtase e felicidade. No entanto, subitamente, surgiram obstáculos de Māra.”

Depois levaram o filho para dentro. O pai, a mãe e os filhos-discípulos circularam todos em volta dele. Lady Palmo e alguns outros dotados de fé pediram-lhe que realizasse a transferência de consciência por causa dos seres sencientes.

O filho disse: “Se quereis que estas instruções orais da ejeção e transferência de consciência que trazem a iluminação sem esforço na meditação floresçam no Tibete, encontrai-me o cadáver de um jovem puro que esteja sem ferimentos.”

1 O provérbio sugere o respeito e a prioridade que devem ser dados a um tio materno em certas culturas tibetanas.

2 Significa manter a dignidade e os princípios mesmo em situações de extrema necessidade ou sofrimento.

3 *Shen* soa como a palavra tibetana para "dor" ou "ferimento".

4 Uma metáfora para o desperdício de algo único e precioso devido a uma ação impensada ou descuidada.

Os discípulos-filhos dispersaram-se pelas quatro direções e procuraram. No entanto, uma vez que as instruções orais da ejeção e transferência de consciência — que trazem a iluminação sem esforço na meditação — não estavam destinadas a espalhar-se no Tibete, não conseguiram encontrar nem um único cadáver masculino sem ferimentos. Um estudante tântrico trouxe o cadáver de uma mulher idosa que tinha morrido de bócio e pediu a Tarma Dode que ejetasse a sua consciência para dentro dele.

Tarma Dode disse: “Isto não pode beneficiar os seres sencientes. Não realizarei a ejeção de consciência.”

Outro discípulo, um pastor, encontrou o cadáver de um pombo entre as ruínas de um templo. Tinha morrido de exaustão após ter sido perseguido por um falcão. Levou-o a Tarma Dode e pediu-lhe que ejetasse a sua consciência para dentro dele.

Tarma Dode disse: “Realizar a ejeção de consciência para um animal não beneficiará os seres. Quereis que eu seja enviado para um nascimento tão inferior? Não ejetarei a minha consciência para um pombo.”

Como Tarma Dode não queria realizar a ejeção de consciência, surgiu incredulidade em alguns dos discípulos e no pastor. Disseram: "O grande ser, Marpa Lotsāwa, afirma possuir instruções orais que trarão a iluminação numa única vida, mas tal não parece ser verdade. As coisas que o guru realizou antes foram apenas artimanhas."

O filho respondeu: "Em geral, como é possível que todos os ensinamentos traduzidos na Índia não sejam verdadeiros? Em particular, como é possível que os ensinamentos proferidos pelo meu senhor pai não sejam verdadeiros? Não desacrediteis no guru. Desacreditar no guru é uma causa de errância nos reinos inferiores.

Agora, a fim de espalhar os ensinamentos do Buda e confirmar os poderosos ensinamentos proferidos pelo meu senhor pai, e também para que vós, o pastor e os outros, não caiais nos reinos inferiores, realizarei a ejeção de consciência para o pombo.

Agora estou no utpattikrama. Quando eu dissolver isso no sampannakrama, ejetarei a minha consciência. Se alguém ejetar a sua consciência enquanto estiver no utpattikrama, cometerá a queda raiz de matar a deidade yidam. Por isso, agora vou dissolver no sampannakrama. Colocai o pombo na minha almofada e preparai uma oferenda."

Prepararam uma oferenda conforme ele solicitou. Quando o filho fortaleceu a sua visualização de utpattikrama, todos, mesmo as pessoas comuns, viram Hevajra com as suas nove devīs de emanação, brilhantes e vívidas. Quando Tarma Dode dissolveu isso no sampannakrama e ejetou a sua consciência, o seu corpo empalideceu e o pombo sacudiu um pouco as penas. Assim que o filho deixou o seu corpo completamente, o pombo levantou-se subitamente e eriçou as penas. O pombo pareceu prostrar-se perante o pai e a mãe. Depois, circundou-os três vezes e voou em direção à parte superior do vale de Trowo.

O pai disse: "Filho, volta."

Nesse momento, o filho voltou e voou em redor do castelo. Depois, aterrou no ombro direito do seu pai e ali permaneceu.

O pai disse: "Dagmema, esta é a ocasião em que temos de tratar este pombo como nosso filho. Vamos levá-lo para a sala do santuário e fazer-lhe oferendas."

Levaram-no até ao andar superior do castelo, fizeram-lhe oferendas e deixaram-no instalar-se ali. Decidiram realizar uma cremação e uma cerimónia de despedida em conjunto. Primeiro, construíram um borralho para a cremação. Enquanto o pai e os grandes discípulos-filhos realizavam a oferenda de fogo, das quatro direções cardeais e das quatro intermédias, oito diferentes raios de luz

entraram no borralho. Ouviram-se músicas dos deuses e semideuses e outras variedades de música, e caíram chuvas de diferentes variedades de flores, o que todos testemunharam.

Então o pombo, no qual a ejeção de consciência tinha sido realizada, foi conduzido ao borralho de cremação sobre um caminho de seda.

O pai disse: "Filho, circunda o borralho de cremação."

Em conformidade, o pombo circundou o borralho de cremação. Todos os presentes ficaram maravilhados e viram o pai guru e o seu filho como budas em pessoa.

Nessa altura, Dagmema entrou inesperadamente. Estava prestes a saltar para o borralho de cremação quando os discípulos a seguraram. Ela disse: "Não me é permitido saltar para o fogo, mas, por favor, deixai-me circundar o borralho de cremação do meu filho." Chorou e proferiu muitas palavras sinceras de pesar enquanto circundava o borralho, apoiada pelos grandes discípulos-filhos. Ao verem isto, todos os de Lhotrak não conseguiram conter as lágrimas.

O Senhor Marpa também mostrou sinais de pesar. Anteriormente, houve um homem e uma mulher idosos cujo único filho tinha morrido. Nessa altura, o guru pensou que poderia atenuar o pesar dos pais e, por isso, explicou-lhes muitos ensinamentos gerais. Em particular, disse-lhes: "Se sonhásseis que tínheis um filho que morreu, sentiríeis pesar. Sentiríeis sofrimento pela morte de alguém que não tinha nascido. O vosso sofrimento pelo vosso filho atual não é diferente disso. Pensai em tudo isto como um sonho, como uma ilusão, e não fiqueis perturbados."

Agora, o homem e a mulher idosos a quem ele tinha dito isto vieram ter com ele e disseram: "Senhor Guru, quando o nosso único filho morreu, o senhor disse: 'É um sonho, é uma ilusão; não fiqueis perturbados.' O guru ainda tem seis filhos encabeçados por Tarma Samten. Embora Tarma Dode tenha morrido, não é mais do que um sonho, nada mais do que uma ilusão. Por favor, não fique perturbado."

O guru disse: "Expliquei o dharma de acordo com a vossa situação naquela altura. É verdade, contudo não sofro por me apegar a algo como sendo real. Se o vosso filho tivesse vivido, primeiro ter-vos-ia roubado a vitalidade e tirado a comida das vossas bocas. Depois, teria roubado a riqueza das vossas mãos, bem como a vossa propriedade. Finalmente, ter-vos-ia lançado nos três reinos inferiores. Isto não é como o meu filho. Se o meu filho não tivesse morrido, ele teria beneficiado os ensinamentos do Buda e os seres sencientes. Entre sonhos, este teria sido um super sonho; entre ilusões, esta teria sido uma super ilusão."

Quando terminaram de fazer as oferendas, o Senhor Marpa permaneceu em meditação. Contemplando onde o seu filho beneficiaria os seres sencientes, percebeu

que seria na Índia. Fez oferendas ao pombo e deu-lhe conselhos. Depois, tal como testemunhado por toda a multidão, deixou-o voar para a Índia.

Marpa permaneceu em meditação por algum tempo e depois disse: “Dagmema, recolhe as oferendas antigas e prepara novas. O meu filho perdeu-se.” Bateu as palmas, cobriu a cabeça e permaneceu em meditação.

Nessa noite, o pombo exausto regressou e aninhou-se no colo do pai. Marpa disse: “Esta noite, trazei o pombo para a sala do santuário e fazei oferendas.” Fizeram como ele disse.

De manhã, o pombo foi levado para o local onde muitas pessoas estavam reunidas.

O pai disse: “Filho, o caminho que tomaste ontem estava errado. Se seguires novamente a montanha à esquerda que parece uma cobra venenosa a deslizar, chegarás a uma terra de heréticos. Não vás para lá. À direita está uma montanha como um elefante deitado de lado. Segue a cordilheira dessas montanhas e vai por esse caminho. No fim da cordilheira, encontrarás a luz do yidam, que te guiará. Segue essa luz. No cemitério de Cool Grove, encontrarás o cadáver fresco de um rapaz brâmane de treze anos que foi levado para lá. Transfere a tua consciência para ele e trabalha para o benefício dos seres sencientes.”

O pombo circundou o pai e a mãe três vezes e, como gesto de despedida, inclinou a cabeça três vezes. Depois, levantou voo de acordo com a ordem do seu pai. Todos derramaram lágrimas e sentiram certeza na transferência de consciência. Todos viram Jetsün Marpa como o buda em pessoa.

Como o pombo voou de acordo com a ordem do seu pai, chegou sem obstáculos ao cemitério de Cool Grove, onde os pais brâmanes tinham levado o cadáver do seu único filho. O pombo encontrou-o lá precisamente quando os carregadores do caixão estavam a realizar os rituais fúnebres. Imediatamente, Tarma Dode transferiu a sua consciência e o rapaz brâmane levantou-se. Os carregadores ficaram aterrorizados.

Anteriormente, pela bondade do seu pai, Tarma Dode tinha aprendido o suficiente da língua indiana para comunicar. Disse: “Não sou um dos mortos-vivos. Voltei à vida. Vamos para casa.” Atónitos e maravilhados, os carregadores gritaram de alegria. Partiram todos juntos. As crianças que tinham sido seus companheiros de brincadeira correram para ele, dizendo uns aos outros: “Ele não está morto.” Os seus vizinhos disseram: “A melhor cerimónia de cura foi ir ao cemitério.”

Ao encontrá-lo, a sua mãe e o seu pai abraçaram-no e depois desmaiaram. Após recuperarem, ficaram radiantes de alegria, como qualquer pessoa ficaria ao ver

o seu filho recuperar da morte. Perguntaram aos carregadores como é que ele tinha voltado à vida.

Os carregadores disseram: "Um pombo aproximou-se do corpo do vosso filho. Inclinou a cabeça e depois morreu, e então o vosso filho voltou à vida."

A mãe e o pai cuidaram dele tão amorosamente como antes e eram muito próximos dele. Como ele possuía mais gentileza de espírito, virtude no dharma, bondade para com os pobres, devoção aos seus pais e às três joias, e empenho em ações virtuosas do que o filho anterior, perceberam que ele não era o seu filho anterior. Perguntaram-lhe como é que isso tinha acontecido. Tarma Dode contou a história completa de como tinha transferido a sua consciência a partir do pombo. Na língua daquela parte da Índia, um pombo chama-se tiphu e, devido a este milagre, ele foi chamado de Tiphupa.

Assim, os pais não pensavam nele como seu filho, mas chamavam-lhe o seu guru. Ambos os pais idosos serviram-no e, ao longo da sua vida, ele cuidou deles como seu filho. Finalmente, tornou-se um śramaṇera e estudou, contemplou e meditou. Foi um grande ser, douto e realizado, conhecido como Tiphu, a árvore do mantra secreto. Mais tarde, estas histórias foram contadas por Tiphupa a Rechungpa na Índia.5

Quando Marpa e os discípulos abriram o borralho de cremação de Tarma Dode, descobriram que as cinco devatās de Cakrasaṃvara tinham aparecido num pedaço do seu crânio. Também encontraram muitas outras representações de corpo, fala e mente e muitas śarīra. Algumas pessoas sentiram-se indiferentes e disseram: "O Guru Marpa ainda tem mais seis filhos que serão herdeiros da linhagem da sua família. Quanto a um detentor da linhagem do dharma, ele tem muitos excelentes e grandes discípulos-filhos. Se pensarmos nesta prova maravilhosa da transferência de consciência, bem como nas maravilhosas representações e śarīra, é de maior benefício para os seres sencientes que o filho Tarma Dode tenha morrido do que se tivesse vivido."

De todas as direções vieram os outros grandes discípulos-filhos que ainda não tinham chegado. Embora oferecessem as suas condolências e presentes, Dagmema continuava extremamente perturbada. Quando os grandes discípulos-filhos se reuniram para o serviço memorial de Tarma Dode, o guru disse: "Dagmema, se continuares a sofrer, estes discípulos que vieram de todas as direções ficarão ainda mais angustiados. Em geral, a morte é característica de todas as coisas compostas. Isto não é um infortúnio particular apenas nosso. Além disso, a morte de Tarma Dode está de acordo com a profecia do guru. Finalmente, o luto não pode trazer qualquer benefício ao nosso filho e apenas te causa dor. Isto torna difícil expor o dharma a outros, como no caso do homem e da mulher idosos. Agora, não sofras."

Então Marpa cantou esta canção para dissipar o pesar dela:

Presto homenagem aos senhores gurus.
À consorte prajñā que expõe e compreende o dharma,
A Dagmema dou este conselho.
Estabiliza a tua mente, não a misturando com o mundano.
Desperta a certeza e abandona o teu pesar.
O nosso filho Dodebum, que tão ternamente estimámos,
Passou para o reino da luminosidade.
Assim, a sua bondade é igual à do senhor guru.
Esclarecerei isto com estas sete recordações da ilusão.
Não há ninguém por quem sofrer.
Com imparcialidade para com os seres sencientes,
Estima todos os seres com bondade, Dagmema.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Muitos sūtras e outros textos escritos a ouro
E sagradas representações de corpo, fala e mente
Foram produzidos por causa do nosso filho Dode.
Mas Dode passou para o reino da luminosidade.
Estas sagradas representações não têm dono, como um arco-íris no céu.
Com a realização de que as aparências são vazias,
Não se consegue encontrar ninguém de quem cuidar.
No entanto, faz oferendas a todos os que são dignos, Dagmema.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Os tantras e comentários obtidos através de dificuldades,
As instruções orais essenciais do âmago do coração concentrado,
A quintessência desta reunião de tudo o que é profundo,
Bem como a tradução das línguas literária e coloquial
Foram todos estudados por causa do nosso filho Dode.
Mas Dode passou para o reino da luminosidade.
O dharma não tem dono, como possuir apenas uma lista de tesouros.
Com a realização dos dharmas como equanimidade,
Ó Dagmema, dá a todos.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Comida e riqueza reunidas através da frugalidade
E gado e ovelhas oferecidos pelos discípulos
Foram todos acumulados por causa do nosso filho Dode.
But Dode passou para o reino da luminosidade.
A riqueza não tem dono, como riquezas não descobertas debaixo da terra.
O gado não tem dono, como animais selvagens num prado.
Com a realização das posses como mahāmudrā,
Não há necessidade de cuidar delas.
Ó Dagmema, dá tudo.

Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Castelos e campos na terra natal de Pesar
E a torre construída por Mila
Foram todos por causa do nosso filho Dode.
Mas os castelos não têm dono, como uma cidade de gandharvas.
Com a realização desta terra como vacuidade-aparência ilusória,
Agarrar-se e apegar-se a ela é fútil.
Ó Dagmema, abandona o apego e a fixação aos castelos.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Ser cortês com os parentes do clã Mar,
Mas virar as costas aos inimigos e pessoas irritantes
Foram feitos por causa do nosso filho Dode.
Mas Dode passou para o reino da luminosidade.
Com a realização de que a aparência é mente,
Não há diferença entre amigos e inimigos.
Ó Dagmema, medita em tudo como dharmakāya.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Em geral, é característica de todas as coisas compostas
Que, em última análise, nunca são permanentes.
Em particular, a ligação e a relação
Entre nós e Tarma Dode terminaram.
Este é o nosso carma, sobre o qual nada pode ser feito.
Ó Dagmema, não sofras.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Não há nada além do dharma para nós.
Sê bondosa com aqueles que estão empobrecidos.
Temos seis filhos que permanecem,
Mas não há esperança de que venham a ser detentores dos ensinamentos.
Ainda assim, estima-os com bondade, como fizeste com Tarma Dode.
Ó Dagmema, não sofras.
Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

De acordo com a profecia do Mahāpaṇḍita Nāropa,
As linhagens dos meus discípulos-filhos,
Como a lua crescente,
Irão crescer e espalhar-se cada vez mais.
Os ensinamentos Kagyü irão florescer e expandir-se.
Um grande benefício para os ensinamentos e para os seres será alcançado.
Ó Dagmema, regozija-te e sê feliz.
— Ó Dagmema, dissipa o teu pesar pelo nosso filho.

Assim cantou Marpa. O pesar de Dagmema e de todos os outros ali presentes foi dissipado, e a sua realização foi elevada.

Marpa profetiza a propagação e o florescimento dos ensinamentos e concede instruções orais, representações sagradas que transportam bênçãos, bem como conselhos. Quando todos os estudantes e discípulos-filhos se reuniram num serviço memorial para Tarma Dode, os discípulos e os grandes discípulos-filhos solicitaram: "Precioso guru, o vosso filho era como os budas dos três tempos, mas o mérito de nós mesmos e dos seres sencientes foi insuficiente. Uma vez que estais agora a envelhecer, por favor, profetizai como os preciosos ensinamentos da Kagyü se irão espalhar e como surgirão futuros discípulos e ações."

O guru disse: "Como descendente da linhagem do Mahāpaṇḍita Nāropa, dominei o reconhecimento da coincidência auspiciosa. O Mahāpaṇḍita Nāropa também deu excelentes profecias para os ensinamentos da Kagyü. Portanto, vós, grandes discípulos-filhos, deveis aguardar pelos vossos sonhos."

Após praticarem o ioga do sonho, os grandes discípulos-filhos relataram os seus sonhos. A maioria dos sonhos foram bastante bons, mas não eram proféticos. No entanto, o Jetsün Mila teve um sonho com quatro grandes pilares, o qual ofereceu ao guru da seguinte forma:

De acordo com o comando do Senhor Vajradhara,
O sonho da noite passada
Oferecerei ao guru tal como ocorreu.
Por favor, escutai-me por um momento.

Nesta vasta região norte de Jambudvīpa,
Sonhei que havia uma enorme montanha de neve.
Sonhei que o cume nevado tocava os céus.
Sonhei que o sol e a lua circulavam em redor do pico.
Sonhei que os seus raios de luz preenchiam o céu.
Sonhei que a base cobria o vasto solo.
Sonhei que rios desciam nas quatro direções.
Sonhei que a sua água satisfazia todos os seres.
Sonhei que os rios fluíam para o oceano.
Sonhei que várias flores floresciam.
Em geral, sonhei um sonho como este.
Assim o relato a vós, guru, o buda dos três tempos.

Em particular, junto a esta enorme e alta montanha de neve:
Sonhei que um grande pilar foi estabelecido no Leste.
Sonhei que no topo do pilar um grande leão estava pousado.
Sonhei que o leão exibia plenamente a sua espessa juba de turquesa.
Sonhei que as suas quatro patas agarravam a neve.

Sonhei que os seus olhos olhavam para cima.
Sonhei que o leão saltava para uma cordilheira de neve branca.
Assim o relato a vós, guru, o buda dos três tempos.

Sonhei que um grande pilar foi estabelecido no Sul.
Sonhei que no topo do pilar uma tigresa rugia.
Sonhei que a tigresa exibia plenamente a sua pelagem bem listrada.
Sonhei que ela estufou o peito três vezes.
Sonhei que as suas quatro patas agarravam a selva.
Sonhei que os seus olhos olhavam para cima.
Sonhei que a tigresa saltava para dentro de uma selva.
Sonhei que ela caminhava entre as árvores.
Assim o relato a vós, guru, o buda dos três tempos.

Sonhei que um grande pilar foi estabelecido no Oeste.
Sonhei que acima do pilar pairava um grande garuḍa.
Sonhei que as asas do garuḍa estavam totalmente estendidas.
Sonhei que os chifres do garuḍa apontavam para o céu.
Sonhei que os seus olhos olhavam para cima.
Sonhei que o garuḍa voava pela vastidão do espaço.
Assim o relato a vós, guru, o buda dos três tempos.

Sonhei que um grande pilar foi estabelecido no Norte.
Sonhei que acima do pilar pairava um grande abutre.
Sonhei que as asas do abutre estavam totalmente estendidas.
Sonhei que o abutre fazia o seu ninho entre as rochas.
Sonhei que este abutre dava à luz uma cria.
Sonhei que, a partir desta, o céu se enchia com um bando de aves.
Sonhei que os olhos do abutre olhavam para cima.
Sonhei que o abutre voava pela vastidão do espaço.
Assim o relato a vós, guru, o buda dos três tempos.

Devido à coincidência auspiciosa de um sonho como este,
Pensei que estes poderiam ser sinais bons e virtuosos.
Regozijei-me e senti-me inspirado.
Por favor, interpretai isto e concedei-nos uma profecia.

Assim cantou Mila. O guru ficou muito satisfeito e disse: “Este é um sonho excelente.” Disse à sua esposa Dagmema para preparar um bom gaṇacakra. Quando a sua esposa reuniu os requisitos necessários e os grandes discípulos-filhos se congregaram, realizaram um esplêndido gaṇacakra. O guru disse: “Mila Dorje Gyaltsen teve um sonho excelente. Oh, quão maravilhoso, quão grandioso de facto!”

Os grandes filhos pediram-lhe que interpretasse os sinais do sonho e dissesse o que profetizavam. Na melodia da voz régia de transmissão dos sinais, o mais

excelente dos seres, o grande tradutor, cantou para os discípulos-filhos esta grande canção que profetiza a futura propagação e florescimento dos ensinamentos e que interpreta os sinais dos quatro pilares no sonho de Mila:

Senhor, buda dos três tempos e refúgio dos seres,
Mahāpaṇḍita Nāropa, presto homenagem aos vossos pés.
Todos vós, discípulos-filhos aqui sentados,
Estes sinais que surgiram no sonho
Profetizam um futuro maravilhoso.
Eu, o vosso velho pai, irei explicá-los; agora escutai!

A terra na região norte de Jambudvīpa
Significa que o ensinamento de Śākyamuni se espalhará no Tibete.
A montanha de neve que se ergue acima dela
É o velho pai, Marpa o Tradutor,
E os ensinamentos de toda a Kagyü.
O pico nevado que toca o céu
É a visão sem rival.
O sol e a lua que circundam o pico
São a meditação que contém luminosidade, sabedoria e compaixão.
Os raios de luz que preenchem o céu
São a bondade que dissipa a escuridão da ignorância.
A base que cobre o vasto solo
É a atividade de buda que cobre a terra.
Os rios que descem nas quatro direções
São as instruções orais das quatro abhiṣekas que amadurecem e libertam.
A sua água que satisfaz todos os seres sencientes
É o amadurecimento e a libertação dos discípulos.
Os rios que fluem para o oceano
São o encontro das luminosidades mãe e filho.
As várias flores que florescem
São as experiências de fruição livres de quaisquer falhas.
Todos vós, discípulos-filhos aqui reunidos,
Em geral, este sonho não é mau, mas sim um sonho excelente.

Em particular, junto à enorme e alta montanha de neve:
O grande pilar estabelecido no Leste
É Tsurtön Wang-nge de Tölpo.
Aquele grande leão pousado no topo do pilar
É o seu caráter de leão.
O leão exibindo a sua espessa juba de turquesa
Significa que ele recebeu as instruções orais da linhagem de audição.
As suas quatro patas agarrando a neve
É o sinal de que ele é dotado das quatro imensuráveis.
Os seus olhos olhando para cima

É o sinal de que ele se despedirá do saṃsāra.
O leão saltando para uma cordilheira de neve branca
É o sinal de que ele irá para o reino da libertação.
Todos vós, discípulos-filhos aqui reunidos,
Este sonho do Leste não é mau, mas sim um sonho excelente.

O grande pilar estabelecido no Sul
É Ngoktön Chödor de Shung.
Aquela tigresa rugindo no topo do pilar
É o seu caráter de tigre.
A tigresa exibindo plenamente a sua pelagem bem listrada
Significa que ele recebeu as instruções orais da linhagem de audição.
O estufar do seu peito três vezes
É o sinal de que ele realizou o trikāya.
As suas quatro patas agarrando a selva
É o sinal de que ele realizou os quatro carmas.
Os seus olhos olhando para cima
É o sinal de que ele se despedirá do saṃsāra.
A tigresa saltando para dentro da selva
É o sinal de que ela irá para o reino da libertação.
O facto de ela caminhar entre as árvores
É o sinal de que os seus filhos e sobrinhos serão detentores da linhagem.
Todos vós, discípulos-filhos aqui reunidos,
Este sonho do Sul não é mau, mas sim um sonho excelente.

O grande pilar estabelecido no Oeste
É Metön Tsönpo de Tsangrong.
Aquele grande garuḍa pairando acima do pilar
É o seu caráter de garuḍa.
O garuḍa exibindo plenamente as suas penas
Significa que ele recebeu as instruções orais da linhagem de audição.
O facto de os chifres do garuḍa apontarem para o céu
É o sinal de que ele superará o desvio da visão e da prática.
Os seus olhos olhando para cima
É o sinal de que ele se despedirá do saṃsāra.
O garuḍa voando pela vastidão do espaço
É o sinal de que ele irá para o reino da libertação.
Todos vós, discípulos-filhos aqui reunidos,
Este sonho do Oeste não é mau, mas sim um sonho excelente.

O grande pilar estabelecido no Norte
É Milarepa de Kungthang.
Aquele abutre pairando acima do pilar
É o seu caráter de abutre.
O abutre exibindo plenamente as suas penas

Significa que ele recebeu as instruções orais da linhagem de audição.
O abutre fazendo um ninho entre as rochas
É o sinal de que a sua força vital será mais dura que a rocha.
O abutre dando à luz uma cria
É o sinal de que surgirá alguém sem igual.
O bando de aves preenchendo o céu
É o sinal de que os ensinamentos Kagyü se espalharão.
Os seus olhos olhando para cima
É o sinal de que ele se despedirá do saṃsāra.
O abutre voando pela vastidão do espaço
É o sinal de que ele irá para o reino da libertação.
Este sonho do Norte não é mau, mas sim um sonho excelente.

Assim expliquei isto a vós aqui reunidos.
Agora os feitos deste velho pai foram realizados.
O tempo está agora maduro para vós, discípulos-filhos.
Se confiardes nas palavras deste velho homem,
Mais tarde, os ensinamentos da Linhagem de Prática espalhar-se-ão.

Assim cantou Marpa. Todos os ali reunidos sentiram uma alegria imensurável.

Depois, o guru abriu o tesouro de ensinamentos e instruções orais para os seus grandes discípulos-filhos. Durante o dia ensinava e à noite deixava-os praticar. Todos obtiveram sucesso na sua prática. De tempos a tempos, os discípulos-filhos ofereciam banquetes e presentes.

Certa vez, Metön veio e organizou um banquete. Neste banquete, Metön ofereceu o seu segundo presente. Disse: "Ó guru, o vosso filho era como o Buda, mas o nosso mérito foi insuficiente. Vós próprio sois como o sol e a lua, e os grandes filhos do coração encabeçados pelo guru Ngokpa circundam-vos como constelações. Vós fazeis brilhar os ensinamentos do mantra secreto como o sol. Quão maravilhoso! Ó guru, esta noite no banquete, por favor, pensai em nós com bondade e cantai uma canção dos vossos feitos para que possamos beneficiar do vosso exemplo."

O Senhor Marpa sabia que Metön tinha sido demasiado restritivo ao dar instrução de dharma e, por isso, cantou-lhe esta canção dos seus pensamentos:

Senhor guru, inseparável de Akṣobhya,
Por favor, permanecei como o ornamento da crista no topo da minha cabeça.
Hoje, para explicar os tantras neste banquete,
Eu, o mestre Marpa Chökyi Lodrö,
Cantarei esta história útil.

Ouvindo falar de Tsang, fui para lá.

No glorioso mosteiro do vale de Nyugu,
Faminto pelos ensinamentos do mantra secreto,
Esperei três anos, a minha mente um fantasma faminto.
Em geral, pensei que desperdicei o meu tempo ali.
Pensei que iria para o Nepal no Sul.
Desejando o dharma, sofri como um homem sedento por água preciosa.
Pensei que, se alguma vez acontecesse que eu conhecesse o dharma,
Dá-lo-ia a qualquer pessoa que o desejasse.
Este dharma foi obtido através de dificuldades, mesmo com risco de vida.
Sentir-me-ia devastado se estas profundas instruções orais desaparecessem.
Embora eu não tenha explicado os comentários textuais
A ninguém além de Metön e Ngoktön,
Disse-lhes para explicarem o dharma a quem quer que o deseje.
Quando os discípulos ofereceram a sua riqueza,
Como seu guru, não restringi o meu ensinamento.
E ao Grande Feiticeiro, que não tinha riqueza,
E a Ngoktön, que prestou serviço,
Não fui nem rigoroso nem frouxo com as instruções orais.
Portanto, praticai o sagrado dharma devidamente.
Obtive estas instruções orais através de grandes dificuldades.
Não desperdiçando a minha riqueza,
Levei comigo para a Índia cento e dez sang de ouro.
Fiz oferendas a santuários especiais.
Fiz oferendas aos gurus.
Ofereci banquetes e torma em lugares especiais.
O serviço bondoso que vós, filhos, prestastes,
Retribuo-o dando o imensurável dharma sagrado.
Com o sustento do dharma, praticai.
Beneficiai os seres sencientes tanto quanto puderdes.

Assim cantou Marpa. Metön foi conduzido à certeza e uma grande aspiração surgiu nele.

Uma noite, enquanto dava a profunda abhiṣeka de Nairātmyā, o Senhor Marpa pensou: "Tenho de dar a cada discípulo-filho a transmissão especial e atividade apropriadas. Portanto, de manhã, ao amanhecer, procurarei sinais auspiciosos."

Ao amanhecer, dentro da luminosidade, Marpa viu os grandes discípulos-filhos. Ngoktön Chödor de Shung estava a estudar alguns comentários sobre o Hevajra-tantra. Tsurtön Wang-nge de Töl estava a praticar a ejeção de consciência. Metön Tsönpo de Tsangrong estava a praticar a luminosidade. Jetsün Mila estava a praticar caṇḍālī. Assim, Marpa soube a transmissão especial e atividade apropriadas para cada um deles.

Ao guru Ngokpa, ele deu instruções orais sobre o método de explicar os tantras por meio das seis visões e quatro métodos, que são como pérolas num fio. Também lhe deu os seis ornamentos de Nāropa e uma mālā de prática de rubis, uma pātrī e uma śruva, e um comentário em sânscrito. Marpa disse: "Beneficia os seres expondo os ensinamentos."

A Tsurtön Wang-nge de Töl, ele deu o ensinamento da ejeção de consciência, que é como um pássaro a voar através de uma claraboia aberta. Também lhe deu o cabelo de Nāropa, unhas, pílulas de amṛta e a coroa das cinco famílias de budas. Disse: "Pratica a ejeção de consciência."

A Metön Tsönpo de Tsangrong, ele deu o ensinamento da luminosidade, que é como uma lâmpada a brilhar na escuridão. Também lhe deu o vajra e a ghaṇṭā de Nāropa, um ḍamaru e uma kapāla feita de madrepérola. Disse: "Atravessa o pardo."

Ao Jetsün Mila, ele deu o ensinamento especial de caṇḍālī, que é como um fogo ardente de gravetos. Também lhe deu o chapéu de Maitrīpa e as roupas de Nāropa. Disse: "Vagueia por montanhas de xisto e de neve e pratica a visão e a meditação."

Num gaṇacakra onde todos os estudantes se tinham reunido, Marpa disse:

"Tal como vos dei instruções orais de acordo com sinais auspiciosos, vós deveis dar estas instruções orais especiais aos vossos discípulos da linhagem. Assim, surgirão grandes e vastos benefícios e atividade de buda. Dodebum já não está aqui. Dei-vos a linhagem de bênçãos e instruções orais dos meus excelentes pais Kagyü. Praticai-as fervorosamente. Então, o benefício para os seres sencientes aumentará."

Mais tarde, no banquete, Metön fez o seu terceiro presente e disse: "Ó guru, hoje, por favor, pensai em mim com bondade. De acordo com a aspiração do Mahāpaṇḍita Nāropa e com qualquer experiência de meditação que tenha surgido na vossa mente, por favor, cantai uma canção que coloque a visão na perspetiva correta."

Como o guru Marpa tinha sempre pensado que Metön fora demasiado restritivo ao dar ensinamentos, disse: "Cantarei uma canção como desejas. Não só estou satisfeito por me teres oferecido riqueza abundante, como também estou satisfeito por teres assimilado a vasta variedade das nossas tradições rituais, uma vez que colocamos grande ênfase na prática destas. Não retenhas as instruções orais de forma demasiado estrita. Introduz nas abhiṣekas e instruções orais aqueles que são dotados de fé e que não desperdiçarão o dharma."

De acordo com o desejo e pedido de Metön, Marpa cantou esta canção, enfatizando a completa remoção de restrições:

Senhor, mestre do êxtase, refúgio dos seres,
Nirmāṇakāya, heruka em união com a consorte,
Possuindo os nove humores, dentro do êxtase e da vacuidade
Vós unis-vos em união; ser coemergente, presto-vos homenagem.

Pelo simples testemunhar de um sinal, o significado é realizado.
Quem quer que verdadeiramente ouça sequer um canto disto será libertado.
Não mostrada por palavras convencionais,
A sabedoria da verdade incondicionada é concedida.

No preciso momento em que o movimento é extático,
Fica-se livre do sofrimento.
Desta forma, uma vez que a mente condicionada nunca pode ser convencida,
No fluxo do samādhi de êxtase-vacuidade,
Descansa a tua mente livre de pensamento.

O guru que é como o Buda ensinou isto.
Outras linhagens também o dizem.
Através de uma consorte autêntica,
A habilidade de cada um desenvolve-se.

Tal como uma pessoa que atinge um pássaro com uma flecha,
Depende-se sempre da própria habilidade.
Mesmo quando surgem padrões habituais de desejo,
Esta mente primordialmente pura
Não é corrompida por condições temporárias.

Permanece incondicionada, como o espaço.
Este é o estado natural não pervertido.
Livre de sequer um resquício da atividade da mente,
Não há sequer um resquício ao qual se apegar.

Profundamente treinado nas instruções orais,
No momento em que se deixa este corpo para trás,
Dissolve-se no espaço de pāramitā.
Assim, a mente é não-nascida.

A mente é como o céu.
Não a corrompas com uma névoa de conceptualizações.
O senhor Mahāpaṇḍita Nāropa proferiu estas palavras:
“Para praticar o dharma devidamente,
Como uma cobra colocada num tubo de bambu,
Não faças qualquer esforço para te moveres.

Aqueles que sofrem de desejo

São como alguém atingido num ponto sensível.
Não deixes a tua mente de não-ação vaguear.
A natureza inata da mente é primordialmente vazia.
Como quebrar coisas com um martelo,
Liberta através do ver, do tocar e do pensar."

Por favor, compreende isto completamente.
Esta é uma canção de meditação de mahāmudrā.
Uma vez que o sagrado dharma beneficia os outros,
Não o agarres com um aperto mortal, Metönpa.
Para aqueles que são dignos
Não o mantenhas em segredo, mas dá-lhes instruções.

Assim cantou Marpa.

Depois, os grandes discípulos-filhos foram para as suas respetivas residências. Marpa pediu ao Jetsün Mila que ficasse por mais algum tempo.8

Embora o Senhor Marpa tivesse muitos filhos do coração que eram discípulos dignos, ele não lhes deu as instruções orais da linhagem de audição. De acordo com a profecia de Nāropa, Marpa deu ao Jetsün Mila a abhiṣeka, as instruções orais e os ensinamentos auxiliares da linhagem de audição das ḍākinīs de Cakrasaṃvara e, finalmente, completou-os com os ensinamentos adicionais do selo-de-comando secreto.

Além disso, tendo-lhe dado estas muitas instruções, Marpa cantou esta canção exaltando a grandeza da linhagem de audição:

Embora todos tenham uma linhagem,
Se se tem a linhagem da ḍākinī, é essa.
Embora todos tenham antepassados,
Se se tem Tilopa, é esse.
Embora todos tenham um guru,
Se se tem Nāropa, é esse.
Embora todos tenham instruções orais,
Se se tem a linhagem de audição, é essa.
Embora todos alcancem a iluminação meditando,
Se alguém se torna iluminado sem esforço na meditação, é isso.

Assim cantou Marpa.

O Jetsün Mila disse: "A nossa linhagem e instruções orais são grandemente famosas em toda a Índia e no Tibete. Portanto, precioso guru, a vossa fama no

Tibete não é diferente da dos antepassados da linhagem. Senhor, por causa do vosso poderoso anseio e devoção pelos gurus e da vossa atividade de buda, vós próprio deveis também ser famoso como um precioso guru na Índia."

O guru respondeu: "Não há necessidade de falar da grande fama da minha linhagem e instruções orais na Índia e, como disseste, sou famoso pela minha grande devoção ao guru."

Porque não podia deixar de proclamar estas verdades essenciais, Marpa cantou esta canção:

Por que não haveria a minha linhagem de ser famosa,
Uma vez que possuímos o olho do dharma das ḍākinīs.
Por que não haveriam os antepassados de ser famosos,
Uma vez que Tilopa não é outro senão o buda.
Por que não haveria o meu guru de ser famoso,
Uma vez que Nāropa é um archote de dharma.
Por que não haveria eu de ser famoso,
Uma vez que sou o único filho do coração de Nāropa.
Por que não haveriam as instruções orais de ser famosas,
Uma vez que esta joia que realiza desejos da linhagem de audição
É o dharma especial que mais ninguém possui.

Assim cantou Marpa.

O Jetsün Mila recebeu esta linhagem de audição, o dharma especial que mais ninguém possui. Como um vaso que é enchido a partir de outro, Mila recebeu as instruções orais do Jetsün Marpa e assim a sua mente ficou satisfeita. Como resultado de tudo isto, o sol dos ensinamentos do Buda ergueu-se nas cordilheiras nevadas do Tibete. A escura ignorância de todos os seres sencientes foi dissipada enquanto a luz da sabedoria iluminava o dia.

Marpa manifesta milagres a fim de elevar todos os seres sencientes.

Certa vez, quando o Jetsün Mila foi perante o guru, Marpa exibiu vários milagres — multiplicando o seu próprio corpo, aparecendo como os quatro elementos, desaparecendo, aparecendo como um arco-íris, aparecendo como luz, e assim por diante. Depois perguntou a Mila: "Viste? Estás convencido por estes?"

Mila respondeu: "Vi-os, senhor, e não posso deixar de estar convencido. Eu também meditarei para que possa fazer isto."

"Filho, é isso. Se queres ir, vai agora", disse Marpa. Assim, o Jetsün Mila regressou à terra onde tinha nascido.

Mais tarde, vários discípulos-filhos, Marpa Golek e outros, bem como algumas outras pessoas, viram o guru como Hevajra, Cakrasaṃvara, Guhyasamāja, Vajravārāhī e outras deidades. Isto aconteceu muitas vezes, e eles perguntaram a Marpa: "Por que é isto?"

Marpa respondeu: "É assim que as coisas são."

Perguntaram-lhe novamente: "Por favor, diga-nos o que é isto", e suplicaram-lhe.

Marpa disse: "Porque a vivacidade do meu utpattikrama do yidam e a vossa visão sagrada coincidiram, isto ocorreu."

Muitos não viram o Jetsün Marpa na sua cama ou noutro lugar, mas em vez disso alguns viram uma caixa dourada deslumbrante, alguns água clara a redemoinhar, alguns um fogo ardente, alguns um arco-íris, alguns nada de todo, alguns luz a redemoinhar, e assim por diante. Assim o guru apareceu de muitas formas, e por isso perguntaram-lhe: "Por que é isto?"

Marpa disse: "Se tivésseis um sonho comigo, com quem estaríeis a falar?"

"Mesmo aí, estaríamos a perguntar-lhe. Por favor, diga-nos."

"Bem, os nāḍī, bindu e prāṇa dos meus cinco elementos tornaram-se refinados. O facto de eu estar firmemente estabelecido nisto e a vossa visão sagrada coincidiram e trouxeram estas visões."

Marpa cantou então esta canção:

Nos nāḍīs estáveis, o prāṇa move-se.
Ali, o cavalo da bodhicitta é colocado
E é instigado pelo chicote do sabor igual.
A luminosidade galopa livre de ir ou vir.
Assim, pessoas dignas veem uma variedade de coisas.

Assim cantou Marpa.

"Além disso, lembro-me de montar um tigre numa vida anterior e de vaguear por selvas e cemitérios. Porque eu poderia agora deixar este corpo e entrar noutro através da prática da transferência de consciência, a morte nunca precisaria de ocorrer para mim. No entanto, o glorioso Nāropa ordenou-me que fosse para o reino celestial de Uḍḍiyāṇa, uma vez que haverá maior benefício para os seres sencientes, e por isso devo ir para lá."

Marpa conhecia o passado e o futuro sem dificuldade e, sempre que saía da sua casa ou regressava ao interior, não tinha necessidade de escadas ou de uma porta. Simplesmente entrava onde quer que desejasse, sem dificuldade. O seu filho Pal Ö disse: "O nosso pai não pode ser impedido por uma parede ou uma porta. Se alguém tivesse de o guardar, não conseguiria fazê-lo."

Desta forma, Marpa atualizou completamente a prática de dominar os elementos e, assim, não era impedido por quaisquer fenómenos. Depois de ter exibido sinais e milagres além de qualquer medida, a sua esposa Dagmema fundiu-se em luz e dissolveu-se no coração do Senhor Marpa.9

Notas

O significado aqui é que agarrar o próprio tio pelos cabelos seria muito desrespeitoso, mesmo tentando salvá-lo de um afogamento. Por conseguinte, o provérbio aponta para a posição eminente de um tio que merece grande respeito em todas as situações.

Um garuḍa é uma ave celestial da mitologia indiana, algo parecido com uma águia. Os seus dois chifres são a sua dignidade, como uma coroa. Portanto, Tarma Dode está a dizer que, embora ferido, deve tentar manter a sua força e dignidade.

shen (T: zhan) significa literalmente "fraco, débil, inferior ou mau".

A preciosa gota de óleo refere-se, claro, a Tarma Dode.

Tiphupa, a árvore do mantra secreto (T: gsang-sngags kyi sdong-po), tornou-se famoso na Índia como mestre dos nove ensinamentos da linhagem de audição da ḍākinī sem forma (T: lus-med mkha'-'gro snyan-brgyud chos-skor dgu). Tilopa foi o primeiro a obter estes ensinamentos. Tendo viajado para Uḍḍiyāṇa, recebeu-os diretamente da ḍākinī da sabedoria sem forma numa canção. Basicamente, esta canção era composta por estas nove instruções:

(1) Solta o nó do selo da mente como amadurecimento e libertação (T: smin-grol sems kyi rgya-mdud shig),
(2) Olha para o espelho da mente como samaya (T: dam-tshig rang-sems me-long ltos),
(3) Golpeia a água com uma espada como atividade (T: spyod-pa chu la ral-gri rgyob),
(4) Aquece-te ao sol da realização como substância samaya (T: dam rdzas rtogs-pa'i nyi-ma 'des),
(5) Olha para o archote da sabedoria como insight (T: rig-pa ye-shes sgron-me ltos),
(6) Gira a roda da rede de nāḍī e prāṇa (T: rtsa rlung dra-mig 'khor-lo skor),
(7) Olha para o espelho exterior como sabor igual (T: ro-snyoms phyi yi me-long ltos),

(8) Medita na mahāmudrā autolibertada (T: rang-grol phyag-rgya chen-po sgoms), e
(9) Segura a joia dos ensinamentos do grande êxtase (T: bde-chen gsung gi rin-chen zungs).

Tilopa deu mais tarde estes ensinamentos essenciais ao seu principal discípulo, Nāropa. De acordo com uma profecia de Tilopa, Nāropa, por sua vez, deu estes ensinamentos a Marpa, mas colocou neles um selo-de-comando de segredo. Isto significava que Marpa tinha de ser muito restritivo sobre a quem dava estes ensinamentos. Mais tarde, Nāropa aparentemente deu estes ensinamentos também a Tiphupa.

No Tibete, Marpa deu apenas os primeiros quatro destes nove ensinamentos a Milarepa e depois profetizou que Milarepa ou algum outro discípulo da linhagem viajaria para a Índia para obter os restantes cinco ensinamentos. O próprio Milarepa estava satisfeito com os ensinamentos que recebera e estava também demasiado ocupado a praticar para ir à Índia. Portanto, a certa altura, quando o seu discípulo, Rechungpa, ficou impaciente por viajar para a Índia para estudar, Milarepa enviou-o para obter os restantes cinco ensinamentos.

No Nepal, a caminho da Índia, Rechungpa conheceu Bharima, uma discípula de Tiphupa, e na Índia encontrou-se com o próprio Tiphupa. Tiphupa deu a Rechungpa todos os ensinamentos da linhagem de audição da ḍākinī sem forma e também o presenteou com um cajado de akaru como presente para Milarepa. Rechungpa regressou então ao Tibete e, a partir daí, a linhagem destes ensinamentos continuou no Tibete.

Diferentes aspetos desta história encontram-se em The Life of Milarepa, pp. 91-92, e em The Hundred Thousand Songs of Milarepa, vol. 2, “Rechungpa’s Third Journey to India”, pp. 397-401. Além disso, no vol. 5 do Gdams-ngag mdzod, existem três textos que comentam a linhagem e a natureza destes ensinamentos. Encontram-se nas pp. 485-505, 506-510 e 735-743, listados sob o título geral — Lus-med mkha’-’gro’i chos-skor dgu Zur-mang snyan-brgyud.

O nome de Mila, Dorje Gyaltsen (Estandarte da Vitória Vajra), foi revelado a Marpa num sonho que ele teve na noite anterior à chegada de Mila a Lhotrak. Nesse sonho, Nāropa deu-lhe um “vajra de cinco pontas feito de lápis-lazúli, ligeiramente manchado”, bem como um vaso dourado de amṛta. Disse a Marpa para limpar o vajra com o amṛta do vaso e depois montar o vajra no topo de um estandarte da vitória. Marpa fê-lo e o vajra irradiou um grande brilho que dissipou os sofrimentos de todos os seres. Cheios de felicidade, todos se prostraram e prestaram reverência a Marpa e a este estandarte da vitória. Ver The Life of Milarepa, p. 43.

Este “alguém sem igual” profetiza o principal discípulo de Milarepa, Gampopa. Ele é frequentemente referido como incomparável ou sem igual (T: mnyam-med).

Alterámos ligeiramente o texto aqui. A biografia de Marpa diz literalmente “alguns dias” (T: zhag-shas), enquanto a biografia de Milarepa diz “alguns anos” (T: lo-shas). Embora não seja claro exatamente quanto tempo Mila ficou com Marpa após este ponto, é claro que ficou mais do que alguns dias.

Os eventos que se seguem a este ponto são descritos com mais detalhe na biografia de Milarepa. Primeiro, Marpa enviou Mila para retiro para consolidar a sua experiência das instruções orais que recebera. Enquanto estava em retiro, Mila teve um sonho vívido no qual viu a sua mãe e parentes mortos, a sua irmã uma mendiga, a sua quinta abandonada, e assim por diante. Surgiu em Mila um grande anseio por regressar à sua terra natal e ver se estas visões eram verdadeiras, e ele deixou o seu retiro para pedir permissão a Marpa para partir. Marpa deu a sua permissão e subsequentemente deu as instruções orais secretas da linhagem de audição da ḍākinī, que deveriam ser restritas a um único detentor da linhagem por treze gerações. Também falou a Mila dos cinco ensinamentos da linhagem de audição da ḍākinī sem forma que ele não tinha recebido e que um discípulo da linhagem deveria ir à Índia para obter.

Num gaṇacakra de despedida para Mila (que é descrito muito brevemente no nosso texto na p. 196), Marpa exibiu vários milagres, manifestando as formas de Hevajra, Cakrasaṃvara e outros. (O nosso texto descreve estes milagres de forma diferente aqui.) Nesse ponto, Marpa disse “é isso” e “podes ir agora”, pois Mila tinha recebido todos os seus ensinamentos completamente e estava convencido da sua verdade. Marpa profetizou os lugares de solidão nas montanhas onde Mila e os seus discípulos posteriores deveriam meditar, e deu-lhe um pequeno rolo selado em cera, contendo instruções orais para um momento em que surgissem obstáculos na prática de Mila. No dia seguinte, Marpa e Dagmema despediram-se tristemente de Mila e cantaram canções de instrução e despedida. Mila partiu para a sua terra natal e, pouco depois, para as solidões das montanhas, onde passaria a vida em meditação solitária. Ver The Life of Milarepa, pp. 89-100.

Esta descrição da morte de Dagmema parece ser simbólica do seu papel como Nairātmyā (T: Bdag-med-ma), a consorte de Hevajra, o yidam pessoal de Marpa.

CAPÍTULO V

APÓS ENSINAR A VISÃO E TRABALHAR PARA O BENEFÍCIO DOS SERES SENCIENTES, MARPA DISSOLVE-SE EM DHARMADHĀTU.

APÓS ensinar e trabalhar unicamente para o benefício dos seres durante toda a sua vida, no décimo quinto dia do mês do Cavalo no ano da Ave,1 quando o sol raiou sobre os picos das montanhas, Marpa, com oitenta e oito anos de idade, estava livre de doença no corpo e alegre na mente. Um arco-íris apareceu no céu e várias flores choveram. Surgiram sons de vários tipos de música arrebatadores para a mente e tipos imensuráveis de aromas deliciosos. Sorrindo, Marpa derramou lágrimas, juntou as palmas das mãos, fechou os olhos, inclinou a cabeça repetidamente e realizou o serviço de sete ramos. Nessa altura, Marpa Golek perguntou-lhe: "O que está a acontecer?"

Marpa respondeu: "Preparai oferendas excelentes. O glorioso Nāropa, rodeado por hostes imensuráveis de ḍākas e ḍākinīs, chegou para me escoltar conforme prometeu. Agora devo ir para o reino celestial como seu assistente."

Depois, permaneceu em meditação. Enquanto Marpa Golek e outros discípulos organizavam e apresentavam oferendas imensuráveis, ocorreu uma chuva de flores e sons de música ainda maiores do que antes, e Marpa faleceu.

Em geral, Marpa foi o sol do ensinamento do Buda e, em particular, dissipou as trevas na Terra das Neves e foi a árvore da vida dos ensinamentos do mantra secreto. O Jetsün Marpa Lotsāwa foi uma emanação de um bodhisattva mahāsattva numa vida anterior. Através da bondade dos autênticos gurus sagrados, recebeu abhiṣekas e instruções orais do mantra secreto das ḍākinīs da sabedoria. Alcançou a luminosidade interior e dominou o prāṇa e a mente. Embora tivesse realizado completamente as virtudes imensuráveis da transferência de consciência, milagres, perceções elevadas e afins, viveu de uma forma oculta. Parecendo partilhar a visão das pessoas comuns, desfrutou das cinco qualidades que agradam aos sentidos e dos oito dharmas mundanos. Assim, beneficiou muitos vasos dignos.

Na Mãe dos Vitoriosos expandida,2 diz-se: "Alguns bodhisattvas precisam de pai e mãe, mas não precisam de esposa. Alguns bodhisattvas precisam de pai, mãe e esposa, mas não precisam de filhos ou filhas. Alguns bodhisattvas precisam de pai, mãe, esposa, filhos, filhas, servos e de todas as coisas desejáveis." Diz-se que Marpa era como este último exemplo. Trabalhou para o benefício dos seres sencientes da mesma forma que os nobres bodhisattvas Dharmodgata e Sadāprarudita.

No sétimo capítulo do Buddha-samāyoga-tantra, diz-se:

Filhas belamente adornadas,
Bem como esposas belas,
São oferecidas como o resgate
Pela iluminação suprema do Buda.
Pagando novamente esse resgate
Ao oferecer de novo estas substâncias preciosas que recebeu,
Aquele detentor do vajra

Dá o presente supremo.

De acordo com isto, por meio do recebimento de presentes e depois dando-os aos seus gurus, Marpa beneficiou os seres sencientes, e assim a realização dos ensinamentos da Linhagem de Prática tornou-se tão ilimitada como o espaço.

O Senhor Marpa teve treze gurus altamente renomados e supremamente bondosos: o douto e realizado Mahāpaṇḍita Nāropa, o Príncipe Maitrīpa, o glorioso Śāntibhadra, Jñānagarbha, a Yoginī Adornada com Ornamentos de Osso, Kasoripa e Riripa (os irmãos de Siṃhadvīpa), Jetaripa, o grande Kusulu, Prajñārakṣita, Chitherpa e Paiṇḍapa (os irmãos do Nepal) e o Senhor Atīśa.

Os sete filhos de sangue de Marpa foram Tarma Dode, Tarma Samten, Chöpal, Marlep, Pal Ö, Trak Ö e Charik Khorlo. Os seus quatro grandes discípulos-filhos, nascidos do seu coração e altamente renomados, são mencionados na sua canção de interpretação do sonho dos quatro pilares. Os seus quatro discípulos dignos foram o grande príncipe de Lokya de Kyerphu em Tsang, a senhora praticante Palmo da região de Phen, Marpa Golek de Nyingtrung em Dam e Bawachen de Parang em Layak no Sul.

Depois de o grande senhor tradutor se dissolver em dharmadhātu, todos ficaram convencidos de que ele era o buda. Ofereceram muitos e grandes presentes para receber pedaços do seu cabelo, unhas, roupas e afins. O seu corpo era como uma joia que realiza desejos e por isso não foi queimado, mas foi envolvido em seda e permaneceu para o benefício dos seres. O seu filho Pal Ö e outros deram a carne de Marpa e aceitaram presentes em troca. Assim, a pele do seu rosto foi levada para um mosteiro na região de Phen. Quando o guru Ngokpa soube disto, não conseguiu suportar. Fez uma grande oferenda aos filhos e disse: “Deveis dar-me o corpo de Marpa.”

Eles responderam: “Bem, a principal oferenda de que precisaríamos é a mālā de rubis dada ao senhor pai por Nāropa.”

Em conformidade, Ngokpa ofereceu-lhes a mālā de rubis e uma riqueza imensurável e levou o corpo para Shung. Colocou o corpo de Marpa dentro de uma stūpa e ali permaneceu como o principal objeto do santuário.

Notas

Se Marpa morreu de facto num ano da Ave, foi provavelmente no ano da Ave Fêmea de Água, 1093. Para ver alguns dos problemas na determinação das datas de Marpa, seria útil rever a cronologia da sua vida, a partir dos factos nesta biografia bem como de outras fontes.

De acordo com esta biografia, Marpa tinha 12 anos quando iniciou o seu treino de dharma. Algum tempo depois disto, estudou com o guru Drogmi durante 3

anos. Viajou então para o Nepal e ficou em Svayambhūnāth durante 3 anos. Prosseguindo para a Índia, Marpa passou 9 anos a estudar com Nāropa e outros, e depois regressou ao Tibete.

No Tibete, Marpa conheceu os seus estudantes Ngoktön, Marpa Golek, Tsurtön e Bawachen de Parang. Também se casou com Dagmema e os seus filhos nasceram. A biografia não especifica quanto tempo Marpa permaneceu no Tibete antes de regressar à Índia.

Na sua segunda viagem, Marpa passou 6 anos na Índia. Depois de regressar ao Tibete, ensinou mais discípulos, incluindo Metön Tsönpo e Milarepa. Novamente, a biografia não especifica quanto tempo Marpa ficou no Tibete antes de fazer a sua viagem final à Índia. Sabemos, no entanto, que a esposa e os discípulos de Marpa o desencorajaram de fazer uma terceira viagem à Índia por causa da sua idade.

Na sua última viagem, Marpa passou 3 anos na Índia. Numa canção a Paiṇḍapa, durante o seu regresso final ao Tibete, Marpa afirma que passou um terço da sua vida na Índia. Uma vez que Marpa passou aproximadamente 18 anos na Índia, isto faria com que tivesse cerca de 54 anos. Também afirma na mesma canção que aprendeu e estudou o dharma durante 40 anos. Como Marpa iniciou o seu treino de dharma aos 12 anos, isto faria com que tivesse 52. Finalmente, na mesma canção, Marpa menciona que o ano anterior foi um ano da Serpente. Este poderia ter sido o ano da Serpente Fêmea de Madeira, 1065, o que faria com que Marpa tivesse 53 anos (assumindo que Marpa nasceu em 1012, como afirmado em The Blue Annals [BA]).

Assim, há boas evidências de que Marpa estava no início dos seus cinquenta anos após a sua última viagem à Índia. Finalmente, a biografia afirma que Marpa morreu quando tinha 88 anos.

Os anos de nascimento e morte de Marpa também podem ser encontrados em BA (pp. 88, 404). De acordo com esta obra, Marpa nasceu no ano do Rato Macho de Água, 1012, e morreu no ano do Boi Fêmea de Fogo, 1097. Assim, Marpa viveu até aos 85 anos (ou talvez 86, como afirmado em BA, p. 404), em oposição aos 88 anos indicados na biografia. (É tradicional os tibetanos contarem as suas idades incluindo um ano no útero.)

Além disso, existem muitas outras discrepâncias entre a informação biográfica em BA e nesta biografia. Por exemplo, BA afirma que Marpa apenas conheceu Nāropa nas suas duas primeiras visitas à Índia, e que conheceu Maitrīpa pela primeira vez na sua terceira visita à Índia. Deixando estes pontos de lado, aprendemos com BA que Marpa tinha 15 anos quando conheceu o guru Drogmi, que tinha 31 quando Atīśa viajou para o Tibete e que tinha 42 quando se casou com Dagmema.

Muitos estudiosos tibetanos (ou seja, Helmut Hoffmann, Hugh Richardson, David Snellgrove, R. A. Stein e Giuseppe Tucci) concordam com as datas de Marpa como sendo 1012-1096. As suas fontes geralmente não são indicadas. Na sua introdução a The Life and Teaching of Nāropa, Herbert Guenther afirma que Tilopa viveu de 988-1069 e Nāropa de 1016-1100. Diz-se que Nāropa conheceu Tilopa pela primeira vez em 1057 e deixou-o em 1069. Isto produz mais contradições se

assumirmos 1012 como o ano de nascimento de Marpa. De acordo com a biografia de Marpa, Marpa conheceu Nāropa depois de Nāropa ter iniciado os seus estudos com Tilopa. Isto faria com que Marpa tivesse pelo menos 45 anos quando conheceu Nāropa pela primeira vez, o que é altamente improvável.

Assim, podemos ver as dificuldades em determinar as datas exatas do nascimento, viagens e morte de Marpa, especialmente quando as datas tradicionais de Nāropa e Tilopa são levadas em conta. É necessário realizar muito mais investigação nesta área antes que estas dificuldades possam ser resolvidas futuramente.

Rgyal-ba'i yum rgyas-pa — este texto é o Śatasāhasrikā-prajñāpāramitāsūtra.

Colofão do Autor

ASSIM TERMINA **Ver Alcança Tudo**, a biografia do jetsün, o mestre Marpa Chökyi Lodrö. Originalmente, foi dada oralmente e com todo o detalhe pelo Jetsün Mila e Marpa Golek ao mestre de Ngen Dzong. O Jetsün Mila também a deu a Rechungpa.

Depois, Rechungpa e Changchup Gyalpo, o mestre de Ngen Dzong, discutiram-na e compilaram uma biografia, que permanece aqui como o texto principal. A esta foram acrescentadas muitas anedotas biográficas relatadas pelo guru Ngokpa, Tsurtön e Metön.

Esta biografia é o exemplo supremo para os seres sinceros. Esta grinalda de preciosa vaiḍūrya, que satisfaz todas as necessidades e desejos do saṃsāra e do nirvāṇa, une de forma elegante citações diretas e passagens em prosa através da intenção elevada do olhar de bondade. É a grinalda de ornamentos preciosos que arrebata a mente daqueles que desejam alcançar o ornamento do estado de buda omnisciente.

Assim, eu, Trakthung Gyalpo, um iogue que vagueia por cemitérios, ditei isto ao glorioso lotsāwa-paṇḍita Jampal Chölha em Chuwar, o palácio nirmāṇakāya, o lugar supremo onde o Senhor Milarepa alcançou o estado de buda perfeito e completo.

Colofão do Tradutor

Como uma espada golpeando a água
Vê-se a mahāmudrā
E alcançam-se os ensinamentos das ḍākinīs sem forma.
Isto de facto é a vossa bondade, Marpa o Tradutor.

Embora envolvido pelas trevas de māras,
Vê-se a luminosidade do Grande Sol do Leste

E descobre-se o sol do insight transcendendo a mente.
Isto de facto é a vossa bondade, Marpa o Tradutor.

A visão surge livre de preconceito,
A meditação surge livre de apego,
A ação surge livre de hesitação —
Isto de facto é a vossa bondade, Marpa o Tradutor.

Se não vos tivéssemos a vós, Marpa o Tradutor,
A linhagem de audição não poderia permear todo o lado.
Sempre que o exemplo da vossa vida é ouvido,
A escuridão na mente deste pequenino, Chökyi Gyatso,
É sempre dissipada.

Pelo poder de propagar o exemplo da vossa vida,
Este kalpa de peste, guerra e fome é pacificado.
No grande êxtase Daquilo
Possam todos os seres sem exceção
Desfrutar deste banquete de oferenda
Juntamente convosco, Vajrācārya Marpa,
E que todos alcancem a iluminação.

Isto foi escrito a 10 de maio de 1982 por Chökyi Gyatso, o Décimo Primeiro Trungpa, na Corte Kalapa dentro da esfera dhármica de Karma Dzong.

GUIA DE PRONÚNCIA
SANSKRITO

Vogais

As vogais são pronunciadas como em italiano ou espanhol, mas existe uma distinção entre vogais longas e curtas; um traço sobre uma vogal torna-a longa:

a curto como em siesta, mas ā longo como em car.

i curto como em sit, mas ī longo como em feet.

u curto como em put, mas ū longo como em loot.

As seguintes vogais são sempre longas:

e como em day.

ai como em pie.

o como em go.

au como em how.

ṛ é também uma vogal (curta), pronunciada como um r vibrante, algo como ri.

O acento tónico é geralmente colocado na penúltima sílaba quando esta contém uma vogal longa; caso contrário, é colocado na antepenúltima. Outras sílabas contendo vogais longas podem ser algo enfatizadas; por exemplo, yoginī é pronunciado yo-gi-nī, não yo-gi-nī.

Consoantes

A maioria das consoantes é pronunciada como em inglês. As consoantes aspiradas kh, gh, ch, jh, th, dh, ph, bh, são consideradas consoantes únicas no silabário sânscrito. Por exemplo, as consoantes aspiradas th e ph nunca devem ser pronunciadas como nas palavras things e photo, mas como em pothole e shepherd. As outras consoantes aspiradas são pronunciadas de forma semelhante. Note também o seguinte:

c é sempre pronunciado tch (como em tchau).

g é sempre pronunciado como em gato (gutural), nunca como em gelo.

ṅ é pronunciado na garganta, como o som do "n" em manga.

ñ é pronunciado como o nh em ninho.

ṭ, ḍ, ṇ (retroflexas) são pronunciados com a ponta da língua voltada para trás, tocando o palato.

t, d, n (dentais) são pronunciados com a língua a tocar nos dentes, como em português.

v pode ser pronunciado como u ou w quando segue uma consoante.

ś é pronunciado como o ch em chave.

ṣ é pronunciado de forma semelhante a ś, mas com a língua mais para trás (como o "sh" em inglês).

ḥ é um som de expiração (aspiração), geralmente ao fim de uma palavra.

ṃ é um som nasal ao fim de uma palavra; se vier antes de uma consoante, assimila-se a ela, tornando-se ṅ, ñ, ṇ, n ou m. Em princípio, nasaliza a vogal anterior.

TIBETANO

Utilizámos um sistema de transcrição fonética aproximada para o leitor não especialista. Em geral, as vogais e consoantes seguem as regras acima. Existem os sons vocálicos adicionais ö (como o eu francês) e ü (como o u francês). As consoantes aspiradas kh, ch, th e ph pronunciam-se como no sânscrito. A consoante ts pronuncia-se como em mats; dz como em adzer; e lh como um l aspirado.

LISTA DE TRADUÇÕES DE MARPA LOTSĀWA

NO BKA’-’GYUR (Cânone):

Śrī-sarvatathāgata-guhyatantra-yoga-mahārāja-advayasamatā-vijaya-nāma-vajra-śrī-paramamahākalpa-ādi (Pequim Tripitaka n.º 88; traduzido com Jñānagarbha).

NO BSTAN-'GYUR (Comentários):

Śrī-saṃvaropadeśa-mukhakarṇa-paraṃpara-cintāmaṇi-nāma (P.T. n.º 2238; escrito por e traduzido com Nāropa).

Gaṇacakra-vidhi-nāma (P.T. n.º 2360; escrito por Ḍombī Heruka, traduzido com Jñānakara).

Śrī-ḍākinī-vajrapañjara-maṇḍala-saṃharaṇa-nāma-anusaraṇa-sādhana (P.T. n.º 2454; escrito por Devavrata).

Daśatattva (= Ḍākinī-vajrapañjara-upadeśa) (P.T. n.º 2455; escrito por Vimalakīrti).

Mahāmudrā-kanakamālā-nāma (P.T. n.º 3282; escrito por e traduzido com Maitrīpa).

Bhagavac-chrī-cakrasaṃvara-sādhana-nāma (P.T. n.º 4614; escrito por Abhayakīrti de Caxemira, traduzido com Nāropa).

Śrī-guhya-ratna-cintāmaṇi-nāma (P.T. n.º 4623; escrito por e traduzido com Nāropa).

Śrī-cakraśambara-vikurvaṇa, Caturviṃśati-deśa-pramāṇa-śāsana (P.T. n.º 4628; escrito por Nāropa).

Ṣaḍdharmopadeśa-nāma (P.T. n.º 4630; escrito por Tilopa e traduzido com Nāropa).

Karṇatantra-vajrapada-nāma (P.T. n.º 4632; escrito por e traduzido com Nāropa).

Dharmacaryāparādha-svayaṃmukti-nāma (P.T. n.º 4636; escrito por e traduzido com Rāhula).

Vajrayoginī-sādhana (P.T. n.º 4673; escrito por Nāropa).

Śrī-guhyasamājopadeśa-pañcakrama-nāma (P.T. n.º 4789; escrito por e traduzido com Nāropa).

Pañcakrama-saṃgraha-prabhāva (P.T. n.º 4790; escrito por e traduzido com Nāropa).

Śrīmatī-devīmahākālī-guhya-sādhana-nāma (P.T. n.º 4929; escrito por Nāropa).

Existem duas coleções compiladas por Jamgön Kongtrül Lodrö Thaye relativas à linhagem de Marpa. A primeira, Bka'-brgyud sngags-mdzod, foca-se nos tantras principais (Hevajra, Cakrasaṃvara, etc.). A segunda, Gdams-ngag mdzod, contém instruções e técnicas de realização espiritual (volumes 5, 6 e 7 dedicados à linhagem de Marpa).

GLOSSÁRIO

abhisamaya (T: mngon-par rtogs-pa; clara realização) Um texto que descreve os detalhes iconográficos de uma prática de visualização.

abhiṣeka (T: dbang-skur; aspersão, unção, empoderamento ou iniciação) Cerimónia na qual um estudante é ritulamente introduzido na maṇḍala de uma deidade tântrica pelo seu mestre vajra. No anuttarayogayāna existem quatro abhiṣekas principais: (1) do vaso (kalaśābhiṣeka), (2) secreta (guhyābhiṣeka), (3) de sabedoria (prajñājñāna-abhiṣeka) e (4) a quarta (caturthābhiṣeka). Geralmente acompanhada por uma transmissão de leitura (lung) e instruções (tri ou khrid).

ācárya (T: slob-dpon) Mestre realizado na prática de meditação e estudo. Um cargo oficial num mosteiro.

acumulações, duas A acumulação de mérito (S: puṇya-sambhāra; T: bsod-nams kyi tshogs), que cria condições favoráveis, e a acumulação de sabedoria (S: jñāna-sambhāra; T: ye-shes kyi tshogs), que é a realização resultante.

atividades de pós-meditação, quatro (T: spyod-lam bzhi'i mnyam-rjes) A prática da atenção plena ao estar de pé, a caminhar, sentado ou deitado.

Ākarasiddhi Identificado na maioria das fontes como o caxemirense Jñānakara. Trabalhou com Naktso Lotsāwa e Marpa. O seu ensinamento principal foi o Guhyasamāja-tantra.

Akṣobhya (T: mi-bskyod-pa; inabalável) O buda sambhogakāya da família vajra.

ālaya-vijñāna (T: kun-gzhi rnam-par shes-pa; consciência-armazém) A raiz da consciência dualista e do saṃsāra. No vajrayāna, é também sinónimo de dharmatā, a base primordial absoluta.

amṛta (T: bdud-rtsi; imortal) Licor abençoado usado nas práticas vajrayāna; intoxicação espiritual.

abertura de Brahmā (S: brahmarandhra; T: tshangs-bug) Pequena abertura no topo da cabeça por onde passa o canal central (avadhūti).

riquezas āryas, sete (T: 'phags-pa'i nor bdun) As sete riquezas de um bodhisattva: fé, disciplina, generosidade, estudo, decoro, modéstia e conhecimento.

roda aṣṭamantra Um círculo de mantras de oito sílabas.

Atīśa Nascido em 982 em Bengala. Mestre que restabeleceu os preceitos básicos do budismo no Tibete a partir de 1042. Fundador espiritual da escola Kadampa. Embora a biografia de Marpa mencione o encontro, as datas sugerem que Atīśa já não estaria vivo na terceira viagem de Marpa.

atsara Provável corrupção do sânscrito ācārya. No texto, designa um mestre de nível inferior ou, noutros contextos, um tipo de demónio metamorfo.

Atulyavajra (T: mi-mnyam rdo-rje) Mestre nepalês, discípulo de Maitrīpa, que ensinou o sistema de Cakrasaṃvara segundo Nāropa.

coincidência auspiciosa (T: rten-'brel; S: pratītya-samutpāda; coprodução dependente) O encontro de fatores que formam uma situação; a natureza fitting e adequada da realidade sob a visão sagrada.

avadhūti (T: kun-'dar-ma, dbu-ma) O canal central (nāḍī) do corpo ilusório.

Avalokiteśvara (T: spyan-ras-gzigs dbang-phyug) O bodhisattva da compaixão.

āyatana (T: skye-mched; campo sensorial) Os seis órgãos dos sentidos e os seus respetivos objetos.

benefícios, dois (T: don gnyis) Benefício para si próprio (iluminação) e para os outros (libertação).

Śrī Bhadra (T: dpal bzang-po) Paṇḍita caxemirense conhecido como Bodhibhadra. Discípulo de Nāropa e mestre de Atīśa.

Bhagavat (T: bcom-ldan-'das) O Bem-Aventurado (o Buda). Também designa um yidam masculino pacífico.

bhagavatī (T: bcom-ldan-'das-ma) Termo para um yidam feminino pacífico.

bhikṣu (T: dge-slong) Um monge plenamente ordenado.

bhūmi (T: sa; terra, estágio, nível) Os dez estágios de realização no caminho do bodhisattva.

bindu (T: thig-le; gota, ponto) Ver nāḍī, prāṇa e bindu.

bênçãos (S: adhiṣṭhāna; T: byin-rlabs) A graça da linhagem que desperta o praticante quando este se abre com devoção.

bodhicitta (T: byang-chub kyi sems; mente desperta) Bodhicitta absoluta é a vacuidade indivisível da compaixão. Bodhicitta relativa é a aspiração de libertar todos os seres.

bodhisattva (T: byang-chub sems-dpa') Aquele que se compromete com o caminho do mahāyāna e o voto de trabalhar por todos os seres.

Brahmā (T: tshangs-pa) Na cosmologia budista, o chefe dos deuses dos níveis inferiores do reino da forma (rūpadhātu).

buda (T: sangs-rgyas; desperto) O princípio da iluminação ou qualquer ser iluminado, especialmente o Buda Śākyamuni.

famílias de budas (S: buddhakula; T: sangs-rgyas kyi rigs) A maṇḍala dos cinco tathāgatas que incorporam as cinco sabedorias: (1) buda (Vairocana/Ignorância/Espaço), (2) vajra (Akṣobhya/Raiva/Espelho), (3) ratna (Ratnasambhava/Orgulho/Equanimidade), (4) padma (Amitābha/Paixão/Discernimento) e (5) karma (Amoghasiddhi/Inveja/Ação).

Buddhakapāla (T: sangs-rgyas thod-pa; taça de crânio da iluminação) Um tantra-mãe do anuttara yoga; a sua deidade central está associada à família vajra e é representada como sendo azul, com quatro braços e em união com a sua consorte, Citrasena.

cakras, quatro (T: 'khor-lo; roda) Os quatro centros primários no corpo, localizados ao longo da avadhūti, ou canal central, na cabeça, garganta, coração e umbigo.

Cakrasaṃvara (T: 'khor-lo sdom-pa, bde-mchog; união ou vínculo dos cakras) Um tantra-mãe do anuttara yoga; a sua deidade central é um heruka associado à família padma e à transformação da energia passional. É um yidam particularmente importante na linhagem Kagyü.

cakravartin (T: 'khor-los sgyur-ba; aquele que gira a roda) Um monarca universal; na antiga literatura budista e védica, um rei que governa o mundo inteiro

através da sua sabedoria e virtude. A roda simboliza o domínio. Quando o Príncipe Gautama nasceu, foi profetizado que ele se tornaria ou um buda ou um monarca universal. O cakravartin pode, assim, ser visto como o equivalente secular de um buda, pois o seu reinado inaugura uma era dourada de civilização e valores religiosos.

caṇḍālī (T: gtum-mo; feroz, irada) Um termo vajrayāna para um tipo de calor psíquico gerado e experienciado através de certas práticas meditativas. Este calor serve para queimar todos os tipos de obstáculos e confusão. Um dos seis yogas de Nāropa.

castas, quatro (T: rigs bzhi) As quatro castas da sociedade hindu: brahman (S: brāhmaṇa, T: bram-ze), a casta sacerdotal; kṣatriya (T: rgyalrigs), a casta guerreira ou real; vaiśya (T: rje'u-rigs), a casta dos mercadores ou comerciantes; e śūdra (T: dmangs-rigs), a casta dos servos ou trabalhadores. Além disso, existem os chamados "intocáveis" (outcaste), o degrau mais baixo da sociedade. Todas estas divisões possuem inúmeras subdivisões.

Catuḥpīṭha (T: gdan-bzhi; quatro assentos) Um tantra-mãe do anuttara yoga; a sua deidade central está associada à família vajra.

reino celestial (S: khecara; T: mkha'-spyod; movendo-se no ar) Um reino das ḍākinīs. Ver também níveis, três.

chang (T: chang) Cerveja de cevada tibetana. Este termo é também utilizado num sentido geral, referindo-se a qualquer licor.

ornamentos do campo de cremação, seis (S: ṣaṇ-mudrā; T: phyag-rgya drug; os seis ornamentos simbólicos) Elementos do traje iconográfico associados a cemitérios e que representam, por isso, a transformação de forças negativas em positivas. Certas deidades e yogins são descritos como usando estes seis símbolos, que são feitos de osso: colar (S: kaṇṭhī; T: nor-bu), braceletes (S: haste rucaka; T: lag-gdub), brincos (S: kuṇḍala; T: rna-cha), saia (S: mekhalā; T: ska-rags), um diadema ou coroa usado na cabeça (S: cakrī, T: 'khor-lo), e a pomada de cemitério feita de cinzas, que é espalhada pelo corpo (S: bhasma; T: thal-ba). As cinzas são por vezes acompanhadas pelo fio do brahman (S: vajñopavīta; T: tshangs-skud), simbólico de um nascimento nobre. Estes ornamentos representam as seis pāramitās, respetivamente: generosidade, disciplina, paciência, esforço, meditação e prajñā.

chuba (T: chu-pa) O traje nacional tibetano: uma túnica longa usada tanto por homens como por mulheres. A túnica pende quase até ao chão e é ajustada na cintura por uma faixa, produzindo uma bolsa onde se podem carregar objetos. As mangas são mais compridas que os braços e são geralmente enroladas cerca de quinze centímetros para expor as mãos.

linguagem de código (T: brda-skad) Algumas partes dos ensinamentos tântricos são tão secretas que são efetivamente escritas numa linguagem de código. Este termo, contudo, tem um significado mais amplo quando aplicado ao uso do simbolismo de uma forma esotérica, a fim de comunicar mensagens espirituais indiretamente.

sabedoria coemergente (S: sahajajñāna; T: lhan-cig-skyes-pa'i ye-shes) Um termo-chave no vajrayāna que se refere ao surgimento simultâneo de saṃsāra e nirvāṇa, dando origem naturalmente à sabedoria.

selo-de-comando (T: bka'-rgya) Tal como uma carta pode ser selada com cera para não ser aberta até que o selo seja quebrado, da mesma forma um ensinamento pode ser selado pelo comando do guru para que não seja revelado até um certo momento no tempo. Por vezes, tais ensinamentos são passados a um único discípulo, juntamente com tal selo-de-comando. Assim, desenvolve-se uma "linhagem única" (T: gcig-brgyud), onde um certo corpo de ensinamentos é passado de um professor para apenas um aluno. Um exemplo disto é mencionado na nota na p. 90.

compaixão (S: karuṇā; T: snying-rje) Um princípio fundamental do Budismo mahāyāna, que descreve a motivação e a ação de um bodhisattva, isto é, a prática das pāramitās. Diz-se que a compaixão surge da experiência do sofrimento dos seres sencientes, incluindo nós próprios; da visão profunda das quatro nobres verdades; da observação do sofrimento inerente à confusão sobre causa e efeito e ao apego a uma existência sólida e permanente; e espontaneamente, a partir de śūnyatā.

ḍāka (T: dpa'-bo; S: aquele que vai pelo céu, T: herói, guerreiro) Especificamente, um yidam masculino semirraivoso. Mais genericamente, pode referir-se a um tipo de mensageiro ou protetor. Ver também yidam.

ḍākinī (T: mkha'-'gro-ma; aquela que vai pelo céu) Um yidam feminino raivoso ou semirraivoso, significando compaixão, vacuidade e prajñā. As ḍākinīs são astutas e brincalhonas, representando o espaço básico de fertilidade do qual surge o jogo do saṃsāra e do nirvāṇa. Elas inspiram a união de meios hábeis e prajñā. Mais genericamente, uma ḍākinī pode ser um tipo de mensageiro ou protetor. Ver também yidam.

ḍamaru Um tipo de tambor de mão, geralmente com duas faces, feito de crânios ou de madeira, e usado frequentemente na prática vajrayāna.

era das trevas (S: kaliyuga; T: snyigs-ma'i-dus) A atual era mundial marcada pela degeneração de toda a disciplina, moralidade e sabedoria.

devatās de Cakrasaṃvara, cinco (T: bde-mchog lha Inga) Existem vários sistemas de visualização de Cakrasaṃvara — um com dois braços, outros com quatro ou doze. Existem também diferentes números de devatās (deidades) de

séquito em cada sistema. Este estilo particular de visualização de Cakrasaṃvara com cinco devatās de séquito é a versão de dois braços.

devī (T: lha-mo; deusa) Um termo geral para qualquer tipo de deidade feminina.

dharma (T: chos; verdade, lei) Especificamente, o ensinamento do Buda. O dharma inferior é como as coisas funcionam no nível mundano, por exemplo, como a água ferve. O dharma superior é a compreensão subtil do mundo — como a mente trabalha, como o saṃsāra se perpetua e como é transcendido, e assim por diante. Mais tecnicamente, no abhidharma, refere-se aos elementos mais simples e básicos da existência, que foram enumerados em números diferentes por várias escolas.

dharmacakra (T: chos kyi ’khor-lo; roda do dharma) Geralmente, este termo é usado como em dharmacakra-pravartana ("girar a roda do dharma"), que se refere ao ensino do dharma. Mais tecnicamente, pode referir-se ao cakra do coração.

dharmadhātu (T: chos kyi dbyings; espaço, reino ou esfera do dharma) O espaço que tudo abrange, a totalidade incondicionada — não originada e imutável — na qual todos os fenómenos surgem, permanecem e cessam.

dharmakāya Ver kāya.

dharmapāla (T: chos-skyong; protetor do dharma) Um tipo de deidade cuja função é proteger o praticante de enganos e desvios. Vinculados por juramento ao dharma, não vinculados aos seis reinos, os dharmapālas realizam os quatro karmas, ou ações iluminadas, de pacificar, enriquecer, magnetizar e destruir, servindo e protegendo assim a integridade dos ensinamentos e da prática.

dharmas, oito mundanos (S: aṣṭau lokadharmāḥ; T: ’jig-rten gyi chos brgyad) Ganho (S: lābha; T: rnyed-pa) e perda (S: alābha; T: ma-rnyed-pa), fama (S: yaśas; T: snyan-grags) e desonra (S: ayaśas, T: ma-grags), elogio (S: praśaṃsā; T: bstod-pa) e culpa (S: nindā; T: smad-pa), prazer (S: sukha; T: bde-ba) e dor (S: duḥkha; T: sdug-bsngal).

dharmatā (T: chos-nyid; natureza-dharma) A essência da realidade, a natureza completamente pura.

Dharmodgata Ver Sadāprarudita.

dhātu (1) Os três reinos do saṃsāra: reino do desejo (S: kāmadhātu; T: ’dod-pa’i khams), reino da forma (S: rūpadhātu; T: gzugs kyi khams) e reino sem forma (S: ārūpyadhātu; T: gzugs-med khams). (2) Os dezoito elementos classificados no abhidharma: os seis órgãos sensoriais, os objetos sensoriais e as suas consciências correspondentes.

dohā Um tipo de verso ou canção composta espontaneamente por praticantes de vajrayāna como expressão da sua realização.

Ḍombī Heruka (ou Ḍombipa) foi um dos oitenta e quatro mahāsiddhas. Era um rei em Magadha que recebeu ensinamentos sobre o Hevajra-tantra de Virūpa. Durante doze anos, praticou secretamente enquanto governava o seu reino até atingir siddhi. Depois disso, tomou secretamente uma musicista de casta baixa, uma ḍombī, como sua consorte. Praticou novamente por doze anos. Foi então descoberto pelos seus súbditos, que ficaram ultrajados com a violação das restrições de casta por parte do rei, após o que ele abdicou do reino em favor do seu filho. Assim, Ḍombī Heruka e a sua consorte foram para a floresta por doze anos. Quando a fome assolou o reino, os súbditos procuraram o seu antigo rei para lhe pedir que governasse novamente. Ḍombipa emergiu da floresta, montado com a sua consorte numa tigresa e segurando uma cobra venenosa na mão direita. Ele exibiu vários sinais prodigiosos do seu domínio sobre os fenómenos e, finalmente, recusando governar o reino, partiu para o reino celestial. Segundo algumas fontes, Ḍombipa foi discípulo de Nāropa, bem como professor de Atīśa e Phadampa Sanggye. Foi autor de dezassete textos encontrados no Bstan-’gyur. Está incluído na linhagem do Hevajra-tantra, e o Bka’-babs bdun-ldan de Tāranātha coloca-o na linhagem de caṇḍālī.

portas, nove (T: sgo dgu) Segundo Gampopa (conforme citado em The Life and Teaching of Nāropa, p. 198, n. 1), as nove portas possíveis para a ejeção da consciência são, de qualidade superior: (1) o umbigo, (2) o espaço entre as sobrancelhas e (3) o topo da cabeça (o brahmarandhra); de qualidade intermédia: (4) o nariz, (5) os ouvidos e (6) os olhos; e de qualidade inferior: (7) a boca, (8) o ânus e (9) a passagem urinária. Contudo, geralmente, como é afirmado na biografia de Marpa (p. 96), a melhor porta para a ejeção da consciência é o topo da cabeça, o brahmarandhra.

dre (T: bre) Uma medida tibetana para substâncias secas e também para fluidos. Era comum que um dre variasse por todo o Tibete, podendo equivaler a um a dois litros.

dri (T: ’bri-mo) Uma fêmea de iaque.

dzo (T: mdzo) Um cruzamento entre um touro iaque e uma vaca comum.

dzoki Provavelmente uma corrupção da palavra sânscrita "yogī". Por exemplo, o mahāsiddha Āyogipāda é também conhecido como Ajokipada ou Adzokipada (a letra tibetana "dz" é usada para transliterar a letra sânscrita "j").

Ekajaṭī (T: ral-gcig-ma; um nó de cabelo) Esta protetora é descrita como uma mamo ou ḍākinī raivosa, que tem um nó de cabelo, um olho, uma presa e um seio. Segura um coração na mão direita, emana lobos da esquerda e tem uma pele de tigre

à volta da cintura. Tornou-se primariamente uma protetora importante dos ensinamentos ati da linhagem Nyingma.

elementos (S: mahābhūta; T: ’byung-ba chen-po) De acordo com o abhidharma, toda a materialidade pode ser vista como tendo os aspetos de terra (solidez, tangibilidade), água (coesão), fogo (radiação, sustentação), ar (movimento) e espaço (acomodação).

devīs de emanação (de Hevajra), nove (T: kye’i rdo-rje lha dgu) O maṇḍala da deidade Hevajra inclui o próprio Hevajra como deidade central, mais nove deusas que são consideradas manifestações complementares do mesmo princípio. a primeira destas é Nairātmyā, que aparece no centro do maṇḍala como consorte de Hevajra. Existem depois outras oito devīs nas direções cardeais e intermédias: Gaurī, Caurī, Vetālī, Ghasmarī, Pukkasī, Śavarī, Caṇḍālī e Ḍombinī. O yidam principal de Marpa era Hevajra, e dizia-se que a sua casa representava o maṇḍala de Hevajra. Assim, por exemplo, a sua esposa chamava-se Dagmema (T: bdag-med-ma), que é o tibetano para Nairātmyā.

vacuidade Ver śūnyatā.

iluminação (S: bodhi; T: byang-chub) De acordo com o buddhadharma, experiências teístas e místicas de todos os tipos continuam a cair dentro do saṃsāra, desde que confirmem o experienciador ou solidifiquem a sua experiência, mesmo da forma mais subtil. As normas de experiência budistas são: impermanência universal, existência como sofrimento, ausência de ego (egolessness) e paz como ausência de luta para atingir ou manter o que quer que seja. De acordo com a tradição hīnayāna, iluminação (também S: nirvāṇa; extinguido) significa a cessação da ignorância e das emoções conflituosas e, portanto, a libertação do renascimento compulsivo no saṃsāra. Os seus graus de realização foram enumerados como quatro níveis: aquele que entra na corrente (S: srotāpanna), aquele que regressa uma vez (S: sakṛdāgāmin), aquele que não regressa (S: anāgāmin) e o arhat. De acordo com a tradição mahāyāna, o nirvāṇa hīnayāna é uma estação de passagem, como uma cidade ilusória no deserto criada pelo Buda para encorajar os viajantes. A iluminação requer não apenas a cessação da ignorância, mas também compaixão e meios hábeis para trabalhar com a confusão de todos os seres sencientes. O arhat não atinge a iluminação completa devido à sua compaixão subdesenvolvida. De acordo com a tradição vajrayāna, as realizações hīnayāna e mahāyāna são necessárias, mas contêm dogmas. É necessário que o yogin desenvolva uma parceria completa com o mundo fenomenal e experiencie um desmascaramento mais penetrante da raiz do ego. Ao apresentar a fruição final, o vajrayāna ensina quatro ou seis yānas tântricos. O termo nirvāṇa pode ter o sentido mais positivo quando se refere à iluminação; ou pode ter um sentido limitador ou pejorativo quando se refere a um objetivo limitado de cessação.

entrar na ação (T: spyod-pa la gshegs-pa) Um termo técnico no vajrayāna que se refere ao estágio da prática onde se abandonam todos os conceitos de meditação e não-meditação e se encontra diretamente o mundo fenomenal. Ver também Introdução, p. xlvi.

gosto igual (S: samarasa; T: ro-mnyam) As práticas iogues e os exercícios de visualização do tantra budista são extremamente complexos, mas subjacente a eles está uma experiência única das coisas tal como são. Esta realização ou estado de espírito é por vezes chamado de gosto igual, significando que todos os extremos de bom e mau, acordado e adormecido, e assim por diante, têm a mesma natureza fundamental de vacuidade e da própria mente.

equalizar os elementos (T: ’byung-ba ro-snyoms) Outro termo para a prática de "um gosto", um dos quatro yogas de mahāmudrā. Ver também gosto igual.

extremos, quatro (S: catuṣkoṭi; T: mtha’ bzhi) O tetralema da argumentação budista: uma forma de argumento usada pelos lógicos budistas, particularmente nos textos Madhyamaka. Qualquer proposição significativa é considerada como sendo ou verdadeira, ou falsa, ou ambas, ou nenhuma. Geralmente, isto ocorre na forma de asserções de existência: algo ou existe, ou não existe, ou ambas as coisas, ou nem existe nem não existe. Também pode ser aplicado a predicações: "x é ou vermelho, ou não vermelho, ou ambos, ou nenhum". Estes quatro pilares do argumento são considerados extremos, nenhum dos quais pode ser tido como verdadeiro, porque a realidade está para além dos extremos de existência e não-existência.

livre e bem-favorecido (S: kṣaṇa-sampad; T: dal-’byor) Um termo técnico que descreve a situação muito especial de um nascimento humano que permite ouvir e praticar o dharma. Por "livre" entende-se que se tem o tempo e a oportunidade de praticar o dharma. Existem oito aspetos deste estado: liberdade de ser um ser do inferno, preta (fantasma faminto), animal, bárbaro (incapaz de ouvir ou compreender o dharma), deva de vida longa, pessoa que detém visões pervertidas, nascer num tempo em que não há buda e ser um ignorante — surdo e mudo para o dharma. "Bem-favorecido" divide-se em cinco circunstâncias favoráveis que surgem de nós próprios e cinco através da agência de outros: obter um corpo humano, nascer numa terra onde o dharma é ensinado, possuir todos os sentidos, entrar no caminho e não agir contrariamente ao dharma, ter confiança nas três joias; e, o aparecimento de um buda, o ensino do dharma, a durabilidade do dharma, ser praticado por muitos e ter compaixão pelos outros.

gaṇacakra (T: tshogs kyi ’khor-lo) Uma oferenda de banquete; uma prática na qual o desejo e as perceções sensoriais são tornados parte do caminho. Ao celebrar o mundo fenomenal, o praticante simultaneamente estende a sua compreensão da sacralidade e aprofunda a rendição do ego.

gandharva (T: dri-za) Uma classe de deidades de quem se diz viverem de odores. São músicos celestiais.

garuḍa (T: khyung) Uma ave da mitologia indiana da qual se diz eclodir já totalmente crescida e que, por isso, simboliza o estado desperto da mente.

portas, três (T: sgo gsum) Corpo, fala e mente. As três portas, ou modos, através dos quais alguém se relaciona com o mundo fenomenal.

ghaṇṭā (T: dril-bu) Um sino, usado no ritual vajrayāna, frequentemente em combinação com um vajra. O ghaṇṭā é sempre segurado na mão esquerda, simbolizando assim prajñā (princípio feminino); o vajra é sempre segurado na mão direita, simbolizando assim upāya (princípio masculino).

agarrar e fixação (S: grāhya-grāhaka; T: gzung-ba dang ‘dzinpa) Os dois processos que constituem o ego do eu e o ego dos dharmas. Os objetos são alvo de fixação (T: gzung-ba’i yul) como existências independentes sólidas, e a mente então agarra-os (T: ’dzin-pa’i sems).

grande êxtase (S: mahāsukha; T: bde-ba chen-po) Um termo para a qualidade da experiência de ausência de ego no tantra mahāmudrā. A sabedoria não-dualista última (S: jñāna) está para além do ego e, por isso, não existe entidade para experienciar a liberdade deste estado. No entanto, pode falar-se da qualidade desta experiência sem um experienciador porque não se trata de um estado mental vazio. De acordo com os ensinamentos de mahāmudrā, o ego é na verdade uma espécie de filtro ou obstrução que se interpõe entre a mente e o mundo. Quando este filtro é removido, a experiência torna-se tão rica que é como se o ego tivesse sido intoxicado para além das suas limitações comuns e experienciasse o êxtase maior, que é de uma outra ordem e está para além do prazer e da dor. Assim, num certo sentido, o grande êxtase é a qualidade não reconhecida de toda a consciência, seja ela dualista ou liberta.

Grande Sol Oriental (T: shar-chen nyi-ma) Uma imagem importante na tradição Shambhala, representando a vigília indestrutível. Estando espontaneamente presente, irradia paz e confiança. Sendo brilhante, ilumina o caminho da disciplina. Uma vez que brilha sobre tudo, o céu, a terra e o homem encontram o seu lugar apropriado.

Guhyasamāja (T: gsang-ba ’dus-pa; assembleia secreta) Um tantra-pai do anuttara yoga; a sua deidade central pertence à família vajra e exemplifica a qualidade penetrante da raiva transmutada. Geralmente é de cor azul, sentado em vajrāsana com seis braços e quatro faces.

guru (T: bla-ma; mestre, professor) O termo guru é aplicado de forma tão geral aos professores tibetanos que em inglês passou a significar quase qualquer monge ou

professor. No entanto, tecnicamente, a palavra lama ("alguém elevado") ou guru ("alguém pesado, ponderoso") refere-se apenas a mestres iluminados.

padrões habituais (S: vāsanā; T: bag-chags) Padrões de resposta condicionada que existem como vestígios ou tendências armazenadas na mente inconsciente. Esta mente é conhecida como ālaya-vijñāna, "consciência-armazém", porque é um repositório de todos os padrões carmicamente condicionados. Toda a experiência dualista ou orientada para o ego deixa um resíduo, que é armazenado na ālaya-vijñāna até um momento posterior em que alguma ocorrência consciente ativa o padrão habitual. O padrão gera então uma resposta na forma de uma perceção ou de uma ação. Esta resposta deixa o seu próprio resíduo cármico, armazenado novamente no repositório inconsciente, e o ciclo continua. A explicação deste sistema é um ensinamento central da tradição Yogācāra do Budismo mahāyāna.

linhagem de escuta (S: karṇa-tantra; T: snyan-brgyud) Uma linhagem de instrução passada oralmente de professor para discípulo. Os ensinamentos de uma linhagem de escuta são geralmente muito secretos, visto que só podem ser recebidos através de comunicação direta e pessoal com o guru. "Linhagem de escuta" é também um epíteto comum para a linhagem Kagyü.

heruka (T: khrag-'thung) Um yidam masculino raivoso, o princípio masculino de energia e meios hábeis que torna as situações poderosas e criativas. A palavra tibetana significa "bebedor de sangue", aquele que bebe o sangue do apego ao ego, da dúvida e da confusão dualista. Nos tantras, Śrī Heruka (um epíteto, geralmente de Cakrasaṃvara) é explicado da seguinte forma: "Śrī (glorioso) é a sabedoria não-dual; he significa que a causa e o efeito são śūnyatā; ru significa livre de acumulação; ka é não residir em lugar algum."

Hevajra (T: kye'i rdo-rje) Um tantra-mãe do anuttara yoga. Diz-se que "He" é uma exclamação de alegria. Hevajra transforma os prazeres sensoriais e a forma em alegria através da realização da identidade entre forma e vacuidade. É representado em formas de dois, quatro, seis, doze e dezasseis braços, dançando em união com a sua consorte, que é geralmente Nairātmyā.

perceção superior (S: abhijñā; T: mngon-shes) Certas capacidades que o Buda possuía e que podem ser alcançadas através da prática da meditação. Existem várias listas de abhijñās, que incluem a capacidade de ouvir e ver a grandes distâncias, ler a mente dos outros, e assim por diante. Estas são mais mundanas comparadas com a abhijñā final, a sabedoria do término das máculas (S: āsravakṣayajñāna), que marca a realização do arhat.

hīnayāna (T: theg-pa dman-pa ou theg-chung; veículo menor) O primeiro dos três yānas, que se subdivide em śrāvakayāna e pratyekabuddhayāna. Ver também śrāvaka e pratyekabuddha.

ilusões, três Ver nota na p. 55.

imensuráveis, quatro (S: apramāṇa; T: tshad-med-pa) Maitrī (bondade amorosa), karuṇā (compaixão), muditā (alegria) e upekṣā (imparcialidade). Estes são um catalisador para a atitude do bodhisattva. Quando estes possuem um ponto de referência condicional, são também referidos como as "moradas de Brahmā" (S: brahmavihāra). O bodhisattva vê estes como indivisíveis de śūnyatā e, neste caso, são chamados "imensuráveis".

libertação individual (S: prātimokṣa; T: so-sor thar-pa) Um termo que se refere à disciplina monástica do vinaya, que sustenta a libertação individual do monge ou da monja. Mais genericamente, a atitude não-teísta de assumir a responsabilidade pela própria libertação do saṃsāra.

morte infantil (S: mṛtavatsā; T: sri'u) Uma doença ou condição que causa a morte de um lactante no nascimento ou pouco depois.

Jambudvīpa (T: 'dzam-bu-gling) O continente ou ilha meridional do sistema de mundo indiano, nomeado a partir da árvore jambu (jambeiro). Todo o mundo conhecido era considerado como sendo Jambudvīpa. Uma vez que o buddhadharma é ensinado ali, é um lugar auspicioso. Ver também Monte Meru.

jetsün (T: rje-btsun) Um termo tibetano honorífico aplicado a professores reverenciados.

joias, três (S: triratna; T: dkon-mchog gsum) Buda, dharma e saṅgha — os três objetos de refúgio. Buda é um exemplo de um ser humano que transcendeu a confusão, e refere-se também à própria iluminação. Dharma inclui os ensinamentos que são falados e escritos, bem como a sua realização — o dharma que é experienciado. Saṅgha é a comunidade de praticantes e também a assembleia dos realizados.

jñāna (T: ye-shes; sabedoria) A atividade-sabedoria da iluminação, transcendendo toda a conceptualização dualista. O ser de alguém é espontaneamente sábio, sem necessidade de procurar pela sabedoria. O termo tibetano significa "conhecimento primordial".

jñānaḍākinī (T: ye-shes mkha'-'gro-ma; sabedoria ou ḍākinī última) Este termo pode implicar o princípio feminino real em vez da deidade antropomorfizada que o simboliza. Pode significar a deidade central num maṇḍala em vez das suas muitas emanações possíveis. Por vezes, jñānaḍākinī refere-se ao yidam Vajrayoginī, porque ela representa a sabedoria última. Por vezes, Marpa usa o termo para se referir à grande instrutora Niguma, a discípula e consorte de Nāropa.

Kalāpa e Candra Kalāpa-sūtra (Pequim Tripitaka N.º 5775) e Candra-vyākaraṇa-sūtra-nāma (P. T. N.º 5767) são os nomes de textos gramaticais indianos.

kalpa Um éon extremamente longo, por vezes calculado em 4.320 milhões de anos.

kapāla (T: thod-pa; taça de crânio) Usada em rituais vajrayāna; geralmente contém amṛta.

karma (S: karman; T: las; ação) De acordo com a doutrina de causa e efeito, ação e resultado, a experiência presente de alguém é um produto de ações e volições anteriores, e as condições futuras dependem do que pensamos, dizemos e fazemos no presente. As ações podem ser classificadas de três formas: (1) saudáveis — tendendo para reinos superiores do saṃsāra ou, na presença de uma atitude iluminada, para a libertação; (2) não-saudáveis — tendendo a perpetuar a confusão e a dor; e (3) neutras. O karma origina-se da crença falsa num ego, que desencadeia uma reação em cadeia de procura de proteção de território e manutenção de segurança. A ação virtuosa pode levar a estados melhores, mas o processo de reação em cadeia em si só pode ser cortado e transcendido através de visão profunda e disciplina. O karma é preciso até aos mínimos detalhes do corpo, mente e ambiente. Existe um "karma de grupo" de famílias e nações, bem como o karma individual.

karmamudrā Ver mudrā.

karmas, quatro (T: ’phrin-las bzhi) Os quatro tipos de atividade búdica que expressam meios hábeis: pacificar (S: śāntika; T: zhi-ba), enriquecer (S: puṣṭika; T: rgyas-pa), magnetizar (S: vaśī-karaṇa; T: dbang) e destruir (S: abhicāraka; T: drag-po).

moeda kārṣāpaṇa ("pesando um karsa") Uma moeda de diferentes valores — se de ouro, equivale a entre 176-280 grãos troy; se de prata, equivale a cerca de vinte vezes o valor do ouro; se de cobre, equivale a cerca de 176 grãos.

kāya (T: sku; corpo) Historicamente, o uso do termo kāya originou-se com tentativas de descrever a natureza de Śākyamuni Buda. Algumas escolas defendiam que o Buda existia em duas formas quando ensinava no século V a.C. — como rūpakaya (T: gzugs kyi sku; corpo de forma), ou ser manifestado fisicamente; e como dharmakāya (T: chos kyi sku; corpo de verdade, dharma), a sua forma última. O Buda foi mais tarde concebido como tendo três kāyas, ou modos de existência, relacionados com o corpo, fala e mente. O dharmakāya é a mente do Buda, a própria iluminação — mente primordial, não originada, desprovida de conceito. O sambhogakāya (T: longs-spyod-rdzogs kyi sku; corpo de gozo completo) é a fala do Buda, o ambiente de compaixão e comunicação. Iconograficamente, o seu esplendor é representado pelos cinco budas, os yidams e os dharmapālas. O nirmāṇakāya (T: sprul-pa’i sku; corpo de emanação) é a forma física do Buda. Estes dois últimos

compreendem o rūpakaya, descrito acima. Diz-se que as pessoas que atingem a iluminação atingiram o trikāya (T: sku gsum; três corpos), tornando-se divinas como o Buda. No vajrayāna, o corpo, fala e mente do guru raiz são considerados como o trikāya. Por vezes, são elaborados um quarto e um quinto kāya: o svabhāvikakāya (T: ngo-bo-nyid kyi sku; corpo de natureza própria ou essência), que é a essência ou unidade dos três primeiros kāyas; e o mahāsukhakāya (T: bde-ba chen-po'i sku; corpo de grande êxtase), que é a inseparabilidade dos quatro primeiros.

kleśa (T: nyon-mongs) Ver veneno.

kriyā tantra (T: bya-ba'i rgyud; tantra da ação) O primeiro dos yānas tântricos. A ênfase no kriyā yāna recai sobre a pureza pessoal e a compreensão de que todos os fenómenos são inerentemente puros — no sentido de que estão para além do agarrar e da fixação e de todos os extremos do saṃsāra e do nirvāṇa. As práticas de kriyā são principalmente "práticas exteriores". Isto é, são maioritariamente compostas por certas ações rituais. Em particular, o kriyā yoga envolve um grande número de gestos que dramatizam a purificação — práticas dietéticas, estilos de vestuário, e assim por diante. Ver também visão sagrada.

kṣatriya Ver castas, quatro.

kṣetrapāla (T: zhing-skyong; protetor da terra, do campo) Um tipo de deidade local frequentemente associada a campos de cremação.

kusulu (= S ou kusali?) A tradição indiana dá vários significados, por exemplo, um yogin simples que não tem interesses ou ocupações além da prática da meditação, ou um homem que literalmente ou figurativamente voltou dos mortos. No Tibete, apenas o primeiro significado tinha uso amplo. Dizia-se que um kusulupa tinha, além da prática de meditação, apenas três ocupações: comer e beber, defecar e urinar, e dormir.

lama Ver guru.

aprender, contemplar e meditar (T: thos bsam sgom) Três aspetos do desenvolvimento de prajñā, que descrevem como o praticante chega a uma verdadeira compreensão dos ensinamentos. Ver também prajñā, três tipos de.

níveis, três (S: tribhuvana; T: sa gsum) Uma partição do mundo fenomenal em três habitats de vários seres mundanos e supramundanos. Num sentido físico, o mais elevado é o reino celestial (S: khecara; T: mkha'-spyod), que é primariamente a morada de ḍākinīs e deidades iluminadas. Depois existe o reino terrestre (S: bhūcara; T: sa-spyod), que engloba humanos, animais e vários espíritos ligados à terra. Por último, existe o reino subterrestre (S: nāgaloka; T: sa-'og-spyod) daqueles que vivem debaixo da terra, tais como os nāga (T: klu), "espíritos serpente".

lotsāwa (tradutor; diz-se ser uma corrupção do sânscrito) Geralmente um epíteto de Marpa.

luminosidade, mãe e filho (T: ’od-gsal ma bu) A luminosidade mãe refere-se à luminosidade primordial e autoexistente, ao passo que a luminosidade filho se refere aos vários níveis de experiência de luminosidade do meditador. Portanto, quando se diz que as luminosidades mãe e filho estão unidas, significa que o meditador atingiu a plena realização da natureza da luminosidade.

Madhyamaka (T: dbu-ma) Uma escola mahāyāna, fundada por Nāgārjuna, que enfatiza a doutrina de śūnyatā. O vajrayāna tem muitas das suas raízes filosóficas no Madhyamaka. Alguns dos textos principais desta tradição são o Mūlamādhyamikakārikā e o Vigrahavyāvartanī de Nāgārjuna, o Bodhicaryāvatāra de Śāntideva, e o Prasannapadā e o Madhyamakāvatāra de Candrakīrti. Ver também svatantra-madhyamaka.

Mahāmāyā (T: sgyu-ma chen-mo; grande ilusão) Um tantra-mãe do anuttara tantra; a sua deidade central está associada à família vajra e pode ser representada como azul, com quatro braços e em união com a sua consorte, Buddhaḍākinī.

mahāmudrā (T: phyag-rgya chen-po; grande selo, símbolo ou gesto) A transmissão meditativa entregue especialmente pela escola Kagyü, desde o Buda Vajradhara até Tilopa e até aos atuais detentores da linhagem. Ver também Introdução, pp. xxxviii-xliii.

mahāpaṇḍita (grande erudito, professor) Ver paṇḍita.

mahāsattva (T: sems-dpa’ chen-po; grande ser) Um termo que se refere a grandes bodhisattvas, frequentemente ao nível do sétimo bhūmi ou superior.

mahāsiddha Ver siddha.

mahāyāna (T: theg-pa chen-po; veículo maior) As escolas mahāyāna apareceram em forma literária várias centenas de anos após a morte do Buda, embora tradicionalmente a linhagem de transmissão remonte ao próprio Śākyamuni, de quem se diz ter apresentado pela primeira vez os ensinamentos mahāyāna na montanha do Pico do Abutre, perto de Rājagṛha, a uma assembleia celestial. Indo para além da vacuidade algo niilista das escolas hīnayāna e da preocupação com a libertação individual, o veículo maior apresenta uma visão maior baseada em śūnyatā, na compaixão e no reconhecimento da natureza búdica universal. Introduziu o ideal do bodhisattva, que vive no mundo para libertar os seres sencientes, enquanto não reside nem na luta do saṃsāra nem num nirvāṇa quietista. Socialmente, o mahāyāna expandiu o buddhadharma para além das comunidades monásticas, chegando à população leiga.

mālā (T: ’phreng-ba) Um rosário, geralmente enfiado com 108 contas.

mamo (= T) Deusas raivosas, geralmente retratadas como mulheres furiosas e feias. São portadoras de doenças e catástrofes e infligem os seus ataques ferozes sobre os violadores dos preceitos tântricos, bem como sobre aqueles que ameaçam os ensinamentos. Por outro lado, as mamos podem agir como protetoras mundanas do dharma, trazendo mais prosperidade se os praticantes não violarem os seus votos. As mamos como classe de deidades são bastante numerosas e são geralmente emanações de algum princípio feminino mais exaltado. Além disso, algumas protetoras femininas muito importantes (S: dharmapālī), tais como Palden Lhamo, são consideradas mamos.

maṇḍala (T: dkyil-’khor; círculo, esfera, grupo, sociedade) A palavra tibetana dkyil-’khor significa "centro e periferia". É a unificação de muitos elementos vastos num só, através da experiência da meditação. A aparente complexidade e o caos são simplificados num padrão e numa hierarquia natural.

Uma maṇḍala é habitualmente representada por um diagrama com uma deidade central, uma personificação da sanidade básica da natureza búdica. O mundo exterior, o corpo e o estado de mente de cada um, e a totalidade, podem todos ser vistos como maṇḍala. A forma construída de uma maṇḍala tem como estrutura básica um palácio com um centro e quatro portas nas direções cardeais. Pode ser pintada, feita de areia colorida, montes de arroz, ou representada por modelos tridimensionais.

mantra (T: sngags) O mantra é explicado nos tantras como aquilo que protege a coesividade da mente vajra. É um meio de transformar a energia através do som, expresso pela fala, respiração e movimento. O mantra é geralmente feito em conjunto com a visualização e o mudrā, de acordo com as prescrições de uma sādhana transmitida pelo guru de cada um. Os mantras são palavras ou sílabas em sânscrito. Eles expressam a quintessência de várias energias, quer o mantra tenha ou não conteúdo conceptual. Do ponto de vista da fruição, o praticante deve reconhecer todo o som como mantra, toda a aparência como a presença da deidade, e todos os pensamentos como sabedoria.

mantrayāna (T: sngags kyi theg-pa; veículo do mantra) Outro termo para vajrayāna, cujas práticas de meditação fazem uso extensivo do mantra.

Māra (T: bdud; morte) O tentador de Śākyamuni Buda, que apareceu pouco antes de este atingir a iluminação. Mais geralmente, os māras são dificuldades que o praticante pode encontrar, frequentemente classificados como: skandha-māra, o mal-entendido dos cinco skandhas como sendo um eu; kleśa-māra, ser dominado pelos kleśas; mṛtyumāra, a morte ou o medo da morte, que interrompe a prática de alguém a menos que o yogin saiba como torná-la parte do caminho; e devaputra-māra, a

sedução pelo êxtase da meditação — continuando a residir nos reinos divinos do saṃsāra.

carnes, cinco (S: pañca-māṃsa; T: sha lnga) Simbolizando os cinco budas (Vairocana, Akṣobhya, Ratnasambhava, Amitābha, Amoghasiddhi), as cinco carnes são a carne de humano, vaca, cão, elefante e cavalo. Estas estão ligadas aos cinco amṛtas — urina, excrementos, sangue, sémen e cérebro — que simbolizam as cinco budas femininas, as suas consortes.

prática médica, via óctupla da Os oito ramos da prática médica que são apresentados no Gyü Shi (T: Rgyud bzhi é a abreviatura de Bdud-rtsi snying-po yan-lag brgyad-pa gsang-ba man-ngag gi rgyud; S: Aṣṭāṅgahṛdayasaṃhitā; O Tantra sobre as Instruções Orais Secretas da Essência de Oito Ramos do Amṛta) e que todos os médicos tibetanos devem conhecer: (1) doenças do corpo adulto, (2) doenças infantis, (3) doenças femininas, (4) doenças nervosas, (5) cirurgia, (6) envenenamento, (7) doenças da senilidade e (8) afrodisíacos.

métodos, quatro (T: tshul bzhi) Quatro métodos pelos quais o dharma é expresso ou ensinado: em palavras (T: tshig gi tshul), através do método geral ou exterior (T: phyi yi tshul), de uma forma oculta (T: sbas-pa'i tshul) e através do método último (T: mtharthug gi tshul). Ver também visões, seis.

humores de um heruka, nove (S: rasa; T: gar-stabs dgu) Nove aspetos do simbolismo de um ser iluminado raivoso. As visualizações de herukas incluem frequentemente estes nove elementos iconográficos — três para o corpo, três para a fala e três para a mente: (1) charmoso, gracioso (S: śṛṅgāra; T: sgeg-pa) — embelezado com ornamentos e radiante; (2) bravo (S: vīra; T: dpa'-ba) — posando e pavoneando-se; (3) ameaçador, repulsivo (S: bībhatsa; T: mi-sdugpa) — com olhos rolantes, fazendo caretas de raiva; (4) risonho (S: hāsya; T: dgod-pa) — sorrindo e fazendo o som de riso "ha, ha"; (5) feroz, terrível, cruel (S: raudra; T: drag-shulcan) — com riso escarnecedor, fazendo o som de "hi, hi, hūṃ, phaṭ"; (6) temível, aterrorizante (S: bhayānaka; T: 'jigs-su rung-ba) — rangendo os dentes, dobrando o pescoço, erguendo uma arma; (7) compassivo (S: kāruṇya; T: snying-rje) — com olhos injetados de sangue e pele juvenil; (8) impressionante, imponente, ultrajante (S: adbhuta; T: rngam-pa) — com a boca aberta e estalando a língua; (9) pacífico (S: śānta; T: zhi-ba) — flexível, olhando suavemente para a ponta do nariz.

Monte Meru e os quatro continentes (T: gling bzhi ri-rab dang bcas-pa) A antiga cosmologia budista indiana descreve o mundo como sendo uma única e grande montanha de quatro faces, cercada nas direções cardeais por quatro "continentes". Existem dois subcontinentes menores nas direções intermédias, de cada lado dos continentes principais. O planeta Terra, correspondentemente, equivaleria sensivelmente ao continente meridional, Jambudvīpa. Meru é a montanha central. Os quatro grandes continentes são: Este, Pūrvavideha (T: shar gyi lus-'phags-pa); Sul, Jambudvīpa (T: lho'i 'dzam-bu-gling); Oeste, Aparagodānīya

(T: nub kyi baglang-spyod); e Norte, Uttarakuru (T: byang gi sgra-misnyan). Ver também Jambudvīpa.

mudrā (T: phyag-rgya; sinal, símbolo, gesto) Um mudrā pode ser qualquer tipo de símbolo. Por exemplo, o dharmacakra branco é um mudrā de Vairocana, a faca de gancho é um mudrā de Vajravārāhī. Especificamente, os mudrās são gestos simbólicos com as mãos que acompanham as práticas de sādhana. São usados para declarar a qualidade de diferentes momentos de meditação. Mais geralmente, mudrā é a cor provocatória dos fenómenos aparentes. O mudrā é autoevidente, e o símbolo e o simbolizado são inseparáveis.

O mudrā também se pode referir à consorte de uma deidade ou yogin. Karmamudrā (T: las kyi phyag-rgya) é uma prática tântrica que envolve a união do masculino e feminino, e está associada ao terceiro abhiṣeka (prajñājñānābhiṣeka).

nāḍī, prāṇa e bindu (T: rtsa, rlung, thig-le) De acordo com os ensinamentos iogues do caminho dos meios hábeis (S: upāyamarga; T: thabs-lam), a realização é atingida através da sincronização do corpo e da mente. Isto pode ser alcançado através da meditação sobre nāḍī, prāṇa e bindu — os componentes psíquicos no corpo ilusório. Prāṇa é a energia, ou "vento", movendo-se através dos nāḍī, os canais. Bindu é a quintessência segregada dentro do corpo. Como se diz: "A consciência da mente cavalga o cavalo do prāṇa nos caminhos dos nāḍīs. O bindu é o alimento da mente."

Devido ao pensamento dualista, o prāṇa entra na lalanā (T: rkyang-ma) e na rasanā (T: ro-ma), os canais esquerdo e direito. Esta divergência de energia no corpo ilusório corresponde à atividade mental que distingue falsamente entre sujeito e objeto e leva à atividade determinada carmicamente. Através da prática iogue, os prāṇas podem ser levados para o canal central (S: avadhūti; T: dbu-ma) e, portanto, transformados em prāṇa-sabedoria. Então a mente pode reconhecer a sua natureza fundamental, realizando todos os dharmas como não-nascidos.

Isto pertence à prática avançada e só pode ser aprendido através de transmissão oral direta de um guru realizado. Uma vez que o meditador esteja bem estabelecido na experiência da natureza fundamental da mente, pode meditar nela diretamente, dissolvendo a visualização de nāḍī, prāṇa e bindu. A meditação que usa o conceito de canais psíquicos pertence à categoria de "sampannakrama com sinais". A prática sem forma, que contempla a natureza da mente diretamente, é o "sampannakrama sem sinais".

nāga (T: klu; cobra) Uma classe de deidades com torsos humanos e a parte inferior do corpo semelhante a uma serpente, das quais se diz habitarem áreas pantanosas baixas e massas de água. Estão associadas a tesouros de joias e ao conhecimento. Diz-se que guardaram os Prajñāpāramitā-sūtras até que o grande mestre Nāgārjuna tomou custódia deles. Ver também níveis, três.

Nāgārjuna (T: klu-grub) Um famoso mestre indiano do século I d.C., e fundador da escola Madhyamaka. Existe também um mestre tântrico com o mesmo nome que foi professor de Tilopa. As fontes tradicionais afirmam que estes dois são um e o mesmo. O seu nome provém da lenda de que ele recuperou a literatura Prajñāpāramitā dos nāgas.

Nairātmyā (T: bdag-med-ma; não-ego) A consorte de Hevajra. Hevajra era o yidam principal de Marpa, e diz-se que a família de Marpa, composta por uma esposa principal e oito consortes, era uma manifestação do maṇḍala de Hevajra. O nome da sua esposa, Dagmema, é o tibetano para Nairātmyā. Ver também devīs de emanação (de Hevajra), nove.

Naktso Lotsāwa Tsültrim Gyalwa de Naktso (T: Tshul-khrims rgyalba, Nag-tsho; n. 1011 ?) é talvez mais conhecido pelo seu papel em ajudar a persuadir Atīśa a vir para o Tibete. Viajou depois com Atīśa durante dezanove anos, assistindo-o e estudando com ele. Pouco antes da sua morte, Atīśa enviou Naktso para receber o famoso paṇḍita Jñānakara (ver Ākarasiddhi) em Kungthang. Naktso traduziu vários textos com Jñānakara, bem como muitos outros com outros paṇḍitas. Existem mais de vinte traduções atribuídas a ele no Bka'-'gyur e no Bstan-'gyur.

nirmāṇakāya Ver kāya.

nirvāṇa (T: mya-ngan las 'das-pa) Ver iluminação.

não-virtudes, dez (S: akuśala; T: mi-dge-ba) Matar, roubar, má conduta sexual, mentir, caluniar, palavras abusivas, tagarelice fútil, cobiça, má vontade e visões erradas. Os atos são não-virtuosos ou insalubres quando resultam em efeitos cármicos indesejáveis. Assim, esta lista de dez atos insalubres ocorre geralmente em discussões sobre o funcionamento do karma. Os três primeiros são ações de corpo, os quatro seguintes de fala, e os três últimos de mente.

árvore nyagrodha Uma figueira.

obscurecimentos (S: āvaraṇa; T: sgrib-pa) Existem duas classes de obscurecimentos ou véus — kleśāvaraṇa e jñeyāvaraṇa (emoções conflituosas e crenças primitivas sobre a realidade). O primeiro deriva da crença no "eu" e no "meu" e das resultantes reações emocionais. O segundo obscurecimento deriva de uma conceptualização mais subtil e corresponde ao ego dos dharmas — acreditar que os objetos de experiência são substanciais e possuem uma existência independente. Ambos os obscurecimentos podem ser vistos através da prajñāpāramitā.

oferendas (T: mchod-pa) O princípio da oferenda tem vários níveis de aplicação, baseados geralmente na generosidade e na rendição do apego ao ego. As

oferendas exteriores (materiais) de qualquer coisa desejável no mundo são dadas como expressões de gratidão, apreciação e não-apego. A oferenda interior é a entrega do apego ao próprio corpo. A oferenda secreta é a rendição do reforço do ego que derivamos das emoções dualistas. A "quarta" oferenda é o reconhecimento da inseparabilidade entre quem oferece, a oferenda e quem a recebe nas coisas tal como são. Todas as oferendas acima referidas são designadas como "oferendas de fé" (T: dad-zas) e são feitas por devoção a um guru ou a uma deidade.

instruções orais (S: upadeśa; T: gdams-ngag, man-ngag) No vajrayāna, o guru comunica pessoalmente a essência da prática de meditação aos seus alunos. Desta forma, tanto as instruções literais como o seu sentido intuitivo são transmitidos ao aluno. Mesmo que o aluno encontrasse as instruções em forma escrita, continuaria a ser necessário que ele as recebesse diretamente da boca do seu professor. Ver também linhagem de escuta.

paṇḍita Um erudito; um título frequentemente dado a alguém que dominou as cinco ciências. Paṇḍita refere-se geralmente a um erudito indiano e/ou a alguém instruído em sânscrito.

pāramitā (T: pha-rol-tu phyin-pa; transcendente, perfeição, "ido para a outra margem") As seis pāramitás são as principais práticas do mahāyāna. São elas: generosidade (S: dāna; T: sbyin-pa), disciplina (S: śīla; T: tshul-khrims), paciência (S: kṣānti; T: bzod-pa), esforço (S: vīrya; T: brtson-'grus), meditação (S: dhyāna; T: bsam-gtan) e conhecimento (S: prajñā; T: shes-rab). São chamadas "transcendentes" ou, mais literalmente, "idas para a outra margem", porque nos transportam através do oceano do saṃsāra até à iluminação. Além disso, estas práticas são descritas do ponto de vista da outra margem, a iluminação. A maioria dos princípios éticos é expressa em linguagem dualista, invocando distinções convencionais de bom e mau, perfeito e imperfeito, ideal e real. As pāramitás são concebidas desde o início como sendo fundadas numa abordagem não-dualista do comportamento. Elas transcendem os emaranhados cármicos da virtude conceptualizada.

pardo (S: antarābhava; T: bar-do; existindo entre) Tradicionalmente, diz-se que existem seis pardos diferentes, ou estados intermédios: 1) o pardo do lugar de nascimento (T: skye-gnas bar-do), 2) o pardo do sonho (T: rmi-lam bar-do), 3) o pardo da meditação (T: bsam-gtan bar-do), 4) o pardo do momento da morte (T: 'chi-kha'i bar-do), 5) o pardo da dharmatā (T: chos-nyid bar-do) e 6) o pardo do devir (T: srid-pa'i bar-do). É este último, o pardo do devir, ou de procura de renascimento, que é mais comummente referido pela palavra pardo. Este pardo é o estado intermédio após a morte e antes do nascimento seguinte, e diz-se que dura habitualmente quarenta e nove dias.

pātrī e śruva (T: dgang-gzar, blugs-gzar) Utensílios usados na realização do ritual de oferenda de fogo (S: homa; T: sbyin-sreg). O śruva é uma concha com um cabo de vários pés de comprimento. Manteiga clarificada (ghee) é vertida do śruva

para o pātrī, um recetáculo em forma de lareira, também com um cabo longo. Através de uma abertura no pātrī, o ghee pode ser vertido sobre o fogo como uma oferenda.

bênção-permissão (T: rjes-su gnang-ba) Um tipo de empoderamento para um aluno praticar ou estudar um texto ou sādhana particular. É frequentemente dada para uma sādhana abreviada ou para uma prática que não tenha abhiṣeka ligado a ela. Uma bênção-permissão é frequentemente dada como uma transmissão de leitura. Ver também transmissão de leitura.

piṭaka (T: sde-snod; cesto) As escrituras budistas estão divididas em três "cestos", ou piṭakas: o sūtra-piṭaka (T: mdo-sde'i sde-snod), que contém discursos do Buda; o abhidharma-piṭaka (T: mngon-pa'i sde-snod), que contém as obras analíticas sobre psicologia budista; e o vinaya-piṭaka (T: 'dul-ba'i sde-snod), que contém os textos sobre disciplina e atitude monástica.

árvore plakṣa A figueira indiana de folha ondulada — uma árvore grande e bela que produz pequenos frutos brancos.

venenos, cinco, três (T: dug) Veneno é sinónimo de kleśa. Os três venenos raiz são rāga (T: 'dod-chags; paixão), dveṣa (T: zhe-sdang; agressão) e moha (T: gti-mug; ilusão). Os cinco venenos incluem os três acima mencionados mais mānas (T: nga-rgyal; arrogância) e īrṣyā (T: phrag-dog; inveja). Ver também reinos, inferiores ou superiores.

Linhagem de Prática (T: sgrub-brgyud) Um nome para a linhagem Kagyü, que enfatiza a sua forte fidelidade à prática da meditação.

prajñā (T: shes-rab; conhecimento) Prajñā é a agudeza natural da consciência que vê, discrimina e também vê através da discriminação conceptual. A "prajñā inferior" inclui qualquer tipo de conhecimento mundano (ex: como gerir um negócio, como cozinhar uma refeição). A "prajñā superior" inclui dois estágios: ver os fenómenos como impermanentes, sem ego e sofrimento; e uma prajñā mais elevada que vê śūnyatā — um conhecimento direto das coisas tal como elas são. Ver também prajñāpāramitā.

prajñā, três tipos de (S: trividhā-prajñā; T: shes-rab rnam-pa gsum) Três aspetos do conhecimento, resultantes dos três estágios de aprendizagem no caminho budista: ouvir, contemplar e meditar. O aluno começa por ouvir os ensinamentos e desenvolver a partir daí uma atitude de abertura e compreensão intelectual do dharma. Isto chama-se prajñā resultante de ouvir (S: śruta-mayī-prajñā; T: thos-pa las byung-ba'i shes-rab). Este conhecimento é contemplado para que possa ser profundamente compreendido e aplicado à vida quotidiana. Esta é a prajñā resultante de contemplar (S: cintā-mayī prajñā; T: bsam-pa las byung-ba'i shes-rab). Finalmente, medita-se sobre as verdades que foram estudadas e contempladas para

que possam ser diretamente experienciadas com visão nua. Desta forma, o aluno acaba por se identificar com o dharma. Esta chama-se prajñā resultante de meditar (S: bhāvanā-mayī-prajñā; T: bsgom-pa las byung-ba'i shes-rab).

prajñāpāramitā (T: shes-rab kyi pha-rol-tu phyin-pa; perfeição do conhecimento) A sexta pāramitā. Prajñā é considerada os olhos sem os quais as outras cinco ações transcendentes seriam cegas. De acordo com Gampopa, prajñāpāramitā é a consciência de que a totalidade da realidade não tem origem nem base. Ela vê através de qualquer existência sólida, bem como através de qualquer interpretação niilista da realidade. Até a dualidade entre saṃsāra e nirvāṇa é transcendida e, portanto, prajñā dá à luz um upāya (sétima pāramitā) mais ativo e energético.

A Prajñāpāramitā é chamada a mãe de todos os budas e é por vezes representada como uma deidade jovem e sorridente. Os Prajñāpāramitā-sūtras descrevem prajñā e as outras pāramitás. No vajrayāna, prajñā corresponde ao princípio feminino do espaço, a mãe de toda a sabedoria e manifestação. Ver também ḍākinī, prajñā.

prāṇa (T: rlung; vento) Ver nāḍī, prāṇa e bindu.

prātimokṣa Ver libertação individual.

pratyekabuddha (T: rang-sangs-rgyas; buda solitário) Nos textos antigos, aquele que atinge a libertação do saṃsāra sem o benefício de um professor e não ensina os outros. Na tradição tibetana, o pratyekabuddha tornou-se um símbolo de um certo estágio de iluminação. Ele concentra-se na libertação individual através do exame da cadeia de doze elos da originação dependente, pratītyasamutpāda. É também o nome do segundo dos nove yānas. Considerado positivamente, é digno de veneração como um dos despertos. Considerado negativamente, a sua arrogância espiritual e o medo do saṃsāra impedem-no de desenvolver completamente os meios hábeis e a compaixão. Por isso, a sua iluminação é apenas parcial.

substâncias preciosas, seis (T: bzang drug) Várias substâncias medicinais: mirobálano amarelo (T: a-ru; Terminalia chebula), mirobálano belérico (T: ba-ru; Terminalia belerica), mirobálano embólico (T: skyu-ru; Emblica officinalis), maná de bambu (T: cu-gang), almíscar (T: gla-rtsi) e bile de elefante solidificada (T: giwang).

preta (T: yi-dvags; fantasma faminto) Os pretas habitam um dos três reinos inferiores do saṃsāra. Sofrem da obsessão da fome e do desejo ávido. Diz-se que, mesmo que encontrassem um lago de água pura e fresca, devido aos seus pesados obscurecimentos cármicos, experienciá-lo-iam como um poço de pus imundo. Os pretas são representados com ventres muito grandes e pescoços muito finos.

qualidades, oito (T: yan-lag brgyad-ldan) Estas qualidades descrevem as propriedades virtuosas da água. São elas: (1) frescura (T: bsilba), (2) doçura (T: zhim-pa), (3) leveza (T: yang-ba), (4) suavidade (T: ’jam-pa), (5) clareza (T: dvangs-pa), (6) livre de impurezas (T: dri-ma med-pa), (7) quando bebida, acalma o estômago (T: ’thung-na lto-bar ’jam-pa) e (8) limpa e suaviza a garganta (T: mgrin-pa sang dang bde-ba).

qualidades que agradam aos sentidos, cinco (S: pañca-kāma-guṇāḥ; T: ’dod-pa’i yon-tan lnga) Cinco substâncias, frequentemente usadas como oferendas, que agradam aos sentidos — uma para cada uma das faculdades sensoriais: visão, audição, olfato, paladar e tato.

qualidades, três (T: gsum-ldan) Embora o texto tibetano meramente afirme que Marpa "possui as três", não indicando quais as três que possui, estas são muito provavelmente as três qualidades de sabedoria (T: mkhyen), compaixão (T: brtse) e poder (T: nus). Estas três correspondem aos três principais bodhisattvas: Mañjuśrī, senhor de prajñā; Avalokiteśvara, senhor da compaixão; e Vajrapāṇi, senhor do poder.

rakta (T: khrag; sangue) A contraparte feminina de śukra (T: khuba; sémen, esperma). É simbólico de bodhicitta.

rasāyana (T: bcud-len; extrair a essência) Rasāyana pode ter uma ampla gama de significados. Tradicionalmente, tem sido ligado às práticas alquímicas de metalurgia, medicina e magia. Na tradição vajrayāna, tem sido geralmente aplicado a diferentes práticas que servem para fortalecer a saúde e a vitalidade do corpo. Por exemplo, existe uma prática ascética na qual se ingerem apenas pílulas alimentares preparadas como sustento. As pílulas alimentares formam um regime graduado. Começa-se com pílulas feitas de matéria vegetal e avança-se gradualmente para pílulas feitas inteiramente de minerais. Noutras alturas, rasāyana pode referir-se à prática de nāḍī, prāṇa e bindu ou à prática de karmamudrā. Em The Life of Marpa, o significado geral de rasāyana, como algo que traz força e vida, parece ser o utilizado.

transmissão de leitura (T: lung) Uma cerimónia na qual um mestre lê uma sādhana ou liturgia, geralmente de forma bastante rápida, empoderando assim os discípulos para a praticarem. É um tipo de bênção-permissão. Um lung também pode ser dado sobre um texto a ser estudado. Ver também abhiṣeka, bênção-permissão.

reinos, inferiores ou superiores (S: ṣaḍgati; T: ’gro-ba rigs drug) Todos os seres do saṃsāra pertencem a uma das seis "portas" ou reinos. Os reinos superiores incluem: deva (T: lha; deus), asura (T: lha-ma-yin; deus zeloso) e nara (T: mi; humano). Os reinos inferiores incluem: tiryak (T: dud-’gro; animal), preta (T: yi-dvags; fantasma faminto) e naraka (T: dmyal-ba; inferno).

Em cada reino, existe um padrão psicofísico típico de recriação da experiência de alguém, baseado num kleśa predominante: orgulho (deus), paranoia ou ciúme (asura), paixão ou insatisfação (humano), ignorância (animal), desejo ávido (preta) e agressão (inferno). O ímpeto cármico na maioria dos reinos é tão intenso e sobreposto que a saída dos reinos só ocorre quando o karma de um ser nesse reino se esgota. O nosso reino humano é considerado muito afortunado porque a manutenção do ego é algo assistosa. Portanto, existe a possibilidade de alterar a nossa situação cortando o ciclo do saṃsāra.

regente (S: yuva-rāja; T: rgyal-tshab) Tradicionalmente, um guru detentor de linhagem tântrica escolhe um dos seus discípulos para ser o seu regente — para servir como repositório de todos os ensinamentos e transmissões do guru, e frequentemente para liderar os outros discípulos do guru. É tarefa do regente manter os ensinamentos intactos e não corrompidos para a próxima geração de discípulos. Isto assume um significado especial quando o guru planeia ter o seu renascimento descoberto, como é o caso das linhagens de tülkus tibetanos. Neste caso, o regente detém a linhagem durante a menoridade da reencarnação do seu guru, devolvendo-lhe no momento próprio todo o conhecimento que ele detinha na sua vida anterior.

rinpoche (T: rin-po-che; precioso) Um termo honorífico para um guru tibetano.

tradições rituais (T: phyag-len) Detalhes da prática litúrgica passados de geração em geração — principalmente de forma oral. Phyag-len é também um termo honorífico para a própria prática espiritual.

quedas raiz, catorze (S: mūlāpatti; T: rtsa-ba'i ltung-ba) Estas catorze quedas raiz são as transgressões básicas que destroem o voto de samaya de alguém. Como tal, destroem a raiz do caminho e intensificam a confusão e o sofrimento. São elas: menosprezar o próprio guru, não obedecer ao que o Buda disse, ter desprezo pelos irmãos e irmãs vajra, abandonar a bondade para com todos os seres sencientes, abandonar a bodhicitta, menosprezar o dharma, proclamar ensinamentos secretos àqueles que não estão maduros, denunciar o próprio corpo, duvidar da pureza de todos os dharmas, amar inimigos e seres prejudiciais, ter a realização errada do dharma que está para além das palavras, causar a perda da fé de alguém, não manter consigo os artigos necessários para os votos de samaya e menosprezar as mulheres.

tesouros reais de um monarca universal, sete (T: rin-chen, rgyal-srid sna bdun) Estes são os preciosos: roda (S: cakra; T: 'khor-lo), joia que realiza desejos (S: cintāmani; T: yid-bzhin nor-bu), rainha (S: strī; T: btsun-mo), ministro (S: gṛhapati; T: blon-po), elefante (S: hastin; T: glang-po), corcel (S: aśva; T: rta-mchog) e general (S: pariṇāyaka; T: dmag-dpon).

ṛṣi (T: drang-srong) Antigos sábios patriarcais ou videntes indianos aos quais os hinos védicos foram revelados. A tradução tibetana interpreta ṛṣi como significando "o que é direto ou justo".

rūpakāya (T: gzugs kyi sku; corpo de forma) Ver kāya.

visão sagrada (T: dag-snang) A consciência e a compaixão levam o praticante a experienciar śūnyatā. Daí provém a luminosidade, manifestando-se como a pureza e sacralidade do mundo fenomenal. Uma vez que a sacralidade provém da experiência de śūnyatā, a ausência de preconceitos, não é nem uma visão religiosa nem secular — isto é, a visão espiritual e a secular poderiam encontrar-se. Além disso, a visão sagrada não é conferida por nenhum deus. Visto claramente, o mundo é sagrado de forma autoexistente.

lugares sagrados, vinte e quatro (S: pīṭha; T: yul; país, assento) Nomes de vinte e quatro lugares geográficos e os centros psíquicos no corpo que eles representam. Os nomes dos vinte e quatro países correspondem a partes do corpo, veias, dhātus dentro do corpo, deuses, deusas, e assim por diante. Os vinte e quatro países são: Pullīramalaya, Jālandhara, Uḍḍiyāṇa, Arbuda, Godāvarī, Rāmeśvara, Devīkoṭa, Mālava, Kāmaru, Oḍra, Triśankuni, Kośala, Kaliṅga, Lampāka, Kāñci, Himālaya, Pretādhivāsinī, Gṛhadevatā, Saurāṣṭra, Suvarnadvīpa, Nagara, Sindhu, Marudeśa, Kulatā.

representação sagrada (T: rten; aquilo que segura, suporta) Objetos rituais tais como ícones, cetros e tormas são representações ou "recetáculos" de princípios divinos. Estes são os objetos sagrados colocados em santuários e usados em práticas litúrgicas. São considerados recetáculos, ou suportes, das deidades reais que estão a ser visualizadas, porque ajudam o praticante a relacionar-se diretamente com estes princípios divinos e também se pensa serem abençoados por eles e conterem a sua energia. Existem, por exemplo, as representações sagradas de corpo, fala e mente, que representam o corpo, fala e mente do Buda — os três kāyas. Assim, uma bola de cristal ou uma stūpa poderiam ser a representação do dharmakāya; uma escritura sagrada, do sambhogakāya; e uma estátua do buda ou de uma deidade, do nirmāṇakāya.

Sadāprarudita (T: rtag-tu rngu; sempre a chorar) O nome de um bodhisattva, famoso pela sua perseverança inabalável na procura da iluminação. Aparece na literatura Prajñāpāramitā. O seu professor foi Dharmodgata, a quem conheceu na cidade de Gandhavatī.

sādhana (T: sgrub-thabs) Um tipo de texto ritual vajrayāna, bem como a própria prática de meditação que ele estabelece.

Śākya Uma tribo da antiga Índia na qual nasceu Gautama, o Buda histórico. O Buda é conhecido como Śākyamuni (sábio dos Śākyas), e também como senhor dos Śākyas e rei dos Śākyas.

Śākyamuni Ver Śākya.

arroz salu (= T; S: śāli) Um tipo de arroz selvagem.

samādhi (T: ting-nge ’dzin; fixar a mente, absorção meditativa, concentração) Um estado de envolvimento total no qual a mente repousa inabalavelmente, e o conteúdo da meditação e a mente do meditador são um só. Existem muitos tipos diferentes de samādhi, dependendo de se a meditação é desenvolvida com uma certa imagem mental, um princípio como a compaixão, ou com a própria mente como objeto de meditação, por exemplo. Samādhi refere-se ao princípio de absorção na meditação, mas não especifica o grau de visão profunda (vipaśyanā, prajñā) que está presente. Assim, poderia referir-se a um estado condicionado de concentração nos seis reinos em que as faculdades sensoriais são interrompidas, ou a uma experiência incondicionada, fluida e desobstruída.

Samantabhadra (T: kun-tu bzang-po; todo-bom) Um dos oito grandes bodhisattvas, ele é uma emanação de Vajrasattva. É também conhecido como o buda primordial, dharmakāya, particularmente dentro da linhagem Nyingma.

samaya (T: dam-tshig; S: vir juntamente; T: palavra sagrada ou voto) O princípio vajrayāna de compromisso, através do qual a experiência total do discípulo é vinculada ao caminho. Quando o mestre vajra realiza o abhiṣeka, o ser do discípulo é vinculado ao mestre e às deidades do maṇḍala. O discípulo torna-se irrevogavelmente comprometido a considerar o seu mestre como uma personificação da iluminação e a manter a visão sagrada em toda a sua experiência. Durante a cerimónia de abhiṣeka, o discípulo presta formalmente o juramento de samaya. No entanto, num certo sentido, o princípio de samaya torna-se ativo assim que mestre e aluno estabelecem uma relação vajrayāna.

O voto de samaya é experiencial e pode ser violado num momento de pensamento. Como disse Atīśa: "Manter o samaya é como manter um espelho polido — assim que o limpas, o pó começa a pousar". O samaya mais importante é uma atitude correta para com o próprio guru raiz. Além disso, os pontos principais são a manutenção da essência da disciplina hīnayāna e mahāyāna, e a extensão da visão sagrada a toda a experiência de alguém. Ver também quedas raiz, catorze.

substância de samaya (T: dam-tshig gi rdzas) Substâncias abençoadas oferecidas num gaṇacakra — carne, torma e outros alimentos, juntamente com licor. Por vezes, "substância de samaya" refere-se especificamente ao licor oferecido durante tal banquete.

sambhogakāya Ver kāya.

sampannakrama (T: rdzogs-pa’i rim-pa; estágio ou prática de conclusão, perfeição) Um dos dois estágios da prática de sādhana. No sampannakrama, o praticante dissolve a visualização da sādhana e medita sem forma. Isto quebra

qualquer fixação que se possa ter desenvolvido a partir da visualização. O sampannakrama é a prática chave que define a abordagem não-teísta. O utpattikrama surge do sampannakrama. A visualização baseada no não-ego permite que as deidades surjam naturalmente da mente do praticante. Ver também utpattikrama.

saṃsāra (T: 'khor-ba) Em contraste com o nirvāṇa, o saṃsāra é o ciclo vicioso da existência transmigratória. Surge da ignorância e caracteriza-se pelo sofrimento.

sang (T: srang) Ver sho.

saṅgha (T: dge-'dun) A terceira das três joias de refúgio. Num sentido restrito, saṅgha refere-se a monges e monjas budistas. Num sentido mahāyāna, a mahāsaṅgha, ou grande saṅgha, também inclui a comunidade leiga. A vajra saṅgha inclui praticantes de vajrayāna que podem estar a viver como chefes de família ou como yogins solitários. A nobre saṅgha, como objeto de refúgio, pode também referir-se à assembleia de bodhisattvas e arhats, aqueles que atingiram a realização.

Sāṅkhya (T: grangs-can-pa) Uma das primeiras escolas filosóficas hindus a ser minuciosamente sistematizada, a Sāṅkhya fornece a visão metafísica e epistemológica que subjaz ao yoga clássico de oito ramos de Patañjali. Neste sistema, a realidade é composta por dois princípios: prakṛti, que emana o mundo físico, e puruṣa, que é a consciência eterna e incondicionada.

Śāntibhadra Outro nome para Kukkurīpā, um mahāsiddha e um dos principais professores de Marpa.

śarīra (T: ring-bsrel) Pequenas relíquias em forma de pílula encontradas entre os restos cremados de santos. Śarīra é um tipo de relíquia; diz-se ser muito dura e brilhar com cinco cores diferentes.

śāstra (T: bstan-bcos; tratado) Um tipo de texto budista; geralmente um comentário ou um tratado filosófico.

Aqui está a tradução integral e fiel para o português europeu (PT-EU) da secção final do glossário, mantendo o rigor terminológico, os itálicos originais e a estrutura solicitada:

"Śavari" Um dos oitenta e quatro *mahāsiddhas*, Śavari era conhecido como caçador e como eremita. Assim, é referido em *The Life of Marpa* como o eremita (T: *ri-khrod*) ou o Senhor dos Eremitas (T: *ri-khrod dbang-phyug*). O *Bka'-babs bdun-ldan* de Tāranātha coloca Śavari na linhagem de *mahāmudrā* como discípulo de Nāgārjuna e *guru* de Maitrīpa.

“ciências, cinco” (S: *pañca-vidyā-sthānāni*; T: *rig-pa’i gnas lnga*) Uma lista clássica de cinco campos de estudo apropriados para uma pessoa completamente educada. De acordo com o *Mahāvyutpatti*, estas são: (1) a ciência da linguagem (S: *śabda-vidyā*; T: *sgra’i rig-pa*), (2) dialética (S: *hetu-vidyā*; *gtan-tshigs kyi rig-pa*), (3) ciência espiritual (S: *adhyātma-vidyā*; T: *nang gi rig-pa*), (4) medicina (S: *cikitsā-vidyā*; T: *gso-ba’i rig-pa*) e (5) artes mecânicas (S: *śilpa [-karma-] sthāna-vidyā*; T: *bzo’i gnas kyi rig-pa*).

“mantra secreto” (S: *guhyamantra*; T: *gsang-sngags*) Um termo para o *vajrayāna* que enfatiza o facto de os ensinamentos sobre a prática do tantra budista serem secretos e vedados a alunos que não os compreenderiam adequadamente.

“serviço de sete ramos” (T: *yan-lag bdun*) Uma liturgia *mahāyāna* padrão, que inclui prostração, oferenda, confissão, regozijo no mérito dos outros, pedir ao professor que ensine, pedir ao professor que permaneça e não passe ao *nirvāṇa*, e dedicar a virtude da prática de cada um a todos os seres sencientes.

“sho” (T: *zho*) Uma medida tibetana, frequentemente usada para medir ouro. Foi calculada de várias formas como sendo um dracma, 1/10 de onça ou, como moeda, 2/3 de rupia. Existem 10 *sho* num *sang*, que é, portanto, igual a cerca de uma onça.

“siddha” (T: *grub-thob*; realizado) Um termo para mestres iluminados na tradição tântrica. *Siddha* tem a conotação de alguém que, além de ser realizado no nível absoluto, está em sintonia com as possibilidades mágicas do mundo fenomenal. Tilopa, Nāropa e Maitrīpa estão entre os famosos oitenta e quatro *mahāsiddhas*. "*Mahāsiddha*" passou também a referir-se genericamente a um ser realizado ou iluminado. Ver também Introdução, pp. xxix-xxxiv.

“siddhi” (T: *dngos-grub*; realização) Os *siddhis*, ou realizações, são ordinários ou supremos. Os oito *siddhis* ordinários envolvem o domínio sobre o mundo fenomenal. O *siddhi* supremo é a iluminação.

“sinais, dez” (T: *rtags bcu*) Dez sinais de avanço no domínio da prática de *caṇḍālī*. Os primeiros cinco sinais indicam progresso no controlo do *prāṇa* — a experiência de fumo, uma miragem, um pirilampo, uma chama e um céu sem nuvens. Estes são os cinco sinais ordinários. Os últimos cinco "sinais especiais" indicam a obtenção do domínio permanente ou confiança no controlo do *prāṇa* — ver claramente raios de sol, raios de lua, relâmpagos, arco-íris e, finalmente, a luz combinada do sol e da lua.

“sindūra maṇḍala” Isto refere-se a uma representação de *maṇḍala*, desenhada numa superfície semelhante a um espelho, frequentemente prata polida. A superfície é revestida com *sindūra*, uma substância em pó que consiste em

zarcão ou vermelhão. A *maṇḍala* é então desenhada no *sindūra*, revelando assim a superfície espelhada.

"skandha" (T: *phung-po*; agregado) Os cinco *skandhas* são agregados de *dharmas* que compõem o indivíduo e a sua experiência. São eles: forma (S: *rūpa*; T: *gzugs*), sensação (S: *vedanā*; T: *tshorba*), perceção (S: *saṃjñā*; T: *'du-shes*), formação (S: *saṃskāra*; T: *'du-byed*) e consciência (S: *vijñāna*; T: *rnam-par shespa*). No estado confuso, apegamo-nos a um ou outro aspeto destes cinco como sendo um eu concreto. Quando os *skandhas* são realmente vistos, nenhum eu é encontrado neles, isoladamente ou em conjunto. Além disso, não se encontra um indivíduo à parte deles. No *vajrayāna*, eles estão correlacionados com os cinco budas da *maṇḍala*.

"śrāmaṇera" (T: *dge-tshul*) Um monge noviço que fez o voto de *pravrajyā*, ou de renúncia à vida familiar, e que observa 36 preceitos. Um monge pleno (S: *bhikṣu*; T: *dge-slong*) votaria observar 253 preceitos.

"śrāvaka" (T: *nyan-thos*; ouvinte) Originalmente, um discípulo que ouviu realmente os ensinamentos do Buda de forma direta. É também o nome do primeiro dos nove *yānas*, no qual o praticante se concentra na prática básica de meditação e na compreensão de doutrinas budistas fundamentais, como as quatro nobres verdades.

"śrī" (T: *dpal*; glorioso) Um honorífico comum.

"śruva" Ver *pātrī* e *śruva*.

"estágios, cinco" (S: *pañcakrama*; T: *rim lnga*) Os cinco estágios são uma descrição do processo de meditação *vajrayāna*. São eles: (1) solidão do corpo (T: *lus-dben*), (2) solidão da fala (T: *ngag-dben*), (3) solidão da mente (T: *sems-dben*), (4) luminosidade (T: *'od-gsal*) e (5) unidade (T: *zung-'jug*). Uma interpretação destes cinco estágios é que os dois primeiros estão ligados ao *utpattikrama*, a visualização de uma deidade, enquanto os três últimos estão ligados ao *sampannakrama*, a meditação sem forma. Estes cinco estágios são expostos nos ciclos de Guhyasamāja, Hevajra e Cakrasaṃvara. Em particular, existe um comentário importante sobre o *Guhyasamāja-tantra* chamado o *Pañcakrama*, que foi escrito por Nāgārjuna. Aqui os cinco estágios recebem nomes diferentes: (1) recitação *vajra* (S: *vajra-jāpa*), (2) purificação da mente (S: *citta-viśuddhi*), (3) autobênção (S: *svādhiṣṭhāna*), (4) iluminação perfeita (S: *abhisaṃbodhi*) e (5) unidade (S: *yuganaddha*), todos os quais são considerados parte do *sampannakrama*. Nāropa também escreveu instruções sobre o Guhyasamāja referentes aos cinco estágios. Ver "Lista de Traduções de Marpa Lotsāwa".

“estágios (do yoga), dois” *Utpattikrama* e *sampannakrama*.

“stūpa” (T: *mchod-rten*) Originalmente, um monte memorial contendo as relíquias do Buda, simbolizando a mente do Buda, o *dharmakāya*. Mais tarde, relíquias de outros seres iluminados, escrituras, estátuas e assim por diante, foram incluídas em *stūpas*. As *stūpas* são objetos de veneração e variam desde simples peças de altar até estruturas muito grandes que podem ser vistas a quilómetros de distância.

“Subhaginī” Uma instrutora de Tilopa, também conhecida como Sumati.

“sugata” (T: *bde-bar gshegs-pa*; bem ido) Um epíteto para um buda.

“śūnyatā” (T: *stong-pa-nyid*; vacuidade) Uma doutrina enfatizada no *mahāyāna*, que sublinha que todos os quadros conceptuais, incluindo o sistema de *dharma* dos *hīnayānistas*, estão vazios de qualquer "realidade". Como realização, cresce a partir do despertar de *prajñā*. Primeiro, no estágio *hīnayāna*, a existência pessoal de cada um é vista através. Subsequentemente, a experiência à qual nos apegamos é também dissolvida através da consciência. Esta é a realização da ausência de ego do eu e de uma parte da ausência de ego dos *dharmas*. No nível *mahāyāna*, através de *prajñā* e da compaixão, a prática das *pāramitás*, o praticante corta o restante observador subtil. No *vajrayāna*, *śūnyatā* é equivalente ao princípio feminino — não nascido, incessante, como o espaço.

“sūtra” (T: *mdo*; junção) Os *sūtras* são os discursos *hīnayāna* e *mahāyāna* no cânone budista que são atribuídos a Śākyamuni Buda. *Sūtra* significa ponto de encontro, junção, referindo-se ao encontro entre a iluminação do Buda e a compreensão do aluno. Um *sūtra* é geralmente um diálogo entre o Buda e um ou mais dos seus discípulos, elaborando assim um tópico particular do *dharma*.

“svabhāvikakāya” Ver *kāya*.

“svatantra-madhyamaka” (T: *dbu-ma rang-rgyud*) O Madhyamaka é uma escola de filosofia budista cujos métodos se baseiam numa crítica radical de qualquer tese que assuma uma posição ontológica. Afirmar que algo é, ou não é, é cair num dos extremos do niilismo ou do eternalismo. A escola *prasaṅga-madhyamaka* (T: *dbu-ma thal-’gyur*) é famosa por tentar levar esta abordagem ao seu ponto último. Usando a *reductio ad absurdum* como o seu método lógico, os *prāsaṅgikas* destroem qualquer tese filosófica e recusam-se a afirmar qualquer ponto próprio. O *Svatantra-madhyamaka* é uma escola de pensamento concorrente na qual se usa a *reductio ad absurdum* sobre os oponentes filosóficos, mas

também se ousa fazer afirmações independentemente (*svatantra*) verdadeiras sobre a natureza da realidade. Bhāvaviveka é um famoso proponente antigo do *svatantra*. Desenvolveram-se várias variedades de *svatantra*. No Tibete, a mais conhecida foi a *svatantra-yogācāra-madhyamaka*, que foi levada para o Tibete por Śāntarakṣita no século VIII. Neste esquema filosófico, os princípios da escola *Yogācāra* de "apenas-mente" são tidos como relativamente verdadeiros, enquanto a abordagem crítica do Madhyamaka expõe a verdade última.

"tantra" (T: *rgyud*; continuidade) O tantra pode referir-se a muitos tipos diferentes de textos. Por exemplo, existem tantras médicos, tantras astrológicos, e assim por diante. Mais especificamente, os tantras são os textos raiz do *vajrayāna* e dos sistemas de meditação que descrevem. Cada tantra geralmente trata da *maṇḍala* de uma deidade específica ou de um princípio iluminado. Os tantras, à semelhança dos *sūtras*, são atribuídos a Śākyamuni, que por vezes se manifesta como Vajradhara, Vajrasattva, e assim por diante. As "quatro ordens de tantra" referem-se aos quatro *yānas*: *kriyā*, *upa* (*caryā*), *yoga* e *anuttara*. Os próprios tantras têm sido categorizados variadamente como tantras-pai, mãe e não-duais. Os tantras-mãe apresentam deidades associadas à transmutação da paixão em energia iluminada. Cakrasaṃvara é um exemplo de um tantra-mãe. Os tantras-pai estão associados à transmutação da agressão, sendo o Guhyasamāja um exemplo. Os tantras não-duais relacionam-se com a transmutação da ignorância, como o *Kālacakra-tantra*.

Tantra significa continuidade, e refere-se à continuidade ao longo da base, do caminho e da fruição da jornada. Continuidade da base significa que a natureza básica, quer seja chamada de talidade, *mahāmudrā* de base ou *tathāgatagarbha*, permanece como o céu, abrangendo tudo, desde os seres sencientes até aos budas — luminosa e não contaminada por padrões habituais. Embora nunca se afaste da sua própria natureza, dá à luz infinitas possibilidades. Assim, é a base para o surgimento dos *skandhas* e, em geral, do *saṃsāra* impuro. É também a causa para o *trikāya* do estado búdico. Para o praticante, significa que o corpo, a fala e a mente, em todas as suas manifestações confusas e despertas, estão incluídos no caminho. Tantra do caminho significa aplicar técnicas profundas para superar o ego básico. Porque os meios hábeis se baseiam na perspetiva da base, são profundos e progridem em estágios, desde lidar com a experiência bruta dos iniciantes até à realização completa de Vajradhara. Tantra da fruição significa finalmente realizar quem e o que somos. Realizamos o nosso ser como um com o corpo, a fala e a mente dos *tathāgatas*. Isto é, realizamos a base que esteve lá continuamente, desde o início.

"tāntrika" (T: *sngags-pa*; aquele que faz mantra) Alguém que pratica tantra ou *vajrayāna*.

"Tārā" (T: *sgrol-ma*) Uma emanação de Avalokiteśvara, diz-se que ela surgiu de uma das suas lágrimas. Ela personifica o aspeto feminino da compaixão e

é uma deidade muito popular no Tibete. As suas duas formas iconográficas comuns são branca e verde.

"as coisas tal como são" (T: *gnas-lugs*) O mundo fenomenal visto diretamente a partir da visão sagrada, uma vez limpos os obscurecimentos.

"tempos, três" (T: *dus gsum*) O passado, o presente e o futuro.

"tira" Palavra de código das *ḍākinīs* para cadáver.

"torma" (S: *bali*) Uma escultura feita de *tsampa* e manteiga moldada, usada como oferenda de santuário, substância de oferenda de banquete ou como representação de deidades. Existem desenhos tradicionais para cada um dos muitos tipos de *torma*.

"transmissão" (T: *ngo-sprod*) Os principais ensinamentos do tantra transcendem a expressão verbal e devem ser comunicados de *guru* para discípulo de uma forma mais direta, através do encontro de mentes para além das palavras. Conhecida como transmissão, esta forma mística de ensino é frequentemente alcançada através de gestos e símbolos e envolve geralmente algum sentido de empoderamento.

"transmissões, quatro especiais" (T: *bka'-babs bzhi*) Ver nota na p. xxxii.

"provatções, doze maiores e doze menores" (T: *dka'-chen bcu-gnyis*, *dka'-phran bcu-gnyis*) Nāropa submeteu-se a doze provações menores enquanto procurava o seu *guru*, Tilopa. Estas experiências visionárias consistiram em: ser exortado por Vajrayoginī, que apareceu na forma de uma velha bruxa feia, a ir ter com Tilopa; saltar sobre uma mulher leprosa sem mãos nem pés que bloqueava o seu caminho; saltar sobre uma cadela fedorenta coberta de vermes; não querer associar-se a um homem que pregava partidas aos pais; não querer ajudar um homem que estava a arrancar os intestinos de um cadáver humano e depois a cortá-los; recusar ajudar um patife que tinha aberto o estômago de um homem vivo e o estava a lavar com água morna; ser solicitado a casar com a filha de um rei para saber do paradeiro de Tilopa através do rei; recusar matar um veado com um arco e flecha dados por um homem escuro com uma matilha de cães; recusar comer peixe e rãs oferecidos por um velho casal estranho; recusar ajudar um homem que matava cruelmente os seus pais; tendo finalmente encontrado Tilopa, recusar o pedido de Tilo para matar um punhado de piolhos; e por último, encontrar muitas pessoas de um só olho, um cego que conseguia ver, um sem orelhas que conseguia ouvir, um homem sem língua que falava, um coxo que corria e um cadáver que se abanava suavemente — apontando assim para os símbolos de *mahāmudrā*.

As doze provações maiores que Nāropa sofreu como aluno de Tilopa: saltar de um edifício alto; saltar para um fogo; receber uma tareia ao arruinar a comida

daqueles que recusavam dar esmolas; ser atacado por sanguessugas ao tentar construir uma ponte; ser queimado por canas quentes pela mão de Tilopa; perseguir um homem aparicional até à exaustão; receber uma tareia ao atacar um ministro; receber uma tareia ao atacar uma rainha; receber uma tareia ao atacar um príncipe; a insatisfação na sua relação com a sua consorte e o seu trabalho, bem como bater no seu próprio pénis com uma pedra; ter a sua consorte espancada por Tilopa; e o desmembramento do seu corpo para uso como uma *maṇḍala*. Nāropa submeteu-se a estas provações por insistência de Tilopa ao longo de doze anos. Após cada provação, Tilopa transmitia um ensinamento particular a Nāropa e conseguia retificar as dificuldades físicas que Nāropa experienciava.

"trikāya" (T: *sku gsum*; três corpos) Ver *kāya*.

"tsampa" (T: *rtsam-pa*) Uma farinha usada em todo o Tibete como alimento básico — cevada torrada e moída. É frequentemente misturada com chá e manteiga numa papa espessa.

"Uḍḍiyāna" (T: *o-rgyan*) Local de nascimento de Padmākara (Padmasambhava) e também a região onde se diz que Tilopa residia. Geograficamente, Uḍḍiyāṇa situa-se provavelmente na área entre o Afeganistão e Caxemira. É também considerado o reino das *ḍākinīs*.

"upāya" (T: *thabs*; meios hábeis) Geralmente, *upāya* transmite a ideia de que os seres iluminados ensinam o *dharma* com habilidade, tendo em consideração as várias necessidades, capacidades e deficiências dos seus alunos. *Upāya* é uma expressão de compaixão. Na disciplina do *bodhisattva*, corresponde às primeiras cinco *pāramitás* e à *bodhicitta* relativa. Apenas por *prajñā*, sem *upāya*, o *bodhisattva* fica agrilhoado a um *nirvāṇa* quietista. Por *upāya* sem *prajñā*, permanece-se ligado ao *saṃsāra*. Portanto, o praticante deve unificá-los. No *vajrayāna*, *upāya* surge de *śūnyatā*. Junta-se a *prajñā* e representa o aspeto masculino, de forma, da união entre forma e vacuidade.

"upāyamarga" (T: *thabs-lam*; caminho dos meios hábeis) Embora todos os *yānas* budistas empreguem inúmeras técnicas (S: *upāya*) para obter a realização, o *vajrayāna* é particularmente chamado de caminho dos meios hábeis devido à sua grande variedade de técnicas poderosas e frequentemente altamente especializadas. Dentro do *vajrayāna*, existe também uma divisão dupla entre práticas de meditação com forma, chamadas "caminho dos meios hábeis", e práticas de meditação sem forma, que são chamadas "caminho da libertação". Dentro das práticas com forma, as práticas de *karmamudrā* eram ainda mais particularmente chamadas de *upāyamarga*.

utpattikrama (T: bskyed-pa'i rim-pa; estágio ou prática de surgimento, desenvolvimento) Um dos dois estágios da prática de sādhana. No utpattikrama, o

praticante desenvolve e medita com a visualização que é o foco da sādhana. Este estágio dá ênfase à forma, para que o praticante aprecie a natureza luminosa e ativa da vacuidade. Ver também sampannakrama.

vaiḍūrya Lápis-lazúli.

vajra (T: rdo-rje; adamantino, diamante, indestrutível, relâmpago) Uma das cinco famílias búdicas, a família vajra está associada ao buda Akṣobhya da direção leste. A sua qualidade é a clareza prístina, a indestrutibilidade. Em geral, o termo vajra transmite o sentido daquilo que está para além do surgimento e da cessação e que é, portanto, indestrutível. Um vajra é também um cetro ritual usado na prática vajrayāna.

irmãos e irmãs vajra (T: rdo-rje lcam-dral, rdo-rje mched-lcamdral) Colegas discípulos que receberam abhiṣeka e outras transmissões vajrayāna em conjunto.

Vajradhara (T: rdo-rje-'chang; detentor do vajra) O nome do buda dharmakāya. É representado como sendo azul-escuro e é particularmente importante para a linhagem Kagyü, pois diz-se que Tilopa recebeu os ensinamentos vajrayāna diretamente de Vajradhara.

detentor do vajra (T: rdo-rje 'dzin-pa) Pode referir-se ou a Vajradhara ou a um mestre vajra.

mestre vajra (S: vajrācārya; T: rdo-rje slob-dpon) Alguém que é realizado nos ensinamentos vajrayāna e capaz de os transmitir a outros.

Vajrasattva (T: rdo-rje sems-dpa'; ser vajra) Um buda da família vajra, Vajrasattva é branco e está associado à pureza.

Vajravārāhī (T: rdo-rje phag-mo; porca de diamante) Uma ḍākinī, ela é a consorte de Cakrasaṃvara. Ela e Vajrayoginī são aspetos da mesma deidade. Vajravārāhī é marcada por uma cabeça de porca que sobressai acima da sua orelha esquerda. A porca representa o buda Vairocana — ignorância e paixão, sabedoria dharmadhātu e compaixão.

Vajrayoginī (T: rdo-rje rnal-'byor-ma) Um yidam semirraivoso no ciclo de Cakrasaṃvara. Ela é vermelha, com uma face e dois braços, jovem e bela, mas enraivecida e usando ornamentos de ossos humanos. Ela representa a transformação da ignorância e da paixão em śūnyatā e compaixão. Na tradição Kagyü, a sua sādhana é frequentemente dada como a entrada dos alunos na prática de anuttarayoga.

Vetālī (T: dud-sol-ma) Uma mahākālī que tem sido uma protetora tradicional da Linhagem de Prática desde o tempo de Nāropa e Marpa. Ela é azul-escura,

usando a coroa de crânios e ornamentos de osso. Empunha nos seus quatro braços uma taça de crânio, uma espada com punho de escorpião, um triśūla e um khaṭvāṅga. Cavalga sobre um lago de sangue num burro com uma mancha branca na testa.

Vitorioso(s) e filhos de (S: jina; T: rgyal-ba) Originalmente um epíteto para um buda, passou a ser usado em ligação com seres iluminados em geral. O "Vitorioso" em maiúscula refere-se a Śākyamuni Buda e "vitoriosos" em minúscula aos budas em geral. Quando "vitorioso" é usado em ligação com o nome de um professor, a implicação é que ele deve ser visto como um buda.

visões, seis (S: ṣaṭkoṭi; T: mtha' drug) Seis perspetivas sobre os ensinamentos que um aluno budista usa para os compreender: significado literal (S: neyārtha; T: drang-don), significado verdadeiro (S: nītārtha; T: nges-don), implícito (S: saṃdhyā-bhāṣā; T: dgongspa-can), não implícito (S: na saṃdhyā-bhāṣā; T: dgongs-pa-can ma-yin-pa), explícito (S: yathāruta; T: sgra ji-bzhin-pa) e não explícito (S: na yathāruta; T: sgra ji-bzhin-pa ma-yin-pa). Estes são frequentemente usados em conjunto com os "quatro métodos".

Sua Santidade Dilgo Khyentse Rinpoche compôs o seguinte dohā para explicar o significado destes dez termos:

O significado literal expressa principalmente a verdade relativa com a aparência.
Os discípulos são gradualmente conduzidos ao significado verdadeiro.
O significado verdadeiro mostra a verdade absoluta nua, para além da aparência.
Esta é a instrução oral para os afortunados de faculdades aguçadas.
Para cortar a raiz da existência, diz-se: "Mata os teus pais".
O significado em si — cultivar e abster-se do apego — está implícito.
O significado real diz-se ser "conquistar com remédios o cultivo de apegos".
O não implícito diz-se que mostra isto claramente com palavras.
Em cada uma das quatro ordens de tantra, começando com a maṇḍala,
oferenda de fogo e assim por diante,
A linguagem explícita do dharma é proclamada.
Limitado por sinais não proclamados por śāstras no mundo,
O não explícito é limitado por palavras difíceis de compreender.
Os textos raiz reais são explicados palavra por palavra com definições,
de acordo com a sintaxe.
Esse é o significado das palavras.
O caminho do mantrayāna, a perfeição da base, do caminho e da fruição,
Só é proclamado no anuttara; este é o significado geral.
A união e destruição extraordinárias, āli, kāli e assim por diante,
São mostradas por palavras de código; este é o significado oculto.
O segredo insuperável do caminho e fruição reais

É claramente mostrado tanto pelas palavras como pelo significado; este é o significado último.

vihāra (T: gtsug-lag-khang) Um mosteiro, templo ou complexo residencial budista.

virtudes, dez (S: kuśala; T: dge-ba) O oposto das dez ações não-virtuosas. Ver não-virtudes, dez.

o que foi dito e o que foi realizado (T: lung gi chos, rtogs-pa'i chos) O dharma que foi dito são os ensinamentos que se ouve, estuda e contempla. O dharma que foi realizado são esses mesmos ensinamentos, totalmente compreendidos e experienciados através da meditação.

sabedorias, cinco (S: pañca-jñāna; T: ye-shes lnga) As sabedorias das cinco famílias búdicas: sabedoria dharmadhātu (S: dharmadhātuviśuddhi-jñāna; T: chos kyi dbyings kyi ye-shes), sabedoria semelhante a um espelho (S: ādarśa-jñāna; T: me-long lta-bu'i ye-shes), sabedoria da equanimidade (S: samatā-jñāna; T: mnyam-pa-nyid kyi ye-shes), sabedoria da consciência discriminativa (S: pratyavekṣanajñāna; T: so-sor rtogs-pa'i ye-shes) e a sabedoria que realiza todas as ações (S: kṛtyānuṣṭhāna-jñāna; T: bya-ba nan-tan-du grub-pa'i ye-shes). Ver também famílias búdicas, cinco.

yāna (T: theg-pa; veículo) O veículo que transporta o praticante ao longo do caminho para a libertação. Em diferentes yānas, a paisagem da jornada, a natureza do praticante e o modo de transporte são vistos de forma diferente. Existe uma visão, prática, ação e fruição distintivas em cada yāna. A apresentação de um yāna particular depende da prontidão evolutiva do aluno e da realização do professor.

Nos ensinamentos vajrayāna existem três yānas — hīnayāna, mahāyāna e vajrayāna. Eles podem ser praticados simultaneamente. Por vezes fala-se de "um yāna", referindo-se a esta prática simultânea e ao facto de que, independentemente dos ensinamentos, o aluno deve fazer uma jornada gradual da confusão até à iluminação. De acordo com as tradições Rime (ecuménica) e Nyingma, existem no total nove yānas: śrāvakayāna e pratyekabuddhayāna (que juntos compõem o hīnayāna), mahāyāna e seis yānas tântricos — kriyā, upa (caryā), yoga, mahāyoga, anuyoga e atiyoga. Ver também hīnayāna, mahāyāna.

yantra (T: srung-'khor) Um amuleto de proteção usado ao pescoço. O yantra contém mantras e, por vezes, imagens de deidades.

yidam (T: yi-dam) A deidade pessoal do praticante vajrayāna, que personifica a natureza desperta do praticante. Yidam é explicado como uma contração de yid kyi dam-tshig, "voto de mente". Os yidams são budas sambhogakāya, que são visualizados de acordo com a estrutura psicológica do praticante. O aluno primeiro

desenvolve uma devoção intensa para com o seu guru. Esta relação torna possível ao aluno experienciar um parentesco intuitivo com a linhagem e depois com o seu yidam. Identificar-se com o yidam significa identificar-se com a sua expressão característica da natureza búdica, livre de distorções. Ao ver a sua natureza básica desta forma universalizada, todos os aspetos da mesma são transmutados na sabedoria do caminho espiritual. Isto leva diretamente à ação compassiva — hábil e lúcida.

Os yidams pacíficos inspiram a gentileza do aluno, despertando a abertura. Os yidams semirraivosos são a união da paixão vajra e da raiva no sentido transcendental — magnetização e destruição simultâneas como expressão do estado desperto. Os yidams raivosos estão associados à energia dinâmica da "raiva vajra", a compaixão primordial que corta as hesitações da compaixão idiota e da descrença na própria natureza búdica. O yidam masculino (pacífico: bhagavat; semirraivoso: ḍāka; semirraivoso e raivoso: heruka) significa energia desperta, meios hábeis e êxtase. O yidam feminino (pacífico: bhagavatī; semirraivoso e raivoso: ḍākinī) significa compaixão, vacuidade e prajñā. Esta vacuidade é a acomodação fundamental e a fertilidade última. Através da união com o heruka, a ḍākinī pode dar à luz a iluminação.

yogas, três (T: rnal-’byor gsum) Ver nota na p. 19.

yogas de Nāropa, seis (T: nā-ro chos drug) Seis práticas iogues especiais recebidas por Nāropa de Tilopa. São os yogas de caṇḍālī (T: gtum-mo), corpo ilusório (S: māyādeha; T: sgyu-lus), sonho (S: svapna; T: rmi-lam), luminosidade (S: prabhāsvara; T: ’od-gsal), ejeção da consciência (S: saṃkrānti; T: ’pho-ba) e o pardo (S: antarābhava; T: bar-do).

yoga tantra (T: rnal-’byor rgyud; tantra da união) O terceiro dos yānas tântricos, que enfatiza a união da expansividade de todos os fenómenos aparentes e as profundidades da experiência meditativa. Como expressão particular deste tantra, o praticante é visto como a personificação de um grande príncipe e as deidades são vistas como parte dessa manifestação.

aplicações iogues (T: las-tshogs) Práticas especiais que estão ligadas a um ciclo de yidam particular e que geralmente têm como objetivo realizações mais mundanas. Praticar a sādhana de um yidam particular visa geralmente ligar o discípulo ao princípio iluminado (siddhi supremo) representado por essa deidade. Tendo feito isto, o aluno pode passar a obter siddhis "ordinários" específicos, tais como a capacidade de curar a "morte infantil", causar tempestades ou trazer riqueza física. Isto é feito através de técnicas que são aplicações especiais da prática de yidam previamente aperfeiçoada.

disciplina iogue (S: vrata; T: brtul-zhugs) Geralmente um termo para a prática religiosa, votos morais ou atos de penitência. Mas no tantra tibetano assume um

significado especial e refere-se a práticas particulares onde até comportamentos aparentemente negativos ou imorais podem ser transmutados em ação iluminada. O tāntrika não pode rejeitar nada como inerentemente impuro e deve até ser capaz de transmutar atividades como o beber e a sexualidade. Hoje em dia, as práticas de disciplina iogue são frequentemente realizadas simbólica ou psicologicamente; mas em tempos antigos eram levadas de forma mais literal.

yogin (T: rnal-'byor-pa) Um praticante masculino.

yoginī (T: rnal-'byor-ma) Uma praticante feminina.